

CONSCIÊNCIA QUÂNTICA



Digitalizado, Corrigido e Adaptado por
Gullan Greyl
<http://www.gullangreyl.pt>

05-01-2023

SINTESE

«Amit Goswami é uma daquelas joias raras. Traz uma compreensão profunda da realidade através de uma síntese entre ciência e espiritualidade. Contribuiu, e muito, para a minha própria compreensão da natureza da existência.»

Deepak Chopra

As inquietações da vida moderna e a nossa própria condição humana acabaram por exigir e provocar o surgimento de uma nova visão do mundo, unificadora, que busca a integração de mente e espírito na ciência. Desta forma, edificou-se um novo paradigma científico, focado na ideia de que a consciência (não a matéria) é o substrato de tudo o que existe.

Há mis de duas décadas que Amit Goswami, um dos principais líderes espirituais da atualidade, se dedica a difundir uma nova visão do mundo, ligado à Física Quântica. Segundo ele, não somos apenas espírito, tão-pouco pura matéria: somos consciência quântica, um conceito essencial para a compreensão da nossa existência.

Recorrendo a uma visão que integra ciência e espiritualidade, este livro transformador faz uso dos princípios quânticos para explicar pensamentos, sentimentos e intuições; sonhos, carma, morte e reencarnação; evolução, e propósito, entre outros temas cruciais, para que entendamos, afinal, quem somos.

A Física quântica não é apenas o futuro da ciência, é também a chave para a interpretação e compreensão do Universo, de Deus, da Consciência, da Vida, da Morte e do Sentida da Existência.

CONSCIÊNCIA QUÂNTICA

**A chave para entender Deus, o Universo, a
Vida, a Morte e o Sentido da Existência**

AMIT GOSWAMI

Índice

AGRADECIMENTOS.....	1
INTRODUÇÃO	2
CAPÍTULO 1.....	7
UM CHOQUE ENTRE DUAS VISÕES DO MUNDO	7
O Que é a Consciência?	8
Comunicação Sem Sinais	10
Polarização e Integração	12
Metafísica Experimental.....	13
CAPÍTULO 2.....	16
A CONSCIÊNCIA E A CIÊNCIA DA EXPERIÊNCIA	16
O Que é um <i>Quantum</i> ?.....	18
A Física da Possibilidade	20
O Efeito do Observador	21
Criatividade Quântica	24
Comunicação Não-Local	25
Hierarquia Interligada e Descontinuidade	28
Exclusão ou Inclusão?	29
CAPÍTULO 3.....	31
A FÍSICA DO SUBTIL.....	31
Os Corpos da Consciência.....	31
A Energia Vital	33
Os Programas ou Planos Biológicos.....	34
A Mente e o Cérebro	37
Significado e Causação	38
Espaço Interior e Exterior	40
CAPÍTULO 4.....	43
ZEN E FÍSICA QUÂNTICA	43
Opostos Simultâneos.....	43
O Domínio da Potencialidade.....	45
Múltiplas Possibilidades	46
A Criatividade	48
Para o Bem e Para o Mal	49
CAPÍTULO 5.....	51
PENSAMENTO, SENTIMENTO E INTUIÇÃO.....	51
Os Circuitos Emocionais	52

A Energia dos Chacras	54
CAPÍTULO 6.....	58
O MUNDO DOS ARQUÉTIPOS.....	58
Os Arquétipos e a Intuição	58
A Evolução Quântica.....	60
Da Experiência ao Arquétipo	62
Os Contextos Arquetípicos	65
Amor, Eu e Integridade.....	66
CAPÍTULO 7.....	69
O EGO E O EU QUÂNTICO.....	69
Limites e Riscos.....	70
CAPÍTULO 8.....	73
O LIVRE-ARBÍTRIO E A CRIATIVIDADE.....	73
Liberdade e Intenção	74
Doença e Bem-Estar	75
Mente Cartesiana versus Consciência	77
O Dilema da Escolha	80
Manifestar a Escolha	82
CAPÍTULO 9.....	84
INVOLUÇÃO E EVOLUÇÃO	84
Antes de Deus.....	84
Evolução e Propósito	86
O Princípio Antrópico	89
CAPÍTULO 10.....	90
UM CONTO DE DOIS DOMÍNIOS.....	90
Do Sujeito ao Objeto	91
Da Potencialidade à Perfeição.....	92
Da Unidade à Separação.....	94
Da Teoria ao Facto	95
Da Fixidez à Mudança.....	97
CAPÍTULO 11.....	99
O PRINCÍPIO CRIATIVO.....	99
A Evolução Quântica.....	100
A Direcionalidade e a Vontade de Deus	102
O Ego e Deus.....	103
CAPÍTULO 12.....	106

A REENCARNAÇÃO QUÂNTICA	106
As Ondas Cárnicas de Possibilidade Quântica	107
O Sono da Morte	108
Caráter — o Gene da Continuidade	109
A Lei do Carma Herdado.....	112
As Experiências de Quase-Morte	114
Conteúdo versus Caráter	115
CAPÍTULO 13.....	118
O SIGNIFICADO E O PROPÓSITO DA VIDA.....	118
O Poder da Crise	118
Póquer do Carma.....	120
Profissões Arquetípicas	122
O Arquétipo do Amor	123
Amor Por Si Mesmo e Amor Pelo Outro.....	125
CAPÍTULO 14.....	127
O SIGNIFICADO DOS SONHOS	127
Lições dos Sonhos.....	128
Os Sonhos Lúcidos	129
Vigília Lúcida	131
CAPÍTULO 15.....	133
A ILUMINAÇÃO	133
Sem Saída	133
O Eu Quântico.....	135
O Sofrimento e o Compromisso	137
CAPÍTULO 16.....	140
PROFISSÕES ESPIRITUAIS; SOCIEDADE ESPIRITUAL	140
Negócios Quânticos	141
Medicina Quântica	141
Banca Quântica.....	142
Capital Humano	143
<i>Marketing</i> Vital.....	144
A Economia Quântica	145
Política Quântica.....	148
Educação Quântica	149
Ativismo Quântico	151
A Rede de Indra	152

GLOSSÁRIO	154
SOBRE O AUTOR	161

Dedico este livro aos ativistas quânticos do nosso mundo – passados,
presentes e futuros.

Venceremos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Voice, Inc., pelo convite para ir a Tóquio, e a Masumi Hori, pelos diálogos que tive com ele. Agradeço a Tatiana Hill, por ter transcrito as gravações desses diálogos. Agradeço a Eva Herr, pela respetiva entrevista, e também a muitos outros jornalistas, de cujos nomes não me recordo, pelas suas contribuições. Agradeço a Judith Greentree, por uma leitura minuciosa do manuscrito e por alguns comentários humorísticos que incluí no livro. Devo um agradecimento sincero a Sara Sgarlat, Mimi Hill e Terry Way, pelas suas contribuições. Agradeço à equipa editorial da Hampton Roads, por um maravilhoso trabalho de produção. Agradeço-vos a todos.

INTRODUÇÃO

Quase cem anos se passaram desde a formulação matemática da Física Quântica. Esta foi verificada por inúmeras experiências e os seus conceitos foram aplicados com sucesso em muitas tecnologias. Com efeito, começámos a utilizar o termo «quântico» na nossa comunicação diária — muitas vezes sem compreender devidamente o seu significado mais profundo. No entanto, pese embora a sua integração efetiva na nossa sociedade, a visão quântica do mundo ainda não é totalmente aceite pela comunidade científica, que continua a defender a arcaica visão newtoniana do mundo. Consequentemente, as implicações profundas da perspectiva quântica do mundo ainda não penetraram na mentalidade do grande público. A boa notícia é que, na década de 1990, graças aos esforços de um grupo vanguardista de cientistas renegados, no qual me incluo, esta visão quântica começou a amadurecer e deu origem a um novo paradigma científico abrangente. Um movimento de base conhecido como «ativismo quântico» começou a questionar o ascendente da Física newtoniana sobre o sistema científico estabelecido ao apelar diretamente à sociedade civil. Este livro faz parte desse movimento e da mais recente divulgação popular da visão quântica do mundo.

Uma parte do problema deve-se às circunstâncias. O paradigma newtoniano predominante sempre se revelou repleto de paradoxos. Oficialmente conhecida como materialismo científico, esta visão do mundo propunha que tudo existe apenas como um fenómeno da matéria — movimento material no espaço e no tempo, causado pela interação material. Todavia, os paradoxos implícitos nesta visão nunca foram resolvidos. Teríamos de esperar pelas décadas de 1980 e 1990 para que o materialismo científico fosse sujeito a um sério escrutínio pela comunidade científica, escrutínio este motivado por novos dados experimentais. Até então, a visão do mundo do materialismo científico fora em muito ajudada pelo distanciamento da Física em relação a uma abordagem europeia de orientação filosófica, em favor da mais pragmática abordagem estadunidense que se seguiu à Segunda Guerra Mundial. Antes da década de 1950, o materialismo científico encontrava-se firmemente entrincheirado nas disciplinas da Física e da Química, ou seja, na ciência dos objetos inanimados. Mas depois desta década também começou a dominar no campo da Biologia (que se tornou Química), das Ciências da Saúde (que se tornaram quase «mecânicas») e, por fim, da Psicologia (que se transformou em Neurociência Cognitiva).

A segunda parte do problema foi o inadvertido empenho de alguns cientistas bem-intencionados que pretenderam encerrar o mais depressa possível o debate em torno do significado da Física Quântica. Como tal, foi encontrado um compromisso — famosamente (infamemente, diria eu) apelidado de Interpretação de Copenhaga. Esta interpretação teria como pioneiro o famoso e amigável Niels Bohr, alguém que todos os físicos (inclusive eu) veneravam.

O ponto central da Interpretação de Copenhaga tem o nome de «princípio da complementaridade», o qual, na sua forma mais popular, se encontra

simplesmente errado, tanto teórica como experimentalmente. A Matemática Quântica diz inequivocamente que os objetos quânticos são ondas. Mas é claro que as experiências nos dizem que eles também são partículas. Como pode o mesmo objeto ser uma onda — algo que se difunde — e uma partícula — algo que segue uma trajetória definida? A versão popular do princípio da complementaridade resolve este paradoxo onda/partícula ao afirmar que os objetos quânticos são simultaneamente ondas e partículas. O aspecto onda revela-se nas experiências de medição de ondas; o aspecto partícula revela-se nas experiências de medição de partículas. Mas nenhum deles figurou na mesma experiência, pelo que são denominados complementares.

Todavia, a resposta correta ao paradoxo da dualidade onda/partícula — tanto teórica como experimentalmente — é esta: os objetos quânticos são ondas de possibilidade que residem num domínio de realidade exterior ao espaço e ao tempo — o chamado domínio da potencialidade. Sempre que medimos estes objetos, eles revelam-se como partículas no espaço e no tempo. Como tal, tanto o aspecto onda como o aspecto partícula de um objeto *podem*, de facto, ser detetados numa única experiência. Infelizmente, a versão popular do princípio da complementaridade, que criou a impressão de que os aspectos onda e partícula de um objeto existem, *ambos*, no espaço e no tempo, levou ao engano uma ou duas gerações inteiras de físicos, os quais fecharam a sua mente aos elementos realmente radicais da Física Quântica. Com efeito, a Física Quântica insiste numa realidade de dois níveis, não na realidade única espaciotemporal da Física newtoniana e do materialismo científico. Além disso, a Física Quântica não pode livrar-se dos paradoxos sem invocar explicitamente a consciência.

Mas, obviamente, foi o papel da consciência que manteve o paradoxo vivo — não na corrente dominante, mas sob uma forma com o seu quê de culto. Na década de 1980, uma experiência de Alain Aspect e de colaboradores seus resolveu a questão de um domínio dual versus um domínio unitário da realidade, ao distinguir o domínio da potencialidade do domínio espaciotemporal. No primeiro, não é necessário nenhum sinal para que exista comunicação: tudo se interconecta instantaneamente. Em contraste, no espaço e no tempo, os sinais, que se movem sempre com uma velocidade não superior à da luz, medeiam a comunicação, que acontece sempre em tempo finito.

Mas o que é que significa isto: no domínio da potencialidade, tudo se interconecta instantaneamente? Simplesmente que, no domínio da potencialidade, tudo é uma única entidade. Num artigo científico publicado em 1989 e novamente em 1993 em *O Universo Autoconsciente*, cheguei à proposição que resolvia o paradoxo, segundo a qual o domínio da potencialidade é a *nostra consciência* — não sob a forma da consciência comum do ego, mas de uma consciência superior na qual todos somos um. Na consciência manifesta separamo-nos, em parte por causa da necessidade de uma diferenciação de outros objetos (a distinção sujeito/objeto) e em parte por causa do nosso condicionamento individual. Eu também propunha que esta consciência única superior é causalmente potenciada pela *causação descendente* — a capacidade de escolher entre as muitas facetas de uma onda de possibilidade. É a escolha consciente que transforma as *ondas* de possibilidade em *partículas* de realidade.

O filósofo e cientista Willis Harman, então presidente do Institute of Noetic Science (IONS), apoiou bastante o meu trabalho, de tal forma que me convidou a escrever uma monografia sobre a minha investigação. Esta nova investigação não tardou a criar uma nova ciência — a «ciência dentro da consciência», um termo que mais tarde descobri já estar em voga graças a Harman. Uma monografia com o mesmo nome seria publicada pelo IONS em 1994.

O progresso neste campo foi rápido e sempre acompanhado de estranhas coincidências de sincronicidade junguiana. A primeira: durante um *talk show* na rádio, uma senhora de idade telefonou e fez-me esta pergunta: o que é que acontece quando morremos? Eu não sabia como lhe responder sem recorrer a jargões culturais, pelo que me deixei ficar calado. Depois, um teosofista — alguém que acredita na reencarnação — frequentou um curso que dei sobre o meu livro, mas acabou por me falar essencialmente na reencarnação. Mais tarde, tive um sonho do qual acordei com a recordação desta advertência: *O Livro Tibetano dos Mortos* está certo: cabe-te a ti prová-lo. Finalmente, uma pós-graduanda em Filosofia telefonou-me e pediu-me que a ajudasse a fazer o luto e a superar o impacto da morte do namorado. Foi enquanto conversava com ela, e tentava teorizar a respeito daquilo que sobrevive de nós após a morte, que comecei a considerar a possibilidade de uma ciência de *todas* as nossas experiências: o sentir material (sensação), o sentir vital (energia), o pensamento mental (significado) e as intuições supramentais (arquétipos como o amor e a verdade). A partir desta base, desenvolvi uma teoria sobre a sobrevivência depois da morte e a reencarnação. Logo em seguida, recebi um telefonema do autor e editor Frank de Marco, que me pedia que escrevesse um livro sobre a minha mais recente investigação. Este seria publicado em 2001 sob o título *A Física da Alma*.

A biofísica Beverly Rubik telefonou-me em 1998 e pediu-me um artigo sobre a minha investigação para uma antologia que ela estava a compilar. Em 1999, juntei-me a um grupo de trinta pensadores do novo paradigma numa conferência com Tenzin Gyatso, o dalai-lama, em Dharamsala, na Índia. Esta conferência revelou-se turbulenta. Primeiro, o físico Fred Alan Wolf e eu tivemos uma batalha verbal sobre qual a abordagem do novo paradigma que estava correta. Outros juntaram-se à batalha: os organizadores queixaram-se ao dalai-lama. Ele limitou-se a rir e disse: «Os cientistas serão sempre cientistas.» Depois de estabelecida a paz, o dalai-lama pediu-nos que aplicássemos o nosso novo paradigma a questões sociais, e isto despertou a minha atenção. Quando regresssei aos Estados Unidos, escrevi o artigo que Beverly Rubik me tinha pedido, aplicando a Física Quântica à saúde e à cura. Aqui, desenvolvi uma teoria daquilo a que Deepak Chopra chamara «cura quântica» — a cura espontânea sem intervenção médica.

Sensivelmente pela mesma altura, visitei o Brasil, onde um jovem me perguntou se eu conhecia Deepak Chopra. Quando lhe disse que não, ele disse: «Posso resolver isso.» Pouco depois, recebi um convite para visitar Deepak em San Diego. Ele acabara de publicar o seu livro *Saúde Perfeita* (2000), que discutia o *Ayurveda*, um sistema de cura alternativo da Índia. Ele ofereceu-me um exemplar e pediu-me que o lesse.

Como resultado, acabei por provar a validade científica de uma ideia que os praticantes das medicinas alternativas vêm utilizando há milênios. Uma vez que somos mais do que o nosso corpo físico, as doenças do nosso corpo «subtil» também podem ser responsáveis por doenças físicas, em particular pelas doenças crônicas. E, como tal, é possível uma abordagem da cura não só por via do tratamento dos sintomas físicos, mas também se abordarmos o problema na sua fonte mais subtil.

Os profissionais das ciências da saúde, físicas e mentais, lidam com seres humanos de carne e osso. Como tal, nem sempre aprovam entusiasticamente o modelo alopático da medicina — o modelo mais «mecânico» que emergiu do materialismo científico. Quando escrevi *O Médico Quântico* (2004), que tratava da integração da medicina convencional «mecânica» noutras medicinas alternativas mais humanas, a visão quântica do mundo começava a ganhar alguma força entre os praticantes das medicinas alternativas e até entre alguns alopatas de vanguarda. Deepak ficou tão entusiasmado com o livro que acabaria por escrever o prefácio de uma edição posterior.

A medicina baseia-se na biologia, pelo que, para relaxar a pressão que o materialismo científico exerce sobre a medicina, temos de introduzir a consciência na biologia. Comecei este trabalho na década de 1990 e, em 2008, propus uma teoria científica da evolução baseada na consciência, no meu livro *Evolução Criativa*. Esta teoria explica as lacunas fósseis e a «flecha do tempo» biológica necessária para que a evolução passe da simplicidade à complexidade — dois importantes dados que o darwinismo e as suas ramificações não conseguem explicar. Em *Evolução Criativa*, integrei também ideias de Sri Aurobindo e de Teilhard de Chardin sobre o futuro da Humanidade segundo uma abordagem científica. Baseei-me em ideias desenvolvidas por Rupert Sheldrake a respeito dos campos morfogenéticos («programas» sobre os quais se criam as formas biológicas), trazendo-os para o campo mais abrangente da ciência dentro da consciência.

O sistema estabelecido da Biologia, todavia, tem-se mostrado muito resistente à influência da Física Quântica, embora a Biologia Quântica esteja a ganhar terreno gradualmente graças aos trabalhos empíricos sobre Epigenética e aos livros populares de biólogos como Bruce Lipton, *Mae Wan Ho* e outros.

Em 2009, decidi acelerar esta mudança de paradigma com a fundação de um movimento chamado «ativismo quântico». O meu objetivo era popularizar a perspectiva quântica do mundo ao reunir um grupo de pessoas empenhadas na transformação de si mesmas e das suas sociedades através da prática dos princípios quânticos. Isto despertou alguma atenção não só nos EUA, mas também no Brasil, na Europa, na Índia e no Japão, e até no Médio Oriente. Em 2014, desloquei-me ao Japão para um extenso diálogo sobre a visão quântica do mundo e o ativismo quântico com o erudito, empresário e filósofo japonês Masumi Hori, um diálogo no qual assenta grande parte deste livro. Acrescentei outras entrevistas, em especial uma com a escritora Eva Herr.

O resultado é uma espécie de Física Quântica para Principiantes Não-Cientistas. Contém elementos de todos os meus trabalhos anteriores e espero que inspire o leitor a tornar-se um ativista quântico. Espero convencê-lo de que

a investigação da consciência e a compreensão da visão quântica do mundo são o futuro da ciência. Trata-se da base de um novo paradigma que nos pode levar à resposta para tudo.

CAPÍTULO 1

UM CHOQUE ENTRE DUAS VISÕES DO MUNDO

É frequente perguntarem-me: se nem todas as coisas são feitas de matéria, então são feitas de quê? Ao que respondo: consciência, *tudo é feito de consciência*. Mas a consciência é um conceito tão vago e nebuloso! E é aqui que surge a Física Quântica com a resposta que procuramos. Isto porque, numa visão quântica do mundo, tudo é vago — até a matéria. Tudo é uma possibilidade antes de o experiencarmos.

Mas se isto é tão simples, por que é que os cientistas não chegam a acordo? Os cientistas, de facto, continuam a debater todo o género de coisas: o fundamento de tudo é a matéria ou a consciência? O que significa ser humano? Deus existe? Embora estas perguntas sejam importantes, no nosso mundo das coisas quotidianas o que mais importa são os valores. A maior falha da visão materialista do mundo é que ela desacredita os valores arquetípicos — amor, verdade, justiça, beleza, bondade, abundância — e os significados que extraímos da observância destes valores. Todavia, para a maior parte da população mundial, valores como o amor continuam a ser importantes. A Física Quântica, por outro lado, traz consigo uma nova visão do mundo que pode devolver valor e significado à nossa vida e dar respostas às perguntas sobre quem somos e sobre o que significa ser humano.

Certa vez, alguém me perguntou se eu encontrava alguma semelhança entre a teoria quântica e a teoria do Universo. E, de facto, esta é uma boa pergunta. A teoria quântica resultou da observação de objetos minúsculos no mundo material — o mundo submicroscópico. Por outro lado, a teoria do Universo pretende explicar um enorme macromundo. Assim sendo, qual é a relação entre estas duas? Na teoria quântica da consciência, os aspetos de grande escala do Universo físico perdem muito do seu interesse. A Cosmologia moderna — graças em grande parte à ciência materialista — tem evitado lidar com o mundo interior da consciência. Como tal, parece já não ter qualquer relação com os problemas reais com os quais nos preocupamos constantemente. Mas os conceitos da Cosmologia moderna são meras fugas — distrações não muito diferentes da preocupação dos pensadores cristãos medievais em determinar quantos anjos seriam capazes de dançar na cabeça de um alfinete.

Acho interessante que os materialistas científicos defendam frequentemente os seus próprios deuses. Todo o conhecimento exótico que agora temos do espaço exterior tornou-se um substituto moderno dos deuses das religiões do passado — dos arquétipos de Platão aos anjos do cristianismo e aos deuses hindus mais humanos, como Shiva. Em seu lugar, hoje apelamos aos buracos negros e à matéria escura, na tentativa de substituir os arquétipos e os deuses dos tempos antigos. A ciência moderna limita-se a ignorar a

consciência e concentra-se antes num conceito do Universo que substitui arquétipos e valores por conceitos modernos como buracos negros e buracos brancos, ou matéria escura é energia escura.

O que temos de reconhecer é que a ciência deve sempre ter três componentes: deve ser fundamentada numa teoria; essa teoria tem de ser verificável por dados experimentais; e essa teoria tem de ser útil. Tem de ser aplicável aos assuntos humanos. Enquanto os estudos da consciência *geram* atualmente objetos de investigação úteis, experimentalmente verificáveis e tecnologicamente úteis, a ciência materialista moderna dedica-se cada vez mais a objetos de investigação inúteis e não verificáveis. Assim sendo, objetos que antes eram considerados mais esotéricos e menos científicos estão a tornar-se mais úteis e científicos. Ao mesmo tempo, aquilo que costumava ser uma ciência prática e pragmática está a tornar-se em algo mais abstrato e menos útil — mais semelhante às antigas tradições espirituais. E as tradições espirituais estão a tornar-se cada vez mais semelhantes à Ciência.

O Que é a Consciência?

Os materialistas científicos tendem a tratar a consciência como uma suposição linguística. Na nossa língua existem sujeitos e predicados, mas a Ciência alega que podemos passar sem os sujeitos. Como exemplo, apresentamos a língua hopi, que não tem sujeitos nem predicados, apenas verbos, eliminando assim a necessidade da consciência, exceto enquanto elemento linguístico. Sem sujeitos — sem consciência —, tudo é matéria e manifestação de uma interação material. Esta é a visão do mundo dominante entre os cientistas de hoje.

Se pedirmos a um médico que defina a consciência, ele provavelmente dirá, sem pestanejar, que é o oposto de estar em coma. Uma jornalista descreveu-me a sua reação a este tipo de afirmação: «Cá estamos nós, às voltas com problemas enormes como o aquecimento global, o colapso económico e a polarização política — tudo porque não podemos chegar a um consenso a respeito do significado de um termo como “consciência”. E nem sequer estamos conscientes de que não há consenso.»

Naturalmente, para muitos médicos, a consciência e ter consciência são uma e a mesma coisa, mesmo depois de cem anos de Freud. Os médicos raramente leem literatura psicanalítica ou, se o fazem, não aceitam grande parte do que leem. Afinal, como é que a mente inconsciente pode ser validada se a consciência não estiver presente num paciente que se encontra em coma? Mas a consciência nunca desaparece. Quando estamos inconscientes — como acontece num coma —, talvez não tenhamos consciência; talvez não experienciemos o que nos acontece enquanto sujeitos que observam objetos. Mas não deixámos de ter consciência. O que Freud realmente queria dizer é que, embora haja uma distinção entre estar consciente e inconsciente, ambos são estados de consciência. Num deles, estamos cientes de uma divisão sujeito/objeto; temos uma experiência com dois polos: o sujeito (aquele que

experiencia) e o objeto (aquele que é experienciado). Mas num estado inconsciente não temos consciência desta divisão. Através da Psicanálise, podemos explorar de que modo os processos mentais que ocorrem no inconsciente, dos quais não somos conscientes, não deixam por isso de nos incomodar durante o estado de vigília consciente. Segundo Freud, devemos tentar identificar e compreender estes processos inconscientes para termos uma melhor saúde mental.

A consciência é um aspeto fundamental da nossa natureza que é difícil de definir — imediatamente, pelo menos. Podemos ter consciência de alguns aspetos e de alguns atributos da consciência, mas é tudo o que podemos fazer. Porque, em última análise, de acordo com a visão quântica do mundo, a consciência é o fundamento de todo o ser, pelo que qualquer definição que lhe queiramos dar será insuficiente. Consciência é tudo o que existe; como tal, qualquer que seja a forma como a tentemos definir será insuficiente, porque a definição, por si só, é um fenómeno da consciência, não o contrário.

Voltemos agora à pergunta fundamental com a qual começámos: de que é feito tudo? Além da Psicanálise, há alguma outra razão convincente para que escolhamos entre consciência e matéria para responder a esta pergunta? Felizmente, hoje podemos refutar cientificamente a visão materialista do mundo. Teoricamente podemos fazê-lo com a demonstração de paradoxos, de nós lógicos de pensamento; experimentalmente podemos fazê-lo por intermédio de dados anómalos. As batalhas verbais tornaram-se desnecessárias.

A interação material tem certas propriedades. Uma delas é que todas as interações, todas as comunicações, ocorrem através de conexões — sinais que atravessam o espaço e o tempo. Hoje, no entanto, até os estudantes universitários de Física podem verificar a comunicação sem sinais entre objetos quânticos submicroscópicos. E o trabalho que alguns físicos quânticos estão a desenvolver prova conclusivamente que não podemos entender a Física Quântica sem lhe introduzir uma consciência causalmente potente — sem introduzir não só a consciência, mas a consciência não-material com poder causal. Se assim não fosse, cairíamos num paradoxo.

O poder causal da consciência — a *causação* da potencialidade em realidade por intermédio da escolha consciente — assemelha-se bastante à velha ideia cristã da *causação descendente* por parte de Deus. Mas isto não é exatamente verdade, embora seja suficientemente aproximado para fazer soar o alarme na mente enclausurada dos materialistas. Mas o importante é isto: a nova visão da causação descendente não-material é que esta implica uma comunicação não-local em oposição à comunicação com sinais. A comunicação local atravessa a localidade para atingir lugares distantes, como, por exemplo, quando comunicamos com som; o som é um sinal local. Quando comunicamos sem sinais, como na telepatia, trata-se de uma comunicação não-local.

Com o conceito de não-localidade, temos uma consequência experimentalmente verificável de uma metafísica baseada na consciência. As interações materiais comportam-se localmente e precisam de sinais. Quando a consciência interage com o mundo, ela não requer sinais, apenas comunicação não-local. É verdade que este tipo de comunicação parece subjetivo. Mas

experiências objetivas efetuadas desde 1982 revelaram que existem de facto interações não-locais no mundo. Como tal, o materialismo científico — baseado exclusivamente nas interações materiais — fica experimentalmente descartado. Em seu lugar, por via da experimentação, podemos estabelecer a ideia de que existe um novo tipo de interação não-material no mundo. Dispomos de um novo tipo de causação: a capacidade causal da consciência.

Comunicação Sem Sinais

Nos últimos séculos, a ciência materialista tem estado muito ocupada a decifrar os mistérios da matéria. E, de facto, desenvolveu tecnologias que foram decisivas para que a nossa civilização sobrevivesse e avançasse. Todavia, estas tecnologias também produziram algumas ramificações negativas. Já não nos podemos dar ao luxo de suportar essas consequências negativas — nem temos essa necessidade. As perguntas científicas mais profundas de hoje dizem respeito às grandes estruturas cosmológicas, mas são a modos que inúteis. Qual é a utilidade prática do estudo dos buracos negros?

Não podemos verificá-los experimentalmente e a sua investigação parece não ter propósito nenhum. Então, porquê gastar tanto tempo a estudá-los? Por outro lado, temos problemas de sobra no mundo: alteração climática global, terrorismo e violência, colapso económico e ganância corporativa, pessoas sem emprego ou presas em trabalhos sem sentido, políticos que monopolizam o poder, polarização política, o aumento vertiginoso dos custos da assistência médica convencional, uma educação que reforça dogmas e ideologias sem apresentar exemplos vivos dos valores que prega. A resolução de todos estes problemas exigirá uma mudança na mentalidade global, uma mudança na nossa consciência coletiva. Como tal, temos de desenvolver uma abordagem diferente — um distanciamento do atual paradigma científico, rumo a um outro que inclua a consciência, que tenha a capacidade de integrar o poder da consciência na nossa vida quotidiana.

Temos de admitir que, quando é chamado a explicar a consciência, o modelo materialista do mundo falha completamente enquanto princípio explanatório. Os objetos, os objetos materiais, só podem gerar outros conglomerados de objetos materiais. Todos os objetos, considerados no seu conjunto, nunca podem gerar um sujeito — e é disso que se trata quando falamos da consciência humana. Somos todos sujeitos que observam objetos, que observam o mundo, que formulam visões do mundo. Aqueles que afirmam que todas essas visões advêm da dança das partículas elementares num nível básico estão apenas a enganar-se, visto que estão a ignorar a existência de significado e de valores. Estão a negar que existe uma *eficácia causal ao nível da consciência humana — ao nível mais elevado*. Sem valores, não pode haver civilização. Como tal, toda a nossa civilização está em perigo se acreditamos nos materialistas científicos quando afirmam que a matéria é o fundamento de todo o ser. A Física Quântica, pelo contrário, sugere uma visão do mundo na qual a consciência, não a matéria, é a base de todo o ser. Sugere um mundo no qual significado e valor podem ser reintroduzidos na Ciência como aspetos da

consciência, para lá da matéria. Esta é a nova abordagem da Ciência de que a nossa sociedade precisa.

Os cientistas tradicionais adotaram uma abordagem certamente muito curiosa a esta crítica; ou seja, a desatenção benigna. Esperam desacreditar esta nova abordagem limitando-se a ignorá-la, pela via do silêncio, privando os proponentes da mesma, como eu, da oportunidade de estabelecer um debate. Mas enquanto a ciência dominante preferiu ignorar o trabalho dos ativistas quânticos, nós aproveitámos o tempo para desenvolver uma nova ciência cujo avanço não é impedido pela controvérsia. Como resultado, temos agora uma teoria da consciência muito sólida baseada na Física Quântica. Graças aos investigadores experimentais, dispomos também de muitos dados que a corroboram.

O materialismo científico baseia-se num conceito chamado «dualismo» — a ideia de que qualquer coisa não-material tem de existir enquanto objeto separado — como principal justificação para negar o papel da consciência e de todas as outras experiências «interiores». O dualismo evita a questão da interação entre os objetos materiais e não-materiais. Mas pensemos o seguinte: se a matéria e a não-matéria não têm nada em comum, elas precisam necessariamente de um mediador, de um sinal, para interagir — de algo que as «conecte». Isto revelou ser um osso duro de roer para os defensores dos seres não-materiais. A resposta da Física Quântica é a comunicação sem sinais — a não-localidade, em jargão técnico. A comunicação sem sinais é impossível no espaço e no tempo; como tal, tem de usar outro domínio da realidade fora do espaço e do tempo. De acordo com a Física Quântica, este é o domínio da potencialidade. Se isto é verdade — e as experiências dizem que sim —, todos os argumentos materialistas contra o dualismo desaparecem, devolvendo valor e significado à espiritualidade, à religião, às artes e às humanidades, e, claro, à própria consciência. E se o dualismo desaparece, os objetos não-materiais podem comunicar com os objetos materiais e com outras variedades de objetos não-materiais, porque não precisam de sinais para comunicar através do domínio da potencialidade — também conhecido como consciência.

A Física Quântica obriga-nos a concluir que o domínio da potencialidade é realmente a própria consciência. Além disso, mostra-nos que a comunicação entre o que parecem ser dois objetos separados — mente e matéria — é mediada pela consciência. Esta é a essência do paradigma quântico.

Às vezes, os materialistas tentam desacreditar a ideia de que a Física Quântica, a não-localidade quântica, pode afetar fenómenos dos níveis macroscópicos da nossa experiência. Mas agora contamos com o apoio de muitas experiências numa variedade de campos — Física, Biologia, Psicologia e Medicina — que sugerem a existência de um domínio não-local, inclusive no nível macroscópico. Estas experiências apoiam a pretensão de que a comunicação sem sinais realmente existe, não apenas no mundo microscópico, mas também no mundo macroscópico da matéria e da experiência humana. À medida que os fundamentos dos seus argumentos desaparecem, cada vez mais cientistas tradicionais começam a aceitar o ponto de vista quântico. Embora a maioria continue a não aceitar os aspetos «estranhos» da Física Quântica (como a não-

localidade), aqueles que o fazem estão a tornar-se recetivos à discussão académica da teoria.

O parapsicólogo Dean Radin apoia a nova visão quântica do mundo e realizou algumas experiências interessantes com um gerador de números aleatórios como suporte. Um gerador de números aleatórios converte acontecimentos aleatórios de decomposição radioativa em matrizes aleatórias de zeros e uns com o auxílio de um computador. Radin levou esses geradores de números aleatórios para lugares onde se encontravam pessoas a meditar e descobriu que, na presença dessas pessoas, o comportamento dos geradores de números aleatórios se tornava significativamente menos aleatório do que aquilo que estatisticamente seria de esperar. Radin levantara a hipótese de que o gerador de números aleatórios devia desviar-se ao máximo da aleatoriedade na presença de intenções coerentes. E verificou esta ideia não só com pessoas num ambiente de meditação, mas também com pessoas que assistiam ao Super Bowl. Nessas situações, Radin descobriu que a intenção causava, de facto, um desvio da aleatoriedade.

Por outro lado, em situações nas quais as pessoas estavam distraídas e não tinham nenhuma intenção particularmente clara, os geradores de números aleatórios comportavam-se normalmente. Por exemplo, na sala da direção de uma empresa ou numa reunião de professores de uma universidade, os geradores de números aleatórios geravam matrizes aleatórias de zeros e uns, enquanto, nas salas de meditação, não o faziam. Estas experiências apoiam a nova visão da Física Quântica segundo a qual a intenção consciente pode afetar os resultados, e revela a presença de uma escolha consciente, a qual, obviamente — como Gregory Bateson afirmou há muito tempo —, é o oposto da aleatoriedade. Os antagonistas da perspetiva quântica do mundo têm de aceitar dados experimentais como estes.

Polarização e Integração

Não precisamos de mais polarização no nosso mundo de hoje — precisamos, sim, de integração. Embora talvez não tão pronunciada noutros lugares, nos EUA, a polarização entre ciência e religião paralisou por completo o processo político. Como é que a polarização entre ciência e religião afeta a política? É muito simples.

Por um lado, temos pessoas que querem valores, que receiam que o materialismo científico se apodere de toda a sociedade e a deixe sem uma bússola moral. Preferiam viver sem a Ciência do que sem os seus valores. Temos também os alegres materialistas que justificam um estilo de vida hedonista com o materialismo científico e a filosofia existencial. Os conservadores que outrora defendiam uma sólida integridade moral e carácter optaram pela visão arcaica dos fundamentalistas cristãos e tornaram-se anti-ciência e não pró-valores. Como tal, corremos o risco de que eles nos levem de volta aos tempos em que as elites religiosas e políticas ditavam a moralidade. Ao mesmo tempo, os liberais originalmente recetivos e criativos, que apoiavam a Ciência porque esta

prometia libertar-nos de todos os dogmas, passaram a confiar no materialismo científico, ele próprio um dogma, acabando por apoiar um outro tipo de elitismo no qual conhecimento e informação são poder. Aqueles que detêm esse poder e que o monopolizam são a nova elite.

Mas a Ciência devia ser livre de dogmas. A Ciência é uma metodologia. Em primeiro lugar, temos uma teoria; depois, temos dados experimentais; depois, aplicamos essa teoria e esses dados. Mas como podemos implementar esta metodologia se o dogma se atravessa no caminho? Por um lado, temos a teoria divisiva e incompleta da evolução — o darwinismo. Por outro, temos os criacionistas, fundamentalistas cristãos que usam ideias bíblicas arcaicas para contradizer a Ciência. Ambos os lados estão envolvidos numa batalha dogmática que impede a Ciência de avançar. E o ser humano está a sofrer por causa disto.

A ciência convencional tentou desacreditar e desvalorizar os dados que suportam a ideia da não-localidade da experiência macroscópica. Ela rotula estes fenómenos como «paranormais» e refuta a teoria quântica da consciência recorrendo a sofismas. Os ativistas quânticos afirmam que a compreensão da Física Quântica é impossível se não introduzirmos a consciência na equação. Mas os materialistas limitam-se a citar outra meia dúzia de formas plausíveis de fazer desaparecer os paradoxos da Física Quântica. Depois, tratam a nossa teoria baseada na consciência como apenas mais uma de uma longa lista de soluções propostas. Não importa que, com um exame mais atento, todas essas outras soluções aparentemente plausíveis não sejam verificáveis, ao passo que a solução baseada na consciência já satisfaz o critério da verificabilidade. Sob a égide materialista, o carácter da Ciência está a alterar-se totalmente e está a tornar-se naquilo a que eu, a brincar, chamo «ciência sem factos». Muitos cientistas famosos apresentaram teorias que nunca foram e provavelmente nunca serão verificadas.

A ser assim, como é que resolvemos esta batalha de dogmas? A solução é simples: a Física Quântica e a visão quântica do mundo. A Física Quântica existe há quase cem anos. Explorámo-la e passámos uma enorme quantidade de tempo a tentar compreender a sua mensagem. Desde o início, tornou-se claro que a visão newtoniana do mundo, o materialismo científico, não ia resistir às descobertas da Física Quântica. Todavia, ainda não conseguimos resolver o dilema. Depois da Segunda Guerra Mundial, quando o poder da Ciência se transferiu da Europa, que é mais centrada na Filosofia, para os práticos e pragmáticos EUA, a mensagem da Física Quântica perdeu-se em favor da aparentemente mais prática filosofia do materialismo científico.

Metafísica Experimental

Eu era bastante novo e ainda me dedicava à Física tradicional quando a Física Quântica começou a fazer-se sentir na cultura. Lembro-me de um grande entusiasmo na década de 1970, quando livro *O Tao da Física* — e o slogan «Nós Criamos a Nossa Própria Realidade» — entrou em cena. Até costumávamos ter pelo menos um congresso anual sobre as questões filosóficas da Física Quântica.

Mas as questões filosóficas nunca eram resolvidas, por falta de dados experimentais. Então, a verificação experimental da «estranheza» quântica começou a surgir na década de 1980, pelo que regressámos às questões filosóficas com entusiasmo. E foi aí que percebemos que alguns dos paradoxos mais profundos da visão quântica do mundo — algumas das suas «estranhezas» lógicas — nunca seriam resolvidos enquanto fossem encarados através das velhas lentes do materialismo científico.

Em seu lugar, a solução exigia uma nova metafísica, que também fosse experimentalmente verificável. O filósofo Albert Shimony chama a este novo desenvolvimento «metafísica experimental». Nesta nova metafísica, a consciência é a base do ser. Trata-se de uma ideia metafísica, mas que pode ser sujeita ao teste experimental. E o teste é muito simples. Se a matéria é a base do ser, não pode existir algo como a comunicação sem sinais, ou seja, a não-localidade. Ao passo que, se a consciência é o fundamento de todo o ser, a comunicação sem sinais tem de ocorrer, mesmo no mundo macroscópico da experiência humana. E, agora, as provas disto mesmo são abundantes.

Todavia, sejamos claros. Eu afirmo que o materialismo científico é um dogma em virtude da sua crença de que a matéria é tudo. Mas, segundo esta lógica, a crença de que a consciência é tudo não será também um dogma? Bem, sim, caso não existisse uma diferença fundamental: a visão quântica é inclusiva, não exclui a possibilidade nem a eficácia do mundo material. Deixa a consciência e a matéria — Deus e o mundo, se assim entendermos — em pé de igualdade.

Assim sendo, o que temos de fazer é mudar a nossa maneira de ver as coisas. A ciência moderna apresentou explicações científicas para algumas verdades horríveis e «más» sobre nós, seres humanos — temos circuitos cerebrais emocionais instintivamente negativos; odiamos; somos violentos, competitivos, ciumentos, invejosos e coléricos, porque evoluímos assim. Esta é a negatividade que temos de compensar: temos de construir circuitos cerebrais emocionais positivos. Mas, de acordo com o materialismo científico, isto não é possível, visto que este mesmo materialismo nega a existência dos valores; nega a validade das experiências intuitivas que nos apontam valores, nega qualquer criatividade que nos permita construir circuitos cerebrais emocionais positivos.

E, no entanto, sabemos há milénios que a mudança em nós, no nosso futuro evolutivo, tem de proceder de algo que nos torne mais amáveis, mais amigos do nosso semelhante, mais apreciadores da beleza, mais capazes de ministrar justiça. O movimento da consciência exige-o. É desta forma que queremos mudar para compensar as nossas deficiências evolutivas. Queremos que os arquétipos platónicos — valores — se manifestem em nós mesmos, queremos incorporá-los nos nossos circuitos cerebrais. Este objetivo pode parecer «não científico» e pode parecer intencional ao materialista científico — e então? A nova ciência, como iremos ver, cria espaço para a intenção como forma de promover a mudança.

E, obviamente, onde existe um objetivo, existe uma maneira de o alcançar! Tudo o que temos de fazer é seguir a nossa intuição com criatividade, devidamente entendida. Graças à visão quântica, sabemos que a criatividade é possível e que nos pode ajudar. Pela primeira vez na História humana, temos

um propósito claro que não nega o mundo: a evolução do próprio mundo rumo à positividade. A maioria das tradições espirituais tende a encarar o mundo material como uma ilusão. Isto não se aplica à visão quântica do mundo, que nos permite manter os elementos positivos das tradições espirituais, mas deixar completamente para trás os aspetos que negam o mundo. O mundo é legítimo; o mundo tem ordem; é importante.

Como tal, a visão quântica do mundo permite-nos integrar o melhor do materialismo científico — a importância do mundo — com o melhor das tradições espirituais — a importância da totalidade. Neste paradigma, podemos integrar a nossa confiança na Ciência em termos de tecnologia e a nossa confiança nas tradições espirituais em termos de significado, de valores e das energias do amor. Este é o objetivo que satisfaz a alma, o objetivo do ativismo quântico: mudarmo-nos a nós mesmos e à nossa sociedade de acordo com os princípios quânticos. Ao mudarmo-nos, alcançamos o crescimento pessoal e a satisfação e o significado; ao revolucionar os nossos sistemas sociais — política, economia, saúde e cura, educação, religião e ecologia —, todos eles atualmente em crise, salvamos a civilização. Assim, a visão quântica do mundo e o ativismo quântico podem literalmente ajudar-nos a salvarmo-nos de nós mesmos.

CAPÍTULO 2

A CONSCIÊNCIA E A CIÊNCIA DA EXPERIÊNCIA

Decidi divulgar o movimento do ativismo quântico porque o sistema científico estabelecido e os *media* insistem em ocultar os aspectos mais recentes da Física Quântica — verdadeiros indutores de uma mudança de paradigma. O ativismo é necessário para dar a saber que já não temos de nos polarizar entre ciência e religião, que a integração destas visões do mundo já foi alcançada. Também quis demonstrar a eficácia causal desta nova visão integradora na transformação da sociedade. O leitor pode consultar a história completa do ativismo quântico em *O Ativista Quântico*, um documentário de 2009 sobre o meu trabalho.

Os ativistas quânticos pretendem transformar-se a si mesmos e à sua sociedade recorrendo a uma visão do mundo quântica, um processo que descrevo no meu livro *Como o Ativismo Quântico Pode Salvar a Civilização* (2011). Na visão newtoniana do mundo, nós somos máquinas predeterminadas — ainda que sofisticadas, certamente. Por intermédio da evolução darwiniana, equipámo-nos com muitos programas sofisticados que nos fazem parecer conscientes e livres para escolher o nosso destino. Em última instância, porém, são o acaso e a necessidade intrínseca de sobreviver que determinam o nosso comportamento. Nesta visão do mundo, imaginar que a Humanidade pode transformar o seu destino espiritualmente seria um escândalo.

Por outro lado, a Física Quântica equipa-nos com um poder causal real — a *causação descendente* —, o poder da escolha. Na Física newtoniana, os objetos são «coisas» determinadas feitas de matéria, cujos movimentos são ditados por interações materiais entre os objetos de nível básico chamados partículas elementares. Este é, como tal, um mundo de *causação ascendente*, no qual as causas materiais ascendem das partículas elementares até níveis cada vez mais complexos da matéria. Na Física Quântica, todavia, os objetos não são coisas determinadas. São possibilidades quânticas entre as quais a consciência pode escolher. Este mundo de escolha consciente é um mundo de causação descendente. Num mundo quântico, podemos escolher a nossa realidade, o nosso destino espiritual.

Digamos que temos fome e queremos comer uma tosta de queijo. Podemos dizer ou pensar esta intenção até ficarmos roxos, mas nada acontece. Obviamente. Temos de começar com uma possibilidade. Temos uma tosta de queijo à nossa frente? Digamos que sim. Bem, a Física Quântica diz que, quando não estamos a olhar para essa tosta, ela torna-se uma possibilidade. Então, quando voltamos a olhar para ela, a tosta manifesta-se na realidade e podemos comê-la.

Mas não existirão tostas de queijo mais do que suficientes na nossa cidade? Por que é que não podemos manifestar uma delas limitando-nos a escolhê-la, a pensá-la? É aqui que entra a questão da probabilidade. Em virtude da baixa probabilidade, teríamos de esperar muito tempo até conseguirmos a nossa tosta apenas por pensarmos numa delas.

De facto, existem muitos aspetos subtis no segredo da criação da realidade. Quando comecei a minha investigação sobre a consciência, na década de 1970, era ingénuo no tocante a estas subtilidades. O que constituiu a diferença para mim, porém, foi o facto de eu ser um físico quântico. Assim que compreendi as subtilidades da Física Quântica, usei-as para me conhecer e para me mudar a mim mesmo se pudesse. E isso fez toda a diferença. Espero que, ao explorar o meu trabalho, o leitor comece a entender as subtilidades da Física Quântica e também da consciência, e que as use para mudar o seu modo de vida e o mundo em que vive.

Atualmente, enfrentamos uma crise na nossa vida pessoal. Estamos confusos quanto ao significado e objetivo da vida; sentimo-nos perdidos na nossa busca do amor; tornámo-nos viciados na informação e desistimos da satisfação real. Estamos também a enfrentar uma crise na nossa sociedade: uma polarização entre religião e ciência que está a impedir o progresso político em muitos países. Temos de resolver esta crise. O paradigma científico predominante não está a resultar. Mas já temos um paradigma alternativo ao nosso dispor — que reconhece o papel da consciência na Ciência. Se permitirmos que este paradigma substitua o paradigma que falhou, ele poderá integrar as diferentes visões do mundo da religião e da ciência e devolver o significado e o valor à nossa vida. Temos de avançar para este novo paradigma. Precisamos do ativismo quântico.

O ativismo quântico desperta-nos para a realidade da supremacia da consciência. O novo movimento é uma saída para as crises que nós próprios criámos: a crise da confiança na nossa ciência e nas nossas visões do mundo, e a crise da forma como nos vemos a nós mesmos. O movimento ativista quântico encontra-se agora presente em cinco continentes e a ganhar força a cada dia que passa.

Nas décadas de 1970 e 1980, descobri que os paradoxos quânticos não podiam ser resolvidos sem que introduzíssemos a consciência na equação. Foi então que me dediquei à investigação da consciência. Antes disso, devo confessar que era completamente materialista. Acreditava que tudo era feito de átomos e partículas elementares. E também acreditava que não havia nada além da matéria, que a consciência era um fenómeno físico do cérebro e que a espiritualidade era apenas um embuste. Se tentarmos analisar a Física Quântica deste ponto de vista, o falhanço é garantido: simplesmente geramos paradoxos que não têm solução.

Depois de alguns anos a preocupar-me com estes paradoxos, tive uma intuição repentina enquanto conversava com um místico — uma intuição que transformou por completo a minha forma de pensar. Ocorreu-me que, se a consciência é a base do ser e não a matéria, todos os paradoxos da Física Quântica podem ser resolvidos. Além disso, percebi que não há nada de

contraditório em fazer assentar uma ciência nesta nova metafísica. Esta revelação pareceu-me particularmente esclarecedora.

Até àquele momento, sempre tinha considerado, como tantos outros, que simplesmente não é possível «fazer» ciência sem o pressuposto materialista da objetividade total. Mas, e se isto não fosse verdade? E se, até agora, tivéssemos estado a apresentar explicações científicas para apenas metade da nossa realidade, enquanto ignorávamos a outra metade, subjetiva, porque tínhamos subscrito o dogma materialista? E se renunciássemos ao dogma materialista em favor de uma metafísica da supremacia da consciência? Então, esta outra metade negligenciada da realidade — as nossas experiências subjetivas, a nossa consciência, amor, espiritualidade, Deus, significado, sentimento, vida, morte, até a mitologia — podia ser incluída no âmbito da Ciência. Além disso, muitas das controvérsias presentes em tantos campos científicos podiam ser resolvidas. Foi isto que me levou à visão quântica do mundo.

O Que é um Quantum?

Dediquemo-nos então à pergunta mais básica: *o que é um quantum?* Um *quantum* é uma quantidade discreta usada pela primeira vez com esta conotação pelo físico Max Planck para referir a ideia de que a troca de energia entre corpos apenas pode ocorrer em termos de *quanta* discretos — um *quantum*, dois *quanta*, etc. —, mas nunca de meio *quantum*. O leitor pode pensar numa partícula elementar como um *quantum* irreduzível de matéria. Um fóton é um *quantum* de luz. Mas nunca podemos ter meio fóton. O nosso sistema monetário é um sistema quântico. Podemos pedir troco de um dólar; podemos pedir troco de vinte cêntimos; mas (a não ser que sejamos um banco) nunca poderemos pedir que nos troquem um cêntimo. Este sistema monetário quântico é, porém, arbitrário; não é uma lei física. É por isso que os bancos o podem violar.

A palavra *quantum* contém muita energia. O físico Niels Bohr apresentou a teoria de que, quando um eletrão salta de uma órbita atômica para outra, não o faz através do espaço intermédio. O seu movimento é descontínuo. Bohr chamou-lhe um «salto quântico», uma expressão que passou a ser associada ao movimento descontínuo, em oposição ao movimento contínuo.

Mas um *quantum* tem muito mais que se lhe diga. O facto de a luz ser constituída por *quanta* — fótons — é apoiado por dados experimentais, obviamente. Mas isto é apenas metade da natureza da luz. A luz também é uma onda, e isto também é apoiado por dados experimentais. A dificuldade surge nas diferenças entre partículas e ondas. As partículas são objetos localizados. Movem-se segundo trajetórias e só podem estar num lugar ao mesmo tempo. As ondas, por outro lado, dispersam-se, espalham-se, demonstram a sua capacidade de estar em mais do que um lugar ao mesmo tempo. Assim sendo, o mesmo objeto pode ser partícula e também onda? Logicamente, não. E é aqui que reside o paradoxo — um paradoxo que também se aplica às partículas elementares, como os eletrões: todas elas são simultaneamente ondas e partículas.

A nova versão do princípio da complementaridade que já aqui discutimos permite-nos pensar nisto de uma forma isenta de paradoxos: as ondas são ondas, em primeiro lugar, num domínio fora do espaço e do tempo; quando as medimos, surgem como partículas no espaço e no tempo. E pronto! Os objetos quânticos são basicamente ondas de possibilidade e o domínio que estas habitam é conhecido como domínio da potencialidade.

Atualmente, quando a maioria dos cientistas pensa na natureza — no mundo material —, pensa no espaço e no tempo. A tudo aquilo que se refira a algo fora do espaço e do tempo eles chamam sobrenatural. Mas a Física Quântica — e qualquer físico de hoje o confirma — diz que a natureza, a realidade, tem dois domínios, um dentro e outro fora do espaço e do tempo. E o domínio fora do espaço e do tempo é experimentalmente discernível. A comunicação através deste domínio é instantânea e sem sinais. Parece bastante radical, não parece?

Mas há mais alguém a falar desta maneira? Os místicos, que falam do céu e da terra — dois domínios da realidade. O céu é o domínio de Deus, das qualidades divinas e da perfeição; a terra — o domínio da matéria comum e dos seres humanos — é encarada como um reino de imperfeição. Assim sendo, a Física Quântica tenta-nos com a possibilidade de um modo integrativo de pensar a ciência e o misticismo, cuja ramificação é a religião. E foi aqui que comecei — com a motivação básica de integrar a ciência e a espiritualidade, o desejo de acabar com a antiga rivalidade entre ciência e religião, reunindo-as numa visão quântica do mundo. Disse isto mesmo no meu primeiro livro sobre o tema, *O Universo Autoconsciente* (1993), depois desenvolvi a ideia em *A Janela Visionária* (2000). Finalmente, em *Deus Não Está Morto* (2008), demonstrei a integração da ciência e da religião com recurso a dados empíricos. E, vinte anos depois, ainda estou a fazer por concretizar esta síntese por intermédio do ativismo quântico.

A forma quântica de ver o mundo também pode integrar a ciência nas artes e nas humanidades. Perdemos a fé nas artes e nas humanidades e, deste modo, praticamente desistimos da busca de significado em favor de outras ocupações triviais. O poeta romântico Samuel Coleridge, ao escrever sobre como lhe ocorrera a ideia para a sua obra-prima, o *Kubla Khan*, disse:

E se dormisses e no teu sono sonhasses? E se no teu sonho fosses para o céu e lá colhesses uma bela e estranha flor? E se, quando acordasses, tivesses a flor na tua mão?

Isto traz-nos à ideia os psicanalistas (seguidores de Freud) e os adeptos da Psicologia Profunda (seguidores de Jung), que também falam de dois domínios: o inconsciente e o consciente. Poderá a Física Quântica facultar-nos um «guarda-chuva» paradigmático tanto para a Física como para a Psicologia? O visionário Carl Jung — o protegido de Freud — dizia que, mais cedo ou mais tarde, a Psicologia e a Física Quântica acabariam por se unir. E tinha razão.

Como tal, a palavra *quantum* contém realmente muito poder. Além disso, a visão quântica do mundo é sempre integrativa e inclusiva. Aqui, concentramo-nos nos seus aspetos integrativos: como a Física Quântica pode unificar a ciência e a espiritualidade; como pode unir causa e propósito; como pode trazer de volta o significado e revitalizar as artes e as humanidades; como pode integrar ciência

e psicologia; e como nos pode proporcionar uma ciência de amor. Mas os ativistas quânticos levam o compromisso um pouco mais longe: recorrem aos princípios quânticos para se mudarem a si mesmos e para levarem a sua sociedade à integração e à inclusão.

A Física da Possibilidade

A Física Quântica é a física da possibilidade. As ondas da dualidade onda/partícula são ondas de possibilidade. Na visão quântica, *a consciência escolhe a realidade a partir das possibilidades quânticas*. É assim que criamos a realidade, incluindo nós mesmos. Este poder de escolha tem o nome de causação descendente.

Para compreender a ideia da possibilidade quântica, consideremos como se comporta um elétron quando é libertado tão devagar que fica praticamente em repouso no meio de uma sala imaginária.

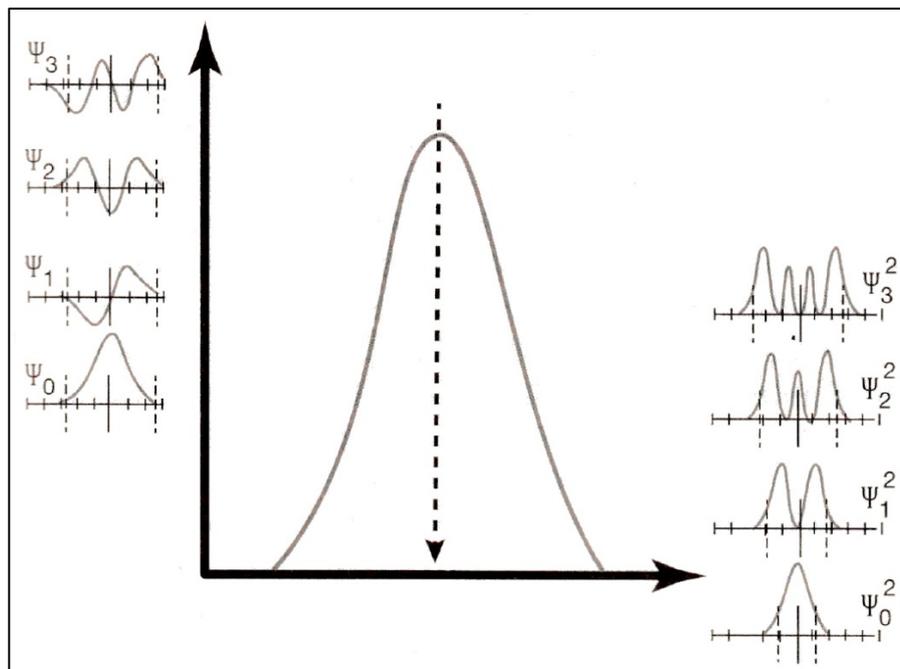


Figura 1.

Curva de distribuição da probabilidade do elétron.

Na Física newtoniana, o elétron ficaria exatamente onde foi libertado, para sempre — se ignorarmos a gravidade. Mas isto não acontece na Física Quântica. Na Física Quântica, este mesmo elétron comporta-se também como uma onda e espalha-se.

Quando atiramos uma pedra para uma poça de água, diversos círculos — ondas — propagam-se a partir do ponto onde ela cai. Na Física Quântica, até um elétron em repouso se propaga de forma idêntica, mas em três dimensões. E isto acontece tão depressa que, num nada (literalmente), já se espalhou por toda a nossa sala imaginária. Agora imaginemos uma grelha tridimensional de contadores Geiger — aqueles aparelhos que fazem tique-tique-tique quando os elétrons se abatem sobre eles — distribuídos por toda a sala. Será que todos os

contadores Geiger começarão a dar sinal à medida que a onda do elétron se espalha pela sala? Não. Em qualquer experiência, apenas um dos contadores Geiger vai dar sinal. Noutra experiência idêntica, outro contador Geiger noutra parte da sala dá sinal. E se fizermos muitas experiências idênticas, havemos de gerar uma curva campaniforme que revela a probabilidade do local onde esse elétron poderá ser encontrado num qualquer momento (ver Figura 1).

A ser assim, o elétron existe simultaneamente em diversos lugares de toda a sala? Sim. Isto é o que a Matemática Quântica nos diz. Mas, para encontrar algum sentido naquilo que observamos, também temos de concluir que o elétron está em muitos lugares ao mesmo tempo *apenas em termos de possibilidade*. E esta é a essência da física da possibilidade.

O poder preditivo da Física Quântica advém destas curvas campaniformes de probabilidade que podemos calcular usando a Matemática Quântica. Às possibilidades da Física Quântica encontram-se associadas as probabilidades, que nos permitem responder à pergunta: qual é a posição de um elétron, em média, num grande número de medições? Com base na curva apresentada na Figura 1, podemos prever a probabilidade de onde o elétron estará na nossa sala imaginária. Na Física e na Química, estamos sempre a lidar com quantidades de objetos quânticos quase inconcebíveis. Como tal, a previsão de que uma colher de açúcar ajuda a engolir o medicamento só é verdadeira graças à previsão da probabilidade, que garante que isto é verdadeiro num grande número de experiências.

Para um único objeto ou para um único acontecimento, todavia, as probabilidades não nos ajudam, isto porque a Matemática Quântica não tem resposta para onde o elétron poderá ser encontrado numa única experiência. Como tal, postulamos que a consciência escolhe a posição do elétron sempre que um observador estiver presente. Chama-se a isto o «efeito do observador».

O Efeito do Observador

O efeito do observador, que já referi no filme *What the Bleep Do We Know?*, afirma simplesmente que uma onda de possibilidade de qualquer objeto ou acontecimento só se transforma em realidade quando um observador olha para ela. Uma forma de expressar isto é dizer que a onda se transforma numa partícula quando é observada. Os físicos chamam «colapso» a esta transformação em realidade, porque os primeiros físicos quânticos pensavam que as ondas de possibilidade colapsavam como um guarda-chuva ao percorrer o espaço, demorando uma certa quantidade de tempo para o fazer. Mas agora sabemos que não é este o caso. Sabemos que este colapso ocorre de forma instantânea e não-local.

Mas por que é que o próprio contador Geiger não transforma as ondas em partículas simplesmente ao registá-las? Isto parece ser o que dita o senso comum. A resposta é dupla. Em primeiro lugar, sem observação nunca poderíamos verificar isto. A verificação obriga-nos a olhar para o contador Geiger ou a ouvir o seu tique-tique — ou seja, a observá-lo. Em segundo lugar, sabemos

que o contador Geiger é composto por moléculas que podem ser reduzidas a partículas elementares, e todos estes objetos obedecem à Física Quântica. Assim sendo, até o contador Geiger tem de obedecer às leis da Física Quântica e responder como uma onda de possibilidade quando interage com a onda de possibilidade do eletrão.

Mas o cérebro do observador também não é composto por moléculas que podem ser reduzidas a partículas elementares, estando, como tal, também elas sujeitas às leis da Física Quântica? Qual é a diferença entre o cérebro e o contador Geiger?

É verdade que seria de esperar que o cérebro seguisse as leis da Física Quântica. Mas não nos podemos esquecer de que, de alguma forma, na presença do cérebro do observador, *acontece* o colapso da onda em partícula: nós *ouvimos* o tique-tique do contador Geiger. Portanto, não só o cérebro tem de ser especial, como o observador tem de ser algo *mais* do que o cérebro. E esse algo é a consciência.

A palavra «consciência» é derivada de duas palavras latinas: *cum*, que significa «com», e *scire*, que significa «saber». A consciência é, portanto, o veículo por meio do qual sabemos/conhecemos as coisas. Na nossa experiência com o eletrão na sala, nós apenas conhecíamos possibilidades e probabilidades a respeito do objeto antes de ouvirmos o tique-tique do contador Geiger; o nosso conhecimento do objeto era vago. Assim que ouvimos aquele tique-tique, porém, ficámos a saber exatamente onde o eletrão estava. A medição aumentou o nosso conhecimento do eletrão. E o veículo com o qual ficámos a saber disto é a nossa consciência.

Consideremos o seguinte: estou numa loja a olhar para umas bonitas chávenas de cerâmica; sem querer, empurro uma delas, que cai da mesa e se parte, mas eu não estou a olhar para ela. Eu só parti a possibilidade de uma chávena? Se sim, por que é que devo pagar a chávena? Mas eu ouvi-a partir-se e, mesmo que eu fosse surdo, o funcionário da loja teria ouvido e viria cobrar-me a dita chávena num instante! Então, quando falamos em «observar», referimo-nos a observar por intermédio de todos os modos sensoriais do saber, não apenas do olhar.

O efeito do observador requer que este interaja com o objeto de alguma forma que envolva não-matéria, porque as interações materiais, segundo o famoso teorema do matemático John von Neumann, apenas podem converter ondas de possibilidade noutras ondas de possibilidade, nunca em realidades. Esta não-matéria é a consciência do observador. Mas se a consciência é aquilo que sabe — aquilo a que convencionalmente chamamos sujeito —, damos com outro paradoxo. Obviamente, o sujeito não existe sem o cérebro. Mas sem colapso — sem passar da possibilidade à realidade —, apenas temos um possível cérebro. A existência do cérebro requer colapso; o colapso requer a presença do cérebro. Existe aqui uma circularidade causal, um paradoxo da lógica que faz parte do «paradoxo da medição quântica».

Mas a própria Física Quântica diz-nos o que a consciência deve ser para assim evitar todos os paradoxos do pensamento a respeito dela. A consciência tem de ser o fundamento de todo o ser: a matéria consiste em possibilidades da

própria consciência. Uma vez que a consciência escolhe com base em si mesma, esta afirmação evita o paradoxo-chave do dualismo: como é que a consciência pode interagir com um objeto material sem um sinal? A Física Quântica dá-nos uma resposta simples, mas radical: não há sinal. Como tal, não existe a necessidade de postular nenhuma interação entre objetos separados. O objeto é uno com a consciência. Quando comunicamos connosco próprios, não precisamos de um sinal. Esta comunicação sem sinais é denominada comunicação por meio da *não-localidade quântica*.

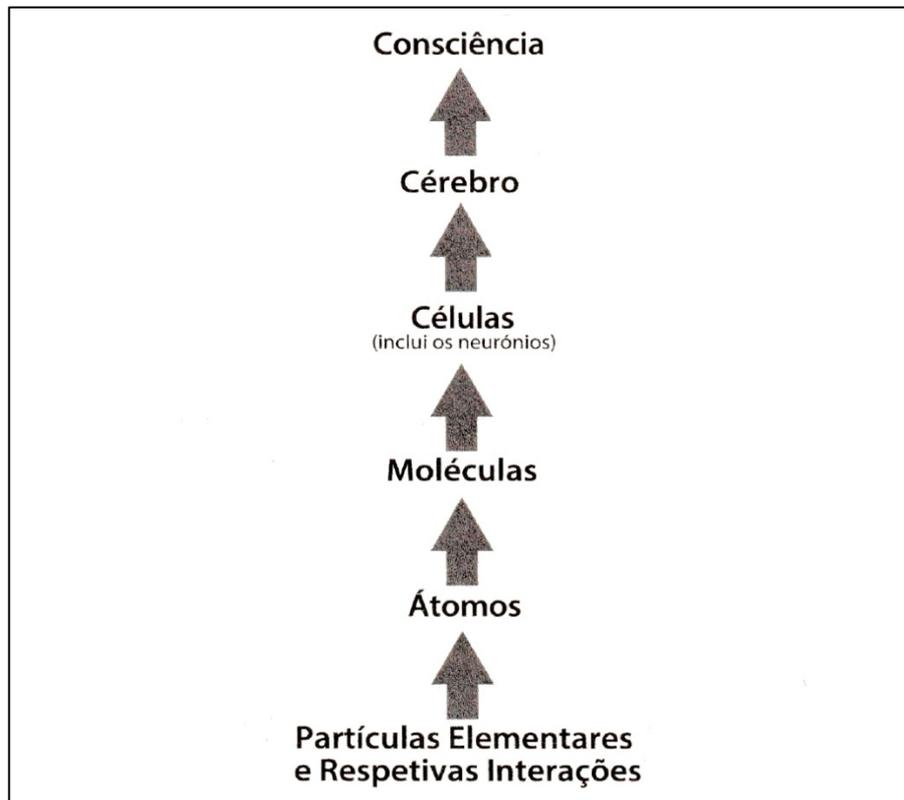


Figura 2. Se a consciência fosse um objeto, não existiria um sujeito para observar os objetos.

Assim, a consciência não é um fenómeno do cérebro. Na visão quântica, a consciência é o fundamento do ser e o cérebro é um fenómeno da consciência. Uma tendência muito comum consiste em pensar na consciência como um objeto — um fenómeno do cérebro — que acabaria por ser reduzido a partículas elementares de matéria (ver Figura 2). Mas uma experiência consciente consiste sempre em dois polos: sujeito e objeto, experimentador e experimentado. Então, como é que o sujeito pode proceder do cérebro, se o cérebro não é mais do que um objeto feito de objetos menores que podem ser reduzidos até ao nível das partículas elementares? A consciência é mais do que um objeto, porque também contém o sujeito. Como tal, a resolução do paradoxo da medição quântica é que, numa medição quântica, o cérebro cria uma representação da potencialidade-sujeito da consciência enquanto a consciência se identifica com ela.

Mas por que será o cérebro tão especial? Por que é que a consciência se identifica com o cérebro, mas não com um contador Geiger — ou com uma pedra, já agora? A resposta é crucial: existe uma relação circular entre os componentes do cérebro que traz com ela a autoidentidade.

Consideremos a frase «eu sou um mentiroso». Trata-se de uma frase paradoxal, visto que possui uma lógica circular, aquilo a que os físicos tecnicamente chamam «hierarquia interligada»¹. Se estou a mentir, estou a dizer a verdade; se estou a dizer a verdade, estou a mentir. Por mais vezes que possamos repetir isto, jamais escaparemos à circularidade. O cérebro tem este mesmo tipo de relação paradoxal entre o seu aparelho de perceção e o seu aparelho de memória. A perceção precisa da memória; a memória precisa da perceção. No processo de medição quântica, que envolve tanto o aparelho de perceção como o de memória do cérebro, a consciência fica presa na sua própria circularidade: identifica-se com o cérebro. O cérebro torna-se assim o sujeito da experiência. Desta forma, a consciência divide-se num sujeito (que experiencia) e num objeto (que é experienciado). Este é um ato de criatividade quântica.

Criatividade Quântica

A criatividade quântica não é um processo mecânico, visto que requer O acesso à consciência superior. Os darwinistas mais obstinados objetarão aqui que o próprio cérebro é um produto da evolução — um processo essencialmente mecânico e linear. Isto é verdade. Mas a evolução não tem de envolver apenas interações materiais, como defendia Darwin. De facto, se a consciência é o fundamento do ser, faz todo o sentido que a consciência tenha um papel a desempenhar na evolução.

Agora que o leitor compreende um pouco melhor o papel da consciência criativa, voltemos a essa máxima da *New Age*, ou Nova Era, que diz que somos nós quem escolhe a nossa própria realidade. Garantidamente, se podemos escolher a realidade à nossa vontade, podemos escolher um carro ou uma casa bonita...

Pois bem, não; não podemos.

O erro que cometemos assenta no facto de acreditarmos que quem escolhe é a nossa consciência individual. Mas isto leva-nos a outro paradoxo. Consideremos o seguinte: quem escolhe se um semáforo quântico dicotómico fica vermelho ou verde quando dois observadores chegam ao dito semáforo vindos de direcções perpendiculares com diferentes motivos? Ambos os observadores hão de querer que a luz esteja verde do seu lado (ver Figura 3). Mas quem é que escolhe? A solução é dupla. Nenhum dos dois escolhe no seu ego individual, visto que ambos escolhem enquanto consciência não-local. A consciência, fundamento do ser e fonte das nossas decisões, é não-local e objetiva. Alguns poderão chamar a isto Deus, mas também podemos chamá-lhe, de uma forma igualmente eficaz, consciência quântica.

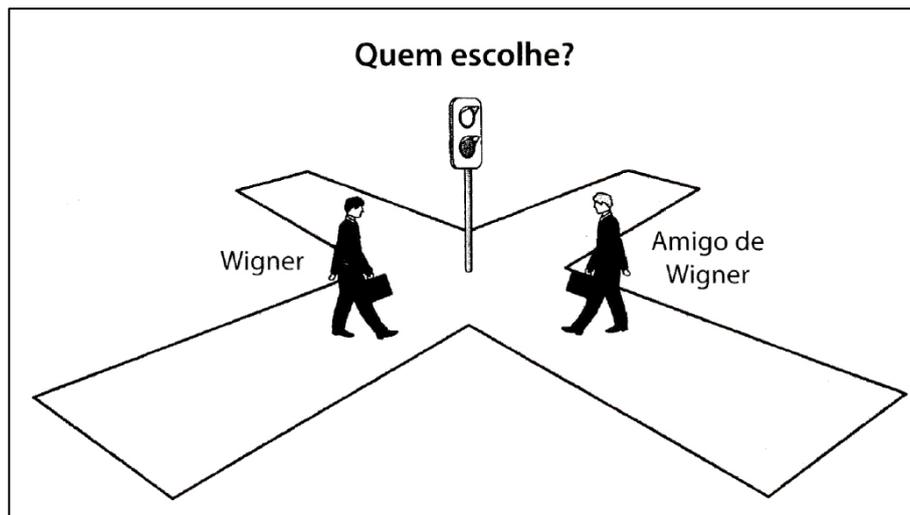


Figura 3.

Quem decide que o semáforo fica verde?

A Física Quântica, a física das possibilidades, ajuda-nos, portanto, a despertar para a nossa consciência superior e a escolher os acontecimentos reais da nossa experiência a partir de um reino de possibilidades. Não escolhamos com base nos nossos egos individuais condicionados, mas sim numa consciência superior na qual somos unos com os outros. Como tal, permite-nos criar a nossa própria realidade. E quanto mais usarmos este poder da criatividade quântica, mais nos havemos de aperceber de que a criatividade é um processo cooperativo, não competitivo. Isto é *transformação*.

Comunicação Não-Local

Na nossa discussão, até agora, identificámos os princípios quânticos essenciais, os conceitos mais importantes da caixa de ferramentas de um ativista quântico: causação descendente, não-localidade, descontinuidade e hierarquia interligada. Estes são os princípios da Física Quântica que podem transformar-nos quando aprendemos a aplicá-los na nossa própria vida. Estas são as ferramentas com as quais o ativista quântico trabalha. Estes são os veículos que podem trazer a mudança quântica.

A não-localidade é uma comunicação sem sinais que tem lugar por meio da consciência, o domínio da potencialidade. Foi verificada objetivamente, até mesmo no nível macroscópico da nossa experiência. Ao nível da Neurofisiologia, há provas de potenciais transferidos; a atividade elétrica pode ser transferida de um cérebro para outro sem nenhuma espécie de conexão elétrica. Também há provas disto, ainda que subjetivas, em campos como a Telepatia. E sabemos de experiências recentes — por exemplo, aquelas que envolvem a visão remota, ou à distância — que foram feitas com uma boa dose daquilo a que chamamos objetividade débil. Esta objetividade depende de experiências subjetivas, mas que podem ser verificadas num grande número de sujeitos. Sem este conceito de objetividade débil para a validação, até a Psicologia Cognitiva teria muitas dificuldades em justificar-se como ciência.

A não-localidade é um conceito difícil de compreender para o leigo. Tendemos a pensar que a informação tem de ser transportada de alguma forma para um campo ou através de uma frequência. Mas esta suposição exige que a informação seja codificada dentro dessas frequências ou campos sob a forma de pulsações e tensões espaciotemporais — por exemplo, pulsações de energia que transmitam uma mensagem, rá-tá-tá-rá-tá-tá. Mas isto, por sua vez, exige que algo na mente seja capaz de decodificar a mensagem. Mais uma vez, o risco está em tendermos a pensar em termos de algo que realmente se desloca através de um sinal, que por sua vez exige que o cérebro seja capaz de interpretar as mensagens que a consciência transmite como ondas moduladas.

A resposta é que o cérebro não faz tal coisa. No modelo quântico da ocorrência desta transmissão, o cérebro não emite ondas eletromagnéticas que depois são moduladas e recebidas por outro cérebro. Embora os materialistas se apressem a dizer que é assim que isto funciona, não existem provas de que seja deste modo. O problema da ciência quântica é que não podemos descartar o fenómeno da telepatia com este género de argumento, porque é possível provar que a telepatia ocorre sem transmissão via ondas eletromagnéticas: basta colocar os sujeitos em câmaras impermeáveis a ondas eletromagnéticas. Nestas experiências, a informação passa de um cérebro para o outro sem a ajuda de ondas eletromagnéticas. Se assim é, como é que isto acontece?

Segundo o modelo da consciência, trata-se de um processo subtil fundamentado na potencialidade que está presente na consciência cósmica, que é a mesma para ambos os observadores, para ambos os telepatas. Assim sendo, a comunicação tem lugar quando um observador pensa algo — ou, mais precisamente, escolhe algo — no domínio da potencialidade do significado, e o outro observador, porque está «correlacionado» com o primeiro observador, escolhe a mesma coisa. Assim, ambos escolhem objetos idênticos ou quase idênticos em termos de significado no espectro de possibilidades que estão a processar no seu próprio domínio de potencialidade inconsciente. O cérebro do segundo observador cria uma representação desse significado mental, que parece ter sido transferido do cérebro do primeiro observador. Este processo encontra-se atualmente a ser verificado por novas experiências, chamadas «experiências de potencial transferido», nas quais o potencial cerebral do cérebro de um indivíduo é transferido para o cérebro de outro sem sinais eletromagnéticos.

Em 1993, o neurofisiologista Jacobo Grinberg, da Universidade do México, conseguiu demonstrar a comunicação quântica não-local entre dois cérebros. Para este fim, correlacionou primeiro os dois sujeitos da sua experiência fazendo-os meditar juntos com a intenção de estabelecer uma comunicação direta (sem sinais, não-local). Passados vinte minutos, os indivíduos foram separados (enquanto mantinham a sua intenção unificadora) e colocados em gaiolas de Faraday individuais (câmaras eletromagneticamente isoladas). O cérebro de cada um foi ligado a um eletroencefalógrafo (EEG). Um dos sujeitos foi exposto a uma série de clarões de luz, os quais geravam uma atividade elétrica no cérebro que era registada pelo eletroencefalógrafo. Com base nisto, e com a ajuda de um computador para eliminar o ruído cerebral, extraiu-se um «potencial evocado». Descobriu-se então que o dito potencial evocado tinha de

alguma forma sido transferido para o cérebro do segundo sujeito, como indicado pelo EEG do mesmo após eliminação do ruído cerebral. Com efeito, o segundo sujeito apresentava um potencial transferido semelhante ao potencial evocado pelo primeiro, tanto em fase como em intensidade (ver Figura 4). Os sujeitos de controlo (pares que não meditaram juntos ou que, durante a experiência, não foram capazes de manter a intenção de comunicação sem sinais) não revelaram nenhum potencial transferido.

A experiência de Grinberg demonstra a não-localidade da comunicação cérebro a cérebro, e algo ainda mais importante — a não-localidade da consciência quântica. De que outra forma podemos explicar isto? Como é que a escolha forçada da resposta evocada no cérebro de um dos sujeitos pode levar à livre escolha de uma resposta (quase) idêntica no cérebro do sujeito correlacionado? Esta experiência foi repetida mais de vinte vezes. (Ver, por exemplo, a investigação de Leana Standish e dos seus colaboradores, ou do investigador do IONS, Dean Radin.) Talvez o pormenor mais importante da experiência de Grinberg seja o do poder da nossa intenção. Os sujeitos de Grinberg pretendiam que a sua conexão não-local potencial se manifestasse numa realidade demonstrável, ao passo que os sujeitos de controlo que não conseguiram manter a intenção foram incapazes de manifestar um potencial transferido.

Experiências como esta estão a revolucionar a nossa atitude em relação à consciência não-local. Se o potencial elétrico (atividade elétrica) de um cérebro pode ser transferido para outro cérebro sem uma conexão elétrica, sem a presença de ondas eletromagnéticas, como podemos nós negar que existe uma conexão não-local subtil entre os dois cérebros? E é a esta interconexão que damos o nome de consciência.

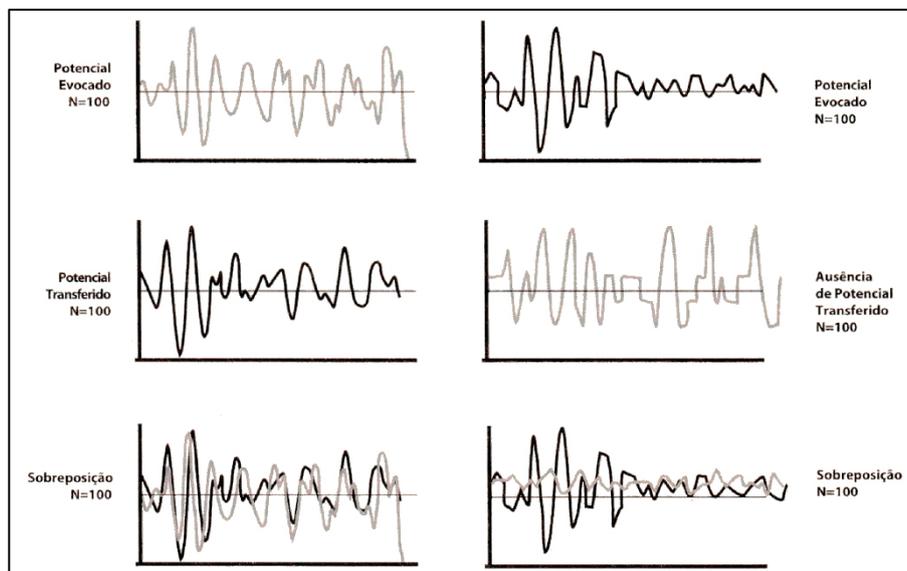


Figura 4.

Resultados da experiência de potencial transferido.

Hierarquia Interligada e Descontinuidade

Agora vamos ver outra das ferramentas do ativista quântico — a hierarquia interligada. A hierarquia interligada é, entre estas ferramentas, a mais difícil de compreender. Todos compreendem uma hierarquia simples no seu sentido social —, monarquia, patriarcado, oligarquia, etc. —, que consiste num nível de um grupo que controla o resto desse mesmo grupo. A hierarquia simples que a ciência materialista nos dá é que as partículas elementares compõem átomos; os átomos compõem moléculas; as moléculas compõem objetos maiores. Esta hierarquia simples baseia-se na causação ascendente e é uma descrição bastante precisa dos objetos materiais inanimados. Mas quando se trata da relação dos sujeitos, das relações entre as pessoas, tendemos a rebelar-nos contra as hierarquias simples. De um modo geral, passámos da monarquia — um tipo de hierarquia simples — para a democracia, que fomenta uma igualdade mais causal entre as pessoas. Os monarcas que ainda existem são, na sua maior parte, figuras benignas, não autoridades com um poder governativo real. É claro que continuamos sujeitos a hierarquias simples nas nossas sociedades e nas nossas estruturas políticas. Mas, se pretendermos uma mudança social, provavelmente teremos de recorrer a uma relação mais «interligada» entre os eleitores e os seus representantes.

A descontinuidade, a terceira das ferramentas do ativista quântico, é familiar a muitos de nós sob a forma de experiências criativas que nos surpreendem — aqueles momentos «a-ha!» pelos quais todos nós já passámos. Com efeito, a surpresa é a assinatura da descontinuidade. Mas, claro está, as experiências criativas são, na melhor das hipóteses, fracamente objetivas. Todavia, começam a surgir sinais objetivos de descontinuidade, inclusive na evolução biológica — algo que o materialismo científico muitas vezes faz por negligenciar. Se dissermos que a evolução é apenas um movimento da matéria, captamos apenas a parte mais lenta e contínua da evolução, visto que existe outro tipo de movimento na evolução, mais abrupto, que os biólogos Niles Eldredge e Steven Gould descobriram nos anos 1970. Apropriadamente, chamaram a estes saltos evolutivos «marcas pontuadas» na prosa contínua da evolução darwiniana, e os biólogos do materialismo científico não conseguem explicar estas marcas, algo que não acontece com os biólogos da visão quântica do mundo.

No modelo quântico, estas marcas pontuadas são simplesmente saltos quânticos de criatividade, criatividade biológica (ver o meu livro de 2008, *Evolução Criativa*). Se adotarmos este ponto de vista, a evolução é, então, uma evolução da consciência. O darwinismo limita o ritmo e o alcance da evolução ao insistir na continuidade. Mas, para explicar a evolução ao nível macroscópico — de uma macroespécie para outra, onde a evolução implica um novo órgão, por exemplo —, temos de recorrer aos saltos quânticos. Além disso, os dados suportam este ponto de vista. As lacunas fósseis da cadeia evolutiva são bem conhecidas. Os cientistas que insistem em não sair do modelo contínuo de Darwin encontraram alguns elementos intermédios para preencher estas lacunas, mas terão de encontrar literalmente milhares e milhares de outros para resolver esta anomalia central do darwinismo.

Por outro lado, o caso quântico da descontinuidade resolve esta anomalia e elimina os limites do modelo darwinista. Graças à não-localidade, à hierarquia interligada e à descontinuidade, podemos abrir a porta à criatividade em todos os níveis: biológico, material, cultural e psicológico. Ele apresenta-nos um processo evolutivo que pode realmente levar-nos em frente.

Exclusão ou Inclusão?

O materialismo científico tornou-se um dogma — e um dogma bastante exclusivo, visto que exclui a espiritualidade, as artes e os principais aspetos da Psicologia: por exemplo, o inconsciente, na Psicanálise e na Psicologia Profunda. Exclui muitos dos métodos alternativos de cura que há séculos são considerados úteis — por exemplo, a acupuntura, a tradição oriental do *Ayurveda* e a homeopatia, cuja descoberta é relativamente recente. Tudo isto, segundo a ciência prevalecente, não é mais do que um embuste que deve ser ignorado. Ironicamente, estudos recentes demonstram que 70% das curas atribuídas a fármacos se devem ao efeito placebo, que é um efeito psicossomático e, como tal, excluído pelo materialismo científico. Analogamente, os materialistas científicos ignoram por completo o novo paradigma da consciência que a visão quântica do mundo postula.

Então, como podemos chegar mais longe? Como é que podemos desenvolver uma filosofia da inclusão na ciência, em lugar desta filosofia da exclusão? A única forma que me ocorre é por meio do ativismo — através da aplicação consciente e da defesa dos princípios quânticos, que podem dar-nos uma orientação válida no que respeita a como fazer a mudança por intermédio da escolha. São muitos os que afirmam que os ativistas pretendem mudar o mundo, mas nunca tratam de se mudar a si mesmos. Na Física Quântica, mudarmo-nos a nós mesmos é fácil, porque agora sabemos como fazê-lo: recorrendo à criatividade. A criatividade satisfaz. Toda a gente quer ser criativa, de um modo ou de outro. É assim que cada um de nós se torna único e é também assim que podemos cooperar. Como tal, deste modo, o ativismo quântico inspira-nos a mudarmo-nos a nós mesmos enquanto tentamos mudar o mundo.

O objetivo do ativismo quântico consiste em viver uma vida mais completa graças a uma maior integração. Sendo um ativista quântico, posso verdadeiramente dizer que vivo, até certo ponto, com consciência. Posso contribuir com coisas boas para as minhas relações com os outros. Posso sentir amor nas minhas relações íntimas. Posso ser justo na minha relação com os outros. Posso distinguir o certo do errado. Posso apreciar a beleza e a harmonia.

Como ativista quântico, sou capaz de integrar o místico, o poeta e o cientista que há dentro de mim. Posso integrar em mim a ciência e a espiritualidade, a arte e o humanismo, e todos os outros potenciais positivos que nos tornam humanos. Para mim, pessoalmente, o meu ideal consiste em integrar as potencialidades do grande poeta místico Rabindranath Tagore com as do grande cientista Albert Einstein.

Sei que isto parece extremamente ambicioso e não sei de quanto tempo a Humanidade precisará para concretizar este objetivo. Mas sei que, quer o leitor se considere ou não um ativista quântico, se estiver a trabalhar para a integração e inclusão, e se adotar uma abordagem criativa para a mudança, então, de facto, o leitor é um ativista quântico que compreende, implícita ou explicitamente, a essência desta forma quântica de ver o mundo.

¹ Tangled hierarchy, no original. Optou-se por esta designação, «hierarquia interligada», para evitar possíveis conotações associadas aos termos mais utilizados no português do Brasil e no castelhano, «hierarquia emaranhada» e *hierarquia entrelazada*, respetivamente. (N. do T)

CAPÍTULO 3

A FÍSICA DO SUBTIL

Potencialmente, todos dispomos do poder da causação descendente – o poder de escolher entre uma série de possibilidades. Mas o que é que podemos fazer com isto? Para começar, temos de reconhecer que este poder de escolher o que é possível é muito limitado na esfera física, mas certamente ilimitado naquele a que muitas trações espirituais chamam o reino subtil.

O que é o reino subtil? É composto por aquilo que experienciamos internamente, em oposição à matéria, que experienciamos externamente. Podemos pensar na matéria como algo grosseiro, fixo e semipermanente. Mas o reino subtil encontra-se em constante mutação. Como podemos fazer com que estes conceitos espirituais se tornem mais científicos? Percebendo que a matéria existe como possibilidade dentro da consciência, por que não também o subtil? Adotando o modelo da Física Quântica como uma forma de resolver o chamado dualismo mente/corpo da ciência materialista.

Os Corpos da Consciência

Muitas tradições espirituais falam de outros corpos subtis de consciência além do físico. Entre estes incluem o corpo vital, mental – supramental — arquétipos como o amor, a beleza, a verdade, a justiça e a bondade — nos seus sistemas de crenças. Estas tradições retratam com frequência o físico e o subtil integrados num quinto corpo, a totalidade da consciência, que é visto como a base do ser.

O psicólogo Carl Jung referia quatro categorias da personalidade: sensação, sentimento, pensamento e intuição. Considerados no contexto do fundamento da consciência, estes tipos de personalidade podem delinear quatro mundos diferentes de possibilidades: possibilidades materiais, que sentimos quando as tornamos reais; possibilidades vitais, que sentimos afetivamente; possibilidades mentais, que pensamos; e possibilidades supramentais, que intuimos. Quando concretizamos as possibilidades, escolhendo entre elas, criamos uma experiência (ver Figura 5).

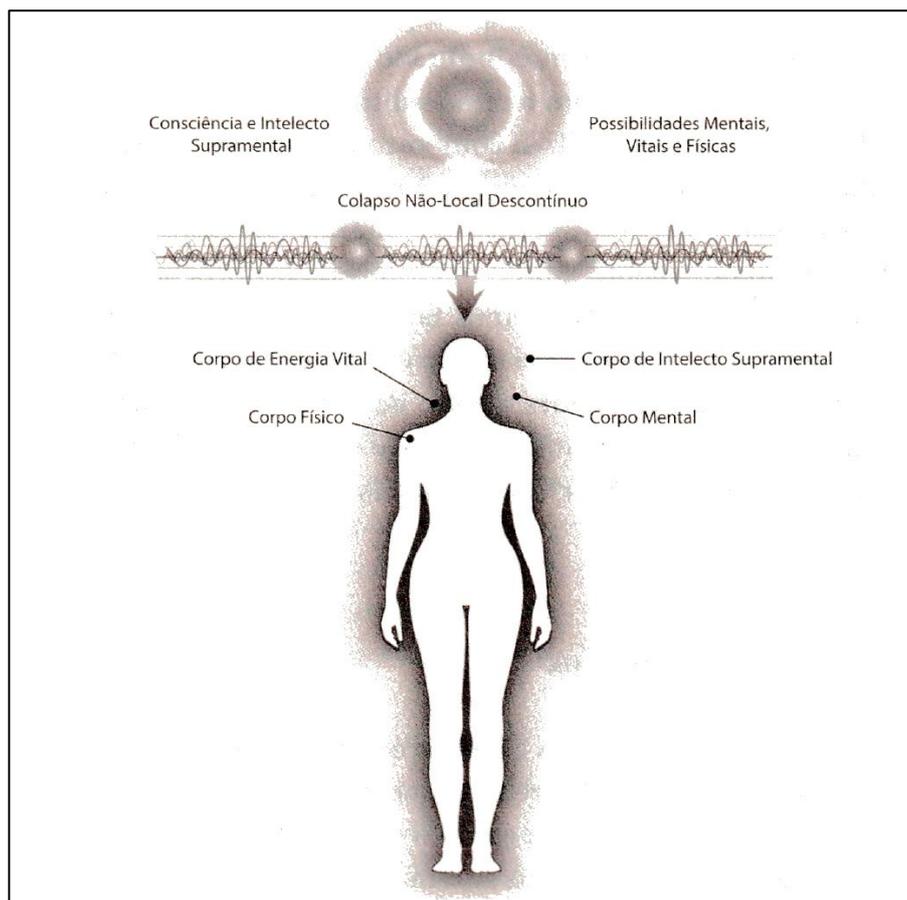


Figura 5.

Paralelismo psicofísico; quatro tipos de experiências e quatro mundos diferentes de experiência.

Nós temos uma existência, um corpo, em cada um destes mundos. Estes corpos não interagem diretamente: é a consciência que medeia a sua interação de uma forma não-local. Deste modo, o dualismo mente/corpo deixa de fazer sentido e a essência não física destes corpos é reconhecida. Trata-se de um grande avanço no pensamento filosófico.

Pode ser que seja um avanço na Filosofia, dirá o leitor, mas levanta muitas questões. Por exemplo, porque é que a dualidade mente/corpo é um problema? E porque é que o mental e o supramental não podem interagir diretamente? E como é que a consciência medeia de modo não-local?

Bem, vamos então desconstruir isto e tentar resolver algumas destas perguntas.

Todos temos um corpo físico externo que experienciamos em consenso com os outros e temos uma mente interna que experienciamos «em privado». Esta é a base do dualismo: mental/físico, sutil/grosseiro, mente/corpo, dualismo interno/externo; chamemos-lhe o que quisermos. Durante milénios, tornou-se habitual supor que, uma vez que experienciamos estas duas coisas, mente e corpo, de forma diferente — uma interna e outra externamente —, elas têm de ser feitas de substâncias diferentes. Por outras palavras, a mente é composta por uma espécie de substância «sutil», não material. Mas isto levanta uma questão paradoxal: como é que o não-material e o material interagem, visto que se considera que nada têm em comum? A solução para este paradoxo tem sido

sempre a seguinte: eles precisam de um mediador, de um qualquer tipo de sinal, para interagir. Mas a ciência materialista afirma que um sinal transporta energia e que a energia é uma constante que não abandona o mundo físico nem entra nele. Isto parece descartar a ideia da existência de sinais que mediem toda e qualquer interação entre a mente não material e o corpo material.

Mas por que é que a mente e o supramental não podem interagir? Porque, embora ambos sejam subtis, oferecem diferentes tipos de experiências subtis — o pensamento e a intuição, respetivamente. Como tal, também têm de ser feitos de diferentes tipos de substância subtil. Logo, a pergunta a respeito do como podem interagir se consideramos que não têm nada em comum é a mesma que aqui se colocava quando falámos sobre a interação mente/corpo.

Quanto a como é que a consciência pode mediar não-localmente, esta pergunta é resolvida no modelo quântico, ao afirmar que todos estes mundos são possibilidades da consciência. Portanto, a própria consciência, como fundamento comum de todos eles, pode mediar entre eles e pode fazê-lo de forma não-local (ou seja, sem sinais), porque, na verdade, todos fazem parte da consciência.

Os materialistas, é claro, defendem que a mente é o cérebro e que não existe diferença entre matéria viva e não-viva — entre pássaros e rochas — ao nível molecular. Como tal, não existe uma necessidade de postular uma mente não-material, nem um corpo vital nem uma esfera supramental. Então, a pergunta relevante é esta: *O que é que o corpo vital e o corpo mental fazem que o corpo físico não é capaz de fazer?*

A Energia Vital

Qualquer pessoa sensível sabe que, quando sentimos — como acontece quando temos um pensamento emocional —, sentimos energias. As tradições espirituais atribuem diversos nomes a esta energia: *prana* na Índia, *chi* na China, *ki* no Japão ou, simplesmente, energia vital no Ocidente. Sentimo-nos vivos porque sentimos esta energia vital. Alguns chamam-lhe força vital.

Mas sensação não é percepção. A percepção é o campo de ação do cérebro e do sistema nervoso. A sensação ocorre em conjunção com os órgãos do corpo, mas não pertence realmente ao corpo. Os sentimentos são um movimento do corpo vital; a energia que sentimos é energia vital.

O conceito de energia vital foi descartado na Biologia e na Medicina ocidentais por causa do seu dualismo implícito e porque, com o advento da Biologia Molecular, criou-se a noção de que podíamos compreender tudo sobre a vida com o estudo da química do ADN. Mas o ADN sozinho não pode explicar tudo o que diz respeito ao corpo: por exemplo, os muitos aspetos da cura. Como qualquer médico e qualquer doente sabe, de um modo geral, a cura requer vitalidade — energia vital, que não é um produto da química do corpo. A química é algo local, mas os sentimentos de energia vital — a sensação de estarmos

vivos — são decididamente não-locais. E de onde é que vem a energia vital, se não dos movimentos de um corpo vital não-material?

As moléculas obedecem às leis da Física, mas nada sabem sobre os contextos da vida — manutenção e sobrevivência, ou amor e ciúme — que ocupam a maior parte do nosso tempo. O corpo vital pertence a um mundo subtil à parte e contém as matrizes de forma e função que definem as nossas funções vitais fundamentais: os contextos da vida. Por outras palavras, o corpo vital fornece estes esquemas ou programas aos órgãos do corpo físico que interpretam as funções vitais da vida no espaço e no tempo. Estes programas são aquilo a que o biólogo Rupert Sheldrake chama «campos morfogenéticos».

O que estou a tentar deixar bem claro aqui é que os objetos físicos obedecem a leis causais, e isto é tudo o que temos de saber para analisar o seu comportamento. Podemos dizer que o seu comportamento é legal, ou legítimo. Os sistemas biológicos obedecem às leis da Física, mas também desempenham certas funções intencionais, como a autorreprodução, a sobrevivência, a manutenção da integridade do eu perante o meio, a autoexpressão, a evolução e até o autoconhecimento. Algumas destas funções são instintos que partilhamos com os animais. Por exemplo, o medo é um sentimento que está ligado ao nosso instinto de sobrevivência, mas conseguiremos imaginar um conjunto de moléculas que sintam medo? O comportamento molecular pode ser perfeitamente explicado dentro das leis físicas sem que se lhe aplique o atributo do medo. As moléculas não causam o medo. Elas apenas estão associadas ao sentimento do medo. O medo é um movimento do corpo vital — algo que sentimos. Quando o nosso corpo vital sente medo, é ativado um programa vital que ajuda a consciência a orientar as células de um órgão físico para que desempenhem as funções apropriadas em resposta ao estímulo produtor do medo, como acontece com a produção de adrenalina.

Os Programas ou Planos Biológicos

O comportamento dos órgãos biológicos é interessante, porque os programas — os planos — que regem as suas funções não estão relacionados com as leis causais físicas que governam o movimento do seu substrato molecular. Como tal, o seu comportamento é semelhante ao de um programa. A grande contribuição de Rupert Sheldrake para a Biologia foi a de reconhecer a origem deste comportamento programado. Sheldrake introduziu os campos morfogenéticos não-locais e não-físicos na Biologia para explicar os programas que dirigem a morfogénese biológica, ou seja, a forma e a função físicas nos seres biológicos.

O que Sheldrake estabelece é isto: todos os seres humanos começam como embriões unicelulares que se dividem para fazer réplicas idênticas com ADN e genes idênticos. Mas o funcionamento celular depende das proteínas que as células produzem. Em potência, todas as células são capazes de produzir todas as proteínas, mas a verdade é que não o fazem. O que fazem é diferenciar-se. Consoante o órgão ao qual a célula pertence, apenas são ativados determinados

genes para produzir determinadas proteínas que estão relacionadas com o funcionamento desse órgão em particular. Como tal, têm de existir programas, ou planos, que ativem os genes apropriados para produzir as proteínas apropriadas.

Como é que uma célula sabe onde se encontra no corpo e a que órgão pertence? A resposta «tresanda» a não-localidade. Ousadamente, Sheldrake sugeriu que os programas de diferenciação celular necessários para o funcionamento dos órgãos requerem campos morfogenéticos não-locais (e, portanto, não-físicos). Por outras palavras, comunicam sem sinais.

O corpo vital é o reservatório destes campos morfogenéticos, os programas das formas e das funções. O trabalho do corpo físico consiste em criar representações dos campos morfogenéticos existentes no corpo vital; estas representações são os órgãos do corpo. E o trabalho das representações consiste em levar a cabo as funções atribuídas a cada órgão — sobrevivência, manutenção, digestão, circulação, reprodução, etc. Desta forma, os programas vitais fornecem os programas dos genes que regulam a produção de proteínas, nomeadamente, das adequadas para levar a cabo as funções biológicas desse órgão.

Isto faz sentido. Se as formas vivas são geridas por *software*, estes programas devem ter emanado de programas desenvolvidos por um qualquer programador. Os programas encontram-se agora integrados no *hardware* como forma e função, e o comportamento programado da forma biológica é agora automático. Assim sendo, é fácil esquecer a origem do comportamento programado e do programador. E é fácil esquecer que o comportamento dos seres biológicos nem sempre é automático. E também é fácil menosprezar os sentimentos que procedem dos movimentos da fonte ou origem: os campos morfogenéticos.

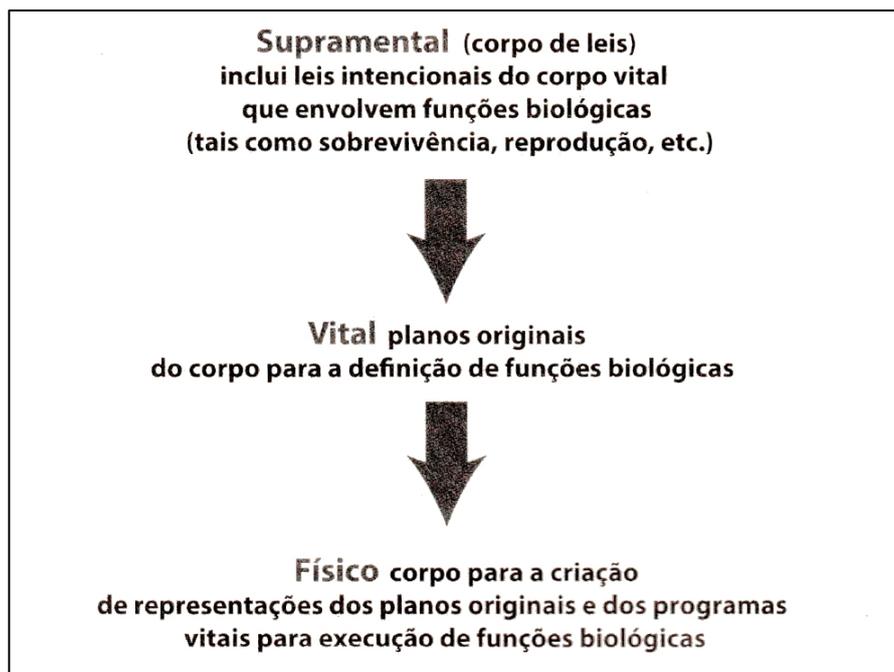


Figura 6. Do supramental ao vital e ao físico.

Como tal, o corpo vital é essencial, visto que contém os programas ou planos originais — os campos morfogenéticos — que os órgãos do corpo físico representam. Uma vez elaboradas as representações, os planos são ativados sempre que os programas, que executam as funções das suas representações, são executados. O criador das representações, o programador, é a consciência. A consciência usa os programas vitais para criar representações físicas das suas funções vitais, que se codificam no seu corpo supramental, o corpo das leis e dos arquétipos (ver Figura 6). Quando a consciência colapsa (ou seja, quando concretiza por meio da escolha) um órgão físico para que este leve a cabo uma função biológica, ela também colapsa, ou concretiza, o programa vital. Aquilo que sentimos como a energia vital de um sentimento é o movimento do plano vital.

A energia vital — ou *prana* ou *chi* — é o movimento quântico do programa do corpo vital. Quando experienciamos internamente uma emoção, esta implica um pensamento, mas também implica um movimento vital extra, subtil, que a consciência concretiza na nossa consciência interna. Isto é o *prana* manifesto. As emoções pressupõem movimentos do corpo vital, além dos movimentos mentais. Basta observarmo-nos da próxima vez que nos sentirmos irados. Surgem pensamentos coléricos, mas também sentimos mais alguma coisa internamente, algo subtil. Trata-se do *prana*, a energia vital.

Compreender a função e a importância do corpo vital proporciona-nos uma explicação profunda a respeito dos sentimentos: o que sentimos, como sentimos e onde o sentimos. Mas é nas medicinas alternativas que encontramos as provas mais objetivas da importância do seu papel nas nossas experiências. Uma das tradições mais antigas entre as medicinas alternativas descreve um sistema de sete centros de energia vital chamados chacras (ver Figura 7). Refira-se que cada um destes centros se situa perto de um órgão principal e está associado ao funcionamento biológico desse órgão. Cada chacra está também associado aos sentimentos que podemos experienciar através da energia vital associada a esse órgão: ou seja, os movimentos do seu campo morfogenético. Cada campo morfogenético está correlacionado com o órgão do qual é o programa ou fonte. Assim sendo, somos levados a concluir que os chacras são as regiões do corpo físico nas quais a consciência colapsa simultaneamente os movimentos da energia vital (os movimentos dos campos morfogenéticos importantes) juntamente com os órgãos do corpo que representam essas energias.

Então, quando se trata das emoções, os materialistas estão completamente enganados. Pensam que sentimos as emoções no cérebro ou seja, que as emoções são epifenómenos do cérebro, o produto da ação combinada dos circuitos instintivos do cérebro límbico e dos circuitos de significado do neocórtex. Segundo eles, as emoções chegam ao corpo por meio do sistema nervoso e das chamadas «moléculas da emoção». Mas, na realidade, o corpo, por intermédio dos movimentos dos campos morfogenéticos correlacionados, gera os sentimentos de um modo bastante independente do cérebro. Quando experienciamos sentimentos num chacra, o controlo vai até ao cérebro para o seu colapso e integração, porque é lá que se encontra a hierarquia interligada. E a emoção é concretizada na consciência, porque é lá que reside o poder de escolha.

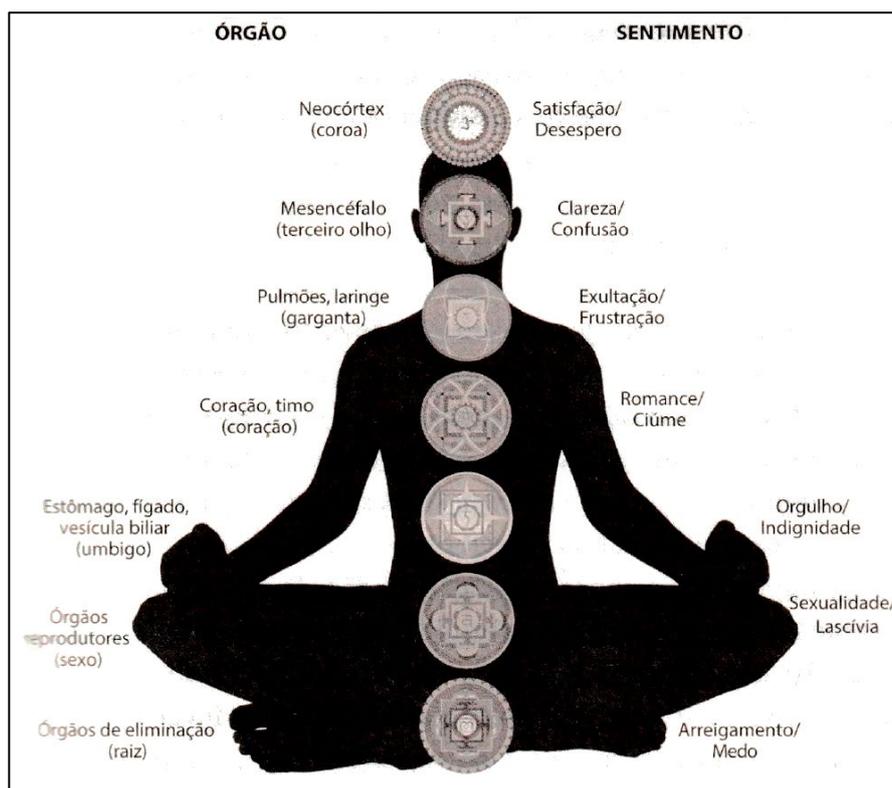


Figura 7. Os sete **chacras** principais.

A Mente e o Cérebro

A região neocortical do cérebro que se encontra envolvida com fenômenos mentais como o pensamento é uma espécie de computador, de tal modo que os materialistas se interrogam se será possível construir um computador que tenha uma mente. Isto, dizem eles, demonstraria que a mente é apenas uma parte do cérebro físico — um epifenômeno do cérebro.

Esta suposição errônea deu lugar, na década de 1950, a todo um campo de estudo chamado Inteligência Artificial. O matemático Alan Turing afirmava que, se um computador pudesse simular uma conversa suficientemente inteligente para levar alguém a pensar que estava a falar com outro ser humano, não poderíamos negar a inteligência mental do computador. Alguns afirmam ter conseguido exatamente isto. Além do mais, um programa de computador derrotou um dos melhores jogadores de xadrez do mundo. Mas isso significa que o computador é tão ou mais inteligente do que um ser humano?

Entra em cena o filósofo John Searle. Num livro muito apropriadamente chamado *The Rediscovery of the Mind* (1994), Searle referia que um computador, como máquina de processamento de símbolos que é, não pode processar significados a partir do nada. Por outras palavras, não pode atribuir significado a um símbolo sem um precedente. Podemos reservar certos símbolos para indicar significados — chamemos-lhes símbolos de significado —, mas, então, precisamos de outros símbolos que nos digam o significado dos símbolos de significado. E assim, para processar significados a partir do nada, precisamos

de um número infinito de símbolos e de um número infinito de máquinas para os processar. Uma tarefa impossível!

O físico e matemático Roger Penrose apresentou uma prova matemática desta tese de Searle de que os computadores não podem processar significados. No seu livro de 1991, *The Emperor's New Mind*, Penrose recorreu ao teorema de Gödel — o qual diz que qualquer sistema matemático axiomático é incoerente ou incompleto — para demonstrar a irrefutabilidade do princípio da hierarquia interligada. Este teorema serve para nos recordar que a matéria viva deve existir em aberto, uma vez que tem de representar a consciência.

Os biólogos materialistas afirmam que o significado pode muito bem ser uma qualidade evolutivamente adaptativa da matéria, mas o trabalho de Searle e de Penrose deixa a descoberto de forma convincente a vacuidade de tal afirmação. Se a matéria não pode sequer processar o significado, como é que pode pretender apresentar uma capacidade de processamento de significados que a Natureza possa selecionar como algo capaz de melhorar as possibilidades de sobrevivência?

A conclusão de tudo isto é que, embora a mente esteja claramente associada ao cérebro, ela não pertence ao cérebro nem é causada *pelo* cérebro: ela não é um epifenómeno do cérebro. Em vez disso, trata-se de um corpo independente do cérebro que dá significado às nossas experiências. Os computadores não podem processar significados, mas podem criar representações do significado (*software*) que lhes damos em determinados contextos. Da mesma forma, a consciência utiliza o cérebro para criar representações do significado mental.

Os antagonistas argumentam que tudo isto é teórico e exigem dados experimentais... só que, aqui, temos um teste experimental negativo. Se esta teoria estivesse incorreta, seria possível construir um computador capaz de processar significados a partir do nada. Mas, embora alguns computadores sejam capazes de reconhecer sinais que lhes são dados por um programador, ninguém foi ainda capaz de construir um computador que processe significados a partir do nada para refutar esta teoria. Por outras palavras, a teoria está a passar no teste. Isto pode desapontar os escritores de alguma ficção científica recente, que antecipam que os robôs não tardarão a ter consciência, reduzindo assim a diferença entre eles e os seres humanos. Mas esta expectativa só faz sentido numa visão newtoniana do mundo que ignora os princípios da ciência quântica.

Significado e Causação

A natureza da memória cerebral indica claramente que a mente é uma entidade separada e diferenciada do cérebro. O neurofisiologista Wilder Penfield observou isto pela primeira vez enquanto trabalhava com doentes epiléticos e estimulava os seus «engramas» de memória com elétrodos. Ele descobriu que esta estimulação produzia todo um fluxo de memória mental. O significado mental é assim representado no cérebro, mas apenas como desencadeante, para

que a mente correlacionada reproduza o seu significado correlativo. Isto também explica o porquê de a memória ser associativa.

Mas o que é que a mente pode fazer que o cérebro não pode?

Começemos pela criatividade. Um cérebro programado só pode lidar com o que lhe foi dado — significados antigos, significados não originais ou significados criados a partir do nada. Mas a criatividade é a descoberta ou invenção de novos significados. Nenhum cérebro, qualquer que seja a sua programação, é capaz de descobrir a relatividade nem consegue formular a Física Quântica. Ainda assim, os antagonistas argumentarão que não existe praticidade causal no conceito de significado, pelo que esta questão pode ser discutível. Mas existem três exemplos importantes que mostram a praticidade causal do processamento de significados: a sincronicidade, os sonhos e as doenças psicossomáticas, ou da mente/corpo.

A sincronicidade é um conceito introduzido por Carl Jung e faz referência a dois acontecimentos — um no mundo físico e outro no mundo mental — correlacionados por intermédio do significado que surge na mente. Podemos ver aqui um exemplo de não-localidade quântica. Os acontecimentos sincrónicos são, como tal, indicadores muito úteis na nossa viagem criativa.

Por outro lado, a explicação neurofisiológica dos sonhos — que nos diz que são o resultado de situar imagens perceptivas perante o ruído branco do cérebro — não é mais do que o começo de uma explicação. A explicação completa é que a mente atribui significado ao ruído branco do cérebro, criando por vezes audiovisuais bastante impressionantes. Assim sendo, os sonhos são a história contínua de como o significado se desdobra na nossa vida (ver Capítulo 14). Isto explicaria por que motivo nos é tão útil em Psicoterapia a análise de sonhos junguiana, que pressupõe que cada personagem dos nossos sonhos tem um significado que nós lhe atribuímos. Porque lhe atribuímos o significado, um sonho pode curar-nos quando trabalhamos com ele e apreciamos esse significado.

Existem sonhos criativos que «perturbaram o universo», como o sonho de Niels Bohr das órbitas discretas dos eletrões atômicos sob a forma de uma imagem como a do sistema solar. Do mesmo modo, o farmacologista Otto Loewi foi buscar a dois sonhos a inspiração de que necessitava para a demonstração experimental da mediação química dos impulsos nervosos: em primeiro lugar, sonhou a ideia, mas passou-a para o papel de uma forma ilegível; depois sonhou-a de novo na noite seguinte e escreveu-a com mais cuidado. E também existem sonhos criativos mais prosaicos. O inventor da máquina de costura, Elias Howe, chegou à sua ideia crucial num sonho no qual era capturado por selvagens com lanças que tinham um buraco perto da extremidade afiada. Ao acordar, Howe percebeu que a solução para a sua máquina passava por usar uma agulha com um buraco perto da ponta.

Um terceiro elo entre causa e significado pode ser encontrado no importante campo das doenças psicossomáticas, as doenças da mente/corpo. Numa doença somática, os erros no processamento de significados podem resultar numa doença grave. (Ver o meu livro de 2004, *O Médico Quântico*. O médico Larry Dossey também escreveu muitos livros sobre este tema. Ver *Significado e*

Medicina, 1991). Por exemplo, o cancro pode resultar de um funcionamento deficiente do sistema imunitário. Embora existam sempre células no nosso organismo que se dividem descontroladamente, isto não constituiu um problema com um sistema imunitário saudável, porque o timo garante que estas células anormais sejam eliminadas regularmente. Assim, a supressão da emoção no chacra do coração, que está associado à glândula timo, pode contribuir para o cancro.

Todavia, no Ocidente, o ser humano, em especial o homem, encontra-se culturalmente condicionado para reprimir as suas emoções. Por exemplo, um homem pode pensar que lhe é prejudicial ter o seu chacra do coração aberto na presença de uma mulher de quem gosta, porque um coração aberto o torna vulnerável; como tal, adquire o hábito de suprimir a energia vital no coração, o que provoca um bloqueio de energia. Um bloqueio prolongado como este afeta a tal ponto a atividade do sistema imunitário que pode, por sua vez, suprimir a capacidade do organismo de eliminar as células de crescimento anómalo que, então, se tornam cancerosas. De facto, certos tipos de cancro têm sido associados a pessoas que suprimem as suas emoções, que bloqueiam a energia do amor no chacra do coração. Atualmente existem provas de que, quando as emoções se libertam — quando um salto quântico no significado mental desbloqueia a energia vital no chacra apropriado —, os pacientes podem conhecer uma cura espontânea, dando um salto quântico da doença para o bem-estar por força da sua própria escolha criativa. (Ver *Cura Quântica*, de Deepak Chopra, 1990.) Se um processamento desequilibrado dos significados pode gerar uma doença grave desta maneira, e se um significado correto pode restabelecer a saúde, convém-nos levar muito a sério a mente e os significados: eles não são meros epifenómenos em busca de um elo causal!

Espaço Interior e Exterior

Se tanto a mente como a matéria são possibilidades quânticas da consciência, por que é que experienciamos a matéria como algo público (no espaço exterior) e a mente como algo privado (no espaço interior)? Os cientistas materialistas dizem-nos que «a mente» não é um conceito científico, porque não a podemos estudar objetivamente, e afirmam que duas pessoas não podem partilhar o mesmo pensamento e chegar a um consenso a respeito da sua experiência mental. Mas o que é que nos diz a ciência quântica?

Os materialistas não dispõem de uma explicação possível para as nossas experiências interiores, pelo que se limitam a ignorá-las como epifenómenos subjetivos que não precisam de mais explicações. Nem sequer os filósofos idealistas, que valorizam a experiência interior, nos dão explicações convincentes: apenas fazem da natureza interior da psique uma questão de verdade metafísica, e por aqui se ficam. Mas, na filosofia idealista, a consciência é o fundamento do ser; todas as coisas se encontram dentro da consciência, tanto a matéria como a psique. Como tal, continuamos sem ter uma resposta.

A natureza quântica da psique, da mente, do corpo vital e do supramental pode dar-nos uma resposta a respeito do porquê das experiências interiores. Os objetos quânticos são ondas de possibilidade que se expandem em potencialidade sempre que não colapsam. Quando colapsamos uma onda de significado mental, escolhemos um significado particular e um pensamento nasce. Mas mal deixamos de pensar, a onda de possibilidade volta a expandir-se. Assim, entre os meus pensamentos e os do leitor, a onda de significado expande-se até abranger tantas possibilidades que se torna extremamente improvável que o leitor e eu colapsemos ou concretizemos o mesmo pensamento. Todavia, como já vimos, o caso da telepatia mental é uma exceção. Pode por vezes dar-se outra exceção quando duas pessoas de condicionamento semelhante conversam. De um modo geral, contudo, os pensamentos são experienciados como algo pessoal, privado ou interno.

Mas por que é que os objetos materiais, que também são quânticos, não se comportam da mesma maneira? Não deviam também ser internos para a consciência? De facto, se a consciência é o fundamento do ser, por que é que existe algo fora dela? Talvez os idealistas tenham razão. No entanto, experienciamos a matéria externamente. Qual é o mistério?

Trata-se aqui de um ponto crucial. Há uma diferença fundamental entre os corpos subtis e o corpo físico «grosseiro». Os corpos subtis — o vital, o mental e o supramental — são, todos, uma única coisa. São indivisíveis. Mas, como Descartes reconheceu, a matéria é *res extensa*, corpo com extensão. Como tal, a matéria pode ser subdividida. No reino material, a micromatéria constitui conglomerados de macromatéria.

Assim, embora a Física Quântica governe os dois domínios da matéria, micro e macro, há uma diferença espetacular que surge quando consideramos a macromatéria como conglomerados maciços de micromatéria. De acordo com a Matemática Quântica, a onda de possibilidades de um macrocorpo enorme torna-se muito lenta. Suponhamos que o leitor e um amigo estão à olhar para uma cadeira. O leitor colapsa a onda de possibilidade da cadeira e vê a cadeira ali, perto da janela. Pouco depois, o seu amigo também olha para a mesma cadeira. Entre o colapso do leitor e o colapso do seu amigo, a onda de possibilidades da cadeira sem dúvida que se expande, mas apenas um pouco. Além disso, as moléculas da cadeira encontram-se unidas por forças coesivas; como tal, a «cadeiridade» da cadeira mantém-se, mesmo no domínio da possibilidade. O centro de massa da cadeira pode deslocar-se em virtude da expansão da onda de possibilidades da cadeira, mas este movimento é minúsculo. Como resultado, quando o seu amigo colapsa a cadeira, a sua nova posição é minimamente diferente da posição na qual o leitor a observou, impercetível sem a ajuda de um instrumento *laser*. Naturalmente, ambos pensam que estão a ver a cadeira no mesmo lugar. Têm uma experiência partilhada, pelo que a cadeira tem de se encontrar fora de ambos.

O facto de o mundo macromaterial ser construído deste modo a partir de micromatéria dá-nos a ilusão de que se trata de algo constantemente público, mesmo quando ninguém está a olhar. E isto é bom, apesar dos mal-entendidos que cria, porque, de outro modo, não poderíamos utilizar as coisas materiais como pontos de referência. Se o nosso corpo físico estivesse sempre a

representar as incertezas do movimento quântico, quem seríamos? Seríamos como o Gato de Cheshire em *Alice no País das Maravilhas*, aparecendo e desaparecendo, deixando zonzos todos aqueles com quem interagíssemos! Além disso, se a natureza quântica da macromatéria não fosse subjugada, como poderíamos usar a matéria para criar representações do sutil? Imagine o leitor que escreve os seus pensamentos num quadro branco com um marcador e vê que as marcas se deslocam nos subseqüentes colapsos. Qual seria o efeito na sua capacidade de criar representações?

Quanto a saber se tudo deve existir dentro da consciência, isto apenas se aplica quando estamos a falar da consciência não-local. Nós só experienciamos a matéria exterior a nós segundo o ponto de vista da consciência individual, tal como é representada localmente no cérebro. Nas experiências místicas, a matéria parece ser uma com a consciência: é a experiência da unidade.

Desde que René Descartes reformulou a realidade como um dualismo interno/externo, de mente/matéria, a filosofia ocidental tem existido sujeita a esta distinção. Mas a Física Quântica permite-nos ver que, à semelhança da fixidez newtoniana da realidade macrofísica e da natureza comportamental do ego condicionado, a dicotomia interior/exterior também não passa de uma ilusão que mascara o papel da consciência enquanto realidade. Ao penetrarmos na ilusão, estendemos a ciência às nossas experiências subjetivas, interiores.

Já não era sem tempo. Hoje em dia, orgulhamo-nos muito da progressiva consciencialização do ser humano a respeito da importância da Ecologia. A palavra «ecologia» vem de duas palavras gregas — *oikos*, que significa «onde vivemos», e *logos*, que significa «conhecimento». Como tal, ecologia significa o conhecimento do nosso meio, do local onde vivemos. Mas, na realidade, onde é que vivemos? Não vivemos tanto no nosso espaço sutil interior como no mundo exterior? O sociólogo Erne Ness chama a atenção para isto e implora-nos que sigamos a «Ecologia Profunda»; ou seja, que aprendamos a viver em harmonia, não só com o nosso meio exterior, mas também com o nosso meio interior. Por outras palavras, embora devamos cuidar do nosso mundo exterior, devemos também cuidar da psique interna, devemos transformar o nosso ser interior. A visão quântica do mundo convida-nos a participar neste tipo de cuidado dual, e os ativistas quânticos seguem esta sugestão.

CAPÍTULO 4

ZEN E FÍSICA QUÂNTICA

O budismo zen contém muitos paralelos com a Física Quântica na forma como apresenta as ideias básicas da dualidade espiritual — céu e terra, transcendente e imanente. Por exemplo, no zen existem dois domínios da realidade — o domínio do vazio, ou vacuidade, e o domínio da forma. A teoria da onda/partícula da Física Quântica reconhece dois domínios semelhantes: o domínio da potencialidade e o domínio da realidade. Do mesmo modo, a consciência desempenha um papel em ambos os domínios da Física Quântica, tal como acontece no *zen*, como podemos ver nesta parábola:

Dois monges estão a discutir. Um diz:

«A bandeira move-se.»

O outro diz:

«Não, o vento move-se.»

Um mestre, ao passar por eles, adverte-os:

«A bandeira não está a mover-se; o vento não está a mover-se.

A vossa mente está a mover-se.»

Como o demonstram as histórias como esta, os estudantes do *zen* dão por si muitas vezes intrigados com os seus domínios espirituais, da mesma forma que os estudantes da Física Quântica ficam intrigados quando confrontados pela primeira vez com os domínios separados do mundo quântico. De facto, o físico Niels Bohr disse certa vez: «Quem não ficar intrigado com a Física Quântica, não será capaz de a entender.» O mesmo acontece no *zen*, cujos estudantes alcançam a compreensão através de um despertar criativo. A disciplina da Física Quântica não é apenas um monte de informações que temos de aprender. É uma forma de ver o mundo na qual descobrimos as implicações mais profundas de um novo paradigma, um paradigma que nos leva a despertar para a natureza da própria realidade.

Opostos Simultâneos

Segundo o ponto de vista *zen*, os opostos podem existir simultaneamente; as coisas contraditórias podem existir ao mesmo tempo, tal como no-lo mostra esta história:

Um mestre está a ensinar dois discípulos; um terceiro discípulo encontra-se sentado um pouco mais longe, a ouvir. Um dos dois discípulos expressa a sua compreensão do que o mestre está a ensinar.

O mestre diz:

«Sim, tens razão.»

O outro discípulo, por sua vez, apresenta uma interpretação completamente diferente do ensinamento. Mais uma vez, o mestre diz:

«Tens razão.»

Ambos os discípulos se vão embora satisfeitos. O terceiro confronta o mestre, dizendo:

«Mestre, estás a ficar velho. Como é que os dois podem estar certos?» O mestre olha para ele e responde:

«Tu também tens razão.»

A Física Quântica funciona de maneira semelhante. Perante cada proposição, o oposto também pode ser verdadeiro, porque a própria natureza dos objetos obriga-nos a aceitar a oposição de conceitos. Por exemplo, um dos primeiros ensinamentos da Física Quântica é que um objeto quântico pode ser simultaneamente uma onda e uma partícula. Mas as ondas difundem-se, podem estar em dois ou mais lugares diferentes ao mesmo tempo. As partículas, por outro lado, comportam-se de maneira diversa, visto que só podem estar num lugar num dado momento; e deslocam-se sempre segundo uma trajetória única e definida.

Na vida quotidiana, enfrentamos muitas vezes opções contraditórias semelhantes. Queremos tomar uma decisão — escolher —, mas não podemos, porque também queremos manter todas as opções em aberto. A teoria quântica permite-nos fazer exatamente isso. Podemos manter todas as opções em aberto do ponto de vista da potencialidade, enquanto tomamos a decisão — fazemos a escolha — de colapsar um potencial em realidade. Na Psicoterapia, ao domínio da potencialidade que contém todas as opções ao mesmo tempo dá-se o nome de inconsciente. Cada vez mais psicoterapeutas estão a dar-se conta do valor do inconsciente na terapia, ao descobrir que, quando o indivíduo permite que a mente inconsciente processe as suas escolhas, fica mais satisfeito com o resultado.

O que importa reconhecer é que a Física Quântica encontra-se integrada na natureza da realidade. Quando a Física Quântica diz que um objeto é tanto uma onda como uma partícula, não se trata de uma ferramenta educativa nem de uma declaração metafórica. É realmente assim. Durante muito tempo, isto não foi claramente entendido. A teoria quântica era encarada simplesmente como uma forma de descrever a realidade para a tornar mais fácil de compreender. Mas não é disso que se trata. A Física Quântica é, na realidade, uma nova maneira de reconhecer os objetos quânticos que está a dar origem a muitos progressos em muitos campos.

Por exemplo, consideremos o caso da dualidade onda/partícula. Quando dizemos que um objeto é onda e partícula, não estamos a dizer que um objeto é tanto uma onda como uma partícula no espaço e no tempo, neste domínio espaciotemporal manifesto da realidade. O que estamos a dizer é que a «ondeidade» de um objeto é verdadeira num domínio da realidade que se encontra para lá do espaço e do tempo — uma realidade que não é manifestada. Estamos a dizer que existe um domínio de realidade para lá do espaço e do tempo, um domínio ao qual chamamos domínio da potencialidade. No domínio da potencialidade, o objeto é uma onda de potencialidade, ou possibilidade.

O Domínio da Potencialidade

Este domínio, que se encontra para lá do tempo e do espaço, não é apenas semelhante à consciência: ele é a consciência. Esta revolução concetual teve lugar pouco depois de os dados experimentais demonstrarem que existe uma maneira de distinguir, experimentalmente, entre o domínio da potencialidade, onde os objetos são ondas de possibilidade, e o domínio da realidade, onde os objetos são partículas. O físico francês Alan Aspect e os seus colaboradores criaram uma experiência na qual demonstraram que este domínio da potencialidade tem uma característica única e definidora: as comunicações que ali têm lugar não precisam de nenhum sinal, de nenhuma mediação. As implicações desta descoberta são espantosas, visto que, se a comunicação pode ocorrer instantaneamente e sem mediação neste domínio, a consequência lógica é que o próprio domínio é uma única coisa. É um continuum de algo interconectado.

Aqui mesmo, estamos a comunicar através das palavras: eu escrevi algumas e o leitor está a lê-las com recurso a sinais no espaço e no tempo. Mas também podíamos estar a comunicar por intermédio do domínio da potencialidade. Se eu formulo um pensamento, mas não o expresso verbalmente nem por escrito, esse pensamento continua a poder difundir-se por meio do domínio da potencialidade e chegar ao leitor. Instantaneamente. É o que acontece quando as palavras de um escritor ou as imagens de um artista nos inspiram a criar um novo pensamento ou sentimento. As palavras escritas ou faladas, ou as imagens, são o «gatilho» que desencadeia uma conexão não-local que tem como resultado algo completamente diferente.

No budismo *zen* deparamos com enigmas como este: o que é o som de uma mão a bater palmas? Este enigma encapsula a ideia de que as coisas nascem da potencialidade. Qualquer pensamento é uma potencialidade com muitos significados antes de se tornar um pensamento real com um significado único. E, nessa potencialidade, a onda de possibilidade desse pensamento tem muitas facetas. A conversão da potencialidade em realidade transforma um pensamento ou objeto multifacetado num pensamento ou objeto com uma única faceta: converte uma onda numa partícula.

Muitos de nós tendemos a pensar que a consciência existe porque existem seres humanos. Todavia, de acordo com a explicação quântica, a consciência já

existe no domínio da potencialidade, quer os seres humanos estejam presentes quer não. De facto, este é o ponto fulcral. Mas o leitor não pode esquecer que este domínio se manifesta, pelo que nos deparamos com o facto de a manifestação da consciência como autoconsciência ter lugar ao mesmo tempo que os pensamentos ou objetos passam de ondas a partículas.

Neste domínio da potencialidade, não existe forma. A forma manifesta-se de um modo específico quando se escolhe uma possibilidade e esta é colapsada em realidade — manifesta-se na realidade. Assim sendo, se soubéssemos manifestar uma forma específica de um modo específico no domínio espaciotemporal (como uma realidade tridimensional), seríamos capazes de resolver problemas e de concretizar o que queremos nesta realidade. Mas isso exigiria que fôssemos capazes de sentir a possibilidade correta no domínio da potencialidade.

E às vezes tudo o que temos é um sentimento. Podemos ter uma intuição a respeito daquilo que existe no domínio da potencialidade que pretendemos manifestar. Mas o domínio da potencialidade tem muitas possibilidades. Como tal, temos a oportunidade de processar todas estas possibilidades e as suas combinações em simultâneo (toda uma *gestalt*), a fim de obter uma resposta para o problema questão.

É aqui que o *zen* e a Física Quântica convergem como abordagem à mente humana. Tanto o pensamento *zen* como o pensamento quântico têm como base o facto de permitirem dois níveis de pensamento. Em contraste, o pensamento no mundo newtoniano tem lugar apenas num nível. Neste mundo de um único nível, que existe apenas no espaço e no tempo manifestos, apenas existe aquilo a que chamamos pensamento consciente. O pensamento consciente permite-nos ver várias respostas possíveis, mas só podemos considerar um aspeto de cada vez, uma faceta de cada vez. Quando permitimos que o processamento de pensamentos ocorra, não só no domínio espaciotemporal, mas também no domínio da potencialidade, o pensamento *convergente* pode processar muitas facetas ao mesmo tempo. O domínio espaciotemporal é bom para gerar uma série de respostas *divergentes*: é aquilo a que chamamos pensamento *divergente*. Mas, para chegar a uma solução, é mais eficaz o processamento simultâneo de muitas possibilidades no domínio da potencialidade, seguido pela escolha — o pensamento convergente.

Ora, o processamento de pensamentos é muito diferente no domínio da potencialidade. No espaço-tempo, somos conscientes; no domínio da potencialidade, estamos inconscientes. É só depois de repetidos episódios de processamento inconsciente que o pensamento convergente se manifesta sob a forma de uma solução, de um salto quântico.

Múltiplas Possibilidades

Se a potencialidade quântica pode conter múltiplas possibilidades para aquilo que procuramos, conclui-se facilmente que algumas dessas possibilidades serão «boas» e outras não. Evidentemente, queremos sempre escolher «boas»

possibilidades, possibilidades que melhorem as coisas ou que alterem a nossa realidade de forma construtiva. Então, como é que podemos ter a certeza de obter as possibilidades concretas que permitirão uma mudança positiva no meio de toda esta potencialidade?

Esta é uma pergunta muito boa, embora a resposta não seja muito satisfatória: simplesmente, não existe garantia nenhuma. Como tal, as nossas percepções criativas a respeito de um problema podem ter consequências muito dolorosas para os outros. Nenhum japonês precisa que lhe recordem a dor que a bomba atômica trouxe ao mundo. Todavia, os cientistas que a desenvolveram usaram certamente princípios quânticos e, certamente também, o pensamento *zen*. Às vezes, no rescaldo de um acontecimento, pode parecer que a criatividade tanto pode levar ao mal como ao bem. Mas se considerarmos a evolução — e fá-lo-emos —, vemos que por vezes é necessário um mal temporário para chegar ao bem final — para que o tempo nos traga um progresso evolutivo. Por mais doloroso que seja para qualquer japonês recordar Hiroxima e Nagasáqui, estes incidentes mostraram-nos os horrores da guerra atômica e talvez nos tenham salvado de uma guerra atômica ainda mais devastadora no futuro.

E isto também se aplica à nossa vida pessoal. Por exemplo, envolvemo-nos em situações que podem ser problemáticas ou difíceis, mas estas são muitas vezes aquelas em que superamos barreiras e alcançamos o estágio seguinte do nosso crescimento pessoal. Isto recorda-me outra história *zen*:

Um mestre *zen* tinha o hábito de levantar o dedo indicador, um hábito do qual um certo menino muitas vezes zombava. Um dia, o menino pôs-se a dar ao indicador numa imitação do mestre, que tudo viu. Ele agarrou no pequeno e, com uma faca afiada, cortou-lhe o dedo ofensor. Quando o menino gritou em agonia, o mestre chamou-o pelo seu nome e ergueu o dedo indicador. Diz a história que o menino alcançou a iluminação naquele momento.

Esta história incomodava-me bastante. Demorei muito tempo a perceber que a sua moral era que o menino só precisava de um valente susto para o levar a um novo nível no seu crescimento pessoal. O que parece uma maldade por vezes é necessário para nos arrancar da ignorância e nos colocar no caminho do crescimento. Às vezes, a não ser que soframos, somos incapazes de dar o salto quântico para uma realidade melhor. Da mesma forma, uma doença terrível também pode ser uma oportunidade de experienciar a cura quântica, de dar um salto quântico no pensamento emocional para nos curarmos, corrigindo um significado defeituoso no processamento (de sentimentos) e reativando o sistema imunitário até recuperar a saúde. Se estivermos preparados, o mesmo salto quântico pode ser um salto para a iluminação.

Na tradição *zen*, os estudantes passam por cinco dias de meditação extenuante, o que lhes provoca dores intensas nos joelhos. Esta dor pode levá-los a perder temporariamente a concentração, deixando assim que a mente se disperse. Mas, depois de repetida esta prática algumas vezes, aprendem a relaxar quando a dor surge. O resultado é uma prática alternada entre fazer e ser — atenção concentrada e relaxamento —, aquilo a que eu chamo fazer-ser-fazer-ser-fazer (o *do-be-do-be-do* da canção de Frank Sinatra). Passados esses cinco dias, os estudantes apresentam-se ao mestre e experimentam o *satori*,

um salto quântico. Existe outra história *zen* que toma em conta esta transformação:

Um grupo de budistas partilhava uma prática espiritual de correr à volta de uma montanha durante mil dias. Todavia, um dos monges desistiu passadas apenas algumas centenas de dias. Os outros concluíram que ele devia ter sido inspirado e recebido uma percepção nesse preciso momento.

A Criatividade

O caminho do *zen* para a iluminação repentina esteve envolto em mistério durante muito tempo. Mas este mistério resolve-se quando tomamos em consideração o processo quântico da criatividade. Segundo a maioria das pessoas, a criatividade não é mais do que trabalho e esforço. Muitas delas, e a maioria dos cientistas, acreditam que todas as ideias criativas são descobertas graças à utilização inteligente do chamado método científico: *experimentar e observar*. Além disso, tentam dar algum *glamour* a esta ideia ao dizer que, porque os cientistas *experimentam e observam*, o processo de verificação é a abordagem crucial para a criatividade. Mas os investigadores descobriram que esta é uma maneira muito pouco eficaz de encontrar a resposta para perguntas realmente difíceis e ambíguas, simplesmente porque existem demasiadas possibilidades para que as possamos experimentar e avaliar individualmente. Tem de haver um processo melhor.

Ao cabo de muita pesquisa sobre muitos históricos de casos, os investigadores descobriram que estava a acontecer algo realmente diferente. Os cientistas esforçavam-se muito na exploração de um problema. Depois encontravam algumas respostas, alguns indícios, e davam-se por satisfeitos. Não faziam mais nada. E, normalmente, as suas ideias mais inovadoras emergiam deste estado de descontração.

Um amigo, japonês, que era redator numa empresa de publicidade muito importante, descreveu alguns dos seus colegas como pessoas relativamente descontraídas e tranquilas. Mas descobriu que aqueles que pareciam mais descontraídos e tranquilos também pareciam ser capazes de explorar a sua criatividade muito melhor do que os colegas mais ocupados e tensos. E esta é a mensagem da investigação de campo sobre a criatividade: esta não requer apenas uma grande concentração para gerar intensidade, coisa que a maioria das pessoas é capaz de fazer hoje; também requer uma atitude relaxada, uma certa «desconcentração» mental. Estes são os dois estágios do processo criativo: preparação e processamento inconsciente. Fazer-ser-fazer-ser-fazer.

Embora os investigadores soubessem isto há já algum tempo, ninguém conseguia explicar o motivo. Todavia, quando surgiu a Física Quântica com a sua interpretação adequada, encontrámos a explicação com grande facilidade. Entre acontecimentos nos quais se regista uma escolha, os objetos quânticos difundem-se, porque são ondas de possibilidade. Tal como acontece quando atiramos uma pedra a um lago, as ondas quânticas de possibilidade expandem-

se literalmente e convertem-se em lagos de possibilidades cada vez maiores, possibilidades entre as quais podemos escolher. Como tal, existe uma vantagem em esperar antes de escolher, porque, se escolhermos muito depressa, o lago de possibilidades a partir do qual escolhermos é pequeno. Mas se esperarmos — se soubermos relaxar —, o lago de possibilidades será consideravelmente maior, o que obviamente é uma tremenda vantagem para a nossa criatividade.

Claro que, se esperarmos muito tempo, podemos simplesmente perder a concentração no problema em causa. Como tal, também tem de existir uma certa noção de urgência que nos leve aos rasgos de criatividade. É por isso que, quando dou cursos que exigem a apresentação de um trabalho final, fixo prazos para os meus alunos. E encorajo-os sempre a prepararem-se e relaxarem, mas digo-lhes que nunca escrevam a versão final antes que a data de entrega esteja próxima.

Para o Bem e Para o Mal

Na potencialidade existem muitas possibilidades, algumas das quais farão com que as coisas melhorem; enquanto outras farão que piorem. Naturalmente, tendemos a procurar apenas as possibilidades que melhoram as coisas e a esperar que só aconteçam coisas positivas. Na realidade, porém, não é isto que acontece: por mais positivas que sejam as nossas intenções, não deixam de acontecer coisas negativas. Talvez não saibamos escolher; talvez as nossas intenções sejam algo confusas. Poderá isto mudar no futuro, à medida que evoluirmos em termos de consciência? As coisas negativas passarão a acontecer com menos frequência e as positivas com mais frequência à medida que formos evoluindo? Pessoalmente, penso que, embora, em média, isto possa ser verdade, é provável que ainda tenhamos de concretizar algo negativo de vez em quando para chegarmos a algo de positivo mais tarde.

Os acontecimentos negativos criam uma urgência que gera intensidade, a qual, por sua vez, estimula em nós a criatividade. O sofrimento, quer queiramos quer não, motiva-nos. Recordemos o menino que perdeu o dedo. Claro que seria melhor se pudéssemos estimular a exploração criativa apenas por via de uma curiosidade saudável. Infelizmente, porém, no nosso atual estado de evolução, é improvável que muitos de nós procuremos a criatividade quântica ou a iluminação *zen* apenas por mera curiosidade, sem um qualquer empurrão do sofrimento. É isto que me leva a crer que, especialmente no budismo, se dá uma certa ênfase ao reconhecimento do sofrimento. E sendo a vida e o mundo tal como são, suspeito que sempre hão de existir provações e tribulações que nos estimularão a crescer.

Importa reconhecer que podemos responder às situações de crise e aos acontecimentos negativos de uma forma que fomente resultados mais positivos. Os conflitos armados, as alterações climáticas globais e os problemas políticos e económicos podem ser vistos como sinais de perigo capazes de gerar oportunidades para a criação de uma nova realidade. Podemos ver um mundo cheio de problemas como uma oportunidade para dar um salto quântico criativo

rumo a uma nova visão da realidade, uma vez que, numa visão do mundo baseada nos princípios quânticos e na sabedoria *zen*, tudo é possível — literalmente possível. Tendo esta plataforma como ponto de partida, podemos dar saltos quânticos — saltos de pensamento descontínuos a partir da potencialidade, com o intuito de manifestar realidades nunca antes manifestas — para resolver problemas na área da saúde física e mental, nos negócios, na política e no meio ambiente.

As mulheres parecem ter melhores resultados neste tipo de salto que os homens, visto que estão abertas a emoções superiores — elas estão no seu coração. Da mesma forma, algumas culturas (como as do norte da Índia, do Japão, do Brasil ou de Itália) são, em geral, menos lógicas e mais emocionais. Isto não quer dizer que não pensam logicamente, apenas que tendem a não dar tanta importância à lógica e a pensar de um modo mais ou menos informe, mais semelhante à potencialidade. Estas culturas estão prontas para o ativismo quântico. Quando misturamos cabeça e coração, razão e emoções, transcendemos ambos. Com a criatividade quântica, podemos resolver todo o género de conflitos e preparar o caminho para uma realidade melhor.

Quando tentarmos dar o salto quântico para a nova realidade, vamos precisar de elementos tanto lógicos como não-lógicos, de emoções e intuições. Teremos de nos concentrar no sentimento e na intuição, assim como no mental e no lógico. O *zen* e o *ioga* floresceram nos Estados Unidos quando estas práticas estavam em declínio no Japão e na Índia, e estas disciplinas oferecem-nos um modo de pensar no qual podemos criar uma nuvem de não-saber antes de darmos o salto quântico para a sabedoria. Reconhecer esta nuvem de não-saber representa um esforço que nos exigirá intuições e emoções que nos orientem. Mas também teremos de nos concentrar, de fazer um esforço racional consciente no processo de criatividade. Não será um processo fácil, nem será rápido.

O leitor permita-me concluir com mais uma história *zen*:

Ao fim de catorze anos de treino de consciencialização, um estudante recebeu do seu mestre um convite para um jantar de celebração em casa deste. Estava um dia de chuva, pelo que, quando chegou, o discípulo poisou o guarda-chuva à porta, descalçou os sapatos e entrou. O mestre deu-lhe as boas-vindas e perguntou:

«Trouxeste um guarda-chuva?»

«Sim, mestre, trouxe um comigo», respondeu o estudante.

«Vejo que também descalçaste os sapatos. Muito atencioso.»

«Obrigado, mestre.»

«Agora diz-me, de que lado do guarda-chuva deixaste os sapatos: esquerdo ou direito?»

O aluno não se lembrava.

«Mestre, não faço ideia», admitiu o estudante.

«Pois bem, esperam-te mais catorze anos de treino», disse o mestre.

CAPÍTULO 5

PENSAMENTO, SENTIMENTO E INTUIÇÃO

No mundo material inanimado, o micro constitui o macro e o macro é, como tal, redutível ao micro. Este «reducionismo» é o modo como o mundo material se encontra estruturado. Noutros mundos, nos mundos que experienciamos internamente, não existe a distinção micro/macro, não existe nenhum micro que constitua o macro, e isto diz-nos algo muito importante.

Uma das coisas nas quais a ciência moderna foi bem-sucedida foi na demonstração de que o mundo material inanimado é reducionista, de que todos os objetos inanimados são constituídos por componentes mais pequenos. E isto traz-nos benefícios importantes. A capacidade de criar representações da matéria baseia-se no facto de, no nível macro, quase não existir movimento quântico; ou seja, há uma relativa fixidez. Sem essa fixidez newtoniana aproximada, não podíamos criar representações das nossas experiências subtis com recurso a matéria. E sem representações não podíamos ter uma consciência incorporada (um eu hierarquicamente interligado) nem os níveis subtis de experiência incorporados (memória, *software*). Por sua vez, sem essas incorporações e sem memória, não teríamos uma personalidade estável nem registos escritos nem civilização. Assim sendo, a natureza micro/macro da realidade material é realmente necessária para que o nosso mundo funcione tal como funciona.

Por outro lado, a exploração do espiritual começa com o subtil. As tradições espirituais perceberam há muito tempo que apenas podemos chegar à totalidade através do subtil, não da realidade espaciotemporal material. Quando entramos no subtil, descobrimos que não existe nenhuma distinção entre micro e macro, nenhum micro que constitui o macro. Se nos perdermos no físico, perdemo-nos nas hierarquias simples que a matéria cria, nas hierarquias que constituem o mundo inanimado. Mas a sabedoria — que não tem hierarquias — é essencial para alcançar o domínio espiritual da realidade.

A sabedoria do pensamento quântico assenta no facto de dar igual importância ao físico e ao subtil — precisamos de ambos. Além disso, a natureza quádrupla da experiência no modelo quântico encontra-se mais ou menos em sintonia com a classificação junguiana dos quatro tipos de personalidade: sensação, sentimento, pensamento, intuição. Jung demonstrou que as pessoas utilizam seletivamente um destes modos de experiência em detrimento dos outros. Temos de alterar esta tendência. Temos de integrar todos estes modos, temos de usar todas as nossas experiências. O trabalho de Jung é importante, porque codifica a maneira como somos feitos, o modo como podemos experimentar a realidade. É necessário que o neocórtex colapse uma possibilidade quântica numa experiência subjetiva que consista não só em sensações e sentimentos, mas também em pensamentos e intuições.

É também o neocórtex que permite à mente atribuir um significado a todas as experiências. Todavia, a não ser que nos tornemos muito sensíveis, o que realmente experienciamos diretamente não são sentimentos, mas sim emoções — entendo a emoção como o efeito do sentimento na mente, o sentimento misturado com o pensamento. Temos de nos tornar sensíveis aos sentimentos puros que precedem a experiência que temos da emoção. Mas temos o mesmo problema com a intuição. Temos de nos tornar sensíveis ao que realmente aconteceu antes de podermos pensar nisso intuitivamente.

Os Circuitos Emocionais

O que é que realmente acontece quando nos surge um pensamento intuitivo? O pensamento intuitivo é algo de muito especial, visto que quase sempre ocorre acompanhado de uma sensação nas nossas entranhas ou de um arrepio na coluna vertebral. Ou talvez possamos sentir um tremor nos joelhos, onde se situa um par de chacras menores. Se somos sensíveis, podemos seguir a intuição até à sua origem, até à experiência que deu lugar tanto ao pensamento intuitivo como à sensação nas entranhas. Do mesmo modo, quando nos tornamos sensíveis ao sentimento, seguimos a emoção até à sua origem e começamos a sentir a energia vital visceralmente, no corpo, nos chacras.

Em geral, a criatividade e a intuição surgem quando, em termos gerais, estamos a desfrutar da vida e a divertir-nos. É raro ver a intuição surgir no meio do sofrimento ou da negatividade, ou a meio de uma exploração intelectual. Isto porque o sofrimento e a negatividade nos separam da unidade, que é uma consciência superior, e o mesmo se passa com uma racionalidade excessiva. Por sua vez, a exploração criativa corre-nos melhor quando o vital (os chacras superiores) e o mental estão implicados. É por isso que importa recordar que aquilo a que chamamos supramental também é supravital. Isto também significa que estamos a explorar a criatividade fundamental (a exploração criativa dos arquétipos) e não a criatividade situacional (resolver um problema dentro de determinados contextos arquetípicos). A criatividade situacional não envolve necessariamente sentimentos. Mas, para sermos mais eficazes, temos de incluir também a dimensão do sentimento nas nossas explorações de criatividade.

Um filósofo meu amigo disse-me certa vez que era capaz de invocar os seus sentimentos de um modo tal que aumentava bastante a sua eficiência. Por outro lado, admitiu que, ao utilizar as emoções desta maneira, por vezes o tiro saía-lhe pela culatra e ele dava por si apanhado nas suas próprias emoções e tornava-se anárquico — ou pior, *conflituoso*. Com base em tudo isto, concluiu que, quando as usamos bem, as emoções podem gerar resultados maravilhosos. Todavia, quando são mal utilizadas, podem ter consequências terríveis. Como tal, a emoção é uma espada de dois gumes — tanto nos pode levar numa direção positiva como noutra negativa.

Em suma, é fácil perdermo-nos na confusão das emoções. E esta é uma dimensão muito importante que devemos ter em conta, uma vez que devemos entender que os sentimentos estão ligados aos órgãos do corpo. A imagem dos

chacras apresentada na Figura 7 mostra-nos que existem sete chacras principais ao longo da coluna — sete centros principais dos sentimentos. Cada um deles está localizado nas proximidades de órgãos muito importantes do corpo, órgãos que desempenham importantes funções biológicas.

Por que é que tudo isto é importante? O leitor recorda-se dos campos morfogenéticos? São os programas, ou «moldes», das formas e das funções biológicas que ajudam a consciência a criar os órgãos necessários às funções biológicas à medida que a vida se desenvolve. Além disso, os sentimentos que experienciamos em cada um dos chacras encontram-se estreitamente correlacionados com as funções biológicas dos órgãos existentes em cada local.

Sem dúvida, temos de dar a devida importância ao facto de, ao longo da evolução, o cérebro — cuja função é integrar — ter assumido parte do controlo das funções do organismo. O preço que pagámos por uma parte desta integração — ou seja, o processo de coordenação — é que o cérebro se tornou o centro não só dos pensamentos, mas também dos sentimentos, pelo menos dos sentimentos associados aos chacras inferiores. Estes sentimentos condicionados pela evolução ficaram representados no cérebro.

À medida que a mente atribui significado aos sentimentos, estes ficam associados aos pensamentos neocorticais. A negatividade de uma emoção provém da associação do sentimento com a mente — o significado mental. Dispomos daquilo a que se chama circuitos cerebrais instintivos, que produzem emoções negativas como a ira, a luxúria, a competitividade, o ciúme ou a inveja. Mas a evolução não produziu muitos circuitos cerebrais emocionais positivos — apenas alguns, como o instinto materno. De facto, na maioria das culturas, descobrimos que o instinto materno é venerado como um reflexo sagrado do arquétipo da mãe divina. Algumas pessoas também possuem aquilo a que poderíamos chamar um circuito cerebral altruísta. E existe também um circuito cerebral espiritual — considerado como «Deus no cérebro» por alguns cientistas — que, quando estimulado, desencadeia uma experiência «espiritual». No entanto, não existe um circuito cerebral para o amor incondicional, nenhum circuito cerebral para a bondade em geral, nem para a beleza, a abundância, a justiça ou a integridade.

Enquanto permanecermos insensíveis ao que está a acontecer no nosso corpo quando experienciamos uma emoção, continuaremos a estar inconscientes dos nossos sentimentos puros. E isto representa uma grave dificuldade para a maioria de nós. Quando falo de sentimento puro, refiro-me a um sentimento ao qual não foi atribuído nenhum significado pela mente; ou seja, um sentir sem pensar. E esta é uma distinção muito importante entre emoção e sentimento. A emoção é um sentimento mais um pensamento, o sentimento mais o significado que lhe é dado. Era aqui que Jung queria chegar quando estabeleceu que existem quatro tipos diferentes de experiência pura.

A Energia dos Chacras

Uma das primeiras tarefas do ativista quântico é a de tomar consciência dos aspectos viscerais das suas emoções; ou seja, dos sentimentos puros que experienciamos quando surge uma emoção. Podemos fazer exercícios para ativar os chacras e para nos familiarizarmos com eles. Com a prática, podemos tornar-nos suficientemente sensíveis para sentir a energia do chacra que precede a experiência cerebral. Não é fácil sentir a energia nos chacras inferiores quando nos encontramos imersos numa emoção, mas a vantagem de o fazermos é que, quando lhe ganhamos o jeito, também podemos sentir a energia dos chacras superiores; ou seja, daqueles sentimentos para os quais não existem circuitos cerebrais instintivos.

Deste modo, descobrimos algo muito belo: que o cérebro não domina com facilidade os chacras superiores. Temos de aprender a ativar estes chacras. Por exemplo, podemos fazer exercícios como segurar um bebé ou um animal de estimação nos braços e sentir essa energia no nosso coração. Quando o fazemos, o cérebro hierárquico interligado adquire o sentimento, a consciência dá-lhe significado através da mente (um significado que o cérebro regista) e experienciamos a emoção positiva do amor. Evidentemente, com o tempo, esta experiência ficará armazenada num circuito cerebral de memória.

Outro exercício possível é cantar durante o banho. O leitor sente a energia no seu chacra da garganta, que por sua vez acaba por gerar uma emoção positiva de expressão exultante. Talvez sinta como se ventos estivessem a soprar através do chacra da garganta. Talvez sinta um formigueiro na garganta, ou uma espécie de movimento mais intenso, como um pulsar. Os azulejos de uma casa de banho ou da banheira fazem com que o som reverbere e se amplifique, tornando-o mais potente. Se o leitor cantar sem reservas, começará a sentir a energia no chacra da garganta. Se cantar uma canção de amor, também pode ativar o chacra do coração. Os chacras frontal e da coroa são um pouco mais difíceis de ativar, mas o leitor pode recorrer aos do coração e da garganta para ajudar a ativá-los e deixar que eles o levem a um mundo de emoções positivas.

Nos chacras superiores, temos a sensação de que a consciência se expande e sentimos um calor proveniente do excesso de energia vital nesses chacras. Por exemplo, quando somos atingidos pela clareza mental, sentimos calor entre as sobrancelhas, um calor que pode tornar-se bastante intenso. Na puberdade, algumas raparigas começam a intuir o seu poder pessoal quando a energia vital ascende ao chacra frontal. Na Índia, é costume as raparigas cobrirem o chacra frontal com alguma coisa, como pasta de sândalo, porque se crê que este ponto delicado deve ser mantido fresco. Ainda hoje, as mulheres indianas usam adornos muito elegantes, chamados *bindis*, entre as sobrancelhas.

Há alguns anos, a minha mulher e eu estávamos a ministrar oficinas conjuntas sobre Física Quântica e Psicologia do Ioga na Escandinávia. Ela costumava usar uns *bindis* exóticos nas sessões. Os nossos clientes, pelo menos as mulheres, deviam ter alguma curiosidade, mas nunca perguntavam pelos *bindis*. Um dia, quando eu estava a explicar a utilização original dos *bindis*, a

minha mulher entrou na sala para a sessão seguinte e trazia o *bindi* mais exótico que se possa imaginar: as mulheres bateram palmas. Finalmente compreendiam o porquê.

A maioria dos exercícios para ativar os chacras é concebida não tanto para os sentimentos gerados pelos chacras inferiores, mas para a concentração nos chacras superiores. Os inferiores não são considerados tão úteis e podem até ser tidos como perigosos. Mas também nos podem ser úteis em certos aspetos. Podemos começar a gerir os chacras inferiores como parte do nosso regime de saúde. Um grande problema do nosso sistema corpo/mente é que experienciamos as emoções exclusivamente no cérebro, pelo que muitas vezes nos esquecemos do corpo. Isto faz com que as doenças causadas pelo mau funcionamento dos chacras inferiores sejam muito frequentes. Por exemplo, muitas pessoas sofrem atualmente de síndrome do cólon irritável ou de obstipação, que os freudianos atribuem à retenção anal de emoções reprimidas. Trata-se aqui de doenças dos chacras inferiores que surgem porque não os equilibramos e, como tal, impedimos o livre fluxo de energia vital através deles.

Da mesma forma, muitas pessoas, especialmente as mulheres, têm dificuldades com o terceiro chacra — o do estômago — como consequência da sua insegurança. As úlceras, por exemplo, são uma doença muito comum que tem a sua origem num bloqueio da energia do terceiro chacra. Estas doenças são muitas vezes exacerbadas, porque não prestamos atenção à experiência da energia nestes chacras. O que experienciamos é a emoção associada a um circuito cerebral — ira, orgulho ou uma dose excessiva de egoísmo. Tudo isto é experienciado no cérebro e não na barriga.

Quais são, então, as formas seguras de que dispomos para experimentar os sentimentos ativados nos três chacras inferiores? Em primeiro lugar, temos de ser sensíveis ao corpo quando nos emocionamos, a começar pelo cérebro. Sem dúvida, experimentamos primeiro a emoção, porque o cérebro assume o controlo: a nossa noção do eu, de identidade, está aqui. Mas cada emoção vem com uma história, visto que alguma coisa aconteceu antes da emoção. Quando nos tornamos sensíveis, recordamos toda a cadeia de acontecimentos (ou seja, os acontecimentos que a consciência escolheu e colapsou) retrocedendo no tempo. As emoções começam como sentimentos na parte inferior do tronco cerebral — cerebelo, ponte de Varólio (ou protuberância anular) e bulbo raquidiano. Pouco depois, o neocórtex vê-se envolvido.

A escolha e o subsequente colapso — a mudança da possibilidade para a realidade — podem precipitar um acontecimento isolado imediato. Mas também podem precipitar um acontecimento retroativamente, recuando no tempo e seguindo a cadeia completa de acontecimentos que são pré-requisitos do acontecimento presente. Chama-se a isto escolha tardia ou colapso retardado. A consciência escolhe com uma certa demora, colapsa toda uma cadeia de potencialidades e gera assim uma cadeia inteira de acontecimentos que retrocedem no tempo até à potencialidade que iniciou a cadeia causal. Esta ideia da escolha tardia é um conceito perfeitamente lógico que foi verificado por experiências sobre as quais falaremos mais adiante. De momento, basta dizer que, quando observamos a memória antes de um pensamento intuitivo, podemos tornar-nos sensíveis à intuição e aos sentimentos que surgem no corpo

quando experimentamos uma intuição. Nesse momento, abrimos o caminho que nos permite experienciar os sentimentos dos chacras superiores.

Vejam o amor, por exemplo. Qual é o sentimento que mais frequentemente obstrui o amor? O que mais o obstrui é o sentimento do medo. O medo pode impedir a dissolução em amor. Ou, por vezes, é a atitude defensiva do ego. Quando confrontados com a emoção do amor, pensamos: «Quero defender quem sou» ou «Por que hei de fazer a diferença para alguém?» O que, a propósito, é exatamente o que o amor quer que façamos. Para reforçar os nossos sentimentos de ego e de controlo, escolhemos então a sexualidade em vez de uma exploração do amor arquetípico.

Não podemos evitar emoções negativas como a ira e as palavras violentas a ela associadas. Essas emoções negativas parecem acontecer de uma forma automática, mas o que podemos fazer é prestar atenção quando ocorrem emoções negativas. Podemos prestar atenção às sensações da energia vital nos chacras inferiores — que podem parecer sensações físicas, mas não são — e aos sentimentos que lhes estão associados. Mas, então, o que é que fazemos? Prestamos atenção aos nossos chacras inferiores? Concentramo-nos no coração? Tentamos elevar a emoção a uma vibração ainda mais superior — aos chacras superiores?

Penso que a melhor estratégia consiste numa abordagem em várias etapas. Na primeira, podemos desenvolver a sensibilidade corporal. Uma vez que o tenhamos conseguido, podemos criar conscientemente experiências corporais positivas de sentimento com a ajuda da mente e das recordações, ou através de uma experiência direta — como segurar um bebé nos braços e sentir a energia que nos chega.

Na segunda etapa, podemos aprender coisas simples, como concentrarmos num problema e dar-mo-nos conta de que o chacra do terceiro olho está envolvido no processo. Quando experienciamos a clareza mental, concentramo-nos. Apercebemo-nos de que estamos a contrair os músculos entre as sobrancelhas, ou que um ponto central na testa está a aquecer. Podemos até fazer alguma coisa para ativar o chacra da coroa. Podemos dedicar-nos a atividades que nos satisfazem, sentir a energia visceralmente no cérebro quando nos sentimos satisfeitos.

Na terceira etapa, podemos começar a usar os exercícios de energia vital de certas tradições sofisticadas como o *tai chi* e o *chi kung* dos chineses, o *aikido* e as artes marciais japonesas e o *pranayama* indiano. O *pranayama* recorre ao controlo da respiração para levar o ar ao chacra frontal e depois até ao *chakra* do umbigo. Utiliza uma técnica chamada «inalação profunda», na qual inspiramos como se o ar subisse diretamente ao topo do nariz, enquanto visualizamos que o chacra frontal é ativado com este fluxo de ar. Depois, ao expirar, esvaziamos o estômago, contraindo os músculos desta área, e sentimos a energia no chacra do umbigo. Da mesma forma, o *tai chi*, o *chi kung* e o *aikido* utilizam gestos e movimentos dos braços e mãos para elevar a energia desde o chacra da raiz até ao chacra da coroa. Há exercícios simples para os principiantes nestas tradições — técnicas que ensino nos meus cursos para que as pessoas se familiarizem com a energia vital e com o modo de vitalizar os chacras.

Vou concluir este capítulo com uma história pessoal sobre a descoberta do movimento da energia nos meus próprios chacras. Em 1981, fui conferencista convidado durante uma semana no Instituto Esalen, em Big Sur, na Califórnia. Na altura, o falecido mestre espiritual Osho (então conhecido como Bhagwan Shri Rajneesh) tinha um grande número de seguidores nos Estados Unidos. Fui convidado para uma meditação matinal com um grupo de Rajneesh e aceitei. Alguém me explicou que a meditação seria constituída por quatro partes. Começámos por sacudir o corpo, mantendo-nos de pé no mesmo lugar, ao que descobri que isto realmente nos desperta. Na segunda parte, disseram-nos que parássemos exatamente onde estávamos e que meditássemos nessa posição. Na terceira, começámos a dançar lentamente ao som da música com os olhos fechados. Eu estava a ir muito bem, até que choquei com alguém. Abri os olhos e dei de caras com um par de seios saltitantes! (O Instituto Esalen era famoso na altura pelas suas práticas nudistas, e eu, embora já estivesse nos Estados Unidos há algum tempo, ainda não estava habituado a isto.) Pois bem, o meu corpo reagiu produzindo essa peculiar protuberância da qual só o homem é capaz e fiquei bastante envergonhado. Felizmente, soou a campainha que indicava o início da quarta parte, na qual todos nos sentávamos e meditávamos. Mas o meu sentimento de vergonha mantinha-se e gerava uma forte sensação de energia que me subia do ânus até à garganta. E a sensação era bastante agradável.

Ora, o leitor deve ter presente que eu cresci na Índia e que, nesta cultura, toda a gente sabe alguma coisa sobre o despertar da *kundalini*, no qual supostamente experienciamos o movimento do prana (energia vital) desde o chacra mais baixo até ao mais elevado. A palavra sânscrita *kundalini*, na realidade, significa «energia enrolada». A mesma ideia, embora expressa em termos quânticos, é que os sentimentos nestes chacras permanecem em potência até que ocorra um súbito salto quântico de despertar. Assim sendo, suspeitei de imediato que tinha tido uma experiência do despertar da *kundalini*, mas fiquei algo desapontado com o facto de a energia não alcançar o chacra da coroa, como descrito na literatura sobre este tema. Terá sido um despertar da *kundalini*? Não sei. Mas o certo é que me fez tomar consciência dos chacras: desde aquele momento, eu soube que as energias dos chacras eram reais.

CAPÍTULO 6

O MUNDO DOS ARQUÉTIPOS

Para lá da mente está o mundo dos arquétipos, ao qual o filósofo Sri Aurobindo chamava o «supramental». Na realidade, esta é uma descrição incompleta desse mundo, porque a esfera de experiências que vão para lá da mente vai mais longe do que as energias vitais que sentimos. Também podemos representar estes arquétipos em sentimentos — aqueles aos quais chamamos sentimentos nobres. Deste modo, o supramental também é supravital, e ambos nos proporcionam contextos realmente interessantes para o pensar mental e o sentir vital. Na realidade, devíamos chamar a esta esfera o mundo supramental/vital.

As intuições são um indício deste mundo supramental — do mundo arquetípico do amor, da beleza, da verdade, da bondade, da justiça, da integridade, da abundância e do eu. A menos que aprendamos a ser sensíveis às subtilezas das intuições, jamais poderemos explorar este mundo supramental. Todavia, é quando nos tornamos sensíveis e seguimos estas intuições que nos deixamos envolver no processo criativo. Quando seguimos as nossas intuições até à essência de um arquétipo, construímos a nossa própria representação mental da percepção do arquétipo e, com o tempo, transformamo-lo num produto que os outros podem apreciar. Eu chamo a isto «criatividade fundamental». No entanto, com mais frequência, as pessoas interpretam criativamente os arquétipos a partir das experiências dos outros — pela leitura de um livro, por exemplo. Após uma exploração mais aprofundada, elas recebem uma visão secundária do arquétipo no contexto oferecido por essa experiência. Trata-se daquilo a que eu chamo «criatividade situacional». Na criatividade situacional, tentamos resolver um problema mantendo-nos no mesmo nível em que ele foi criado.

Os Arquétipos e a Intuição

A visão quântica do mundo pressupõe que todos os mundos de possibilidades quânticas dos quais fluem as nossas experiências se encontram situados na consciência, naquilo a que chamamos inconsciente. Existem quatro mundos de potencialidades dos quais emergem os nossos quatro tipos diferentes de experiências manifestas (ver Figura 5). Naturalmente, o mundo físico é aquele do qual estamos mais conscientes. As nossas experiências sensoriais procedem das reações físicas às potencialidades que denominamos estímulos físicos. Mas de onde vêm os nossos sentimentos? Eles não procedem do mundo físico, mas do movimento das energias no mundo vital da potencialidade. É claro que o físico pode influenciar o vital por intermédio da consciência, e o vital

também influencia o físico por intermédio da consciência. Assim sendo, estes mundos potenciais são mundos paralelos e interativos. O pensamento provém do mundo mental da potencialidade. Quando a consciência escolhe uma das possibilidades de significado, obtemos um pensamento. Todavia, no mundo potencial dos arquétipos, os objetos de possibilidade são os arquétipos.

Os arquétipos podem ser objetos de possibilidade, ou seja, ondas de possibilidade? Na realidade, são objetos multifacetados e esta é a razão pela qual podemos descobrir tantas facetas diferentes em diferentes situações do mesmo arquétipo. Com uma única exceção: o arquétipo da verdade — porque a verdade é absoluta. O mundo arquetípico é um mundo de verdade.

Por que é que a verdade não é multifacetada? Porque o Universo tem de ser criado com um conjunto fixo de leis extremamente refinadas. Assim, todos os objetos do domínio arquetípico, todos os arquétipos, têm um «valor de verdade». É por isso que, na criatividade, numa experiência criativa, sabemos sempre o que sabemos com certeza.

E quando nós, como consciência não-local, escolhemos uma faceta particular dessas possibilidades arquetípicas, experienciamos uma intuição. Mas o corpo físico não tem a capacidade de representar imediatamente a experiência intuitiva, ou seja, de criar uma recordação direta dela. Como tal, criamos uma representação mental da intuição. O cérebro é capaz de criar uma memória dessa representação mental para que possa ocorrer aquilo a que chamamos uma medida quântica. Quando nos lembramos de uma experiência intuitiva, estamos na realidade a recordar uma representação mental dessa intuição.



Figura 8. A evolução da vida como evolução da criação de representações de potencialidades subtis.

Quando exploramos as intuições, estamos a explorar a vanguarda da evolução. Do ponto de vista da consciência, a evolução não é uma evolução da matéria, como Darwin a formulou. Trata-se antes da evolução das representações materiais da consciência e das suas potencialidades subtis (ver Figura 8). O vital foi representado em primeiro lugar: a evolução da vida a partir de uma única célula até que se chegou ao ser humano. Com o advento do neocórtex, a mente pôde ser representada. Antes da chegada do neocórtex, os animais tinham mente, mas experienciavam-na criando representações com os seus sentimentos. Analogamente, na nossa atual fase evolutiva, representamos os arquétipos com a mente e com as energias vitais, e depois com o cérebro e os órgãos do corpo, respetivamente.

Quando um arquétipo supramental nos visita sob a forma de uma experiência intuitiva, chega-nos por intermédio da mente. A mente concede significado à experiência arquetípica e o cérebro, o neocórtex, cria uma representação do significado mental. Aqui, representação significa apenas memória — uma memória de significado mental. Quando essa memória é ativada, a mente reproduz o significado. Com o tempo, havemos de evoluir até um ponto no qual possamos incorporar diretamente os arquétipos.

A Evolução Quântica

Falemos mais um pouco sobre o processo da evolução sob um ponto de vista quântico. A matéria constrói formas complexas numa hierarquia simples — das partículas elementares aos átomos, das moléculas à matéria. O fluxo causal segue um sentido, de baixo para cima, e tudo isto ocorre na potencialidade. As moléculas de matéria criam depois uma hierarquia interligada de dois componentes — nem de baixo para cima nem de cima para baixo, mas sim com ambos os componentes numa causação circular. Quando esta hierarquia interligada na possibilidade corresponde ao programa vital da vida, a consciência reconhece esta correspondência e a vida começa com um colapso consciente.

Deste modo, numa célula viva, as macromoléculas de ADN e das proteínas são as moléculas que estabelecem uma hierarquia interligada de causalidade circular; o ADN é necessário para produzir proteínas, mas as proteínas são necessárias para produzir o ADN. A causalidade circular parece ter lugar num sistema autocontido ou autónomo. Essa é a base da autogeração de vida à qual o biofilósofo Humberto Maturana chama «autopoiese». A consciência é assim representada na célula de uma forma rudimentar; identificou-se com a célula e experienciou-se como algo separado do seu meio, ou seja, de todas as outras moléculas em seu redor (ver Figura 9).



Figura 9. Como o colapso quântico cria a vida e o seu meio.

Inicialmente, os seres vivos criam apenas representações do vital e, embora a consciência celular seja capaz de sentir, o eu que sente é bastante primitivo. À medida que a evolução avança, ganham forma representações cada vez melhores das energias vitais, e são concretizados órgãos cada vez melhores para levar a cabo as funções biológicas. Deste modo, crescemos de uma única célula até organismos multicelulares, vertebrados, mamíferos, primatas, até que finalmente alcançamos a fase humana. Algures ao longo desta jornada tem lugar a evolução do neocórtex, que é suficientemente complexo para criar um eu individual pensante muito mais sofisticado do que o eu celular. Por outras palavras, tem incorporada uma hierarquia interligada mais sofisticada.

Esse eu tem acesso não só aos sentimentos vitais, mas também aos significados mentais, porque o significado mental é representado no neocórtex. E, à medida que a evolução avança, a mente pode atribuir significados não apenas ao que existia antes dos estímulos sensoriais e dos sentimentos vitais, mas agora também à própria mente — ao próprio significado — e até aos arquétipos supramentais, que ficarão representados na matéria num estágio evolutivo posterior. E sempre que a mente atribui um significado, o cérebro cria uma representação desse significado, desse pensamento em particular (ver Figura 10).

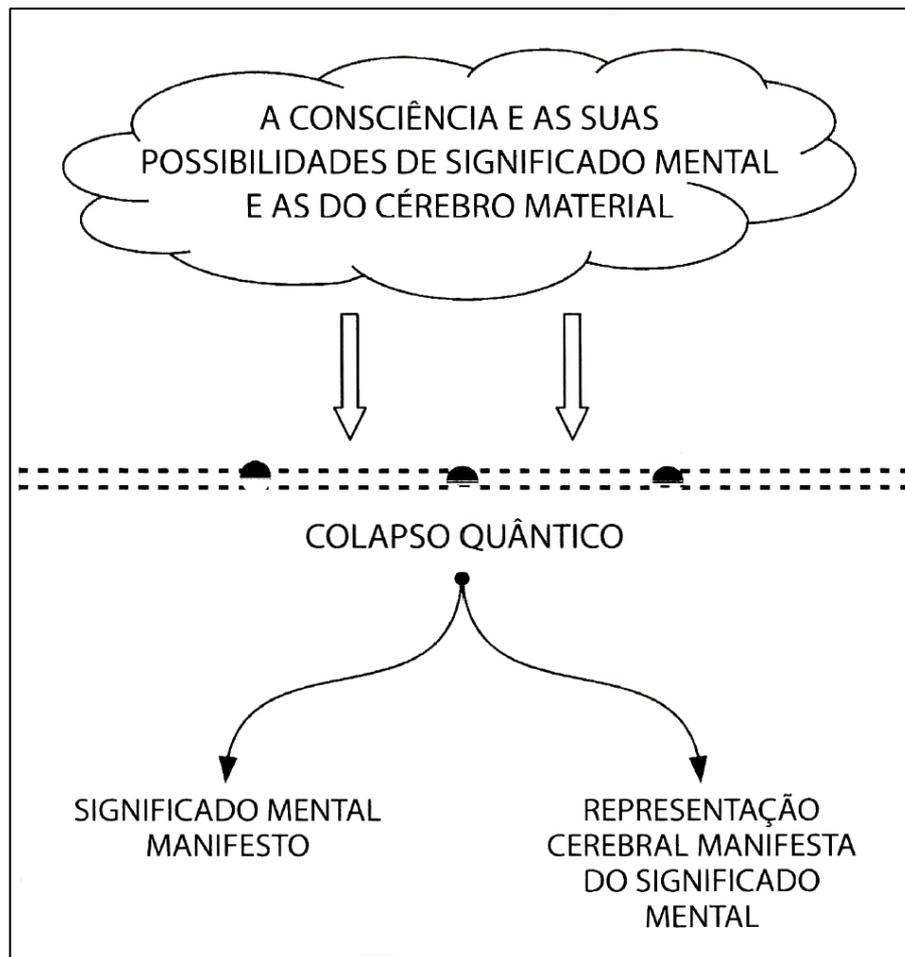


Figura 10.

Quando uma onda de possibilidade de significado colapsa como pensamento mental, o cérebro cria uma representação dele.

Da Experiência ao Arquétipo

Regressemos agora ao paralelismo psicofísico apresentado na Figura 5. No topo encontra-se a consciência não-local. Este é o domínio da potencialidade, que contém quatro tipos de possibilidades: possibilidades físicas, possibilidades vitais, possibilidades mentais e supramentais. O colapso destes quatro tipos de possibilidades pode gerar quatro tipos de experiências: sensação, sentimento, pensamento e intuição.

Por exemplo, suponhamos que o leitor conhece alguém por quem se sente atraído. A princípio, vê o corpo físico, que é uma imagem sensorial. Mas também pode ter um sentimento nos chacras inferiores, talvez um sentimento sexual que experencia como uma emoção. Ao mesmo tempo, pode surgir uma intuição: «Eu gostaria de explorar o arquétipo do amor por intermédio desta pessoa.» Isto traduz-se num pensamento: «Eu gostaria de conhecer esta pessoa.» Repare que a mente atribui um significado ao sentimento sexual. Mas também representa a ideia intuitiva, que é bem diferente: «Eu gostaria de explorar o amor com esta pessoa.» É frequente uma parte desta ideia ficar encoberta, mas pode ser, não obstante, o começo de uma exploração do amor, porque a intuição

gera um sentimento «visceral» adicional, que diz que existe algo aqui que o leitor deve seguir. Deste modo, o mesmo estímulo físico leva a quatro tipos diferentes de experiência. A consciência tem um papel mediador nas interações das diferentes potencialidades sempre que necessário, e também escolhe e colapsa cada uma destas experiências.

Assim sendo, a intuição é o começo da criatividade. Se o leitor seguir um pensamento intuitivo (eu gostaria de conhecer esta pessoa), isto pode envolver a exploração criativa do arquétipo do amor. Qual é a primeira coisa que pode acontecer se o leitor seguir essa intuição? Talvez pense: «Como posso conhecer esta pessoa?» Então, imediatamente, examina os seus sentimentos e descobre que existe um sentimento sexual envolvido. Isto não são mais do que circuitos cerebrais. Mas então o leitor lembra-se de que havia algo mais: o leitor tinha um sentimento visceral que revelava o envolvimento do seu chacra do coração. Este sentimento no chacra do coração é uma escolha tardia que precedeu a experiência do sentimento visceral, mas o leitor não lhe foi sensível, talvez por causa do hábito, talvez por causa do medo.

Geralmente, as experiências que temos nos chacras são suplantadas pelas experiências do cérebro. Mas se desenvolvermos a sensibilidade, teremos a consciência de que o chacra do coração sente algo semelhante a um espanejamento, ou talvez a um formigueiro, ou como que uma expansão. E é então que pensamos duas vezes. Olhamos de novo para confirmar. E, desta vez, a experiência é bastante diferente, porque agora somos sensíveis ao coração e reconhecemos que há ali qualquer coisa. E é então que nos sentimos motivados para ver o que poderá ser.

Mas como podemos nós fazê-lo? O sentimento predominante será normalmente o da união corporal; esta união torna-se possível graças à colaboração do sistema imunitário das duas pessoas envolvidas, sob a forma das suas glândulas timo, que é o órgão mais importante do chacra do coração. A distinção «eu/não eu» foi suspensa. Mas também existe um componente cerebral. Os circuitos cerebrais do sexo desempenham um papel muito importante, gerando muitas moléculas de endorfina e sentimentos de prazer. O prazer torna-se uma das principais motivações. Infelizmente, estas moléculas de prazer, estas substâncias neuroquímicas, esgotam-se mais cedo ou mais tarde. No caso de alguns, esgotam-se rapidamente; para outros, vão-se esgotando gradualmente.

Quando estes neuroquímicos se esgotam, o leitor tem uma escolha. E é aqui que, se quiser explorar o amor, tem de tomar a decisão de o seguir. A escolha de o seguir significa um compromisso. Se o leitor escolher o compromisso, em vez de seguir em frente, começará a explorar o amor incondicional. Este compromisso é uma parte muito importante da criatividade, visto que nos obriga a seguir a exploração. Os saltos quânticos criativos não se podem criar apenas desejando-os. São descontínuos; como tal, nada que possamos fazer com continuidade pode garantir que tenhamos um pensamento ou salto descontínuo, um salto criativo. É por isso que, na maioria das culturas, este compromisso leva a um acordo social chamado casamento. Hoje em dia, num número cada vez maior de culturas, até os casais homossexuais podem adotar este compromisso legalmente por via do casamento, mas também romanticamente, por intermédio

do seu compromisso em explorar o amor incondicional. O movimento evolutivo da consciência libertou-se assim de um antigo tabu das sociedades humanas com o intuito de acelerar a exploração do amor. Deste modo, consideramos o casamento uma parceria — uma parceria baseada no compromisso. Neste enquadramento de compromisso, o processo criativo pode começar a sério, com dedicação.

Mas há que ter cuidado aqui, porque, se o contexto arquetípico de uma relação baseada no compromisso se torna importante, isto pode afetar o grau de dificuldade da nossa viagem criativa. No caso de outro ser humano com o qual o leitor está a explorar o amor, o contexto é claramente arquetípico. Mas no caso de uma relação comercial (com um cliente, por exemplo), o contexto arquetípico já se encontra representado sob a forma de expectativas estabelecidas, ou mesmo contratuais. Este tipo de contexto conhecido desencadeia aquilo a que chamamos criatividade situacional. Todavia, quando o leitor inicia uma exploração do amor numa relação humana, a criatividade situacional não funciona, porque limita as possibilidades que o leitor pode gerar a respeito do amor. Se o leitor funciona no seio das normas sociais do comportamento conjugal, não tardará a organizar o seu amor no âmbito dessas regras. Isto não é criatividade — ou, na melhor das hipóteses, é criatividade situacional. A oportunidade que se nos apresenta numa relação de compromisso assenta no facto de podermos explorar níveis mais profundos do amor sem interpretar nenhum papel, sem expectativas sociais, sem sequer a expectativa das relações sexuais. Como tal, a exploração do amor nas relações humanas deve sempre ser abordada com a criatividade fundamental em mente.

Mas como é que se devem explorar as relações comerciais ou a resolução de problemas ou o desenvolvimento de um produto? Recorrendo ao *brainstorming*? Se assim for, o que é que decide a ocorrência, ou não, de uma intuição, de uma ideia ou percepção que pressuponha um salto quântico? Recordemos que a criatividade, como vimos até agora, é mental. É a descoberta de um novo significado. E este novo significado pode ter uma nova aplicação de negócios. Um indivíduo pode sempre ter estas intuições ou ideias, mas a presença de um coletivo pode criar uma intenção mais forte e um melhor acesso à consciência quântica. Assim sendo, o *brainstorming* pode ser eficaz para tomar decisões de negócios ou para obter ideias criativas, desde que as pessoas que nele participam estejam em sintonia umas com as outras.

Mas os contextos arquetípicos das relações humanas não podem ser explorados se permanecermos em contextos e significados antigos. Neste caso, precisamos da criatividade fundamental, que nos pode levar para lá do nível que gerou a situação. Ninguém nos pode dizer como se ama incondicionalmente. Tudo o que os outros nos podem dizer é o que funciona para eles. E, se pensarmos bem, isso nunca poderá resultar no nosso caso, porque as condições da nossa situação são muito diferentes. Como tal, temos de ser nós a olhar diretamente para o arquétipo para aprender o que é que o amor incondicional implica no nosso contexto particular. E é a isso que chamo exploração da criatividade fundamental.

Os Contextos Arquetípicos

Ao examinarmos o significado no contexto do seu arquétipo também podemos explorar a nossa consciência. A exploração de um arquétipo envolve um pouco de exploração de si mesmo, e isto implica uma certa criatividade interior. O que nós exploramos é o arquétipo, o nível mais subtil de consciência que conhecemos. O que criamos é não apenas o significado, mas também o contexto arquetípico. Criamos uma representação do arquétipo no nosso ser. De certa forma, o que fazemos é descobrir a nossa própria versão do arquétipo: a nossa versão que dita o nosso próprio comportamento. Quando o fazemos, tornamo-nos originais.

Vejamos o amor, por exemplo. Mesmo na exploração da criatividade em geral, podemos fazer do amor um elemento crucial, e *isto é algo que beneficia toda a nossa exploração*. Podemos fazer por explorar todos os arquétipos, com o amor sempre presente em pano de fundo. De facto, é isto mesmo que fazem muitas tradições espirituais, porque o amor é um arquétipo fundamental. Suponhamos que exploramos outros arquétipos, como a beleza, a bondade ou a abundância. Na sociedade em que vivemos, são muitos os que estão interessados em criar abundância. Mas o leitor consegue imaginar o impacto de explorarmos a abundância tendo o amor como pano de fundo? Nestas condições, jamais procuraríamos uma abundância que prejudicasse os outros ou que fosse obtida à custa dos outros. Tornar-nos-íamos automaticamente sensíveis aos ecossistemas e aos princípios éticos. Concentrar-nos-íamos em algo muito importante e atualmente em falta na nossa exploração dos arquétipos, especialmente na religião e na política.

Sabedoria do The Wizard of Id:

O mago diz a um amigo:

«Tenho estado a trabalhar numa forma de matar as bactérias resistentes aos antibióticos.»

O amigo, que está a observá-lo, exclama:

«Uau, resultou!»

O mago diz:

«Sim, mataram-se umas às outras.»

«Como é que fizeste isso?», pergunta o amigo.

«Apresentei-lhes a religião e a política.»

Suponha o leitor que é um estudante universitário que está a tentar escolher uma carreira. Está à procura de uma ocupação que lhe proporcione abundância, que o faça sentir-se rico. Como é que pode ganhar mais dinheiro? Mas, sendo um estudante, o leitor também quer ser criativo, quer vir a ser alguém. Também pretende ter alguma intuição e usar a criatividade para decidir que carreira vai explorar. Com todas estas expectativas e objetivos materialistas, como é que o arquétipo do amor pode ajudá-lo a alcançar o que deseja?

Bem, examinemos o que está realmente a acontecer aqui. Ao procurar a abundância apenas no plano material (dinheiro), o leitor já se limitou à criatividade situacional. Assim, o amor fica excluído logo à partida. Se o leitor procura a abundância sem o contexto do amor, talvez acabe por se decidir por Wall Street e tornar-se um banqueiro de investimentos. Mas se procura a abundância com o pano de fundo do amor incondicional, talvez possa encontrar uma empresa ecológica ou um qualquer negócio sustentável ou uma empresa que seja útil à sociedade.

Esta é a questão fundamental. Se o leitor escolher o dinheiro como representação da abundância — ou seja, se escolher informação em vez de significado como base da sua busca criativa —, então talvez a banca possa ser a melhor profissão para si. Mas se fizer a sua escolha num contexto arquetípico e não nos termos da representação material do dinheiro, verá que este último não é a única forma de abundância. Também pode ser abundante em amor. Pode encontrar uma abundância de significados na sua vida. Assim, o contexto arquetípico da abundância altera a equação no seu caso e o leitor sentir-se-á atraído por arquétipos como o amor, porque a abundância incluirá essas energias.

Há diferenças muito importantes entre as situações em que utilizamos o materialismo científico para nos orientar e aquelas em que usamos uma filosofia da consciência muito mais geral para dirigir os nossos passos. No materialismo científico, o significado não é encorajado, mas sim a informação. Com efeito, a Era digital dá-nos a falsa impressão de que tudo é apenas informação. Assim, se alguém tentar incluir o amor numa escolha de carreira, o resultado serão representações de amor patentes em toda a Internet, que não é mais do que informação — informação sem significado. É assim que a busca materialista defrauda não só o valor arquetípico, mas também o valor do significado, visto que apenas destaca o valor informativo mais simples. É por isso que a inovação, toda a cultura de inovação empresarial que era tão visível em todo o mundo, está agora a ressentir-se.

Mas será o amor o único arquétipo capaz de ativar a criatividade, ou existem outras forças que a podem ativar? Qualquer intuição é um arquétipo que nos convida a explorá-la, pelo que qualquer arquétipo pode desencadear a criatividade. Como vimos acima, o arquétipo da abundância pode levar-nos naturalmente ao arquétipo do amor e também ao arquétipo da bondade. Para um artista, o arquétipo da beleza pode ser a atração inicial, e esta pode levá-lo ao arquétipo do amor. Isto pode resultar numa arte que não só representa a beleza, mas também o amor. E este é o género de arte que todos cobizamos.

Amor, Eu e Integridade

O amor é, certamente, o arquétipo mais omnipresente e também o mais procurado. Mas será o mais importante e fundamental? Na realidade, existem três arquétipos fundamentais que contribuem bastante para a nossa consciência. O primeiro é o amor. O segundo é o eu. O terceiro é a integridade. O amor é o

mais atraente, e a maioria de nós sente a necessidade de o investigar bastante cedo na vida. Mas à medida que crescemos psicologicamente, começamos a dar-nos conta da importância do arquétipo do eu. Com o nosso amadurecimento psicológico, somos confrontados com as limitações do eu, ou ego, e começamos a interrogar-nos quanto à possibilidade de as ultrapassar. Embora talvez ainda não nos interessemos por algo como a iluminação — no sentido que lhe é dado pelas tradições espirituais —, começamos a fazer perguntas básicas sobre a potencialidade humana; começamos a explorar a possibilidade de expandir os nossos horizontes.

Sensivelmente ao mesmo tempo, também tomamos consciência do arquétipo da integridade. Quando nos falta integridade/totalidade e, por exemplo, ficamos doentes, podemos ver a doença como uma espécie de sofrimento — como um inconveniente, pelo que vamos ao médico para que nos cure. O médico pode dar-nos alguns comprimidos ou tentar alguma outra solução rápida, e pronto. Mas, a dada altura do nosso processo de amadurecimento, começamos a reconhecer que a cura pode assumir muitos aspetos. Curar uma doença não nos deixa necessariamente bem. Nesta fase, começamos a interessar-nos pela saúde enquanto integridade, pela saúde não só como ausência de sofrimento, mas também como uma otimização do bem-estar. Estamos então prontos para explorar o arquétipo da integridade.

Se o amor, o eu e a integridade são arquétipos fundamentais e cruciais, por que é que não têm um papel mais importante na nossa experiência? Na História recente, parece que esquecemos a importância destes arquétipos, em primeiro lugar por causa de uma visão religiosa do mundo que interpretou falsamente o arquétipo da integridade. As religiões tendem a dividir o mundo em espiritual e material — exatamente o oposto da falácia materialista. Ignoram o nosso bem-estar exterior em favor do bem-estar interior. Enquanto os materialistas optam por uma representação material da abundância, os espiritualistas escolhem uma representação espiritual da abundância. Nenhum deles reconhece a integridade, a totalidade.

A visão espiritual do mundo orientou-nos durante milhares de anos e trouxe-nos algumas coisas boas. Mas, há quatrocentos anos, quando a ciência moderna entrou em cena, estabelecemos um compromisso holístico. Sob a égide daquilo a que se chama Filosofia do Modernismo, começámos a valorizar tanto a matéria como a mente, tanto o material como o espiritual, combinando-as numa visão do mundo dualista que manteve a mente e a matéria separadas. Essa visão do mundo deu-nos as instituições da democracia, do capitalismo e da educação liberal, e teve um enorme impacto no desenvolvimento da civilização. Com efeito, a visão quântica do mundo não é senão uma forma integrada de modernismo, existindo mesmo algumas pessoas que lhe dão o nome de modernismo transcendente ou *transmodernismo*. Esta visão do mundo integra o dualismo mente/matéria do modernismo na consciência. Infelizmente, em vez de ir diretamente do modernismo à visão quântica do mundo, seguimos o desvio do materialismo científico, o que constitui um lamentável erro para a Humanidade.

O recente filme *O Lobo de Wall Street* baseia-se na história real de um corretor chamado *Wolf* (daí o «lobo» do título), que começou a sua vida em

condições muito precárias. Graças a umas quantas operações ilegais, torna-se bastante rico, ainda que acabe por ser detido e acusado judicialmente pelo FBI, sendo depois condenado à prisão. Depois de cumprir pena, torna-se um instrutor de crescimento pessoal e cura. Mas, mesmo quando estava a praticar ilegalidades, *Wolf* tinha um brilho próprio. No seu íntimo, os seus instintos básicos eram bons, e só precisava do sofrimento para o despertar para o arquétipo da bondade.

Quando criamos o mal na nossa vida, este muitas vezes converte-se no trampolim para uma transição muito difícil que nos há de deixar confusos. Mas esta é a beleza da vida, visto que nela não existe nada de que se possa dizer que é totalmente desprovido de sentido. A vida tem sempre algum significado, porque tem sempre a capacidade de nos ensinar algo. Se nos mantivermos abertos, podemos aprender com as experiências negativas que o materialismo científico nos trouxe e usá-las como trampolim para explorar os arquétipos de uma nova maneira que seja, também ela, satisfatória.

CAPÍTULO 7

O EGO E O EU QUÂNTICO

O eu que experienciamos habitualmente tem o nome de ego. A consciência que pode ficar presa no cérebro hierárquico interligado sob a forma de um eu não é o ego, visto que não tem memória nem condicionamento nem personalidade. A personalidade do ego, todavia, é o resultado do condicionamento. Mas como é que o condicionamento entra na visão quântica do eu?

A experiência do ego chega-nos em duas fases. A primeira é o resultado do colapso da hierarquia interligada, como já expliquei antes. Isto é aquilo a que chamamos o eu quântico. Se apenas ocorresse um colapso, ou escolha, esta seria a extensão do eu.

Mas sempre que surge um estímulo e ocorre uma nova resposta, o cérebro cria uma recordação do acontecimento. E sempre que um estímulo se repete, a consciência responde não só ao estímulo primário (a resposta do eu quântico), mas também às respostas secundárias armazenadas na memória. Esta reflexão cumulativa de acontecimentos no espelho da memória é que produz o condicionamento. O eu desta resposta condicionada é o ego.

Antes que tenha lugar o condicionamento, o sujeito que experiência o mundo, o eu, é unitivo: um sujeito para tudo. Também lhe podemos chamar sujeito cósmico. A experiência neste nível do eu é uma experiência muito especial, uma vez que nos sentimos unos com tudo.

Mas vemos constantemente coisas novas quando vamos a lugares que até então desconhecíamos. Todavia, podemos não experienciar nada de especial ao ver uma cascata ou um rio que não conhecíamos. Isto acontece porque já vimos cascatas e rios antes e a nossa mente está «saciada». Se alguém nunca tiver visto uma cascata, a experiência pode ser espetacular. Mas, mesmo assim, algumas pessoas podem perder o imediatismo da experiência, porque a sua mente está ocupada a comparar a cascata com experiências passadas semelhantes, ou com aquilo que imaginavam que esta experiência poderia ser.

É por isso que os poetas e os místicos nos encorajam a centrarmo-nos no presente — a ver tudo como se fosse a primeira vez, a experienciar sem o peso de memórias passadas e de projeções futuras. Quando o fazemos, funcionamos a partir do eu quântico. Em contraste, as respostas do ego são respostas saciadas nas quais nos sentimos separados do resto do Universo. Nas respostas do ego, perdemos a qualidade extramundana da unidade, da não-separação.

Mas há outras diferenças entre o ego e o eu quântico. As experiências do eu quântico não têm ascendentes, nenhum rasto que identifique memórias anteriores. Como tal, estas experiências têm a mesma espontaneidade «viva» para todos nós. É por isso que o eu quântico pode ser considerado o eu cósmico.

A identificação com o padrão condicionado de respostas aos estímulos (hábitos de caráter) e com as recordações de respostas passadas atribui às experiências do ego uma aparente individualidade local. Por outras palavras, as experiências do ego são diferentes para cada um de nós.

Mas o condicionamento não define por completo o ego, isto porque, no ego, também dispomos da capacidade de sermos conscientes das nossas experiências passadas. Ao usar esta capacidade, reconstruímos as nossas memórias para nos adaptarmos a diferentes situações. Dito de outra forma, criamos máscaras ou personalidades. Num qualquer ponto do processo, tornamo-nos o mais importante de todos os diferentes programas que utilizamos para o nosso funcionamento. Tornamo-nos simplesmente hierárquicos e experienciamo-lo como uma função da nossa própria singularidade e importância.

Quando funcionamos a partir do ego, os nossos padrões individuais de condicionamento, as nossas experiências — que são previsíveis —, adquirem uma aparente continuidade causal. Em contraste, a experiência do eu quântico é claramente descontínua. Além disso, a nossa individualidade física tanto é estrutural como funcional, enquanto as nossas individualidades vital e mental são subtis. São estritamente o resultado de condicionamento e, como tal, puramente funcionais. Todos somos potencialmente capazes de aceder a todas as possibilidades dos mundos vital e mental; mas, em adultos, geralmente não o fazemos. Não temos tempo suficiente, por um lado. Em seu lugar, identificamo-nos com um conjunto condicionado de padrões aprendidos com os quais exploramos os mundos vital e mental. A estes padrões funcionais individuais chamamos corpo vital e mental, respetivamente. Aquilo que constitui o nosso ego é a identidade consciente que experienciamos com os nossos corpos físico, vital e mental, juntamente com as correspondentes memórias de conteúdo.

Limites e Riscos

Quando nos identificamos com o ego, somos determinados e previsíveis. A ser assim, como é que podemos ser livres? Como é que nos podemos transformar? Como escapar à escravidão do ego?

Na verdade, a soma e a substância do condicionamento resultam, à medida que a consciência se identifica progressivamente com o ego, numa perda correspondente de liberdade. No limite de um condicionamento infinito, esta perda de liberdade seria absoluta. Nesse estágio, a única opção que nos restaria, metaforicamente falando, seria a de escolher entre alternativas condicionadas. Mas isto não seria uma liberdade real. Num mundo de condicionamento infinito, o behaviorismo resiste. Este é o chamado «limite de correspondência», no qual qualquer nova ciência prevê os mesmos resultados que a ciência antiga. Trata-se de uma característica paradoxal de qualquer paradigma novo. Se o paradigma estiver correto, tem de ter um limite de correspondência. Em certas condições limitadoras, como tal, tem de se comportar aproximadamente como o antigo!

Mas nunca vamos tão longe no caminho do condicionamento, isto porque não vivemos assim tanto tempo. Até mesmo no nosso ego conservamos alguma liberdade, e um dos aspectos mais importantes da liberdade que conservamos é a liberdade de dizer «não» ao condicionamento, o que nos permite ser criativos de vez em quando. Esta é a essência de corrermos riscos.

Correr riscos é libertador, porque, de certo modo, é o eu quântico que funciona dentro de nós; como tal, nunca devemos ter medo do risco. E há dados experimentais que apoiam o que estou a dizer. Na década de 1960, os neurofisiologistas descobriram o chamado potencial evocado P300, o qual sugeria a nossa natureza condicionada. Suponhamos que, como demonstração do seu livre-arbítrio, o leitor declara-se livre de levantar o braço direito e faz exatamente isso. A verdade é que uma máquina de EEG ligada ao cérebro por elétrodos gera uma onda P300 que permite ao neurofisiologista prever que o leitor vai levantar o braço. Assim sendo, os atos de «livre-arbítrio» que podem ser previstos não são um bom exemplo de uma liberdade real.

Dito isto, os behavioristas têm razão ao dizer que o ego não dispõe de livre-arbítrio? Os místicos estão certos quando dizem que o único livre-arbítrio é a vontade de Deus à qual nos devemos submeter? Mas isto gera ainda outro paradoxo: como é que nos submetemos à vontade de Deus se não tivermos a liberdade de nos subtermos ou não?

O neurofisiologista Benjamin Libet fez uma experiência na qual conseguiu resgatar um pouco de livre-arbítrio, até para o nosso ego. Libet pediu aos sujeitos da experiência que parassem de levantar o braço assim que se apercebessem da sua intenção de o levantar. Foi capaz de identificar uma lacuna de duzentos milissegundos entre os dois acontecimentos, entre o pensamento e a ação. Todavia, continuou a ser capaz de prever o levantamento do braço com base na onda P300, mas, mais frequentemente, os sujeitos de Libet foram capazes de resistir ao seu chamado livre-arbítrio e não levantaram o braço, demonstrando assim que conservavam o livre-arbítrio de dizer «não» à ação condicionada de levantar o braço.

Quando partilhei esta informação sobre os dados de Libet com um amigo, este mostrou-se contente por saber que, mesmo no seu ego, tinha o livre-arbítrio de dizer «não» ao condicionamento, isto porque era um ex-fumador. Quando tentou deixar de fumar, na altura em que apareceram todos os avisos em que passou a ser proibido fumar em lugares públicos, ele descobriu que conseguia travar a sua tendência para acender um cigarro, mas nunca por muito tempo. Demorou bastante tempo até ser capaz de limitar o seu hábito a um nível socialmente aceitável sem que isto lhe fosse interiormente difícil. «E ainda tenho a tendência de acender um cigarro de vez em quando», disse-me. «Se temos livre-arbítrio suficiente para dizer “não” ao condicionamento, por que é que é tão difícil renunciar a uma dependência?»

Trata-se de uma boa pergunta, que nos levará ao tema da definição de intenções e da criatividade — de facto, a toda a ciência da manifestação — no capítulo seguinte. Mas quero terminar este capítulo com um exemplo de ação do eu quântico e de ação do ego. Mais uma vez, recorro ao *zen*:

Dois monges preparavam-se para atravessar um rio lamacento. Embora a corrente forte estivesse a levantar todo aquele lodo, o rio não era muito profundo e era até bastante fácil de atravessar a vau. Nesse preciso instante, apareceu uma jovem com um belo *kimono* que lhe descia até aos tornozelos. Naturalmente, ela mostrou-se hesitante em entrar no rio, visto que não queria estragar a sua roupa. Um dos monges pediu-lhe permissão para a levar ao colo. Quando ela aceitou, ele levou-a para a outra margem e poisou-a no chão. A rapariga agradeceu e seguiu o seu caminho. O outro monge não tardou a juntar-se ao primeiro e ambos continuaram o seu trajeto.

Passada uma hora, o segundo monge disse:

«Irmão, cometeste um grave erro ali atrás, sabes? Nós, os monges, não devemos tocar em mulheres, quanto mais levá-las ao colo durante o tempo que demoraste a atravessar o rio. Foram cinco minutos completos, e tu tão agarrado a ela.»

O primeiro monge disse:

«Irmão, eu levei-a ao colo durante cinco minutos, mas tu ainda a trazes contigo.»

O primeiro monge praticou um ato de bondade, respondendo à sua intuição de que a rapariga precisava de ajuda. Quando respondemos à nossa intuição, agimos a partir do eu quântico. O segundo monge estava a pensar com base no seu ego condicionado e na sua mente crítica, razão pela qual estava em sofrimento.

CAPÍTULO 8

O LIVRE-ARBÍTRIO E A CRIATIVIDADE

Nas minhas viagens, respondo a muitas perguntas sobre como podemos viver a visão quântica do mundo, e uma das que me fazem com mais frequência é como podemos manter-nos centrados no presente. A causação descendente é uma capacidade causal da consciência que nos permite escolher entre as possibilidades quânticas a experiência real que temos. Mas faremos a escolha no momento, ou aquilo que está a acontecer num dado momento é algo que escolhemos ou criámos no passado, ou até algo que escolhemos entre o que prevemos que acontecerá no futuro? A verdade é que temos uma tendência para o condicionamento, pelo que este é um dos problemas de sermos humanos e de cumprir o nosso potencial. Dispomos de um auxiliar percetivo e operacional chamado cérebro que armazena memórias, e quando estas interferem com as nossas perceções, as respostas do passado influenciam as nossas respostas presentes. Também temos a tendência de projetar o futuro com base nestas mesmas memórias e isso também influencia a nossa experiência do presente. Como dizia o grande poeta romântico Shelley:

Vivemos antes e depois

E sofremos pelo que não existe.

Esta dificuldade em centrarmo-nos no presente não seria tão prejudicial se não interferisse na nossa criatividade. Ser criativo é escolher no instante, mas é um desafio no sentido em que temos de transcender o ego condicionado para cair nessa iminência do ser. E, para tal, é necessário um processo. Sem o processo criativo, a consciência tende a ceder ao cérebro e apenas experiencia objetos e acontecimentos por força dos reflexos destes na memória.

Por outras palavras, a criatividade não é fácil até que nela compreendamos as subtilezas, visto que envolve um processo no qual existe uma preparação e algum processamento inconsciente. Só então pode ter lugar o salto do ego para uma ideia criativa descontínua. Normalmente, os pensamentos são apenas partes de recordações e projeções que reproduzimos; como tal, são contínuos. Só depois da chegada de uma nova ideia descontínua é que podemos manifestar um produto que todos possam considerar novo: um novo poema, uma nova tecnologia, uma nova música ou um novo *eu*.

Se o leitor quiser mudar a sua vida hoje — torná-la radicalmente diferente amanhã —, tem de se entregar ao processo criativo. Este processo requer a capacidade de responder sem filtrar as recordações do passado. Também requer coesão de intenção e determinação. O leitor tem de ter consciência do facto de não ser uma máquina que responde aleatoriamente a acontecimentos aleatórios no mundo. Na realidade, é uma consciência personificada e intencional.

O Universo tem um propósito e evolui com o intuito de criar representações cada vez melhores do amor, da beleza, da justiça, da verdade, da bondade... de todas aquelas coisas a que Platão chamava arquétipos. Quando despertamos para esta intencionalidade, centramo-nos. Se não nos sintonizamos com a intencionalidade do Universo, não encontramos sentido em nada e corremos o risco de cair no hedonismo — apenas exploramos as coisas agradáveis e evitamos as dolorosas. A nossa vida será regida por sonhos banais: uma casa grande, um carro caro e outros prazeres físicos e materiais. Mas o verdadeiro «sonho americano» é o da busca da felicidade, não do prazer. Qual é a diferença? O excesso de prazer acaba sempre em dor. Mas o leitor já alguma vez teve demasiada felicidade?

Liberdade e Intenção

Esquecemo-nos de que aquilo de que andamos à procura é a vida, a liberdade e a felicidade. E, em última análise, a liberdade inclui a liberdade criativa. Sem esta, a liberdade significa pouco. Se a liberdade se limita simplesmente à liberdade de escolher o sabor do gelado que eu quero, posso passar sem ela. Não me importo de comer gelado de chocolate todos os dias. Mas parece que perdemos o contacto com a necessidade da *liberdade criativa*. Enfrentamos hoje crises cuja solução nos exigirá inovação e criatividade. Daí que se tenha voltado a falar da criatividade. Mas temos de fazer mais do que falar. Precisamos de toda uma mudança de paradigma, de uma mudança fundamental na forma como vemos mundo. Temos de abandonar a nossa visão míope materialista e começar a viver num mundo quântico, no mundo real.

Muitas pessoas dizem-me que querem mudar, mas fazer mudanças não é uma coisa simples. Nós não somos máquinas materiais. Não podemos simplesmente apertar um botão ou ajustar uma configuração para criar uma alteração. Somos seres humanos e a nossa criatividade — a nossa capacidade de criar mudanças — continua latente quando sucumbimos ao nosso condicionamento, quando limitamos a nossa vida a respostas mecânicas ao que aconteceu no passado.

Para escapar ao condicionamento, temos de prestar atenção às nossas intuições; temos de aprender a arte da *intenção*. Precisamos também de um processamento inconsciente que requer preparação, foco e determinação, precedido de uma grande dose de paciência. Temos de nos dar tempo para que as coisas se consolidem no inconsciente, se pretendemos ter novas ideias. Mesmo quando nos surge uma ideia descontínua — um pensamento que nunca nos tenha ocorrido —, ainda temos de manifestar essa ideia no mundo. Essa nova manifestação altera a nossa perspetiva e representa um tremendo feito transformativo na forma como resolvemos as coisas mundo. Isto não é fácil e, por outro lado, também não é difícil.

Dispomos de dados experimentais que demonstram o poder da intenção, dados que a maioria dos cientistas ignora. Mas a Ciência encontra-se muito segmentada hoje em dia, visto que cada campo ou disciplina opera dentro dos

limites das suas próprias suposições. A Psicologia tornou-se praticamente uma ciência behaviorista e cognitiva, pelo menos no que diz respeito ao mundo acadêmico. A Biologia é química, dizem os biólogos, descartando coisas como a intenção humana. A Física — com exceção da Física Quântica, com a sua interpretação baseada na consciência — prescinde do poder da consciência e da intenção em favor das leis e das forças mecânicas.

Ironicamente, são não-cientistas como Lynne McTaggart (*O Experimento da Intenção, 2007*) que estão a fazer alguma coisa para demonstrar a eficácia causal das intenções. Os cientistas do velho paradigma continuam a ignorar os dados anómalos da Parapsicologia, enquanto os detratores presentes nas suas fileiras sussurram que McTaggart não é realmente uma cientista fiável. Na realidade, existe toda uma indústria detratora nas revistas e nos jornais que os materialistas publicam regularmente para desacreditar a Parapsicologia. Todavia, excetuando estes esforços para a degradar, a Ciência dominante quase não presta atenção a esta ciência em rápido desenvolvimento, baseada no primado da consciência.

A Parapsicologia baseia-se no princípio de que a consciência escolhe entre as possibilidades quânticas para concretizar os acontecimentos que experienciamos. Este princípio é poderoso e oferece muitas possibilidades para resolver problemas que são insolúveis segundo a abordagem materialista — problemas relacionados com a saúde, a criatividade e o bem-estar. É extremamente importante chamar a atenção do público para esta nova interpretação da Física Quântica. É por esta razão que o ativismo quântico é crucial.

Doença e Bem-Estar

Qual o papel da consciência na nossa saúde e na manifestação das doenças? Estamos doentes porque o nosso corpo está doente ou estamos doentes porque estamos a ignorar a nossa consciência e o papel que ela pode ter na cura?

A Alopátia — a medicina moderna baseada na ciência materialista — tem como fundamento a ideia de que apenas temos corpo físico. Como tal, todas as doenças devem ter a sua origem no mau funcionamento de um órgão, por exemplo, um órgão afetado por um germe. Mas isto não é apenas um conceito falso: também entra em conflito com aquilo que vemos na realidade. Existem doenças, como a síndrome da fadiga crónica, que não deixam de ser uma realidade mesmo quando todos os órgãos físicos funcionam adequadamente. Todavia, o paciente queixa-se de dores constantemente. Então, de onde vem a dor? Empírica e experimentalmente, a ideia segundo a qual o corpo físico é o único lugar onde a doença pode surgir está, na melhor das hipóteses, incompleta. Na visão quântica do mundo, sabemos que não é assim. A doença também pode proceder dos corpos vital, mental e intuitivo, e isto é algo que as tradições espirituais mais antigas também nos dizem, visto que não estão tão presas aos preconceitos materialistas que regem a ciência atual.

Na ciência quântica, postulamos que a consciência tem quatro compartimentos de possibilidade, cada um dos quais responsável por um tipo diferente de experiências. Há a experiência sensorial, na qual sentimos o físico, e há os sentimentos, através dos quais experienciamos as energias vitais do mundo vital. E também pensamos: dispomos de uma capacidade cognitiva mental que deriva do colapso de possibilidades quânticas de significado no mundo mental. E, finalmente, temos as experiências do mundo arquetípico, um mundo de valores espirituais que, quando colapsado, nos oferece intuições. Trata-se de um mundo tão sutil que ainda debatemos a sua existência.

Assim sendo, vivemos num Multiverso de experiência: quatro tipos de experiência, derivados de diferentes mundos de possibilidade da consciência. Na visão quântica, temos um corpo em cada um desses mundos: um corpo físico, um corpo vital, um corpo mental e um corpo intuitivo. De facto, até podemos considerar que a consciência (o todo) é um corpo (chamado corpo causal). As tradições espirituais mais antigas chamam-lhe o «corpo da bem-aventurança». Qualquer um destes corpos pode adoecer. Qualquer um deles pode deixar de funcionar corretamente ou ser indevidamente acedido ou utilizado por nós. Existem sistemas alternativos de medicina que afirmam que a doença acontece quando estes corpos não estão a funcionar corretamente, ou talvez quando não estão a funcionar em sincronia. Isto, dizem eles, é particularmente aplicável às doenças crónicas. Se não eliminarmos o defeito nestes corpos mais subtis, se não lhes devolvermos a sincronia e a harmonia, não poderemos eliminar os sintomas físicos de uma forma permanente: eles hão de voltar.

É aqui que a medicina alopática se revela completamente inútil e sem esperança de sucesso, porque só se ocupa dos sintomas físicos. Os sintomas regressam e têm de voltar a ser tratados, geralmente com recurso a fármacos e a procedimentos invasivos. Mas os medicamentos alopáticos são prejudiciais ao nosso organismo. São verdadeiros venenos e podem acabar por causar graves problemas noutras partes do corpo físico. Ou seja, em nome da cura, a medicina alopática utiliza substâncias potencialmente fatais.

A verdadeira resposta às doenças crónicas consiste em tratar o corpo vital com sistemas de medicina do corpo vital, como o *Ayurveda* e a Medicina Tradicional Chinesa, bem como a medicina corpo/mente que devolve o equilíbrio e a harmonia aos corpos mental e vital, e repõe a sincronia com o corpo físico. Tratadas desta maneira, a dor e a doença terão uma cura muito mais duradoura, senão mesmo permanente.

Há quem chame a estes sistemas de medicina do corpo subtil «medicina vibracional» ou «medicina de frequências». Mas estes termos são imprecisos. Eu prefiro chamar-lhes medicina do corpo vital ou medicina do corpo mental. No meu livro *O Médico Quântico* (2004), apresento uma integração de práticas de medicina alternativa com a medicina alopática convencional que elimina a ambiguidade de termos como «vibracional» ou «frequência» neste contexto.

A medicina do corpo vital inclui sistemas tradicionais como a acupuntura, o *Ayurveda*, a homeopatia e o equilíbrio dos chacras. Todos estes sistemas médicos tratam o corpo vital. A medicina do corpo mental aplica-se quando a causa da doença se encontra na mente.

Mente Cartesiana versus Consciência

Desde Descartes, a mente foi interpretada de uma forma muito geral no Ocidente — demasiado geral, na realidade. E aqui também se inclui a consciência. Inclui-se igualmente aquilo a que normalmente chamamos atividade mental, a mente como uma função do pensamento. Uma vez que tanto o pensamento como o pensador estão incluídos nesta interpretação da mente, isto gerou uma enorme confusão. Quando falo da consciência, refiro-me à consciência que inclui aquele que experiencia o pensamento e também o seu objeto; a mente indica o lugar onde residem os objetos do pensamento.

A mente é o lugar onde o pensamento acontece. Mais explicitamente, é aquela parte da consciência com a ajuda da qual esta decide a expressão do significado do mundo. A mente ajuda a consciência a dar significado ao mundo físico e a outros objetos da consciência, inclusive a si mesma. A mente é, como tal, aquela que atribui significado.

Muitas pessoas acreditam que a mente está contida no cérebro, que é um produto do cérebro. Mas como é que isto pode ser verdade, se a mente processa significados, ao passo que já demonstrámos que o cérebro é uma máquina de computação que não pode originar significados? São muitos também aqueles que pensam que a mente está contida no campo eletromagnético do corpo, na sua aura. Mas a mente é completamente diferente de qualquer coisa material, inclusive do corpo elétrico biofísico — a aura —, ele próprio uma descoberta recente e excitante.

A mente é o domínio do significado. O matemático Roger Penrose demonstrou matematicamente que os computadores não podem processar significados com recurso a algoritmos. Dito de outra maneira, podemos pressupor que o significado está fora do alcance do mundo material. Mas se não pertence ao mundo material, tem de haver um mundo no qual os objetos sejam objetos de significado, e é a esse mundo que chamo mente — um mundo que tradicionalmente era assim denominado, até que Descartes colapsou mente e consciência numa única coisa. Tudo o que era interior passou a ser mente segundo a terminologia de Descartes, e isto causou uma enorme confusão na filosofia ocidental. Além disso, no materialismo científico, a mente é entendida como algo interior ao cérebro, o que gerou ainda mais confusão.

Numa entrevista recente, uma jornalista que se mostrava recetiva ao meu ponto de vista comentou: «A maioria das pessoas tem a impressão de que o cérebro é o mecanismo do pensamento. Pessoalmente, não acredito que seja verdade. Acredito que o cérebro é o processador do mecanismo do pensamento. Qual é a sua opinião sobre isto?» Bem, não quis contrariá-la, pelo que respondi muito diplomaticamente que estávamos a usar uma linguagem demasiado subtil e ofereci-me para reformular a ideia para a tornar cientificamente mais precisa.

Expliquei que a mente é a dadora de sentido. O cérebro cria uma representação do significado mental. Uma vez que o cérebro tenha representado muito significado mental, criando uma espécie de *software*, será então certamente possível afirmar que o cérebro é capaz de processar significados, porque pode processar significados que já foram programados nele, significados

para os quais ele tem o *software*. E nós usamos este *software* mental, ou seja, a nossa memória, com mais frequência no nosso pensamento. Normalmente, não damos um novo significado às mesmas experiências de cada dia; normalmente, não processamos novos significados nem recorremos à criatividade que nos exige que saíamos do que memorizávamos ou do que recordamos com o cérebro. É aqui que reside a confusão.

E é claro que os materialistas se aproveitam desta confusão: identificam o cérebro com a mente, negando assim por completo a criatividade. Mas a prova de que estão enganados reside no facto de a criatividade ser uma experiência perfeitamente estabelecida que todos nós temos. Com a criatividade, podemos certamente mudar o mundo — podemos «perturbar o Universo», como disse certa vez o físico Freeman Dyson. Como tal, a criatividade tem eficácia causal — que não restem dúvidas disso. Isto demonstra que o cérebro não pode ser a mente, porque a mente é necessária para processar o significado criativo.

«Se o cérebro não é a fonte da criatividade e da intencionalidade, qual é a fonte?», perguntou a jornalista.

Expliquei que a fonte é a própria consciência. O sujeito experiencial no qual nos convertemos durante uma experiência criativa — esse eu quântico criativo a que por vezes chamamos espírito santo, o espírito em nós, o espiritual em nós — é o eu que sabe que a consciência não-local é a fonte da qual procede a criatividade e a ideia. E esta ideia surge sob a forma de um novo significado.

Durante muito tempo, prossegui, a Ciência negligenciou o seu objetivo principal: explicar o propósito de sermos humanos. Na ciência quântica, descobrimos esse propósito, que consiste em procurar, explorar e descobrir a alma: o corpo arquetípico ou supramental. A Ciência ignorou a alma, ignorou o significado. Ao referirmo-nos à mente como sinónima do cérebro na nossa cultura materialista, tornámo-nos extremamente limitados na nossa atitude para com o significado na nossa vida. Dia a dia, a sociedade foi-se tornando cada vez mais mundana, mais desprovida de significado. Fizeram-nos uma lavagem ao cérebro com as meias-verdades da ciência materialista, de tal modo que nos esquecemos por completo das novas potencialidades humanas e limitamo-nos a repetir as experiências.

Como tal, é imperativo que reconheçamos a mudança de paradigma que está a ter lugar no seio da Ciência e que chamemos a atenção das pessoas comuns. Todavia, ao mesmo tempo, temos de recordar que todos nós, em última análise, fazemos parte do todo ao qual chamo consciência quântica — aquilo a que outras tradições chamaram Deus. Temos, de uma forma latente, a mesma potência que Deus. Se bem que temporariamente possamos ser dominados por uma aberração cultural ou outra — por limitações autoimpostas, pelo condicionamento —, não se trata aqui, definitivamente, de estados permanentes. Em muitas ocasiões da nossa História, ficámos presos em visões equivocadas do mundo: a Segunda Guerra Mundial e Hitler, por exemplo. Mas as guerras, a violência e a corrupção não refletem tudo o que existe na consciência humana, que é muito mais do que isto. O materialismo é como uma epidemia que tem de ser curada. E a ciência quântica pode fazer parte da cura.

A jornalista sorriu e disse: «Foi um discurso longo e apaixonado. Sei que as experiências de Dean Radin demonstram que a consciência pode ter um efeito concreto no movimento das bolas de uma máquina de *flippers*. Como tal, tem de ser verdade que, se as pessoas simplesmente percebessem que são a fonte da criatividade e da intenção, que são a unidade, a fonte divina, a consciência divina, se simplesmente projetassem pensamentos de amor ou intenções positivas para a Humanidade, poderiam fazer com que algo de positivo acontecesse.»

Acrescentei que também temos de descobrir onde somos insuficientes e reconhecer as razões pelas quais as nossas intenções são insuficientes, por que é que se tornam tão limitadas em termos de potencialidade e nos impedem de nos transformarmos nessa consciência maior. A verdade é que a evolução nos deu circuitos cerebrais instintivos emocionais negativos que reduzem a nossa consciência a uma emotividade negativa. Mesmo quando temos intenções positivas, também estamos a pensar: «O que é que eu lucro com isto?» De tal modo que nunca conseguimos ir além do pensamento positivo e chegar a uma intenção positiva no nosso coração. E nunca agimos de acordo com estes sentimentos para criar circuitos cerebrais emocionais positivos. Nunca sentimos essa expansão nessa área do peito à qual os orientais chamam o chacra do coração.

Ao ver que ela assentia com a cabeça ao ouvir as minhas palavras lamentei que nos tenhamos esquecido daquilo a que os místicos chamam a viagem rumo ao coração, em especial neste Ocidente tecnológica e economicamente avançado. Reprimimos os sentimentos e perdemos assim o contato com uma maneira muito fácil de expandir a nossa consciência; ou seja, levar a energia da cabeça até ao coração. Quando aprendemos a fazê-lo, o amor incondicional chega-nos de uma forma muito natural. Quando sentimos que o coração se expande, as nossas intenções adquirem maior potência e muito mais hipóteses de se concretizar no mundo. Quando temos a paz mundial como intenção, com um coração expandido, esta intenção tem muito mais efeito do que se simplesmente a tivéssemos com o pensamento, porque, quando estamos a pensar, já estamos centrados em nós mesmos e temos um campo de consciência muito estreito. Se tentamos promover a paz mundial mudando os outros e não a nós mesmos, fracassamos. Temos de fazer as duas coisas. Temos de nos mudar a nós mesmos e também aos outros.

Ela assentiu de novo, mas o que disse em seguida revelou que ainda continuava confusa: «Acredito que, sempre que temos um pensamento, os neurotransmissores disparam e algo acontece. E acredito que, quando assumimos a posição do nosso coração, com amor no coração, e não apenas no cérebro, na mente, isso faz com que se libertem no nosso corpo neurotransmissores, neuropeptídeos, hormonas e outras substâncias químicas. E isso faz com que o nosso coração se encha de sangue, pelo que nos sentimos bem. Mas também penso que isso altera o nosso campo de ressonância, aquilo que você chama campo morfogenético correlacionado. Então, se o nosso campo de ressonância adotar uma ressonância mais positiva, ele não pode deixar de afetar a frequência de ressonância do mundo inteiro. O efeito pode ser subtil, mas não deixa de existir. Isto faz algum sentido para si?»

Mais uma vez, tentei gentilmente levá-la para uma percepção quântica do mundo. Expliquei-lhe que, na Física Quântica, isto acontece por causa de um fenómeno chamado não-localidade quântica, por intermédio do qual as nossas intenções podem tornar-se correlacionadas, porque partilhamos a mesma consciência. A consciência é o fundamento do ser, pelo que todos procedemos dessa consciência única. Além disso, existem agora provas laboratoriais de que este conceito de uma consciência única é válido. Embora no nosso ego não o possamos experienciar, existe uma consciência não-local, uma conexão sem quaisquer sinais, uma comunicação sem sinais que podemos partilhar. Com ela, podemos influenciar os outros, mesmo sem a mediação de ondas eletromagnéticas ou sonoras.

O Dilema da Escolha

Foi então que a minha amiga jornalista fez a pergunta crucial: como é que tudo isto se correlaciona com o livre-arbítrio? Respondi-lhe que o livre-arbítrio procede dessa causação final que se encontra para lá de toda a causação material: a causação descendente. A Física Quântica é a física das possibilidades, e a consciência é necessária para escolher essas possibilidades. Essa escolha, quando feita livremente sem condicionamentos do passado, é aquilo a que chamamos livre-arbítrio. Todos temos livre-arbítrio, mas este tem lugar num estado superior da consciência, naquela consciência a que alguns chamam Deus e a que eu chamo consciência quântica.

Muitas pessoas não são particularmente conscientes, porque, na realidade, não utilizam a liberdade de escolha que está ao nosso alcance por meio de uma consciência evoluída. Por outras palavras, enquanto seres mais ou menos condicionados, levamos uma existência semelhante à de um *zombie*, um morto-vivo. Mas escapar a tudo isto está nas nossas mãos, e podemos começar por dizer «não» ao condicionamento.

Pude ver que ela estava a ficar entusiasmada. «Então posso dizer que amanhã vou à mercearia às três horas», argumentou. «Este é o meu livre-arbítrio, que me deixa escolher. Mas, na realidade, não tenho absolutamente nenhuma maneira de garantir que tal aconteça, embora eu tenha toda a intenção de lá estar às três horas. Posso ficar retida no trânsito. Posso ter um acidente. Posso receber um telefonema que me prenda durante uma hora. Então, na origem da consciência, você acredita que o livre-arbítrio existe para que façamos qualquer coisa que escolhamos?»

Eu ri-me e respondi que não existe nenhuma garantia, porque a nossa intenção depende de outros fatores que, por sua vez, dependem de como outras pessoas estão a exercer o seu livre-arbítrio. Depois expliquei-lhe que a palavra «livre-arbítrio» pode ser usada de duas maneiras. Livre-arbítrio pode significar escolher entre alternativas condicionadas. Por outras palavras, o nosso condicionamento contém a possibilidade de um transporte e a disponibilidade de uma mercearia, e nós temos acesso a ambas as opções em qualquer momento. Então, na realidade, estamos a escolher entre alternativas que já

experienciámos e recordamos. Mas isto não é um livre-arbítrio total, sem restrições. Os cientistas materialistas têm modelos muito bons que explicam o condicionamento como redes neurais que deixam «sulcos» em vários percursos no cérebro de cada vez que respondem a estímulos repetidos. Como tal, podemos escolher entre diferentes respostas porque existe mais do que um percurso «sulcado». Mas esta escolha não é totalmente livre, porque depende da aprendizagem condicionada que o nosso cérebro já levou a cabo. Não precisamos do livre-arbítrio da consciência de Deus para explicar isto.

Um dos meus exemplos preferidos a este respeito é quando somos atormentados por uma decisão ética. Às vezes, as decisões éticas são tão complicadas, exigem tanta sutileza, que a escolha se torna angustiante, porque tudo é muito ambíguo. Discuto muitas vezes esta questão com pessoas bem-intencionadas porque, às vezes, gosto de fazer afirmações radicais apenas com o intuito de as levar a aprofundar o seu pensamento. Por exemplo, numa conferência, disse que todas as pessoas conscientes, as pessoas transformadas, rejeitam dizer a verdade num sentido literal. Houve quem ficasse muito incomodado e me acusasse de insinuar que as pessoas que passam a ser conscientes são mentirosas. Mas consideremos o seguinte dilema ético:

O leitor vê uma pessoa a correr. No momento seguinte, vê outra pessoa a correr atrás da primeira com uma arma. Se a pessoa que tem a arma parar e lhe perguntar se viu passar alguém a correr, pode ser que o leitor não responda imediatamente: «Sim, vi, e foi por ali.» O mais provável é que hesite e dê uma resposta vaga ou evasiva, porque não quer que ninguém leve um tiro. Mas se perceber que a pessoa com a arma é um agente da polícia, talvez mude de ideias. Esse momento é um momento de criatividade, o momento do seu livre-arbítrio baseado num sentimento visceral. O leitor não sucumbiu ao seu condicionamento, que o teria levado a responder imediatamente quando a pessoa com a arma lhe fez uma pergunta num tom autoritário. Tratou-se de um ato de liberdade, de resistência ao seu condicionamento. O leitor hesitou, e esta foi a abertura à criatividade, a abertura a uma decisão criativa. Neste tipo de situação, é-nos dado observar que dispomos de eficácia causal e que temos de a tornar manifesta. E fazemo-lo com mais frequência quando somos conscientes, quando estamos um pouco transformados. Explicado deste modo, faz sentido que às vezes tenhamos de mentir para salvar uma pessoa.

Na sua essência, disse eu à jornalista, o livre-arbítrio é uma questão de criatividade. Quando somos criativos, exercemos a liberdade porque escolhemos algo que não conhecíamos antes, algo que é completamente novo. Assim sendo, a verdadeira liberdade consiste em exercer uma escolha que não pode ser prevista, uma escolha que não tenhamos experienciado antes, que seja totalmente nova, algo sobre o qual o ego não tem nenhum controlo. A liberdade de escolher livremente entre as nossas próprias alternativas condicionadas é importante, e lutamos por ela. Lutámos contra os nossos pais pela nossa liberdade de escolher o sabor de um gelado quando éramos pequenos. Fizemos-lhes frente para podermos escolher uma faculdade quando éramos jovens adultos. Quando Patrick Henry disse: «Deem-me liberdade ou deem-me a morte», estava a exprimir este tipo de liberdade. É importante, mas não é a liberdade definitiva; não é a liberdade criativa. Não é a liberdade de criar algo

que seja completamente novo, embora possa ser um importante passo nessa direção.

Ela pensou durante um momento e depois disse: «Então é mais como se fôssemos crianças de dois anos sentadas no banco de trás de um carro, presas na nossa cadeirinha com um pequeno volante amarelo. Achamos que estamos a conduzir o carro, mas na realidade não estamos.»

«Exatamente», respondi. «Achamos que estamos a conduzir, mas só quando introduzimos a criatividade é que realmente começamos a conduzir.» Mas não nos podemos esquecer do seguinte: o corpo humano não está preparado para ser constantemente criativo. Mesmo pessoas como Jesus e Buda não estavam sempre no seu mundo do Espírito Santo. E, quando estavam no mundo físico, falavam por parábolas, em palavras e em línguas que nem sempre compreendemos.

Manifestar a Escolha

A minha amiga jornalista fez-me então uma pergunta maravilhosa: «O que é que pensa sobre a manifestação da intenção na realidade física? A maioria das pessoas não acredita que a intenção seja poderosa e gostava de saber por que razão não se pode manifestar qualquer coisa que se queira, como um *Rolls-Royce*, por exemplo.»

Claro que este é um dos temas favoritos. Filmes como *O Segredo* fizeram uma fortuna com a venda de ideias simplistas sobre a manifestação das nossas escolhas no mundo físico, embora seja verdade que a perspetiva quântica do mundo, se levada à sua conclusão lógica, aponta para uma ciência da manifestação.

«De facto, na década de 1970», respondi, «havia uma organização que ensinava as pessoas a manifestar *Rolls-Royces*. Se falhavam, não tardavam a ensinar-lhes como manifestar lugares de estacionamento em áreas congestionadas no centro da cidade.»

A minha amiga riu-se e eu continuei, agora num tom mais sério: «Tudo se resume ao velho problema do ego, a estreiteza da consciência que nos impede de manifestar a nossa intenção. Identificamos a limitação do ego como uma limitação da intenção. A intenção tem o poder da consciência de Deus, mas temos de situar a nossa intenção no enquadramento de consciência correto. Se operamos no interior da estreiteza do ego, a nossa intenção não terá nenhum efeito na consciência cósmica, onde tais manifestações se encontram abertas como possibilidades. Se a nossa intenção partir da consciência do coração, todavia, encontramos-nos num estado mais expandido e as nossas hipóteses de sucesso aumentam.»

Expliquei-lhe então que, se ocasionalmente conseguirmos aceder a estados místicos de consciência, como Jesus e Buda faziam, e alcançar uma verdadeira sincronia com a consciência cósmica, as nossas hipóteses de manifestação tornam-se ainda melhores. Tudo depende do nível de coesão da consciência que

pretendemos e de quanta expansão conseguimos obter. Nos estados expandidos da consciência, apenas desejamos o bem de todos. Não procuramos gratificação individual de tipo material. O egoísmo desaparece. Mas isto assusta algumas pessoas, que só querem as suas coisinhas egoístas e satisfazer os seus sentidos. Isto quer dizer que, coletivamente, ainda temos de crescer. Ainda somos crianças em termos de maturidade da consciência.

Temos sem dúvida de aprender as subtilezas e a enormidade da potencialidade que há dentro de nós. Coletivamente, ainda nem sequer começámos a expandir-nos em criatividade mental, na descoberta de novos significados. Talvez os grandes artistas, os grandes cientistas e os grandes filósofos o consigam fazer. Mas nós, os restantes, ficamos muito satisfeitos ao experienciar um leque muito reduzido de significados mentais, pelo que brincamos com a ideia de manifestar algo que antes não existia no domínio material, como um *Rolls-Royce*. Mas isto não tem nada de simples: vai totalmente contra a física materialista, porque envolve a criação de nova matéria a partir do nada. O que temos de explorar é um género de criatividade muito mais simples: a criatividade do significado mental. Os nossos antepassados já o sabiam, pelo que, quando rezavam a Deus com um pedido de algo material, sabiam que a graça de Deus se manifestaria por intermédio da benevolência de outro ser humano.

Temos um longo caminho a percorrer, disse-lhe eu, mas isso não significa que tenhamos de nos sentir frustrados. Como diz um provérbio chinês: uma viagem de dez mil quilómetros começa com o primeiro passo. Temos de aprender a ser criativos: primeiro, com a criatividade mental; depois, com as nossas energias vitais; e finalmente com a criatividade no nível material, o que equivale àquilo a que chamamos milagre.

CAPÍTULO 9

INVOLUÇÃO E EVOLUÇÃO

É frequente que os participantes nos meus cursos me perguntem o que quero dizer com o fundamento do ser. Estou a referir-me a Deus ou a qualquer coisa à qual alguém possa chamar divindade? Eu respondo-lhes que, tecnicamente, sim, mas prefiro definir Deus como o agente criativo do fundamento do ser. O fundamento do ser, filosoficamente falando, deve ser considerado eterno e inclusivo de todas as possibilidades. Tudo o que é eterno encontra-se fora do espaço e do tempo, de modo que nada pode acontecer na eternidade que seja inclusivo de todas as possibilidades. Para que a criatividade entre em cena, para que as coisas aconteçam, tem de haver alguma limitação. Como tal, Deus não é exatamente o fundamento do ser na sua totalidade, mas antes o agente criativo do fundamento do ser, depois de se terem imposto algumas limitações.

Antes de Deus

Qual é, então, o fundamento do ser, se é mais do que Deus? Ao fundamento do ser dá-se por vezes o nome de Divindade¹ nas tradições espirituais. É a eternidade, inclusiva de todas as possibilidades, que está sempre presente, em segundo plano. Ficamos por aqui; caso contrário, continuaríamos a perguntar indefinidamente: o que é que existia antes? E o que é que existia antes?

É como o velho enigma da teoria do *Big Bang*. O que é que existia antes do *Big Bang*? Os materialistas propõem uma explicação à qual chamam «teoria da inflação», que projeta um tempo anterior ao *Big Bang*. Mas isto levanta a questão do que existia antes da época inflacionária. As tradições espirituais também não se saem muito bem nesta questão. Reza a história que Santo Agostinho estava a pregar, a explicar como Deus criara o Céu e a Terra, quando um dos fiéis lhe perguntou o que é que Deus estava a fazer antes de criar o Céu e a Terra. Depois de uma pausa, Agostinho respondeu: «Deus estava a criar o Inferno para as pessoas que fazem perguntas como essa.»

Mas o que é que Deus estava a fazer antes de criar o Céu e a Terra? O que é que *existia* antes do *Big Bang*? A única resposta sensata é que, antes do *Big Bang*, antes de Deus, antes de qualquer coisa em que possamos pensar, a eternidade está sempre presente. E este é o fundamento do ser. Tudo «se detém» com a eternidade, porque nada pode ter existido antes. A eternidade não tem passado nem presente nem futuro. Contém todas as possibilidades, tudo o que é ou foi ou será. A eternidade é atemporal. Para introduzir o tempo na imagem, para introduzir a criatividade na imagem, tem de existir limitação. Temos de introduzir leis que impliquem quantidades que variem com o tempo

— não com o tempo manifesto, mas com o tempo enquanto parâmetro. Temos de introduzir significado: a ideia de que existem modelos definidos de seres biológicos com os quais a consciência pode funcionar. Apenas depois de todas estas limitações serem introduzidas é que a matéria pode ser criada e a manifestação pode ter lugar. A matéria cria então representações do que existiu antes dela — representações dos modelos ou planos das funções biológicas, representações de significado mental, etc. (ver Figura 11).

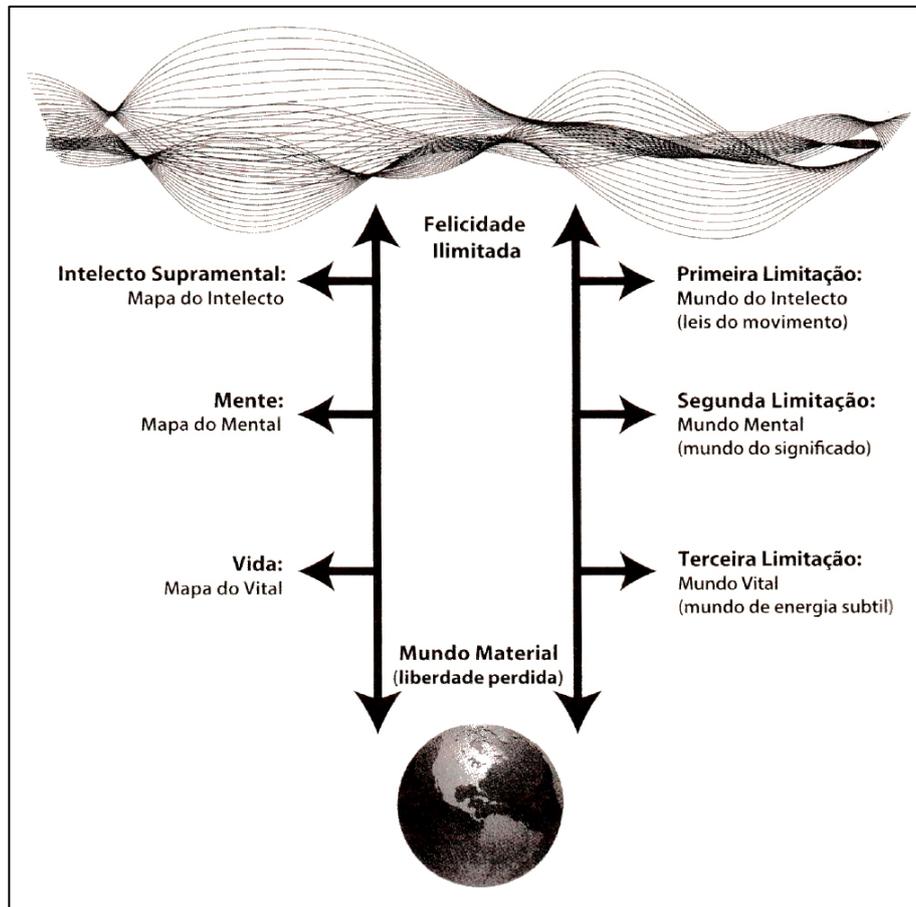


Figura 11. A

involução precede a evolução.

Mas representação e significado requerem um observador. O observador original é teorizado como uma criatura unicelular da qual todos nós evoluímos. Há mais de quatro mil milhões de anos, esta vida original manifestou-se. Foi um acontecimento monumental. Antes dele, tudo era simplesmente possibilidades entre as quais a consciência podia escolher. Não existia consciência manifesta nem observador manifesto, e não existia escolha. Era um Universo possível, por assim dizer, sem realidade. Nesse momento, o momento da primeira observação — nesse momento daquilo a que o físico John Wheeler chamou «a conclusão do circuito de significação», ou, se quisermos ser mais precisos, a conclusão do circuito vital hierárquico interligado da primeira célula viva —, todo o Universo foi criado, recuando no tempo por intermédio de uma escolha tardia. É claro que não podemos descartar a possibilidade de que tenham existido outros planetas, além do nosso, onde outras criaturas unicelulares tenham surgido. Mas, feita esta ressalva, posso dizer que, antes da entrada em cena da vida aqui, tudo era uma mera possibilidade quântica.

A princípio, é difícil compreender o que queremos dizer quando dizemos que o Universo foi criado recuando no tempo, a partir do ponto no qual a primeira célula viva surgiu, há cerca de quatro mil milhões de anos. Segundo os nossos cálculos mais recentes, o *Big Bang* provavelmente teve lugar há cerca de 13 500 milhões de anos. Mas isto cria um problema concetual. O calor gerado pelo *Big Bang* teria impedido a vida, pelo que não poderia ter existido nenhum observador manifesto e, como tal, não seria possível uma escolha. Devemos concluir, então, que, quando o primeiro observador fez a primeira escolha, essa foi uma escolha tardia. Quando a primeira consciência celular viva escolheu, há quatro mil milhões de anos, todas as coisas que ocorreram antes desse acontecimento — a atmosfera da Terra, o Sol e o sistema solar, as supernovas, a primeira geração de estrelas, as galáxias, o próprio *Big Bang*, toda a linhagem causal — manifestaram-se retroativamente nesse preciso momento. Inclusive o espaço e o tempo, que eram parâmetros em potencialidade, foram criados com essa escolha (ver Figura 12). E o tempo foi criado com uma cronologia linear que, segundo nos diz a lógica, deve ter para se tornar manifesto. Como tal, a nossa escolha agora precipita a realidade das possibilidades de então, recuando no tempo.

Evolução e Propósito

Falemos mais um pouco sobre a evolução e a consciência. O nosso mundo evoluiu ou apareceu espontaneamente, como dizem os criacionistas? Ou será uma combinação de ambas as coisas?

Durante muito tempo, as tradições espirituais e os dogmas religiosos ensinaram que não existiu evolução, porque Deus tinha criado tudo de uma vez. Este erro surgiu da suposição de que o Universo não tinha leis. As nossas experiências encontram-se tão repletas de acontecimentos fortuitos que a Humanidade demorou muito tempo a compreender que o Universo é, de facto, lícito e que Deus opera dentro dessas leis. Quando estabeleceu que o Universo opera de acordo com leis, a Ciência questionou se também haveria leis que circunscrevessem a manifestação. A Ciência já não precisava de pressupor que a manifestação ocorrera arbitrariamente, de uma só vez, pelo que desafiou a ideia apresentada no Génesis — de que Deus tinha criado o mundo.

Sob a forma de registos fósseis, os indicadores científicos demonstram claramente agora que a evolução existiu. Mas eis o que os biólogos tentam ignorar: a evolução é progressiva, tem uma «flecha do tempo». As criaturas unicelulares deram lugar aos animais multicelulares, que deram lugar aos invertebrados e vertebrados, que acabaram por dar lugar aos primatas e aos seres humanos. Mas existem muitas anomalias e faltam muitos pontos intermédios entre as etapas da macroevolução no registo fóssil que o darwinismo não explica.

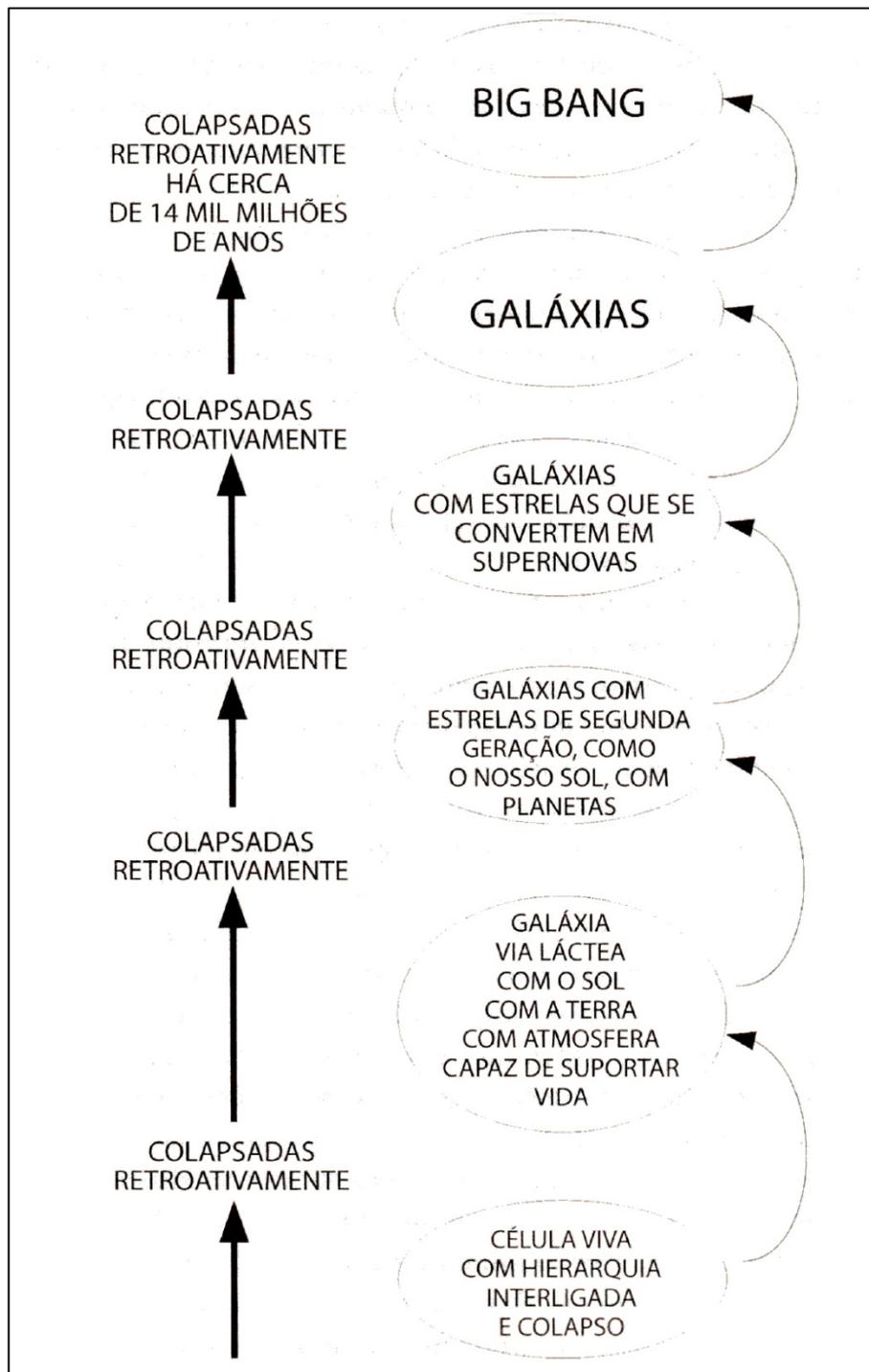


Figura 12. O colapso retroativo do *Big Bang*; a conclusão da hierarquia interligada da primeira vida; escolha e colapso tardios.

No meu livro *Evolução Criativa* (2008), abordo estas anomalias. Há uma interpretação metafórica do Génesis — que nos diz que a criação durou seis dias — com a qual podemos evitar a ideia de uma criação instantânea e criar espaço para a evolução. Da mesma forma, à luz da primazia da consciência, o darwinismo pode ser transformado numa nova teoria que explique a flecha do tempo e as peças que faltam no registo fóssil ao criar espaço para os saltos quânticos criativos.

De acordo com a teoria de Darwin, o registo fóssil devia revelar um desenvolvimento contínuo de uma espécie para a seguinte que explicasse todas as diferenças significativas. Mas não é este o caso. O registo fóssil não é contínuo. Há lacunas, especialmente quando consideramos grupos macroscópicos superiores às espécies. Por exemplo, entre as criaturas anfíbias e os répteis, a teoria de Darwin diz que deviam existir milhares de espécies intermédias quando, na realidade, apenas foram encontradas algumas — cerca de sessenta. Qual o significado destas lacunas fósseis?

É aqui que a ciência quântica pode dar uma ajuda. Segundo o ponto de vista quântico, não temos de pressupor que a evolução se deu apenas pela intervenção de mecanismos contínuos — mutações aleatórias de genes e seleção natural dos genes mutados, escolhendo aqueles que são benéficos para a sobrevivência. Em seu lugar, podemos postular a evolução como uma evolução da consciência. Se observarmos a evolução do ponto de vista da consciência, podemos invocar a criatividade. Podemos, portanto, propor uma ação contínua condicionada, como no darwinismo tradicional, mas também uma ação criativa — por saltos quânticos — no processo evolutivo.

Quando nos condicionamos, as coisas tornam-se contínuas. O leitor já reparou que o nosso fluxo de consciência é bastante contínuo? Mas a criatividade acontece intermitentemente e é isso que nos permite iniciar novas fases na vida. A evolução biológica procede da mesma maneira. Há algumas alterações instantâneas que têm lugar, saltos quânticos, e estes saltos quânticos explicam as lacunas fósseis.

Quando introduzimos a consciência na equação da evolução, qual é o motor da intenção? Como é que a informação sobre a intenção provém desde o fundamento de todo o ser até à matéria? Como é que chega ao nível material? Por sinais? Recordemos aqui que a intenção não é uma causa. Uma pergunta melhor seria: qual é o *propósito* motriz do Universo? Como é que o *propósito* consciente entra na matéria? E é aqui que os biólogos têm de abrir a sua mente à não-localidade quântica, isto porque, de facto, na consciência quântica, não é necessário nenhum sinal. A consciência quântica afeta a matéria, as possibilidades materiais, por intermédio da causação descendente não-local... por intermédio da escolha.

Mas para quê fazer todas estas perguntas? São muitos os que pensam que Deus é perfeito e que, como tal, o mundo devia ser perfeito. Aqui é que está a questão. O mundo não é perfeito e nós perguntamos a nós próprios porquê. A evolução dá-nos uma saída. A ideia por trás da evolução é que começamos como seres imperfeitos, mas tentamos tornar-nos perfeitos, tentamos transformar-nos, tentamos evoluir como seres espirituais.

Se assim é, por que é que Deus manifestou o Universo? Por que não ficar para sempre na perfeição? Porque no não-manifesto, na eternidade, nada acontece. Não existe experiência. As coisas acontecem porque, com o tempo, queremos alcançar a perfeição, mas queremos alcançá-la na manifestação, na experiência. E é este o propósito da manifestação. Os cientistas aceitam que existem leis causais do Universo; mas também têm de aceitar que há um propósito.

O Princípio Antrópico

Reconhecemos oito arquétipos principais, arquétipos de valor que impulsionam a nossa evolução social: amor, beleza, justiça, verdade, eu, integridade, abundância e bondade. Teremos de ser criativos para manifestar estes arquétipos. Podemos amar se apenas nos limitarmos a desejá-lo? Podemos ser justos se apenas o desejarmos? Não, temos de fazer por isso. Temos de evoluir nessa direção. Temos de ser criativos. A ideia da evolução é que, inicialmente, não somos muito perfeitos. E como poderíamos ser? A consciência teve de criar a vida dentro das limitações das leis científicas que tiram partido das contingências. Mas finalmente podemos evoluir até nos convertermos em seres capazes de amar; podemos evoluir rumo à justiça, à verdade ou à bondade. Podemos evoluir rumo à perfeição.

É claro que, por vezes, retrocedemos. Na sociedade atual, não vemos muita justiça. Progredimos como o proverbial macaco que subia ao mastro de bambu: uma pata para cima e três para baixo. Mas, felizmente, o «sabor» de uma sociedade justa continua connosco e, com o tempo, recuperamos o progresso perdido. Quando o fazemos, subimos um pouco mais alto. É assim que funciona a evolução, pelo que não temos razões para desanimar.

O princípio antrópico diz que o mundo é feito de modo que o faça avançar rumo ao estabelecimento de uma consciência encarnada manifesta. Antrópico significa «humano» ou «existência humana». Princípio pode ser definido como «lei», pelo que o princípio antrópico pretende ser a lei da existência humana.

O princípio antrópico é um bom exemplo de escolha tardia. Sem uma escolha tardia, seria inexplicável. Com a orientação do princípio antrópico, o mundo evolui de um modo tal que, por fim, ocorre uma consciência encarnada manifesta. Na Física Quântica, a consciência manifesta é aquilo que torna possível um mundo manifesto, e apenas quando surge a consciência manifesta é que o mundo se pode manifestar. É então que o círculo se fecha. O mundo precisa da consciência para se manifestar e a consciência precisa das condições sob as quais a consciência se pode manifestar. Esta circularidade é o motor do princípio antrópico. Nós precisamos do Universo; o Universo precisa de nós. O Universo não se pode manifestar sem o observador. O observador não se pode manifestar sem o Universo e a sua evolução.

¹ *God Head*, no original. (N. do T.)

CAPÍTULO 10

UM CONTO DE DOIS DOMÍNIOS

Vejam agora como podemos tornar compatíveis a Física Quântica e a teoria da relatividade, que é uma teoria do tempo e do espaço. Em primeiro lugar, vamos considerar a ideia da comunicação sem sinais, aquilo a que, na Física Quântica, chamamos não-localidade. A teoria da relatividade parece concluir que não pode existir uma comunicação instantânea, que não pode haver saltos quânticos instantâneos. Na teoria da relatividade, há sempre uma velocidade finita de comunicação, limitada pela velocidade máxima do sinal — que é a velocidade da luz. Vejam agora o conceito quântico dos dois domínios. A teoria quântica define o domínio da potencialidade como um domínio não-local que existe fora do espaço e do tempo, para lá da jurisdição da teoria da relatividade. Assim, o que parece ser descontínuo no domínio espaciotemporal apenas acontece porque existe uma comunicação sem sinais que tem lugar no domínio da potencialidade. Por outras palavras, potencialidade e realidade são fenómenos mutuamente dependentes.

Tomemos, por exemplo, a ideia da correlação ou interligação quântica que ocorre entre os objetos quando estes interagem. Suponhamos que medimos dois objetos interligados que se encontram a milhões de anos-luz de distância e descobrimos que, quando o objeto A se polariza numa direção, o objeto B também se polariza sempre na mesma direção. Este é um caso de correlação ou interligação.

A conexão não-local entre estes dois objetos, que é uma potencialidade, precisa de algo que a desencadeie para ser ativada. Por outras palavras, todos os objetos estão potencialmente conectados por via da não-localidade a todos os outros objetos do Universo. Mas, para concretizar esta conexão não-local, temos de interligar os dois objetos, ou de os correlacionar, mediante alguma interação local.

Isto pode parecer confuso, mas pensemos no domínio da potencialidade, no domínio da unidade. Sabemos que é semelhante ao conceito do inconsciente na Psicologia. E sabemos que o inconsciente pessoal está enraizado no corpo físico, nas recordações do cérebro. Mas Jung descobriu que o inconsciente coletivo também está enraizado na memória — na memória coletiva ancestral que suprimimos coletivamente. Mas o próprio inconsciente, que é idêntico ao domínio da potencialidade, é maior do que a soma dessas duas partes. É muito maior do que o inconsciente pessoal ou do que o coletivo. E a essa «parte extra», as novas possibilidades quânticas não-condicionadas, chamaremos inconsciente quântico.

Do Sujeito ao Objeto

Werner Heisenberg, codescobridor da Física Quântica, foi o primeiro a estabelecer esta ligação. Regressemos à nossa experiência mental do Capítulo 2, na qual libertávamos hipoteticamente um elétron livre numa sala e tentávamos medir onde ele estaria. (Aqui, «livre» significa livre de todas as forças.) Heisenberg perguntava a si mesmo: o que é que realmente acontece quando a potencialidade se transforma em realidade? Quando apenas conhecemos a potencialidade, tudo o que podemos dizer, tudo o que podemos calcular, tudo o que podemos saber, são as probabilidades de um objeto estar em vários locais possíveis. O nosso conhecimento do objeto é vago. Mas quando convertemos o objeto numa partícula de realidade por intermédio do evento do colapso, sabemos exatamente onde ele está. Como tal, Heisenberg dizia que a mudança num objeto, da potencialidade para a realidade, é uma mudança no nosso conhecimento desse objeto. E agora temos de fazer a pergunta: qual é o veículo que nos traz tal conhecimento?

A consciência, como vimos, é o veículo com o qual conhecemos. Assim sendo, o que Heisenberg nos diz é que a passagem da potencialidade à realidade é uma alteração na consciência. Como tal, este domínio de interconexão é a forma mais geral de consciência à qual acedemos. Antes (e para lá) do ego, somos este vasto e interconectado fundamento do ser que é a consciência. É um inconsciente que todos partilhamos e que não tem personalidade nem possui nenhum eu como aquele que experienciamos no mundo manifesto.

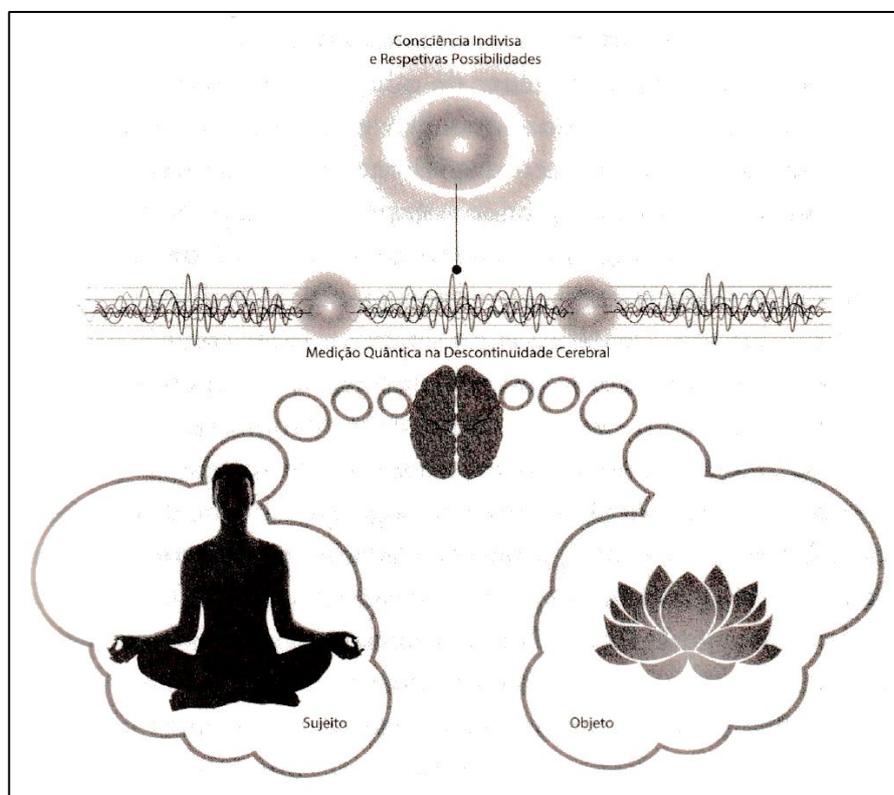


Figura 13.

Como o um se converte em dois; a separação sujeito/objeto aquando do colapso.

Podemos expressar isto num diagrama que mostra um eu individual e a sua relação com a consciência fora do espaço e do tempo (ver Figura 13). A potencialidade vem primeiro, depois a mudança ou colapso, depois a separação sujeito/objeto que resulta na realidade. Isto estabelece o observador manifesto, que age como um desencadeador do domínio da realidade.

O observador individual é a consciência manifesta atual em associação com o cérebro, que aparece como o sujeito — chamemos-lhe o eu quântico — de uma experiência espontânea. Parte da potencialidade converte-se no objeto dessa experiência. O cérebro é envolvido neste colapso, porque nenhuma passagem de potencialidade a realidade de nenhuma experiência pode ter lugar sem a hierarquia interligada do cérebro do observador.

Devo repeti-lo: *Não pode acontecer nenhuma mudança sem o cérebro do observador*. A consciência encontra-se representada — encarnada — como o sujeito que se identifica com o cérebro. Sempre que nasce uma criança, o seu cérebro fornece a hierarquia interligada que manifesta a realidade que a criança experiencia. E a criança torna-se um observador sob a forma de um eu separado, embora um bebé não esteja consciente de que é um eu separado do seu meio antes de cerca dos doze meses de vida. Ela tem de acumular pelo menos um ano de recordações para sustentar essa percepção de separação. É apenas quando a experiência espontânea do eu quântico se reflete no espelho da memória acumulada que começamos a discernir o eu do ego como algo separado do nosso meio.

O hinduísmo identifica estes dois domínios como *purusha* — potencialidade do sujeito-consciência — e *prokriti* — potencialidade dos objetos. Daqui, daquilo a que poderíamos chamar colapso quântico, nasce a consciência manifesta de um sujeito que observa objetos. Na metáfora cristã, *purusha*, a potencialidade da consciência, é Deus pai. *Prokriti*, a potencialidade dos objetos, é a mãe. Deus (*purusha*) impregna (por via da causação descendente) a mãe (*prokriti*) para gerar (Imaculada Conceição) a consciência manifesta sujeito/objeto do eu quântico (o Espírito Santo) e os objetos da experiência. Finalmente, o condicionamento faz com que o eu quântico se converta no ego (o Filho).

Na filosofia monista hindu do *vedanta*, *purusha* e *prokriti* juntos formam a totalidade/integridade — Brahman em sânscrito. Esta é a Divindade do cristianismo esotérico. Do mesmo modo, no budismo, a potencialidade é reconhecida como «vacuidade» (o nada). Dão-lhe o nome de *shunyata*, que transcende tanto o sujeito como o objeto. Assim sendo, a descrição quântica da consciência foi antecipada há milénios.

Da Potencialidade à Perfeição

Antes da medição, antes da observação, existe a potencialidade de um objeto e a potencialidade de um cérebro que o observa, ambas contidas na consciência como possibilidades da própria consciência. A mudança, à qual os físicos chamam colapso, leva a duas coisas: o cérebro colapsado desenvolve

uma representação da consciência (o sujeito) e um objeto colapsado, que o sujeito experiencia como o objeto da experiência.

Vejam como isto se aplica ao modo como uma garrafa de água emerge da potencialidade. A garrafa e o observador «coaparecem dependentemente». Para começar, a garrafa e o cérebro são unos com a consciência na potencialidade. Aqui, na manifestação, estão separados; ou seja, o observador está separado da totalidade da garrafa. Na experiência comum do ego, o observador também está separado da consciência total. Como tal, a potencialidade é o domínio da unidade, ao passo que o manifesto é o domínio de uma aparente separação.

O não-manifesto é integridade, totalidade. É perfeição. Quando souber isto no seu coração, o leitor terá dado um grande passo em direção à iluminação. Se assim é, por que é que precisamos de algo mais do que essa totalidade? Por que é que precisamos desta realidade separada? Por que é que precisamos da garrafa de água? Por que é que a criamos? Esta é naturalmente uma das perguntas fundamentais com que as religiões e tradições espirituais se vêm debatendo. O hinduísmo chama ao mundo da separação o «jogo de Deus». É uma explicação parcialmente satisfatória, porque não podemos apreciar em potencialidade o facto de comermos uma maçã. Algumas religiões veem a separação como o pecado original. Dizem-nos que devemos evitá-lo e manter a nossa atenção centrada na unidade. Mas perdem algo com esta trivialização do mundo manifesto. O mundo manifesto tem uma ordem e parte dessa ordem está sujeita a leis científicas.

Mais uma vez, por que é que o todo — o perfeito — cria uma aparente separação? A resposta é que não existe experiência na potencialidade. Quando dizemos que a potencialidade se encontra para lá do tempo, isso também significa que passado, presente, futuro, tudo coexiste simultaneamente na potencialidade. Mas não existe tempo manifesto nem experiência. Como tal, o mundo manifesto é criado para gerar experiência e, por fim, por meio da evolução, para gerar experiência da perfeição: a princípio para alguns indivíduos iluminados e, com o tempo, para todos. É um pouco como aquilo que o autor de ficção científica Arthur C. Clarke imaginou no seu romance profético *A Idade do Ouro*.

É verdade que a consciência representada não é o mesmo que a consciência original. Mas se criarmos um mundo que evolui, então é possível imaginar a evolução como um processo por via do qual crescemos, tornando-nos cada vez mais bem-adaptados para manifestar o amor, a bondade, a integridade, a abundância ou qualquer um dos arquétipos que já referimos. E esta é a nova espiritualidade da Física Quântica, algo que já foi antecipado por dois grandes pensadores do século passado, Sri Aurobindo e Teilhard de Chardin, os quais viram que o propósito da manifestação consiste em trazer o céu à terra.

Quando o *Big Bang* aconteceu, iniciou-se um Universo em expansão e o Mundo continuou a expandir-se desde então, tornando-se cada vez maior. De acordo com a teoria quântica, este Mundo de realidade emergiu do não-manifesto — da totalidade, da perfeição. Mas, pouco antes do momento do *Big Bang*, qual era a intenção, a intenção primária que desencadeou tudo? A

intenção era, numa palavra, a manifestação. Mas então qual era o propósito? Simplificando, o propósito era trazer a perfeição do não-manifesto (céu) ao manifesto (terra). Mas, para isso, precisamos da evolução. E o que é que impulsiona a evolução? É o propósito de desenvolver a perfeição, *q.e.d.*¹

Da Unidade à Separação

A manifestação, a experiência, requer um mecanismo para criar a separação. Consequentemente, ao *Big Bang* teve de seguir-se um grande desenvolvimento em potencialidade para que a manifestação na realidade pudesse acontecer. As galáxias surgiram cerca de um milhar de milhões de anos depois do *Big Bang*. Depois vieram as estrelas. Em seguida, as supernovas. Mais tarde, dos restos das supernovas emergiu uma segunda geração de estrelas, como o nosso Sol. E estas estrelas tinham todos os elementos necessários para criar vida num planeta que girava em torno de uma estrela como o Sol e extraía energia dela. Os planetas tiveram então de desenvolver, em potencialidade, uma atmosfera capaz de sustentar a vida. Todo este desenvolvimento em potencialidade precisou de cerca de nove mil e quinhentos milhões de anos, também em potencialidade. E então surgiu em potencialidade a primeira célula viva. Por último, o mecanismo para criar as aparências, a hierarquia interligada, encontrava-se potencialmente presente na estrutura da célula viva, e o ambiente também era o mais apropriado.

Numa célula viva existem duas moléculas muito importantes: a proteína e o ADN. Mas a sua origem é um grande mistério, porque sem ADN não podemos produzir proteínas; mas sem proteínas não podemos produzir ADN. Juntas constituem uma hierarquia interligada na célula viva. Ora bem, agora o colapso pode acontecer, dando-nos uma célula viva manifesta que pode distinguir-se do seu ambiente, ou meio, manifesto. Existe também um campo morfogenético associado à forma e à função da célula viva: o programa da célula. O colapso do campo morfogenético associado concede à célula a sensação de estar viva, por mais rudimentar que possa ser.

Observe-se aqui a semelhança com o conceito de «coaparição dependente» de que falámos antes. A célula, no momento em que se manifesta, converte-se numa entidade separada do seu meio; ambos aparecem de forma codependente. E este processo dá origem à célula viva — à vida — e ao seu meio não-vivo. A combinação proteína/ADN, juntamente com a sua parede ou membrana celular e o citoplasma, converte-se em vida, e todo o resto das possibilidades manifestas converte-se em meio não-vivo. Deste modo, a medida quântica da hierarquia interligada leva à vida manifesta, enquanto o resto, sem hierarquia interligada, se converte em não-vivo.

Sejamos claros. Onde não há hierarquia interligada, obtemos uma entidade não-viva, enquanto a parte com hierarquia interligada se converte em algo especial — aquilo a que Humberto Maturana chama um sistema autopoietico — , com autonomia e identidade próprias. Isto porque a consciência é representada nestes sistemas como uma identidade separada, como uma distinção. No resto

do mundo manifesto, a consciência não se pode representar, pelo que se manifesta como objetos.

No momento do *Big Bang* não havia criaturas vivas, pelo que não havia observadores que pudessem observar o processo. Este é outro maravilhoso paradoxo que devemos considerar, e a sua resolução é crucial. A resposta é que esta escolha de colapso não só pode ter lugar agora, precipitando um acontecimento isolado neste momento, como também uma escolha pode precipitar agora retroativamente, recuando no tempo, toda uma cadeia de acontecimentos que são pré-requisitos do acontecimento atual. Assim, quando a consciência escolhe tardiamente, com um atraso ou «desfasamento», colapsando toda uma cadeia de potencialidades e produzindo toda uma cadeia de acontecimentos retrocedendo no tempo até ao *Big Bang*, a escolha tardia gera o tempo retroativamente.

Temos a tendência de pensar segundo um enquadramento temporal absoluto, pelo que a escolha tardia nos parece difícil de compreender. Mas se permitirmos que o conceito de tempo seja flexível, criado pela própria consciência através do colapso, a escolha tardia começa a fazer sentido. Por outras palavras, podíamos dizer que a nossa consciência atual criou o *Big Bang*. É claro que a nossa consciência nem sempre foi tão atual. O *Big Bang* ocorreu há treze mil e quinhentos milhões de anos. A primeira célula viva apareceu há cerca de quatro mil milhões de anos. Como tal, a consciência tem feito isto — jogar este jogo cósmico da manifestação — há apenas quatro mil milhões de anos. Os primeiros nove mil e quinhentos milhões de anos foram de desenvolvimento na potencialidade. Em seguida, ocorreu uma série de escolhas tardias e de colapsos retroativos. Naquele momento, há quatro mil milhões de anos, a vida foi criada. Recuando no tempo, o Sol foi criado. E antes disso, as supernovas; antes disso, a primeira geração de estrelas; antes disso, as galáxias; e, antes de tudo, teve lugar o *Big Bang*. Mas toda a cadeia de acontecimentos é o resultado de um único acontecimento de causação descendente.

Sem o *Big Bang* em potencialidade não haveria galáxias nem uma primeira geração de estrelas em potencialidade. Não haveria supernovas nem uma segunda geração de estrelas em potencialidade. Não haveria um planeta como a Terra nem nenhuma célula viva em potencialidade. Como tal, esta cadeia de potencialidades é essencial para produzir o acontecimento real do colapso que produziu a vida. E antes que esta realidade acontecesse, não existia espaço; não existia tempo.

Uau!... Hã?

Da Teoria ao Facto

Toda esta teorização nos trouxe a um ponto no qual tudo o que eu aqui disse pode ser verificado experimentalmente. Uma maneira de verificar a teoria da escolha tardia — de como um acontecimento agora pode precipitar toda uma

série de acontecimentos que existiram numa realidade anterior — chega-nos por intermédio da investigação sobre as experiências de quase-morte.

O que é que acontece numa experiência de quase-morte? Ocorre uma insuficiência cardíaca. O paciente morre. É declarada a morte cerebral. O resto do corpo ainda está vivo, mas o cérebro está morto. Não existe nenhum sinal no EEG. Todavia, com os recentes progressos da Cardiologia, os cirurgiões cardíacos podem reanimar um paciente desde que não tenha passado demasiado tempo. E o paciente acorda e diz: «Tive uma experiência. Percorri um túnel e no outro extremo encontrei os meus parentes. E depois encontrei Jesus (ou Buda, ou quem quer que seja). E depois vi uma luz maravilhosa. E ouvi uma voz que me chamava de volta. E dei com uma parede. E cá estou eu, de regresso.»

Sob um ponto de vista científico, a dificuldade em compreender estas experiências é tremenda. Uma pessoa em morte cerebral não pode ter uma experiência que envolva um pensamento com significado. A experiência do significado requer um sistema hierárquico interligado chamado cérebro. Mas o cérebro está morto. No entanto, devemos levar a sério todas estas experiências, porque muitas outras pessoas em circunstâncias semelhantes referiram experiências idênticas; mas também porque estes acontecimentos alteram o comportamento posterior das pessoas em questão; com efeito, alteram toda a sua vida futura. Como tal, estes acontecimentos têm uma eficácia causal.

Como é que estes acontecimentos podem ter lugar? A ciência quântica responderia que deve ter existido uma cadeia de acontecimentos — uma cadeia retroativa de acontecimentos — que começou quando o paciente foi reanimado. Segundo esta perspetiva, quem sobrevive a uma experiência de quase-morte estaria a recordar a cadeia de acontecimentos, porque a dita cadeia agora faz parte da sua memória. Os acontecimentos ocorreram, recuando no tempo desde o momento do colapso, que deve ser o momento em que o cérebro foi «reanimado». Foi precisamente o que aconteceu com o *Big Bang* e com a origem da vida. Tudo o que podemos ver hoje é a memória do *Big Bang* contida no fundo de radiação de micro-ondas que permeia o Universo — radiação que foi emitida no momento do *Big Bang*, mas que se foi diluindo com o tempo. Essa analogia é, portanto, válida. Aquilo que vemos hoje teve lugar há milhares de milhões de anos e existe agora como uma memória.

A criação acontece momento a momento. O Universo lá fora não existe numa forma concreta. As galáxias, estrelas e planetas não estão apenas ali à espera de que os vejamos. Todos eles existem em potencialidade, a menos que algum ser vivo tenha uma experiência que os manifeste retroativamente. Poder-se-ia dizer que o *Big Bang* está a ser colapsado momento a momento, à medida que os astrónomos olham através dos seus instrumentos e detetam a radiação de fundo de micro-ondas. De facto, a Física Quântica elimina em absoluto o conceito newtoniano de que o Universo está sempre e apenas ali, com uma forma concreta.

Então e a Lua? Existe? Num artigo da revista *Physics Today*, um físico fazia esta pergunta: estará a Lua ali quando ninguém está a olhar para ela? E a conclusão é inequívoca. A Física Quântica insiste que não existe uma Lua «momento a momento», mas apenas a potencialidade da Lua. Claro que a

potencialidade é tão próxima da realidade — a Lua é uma massa tão grande — que sempre encontramos a Lua onde esperamos encontrá-la. Em virtude do seu tamanho, as possibilidades de movimento do centro de massa da Lua são muito limitadas. Como tal, a descrição newtoniana é aproximadamente válida. E o que dizer de Neil Armstrong? O que aconteceu quando ele chegou à Lua? Bem, Armstrong estava a manifestar-se a si mesmo, e a sua manifestação estava a criar codependentemente a Lua como parte da sua experiência.

Então e eu? Estou sentado a uma secretária, diante de um computador e a escrever um livro, e o leitor estará a ler este mesmo livro daqui a um ano. Obviamente, o leitor existe em potencialidade. Mas e eu, estarei no mundo da manifestação? Existo mesmo nesta realidade manifesta durante todo o tempo em que estou a escrever este livro? Pois... não. Tudo o que podemos dizer é que estou a entrar e a sair dessa potencialidade e a criar uma realidade tão próxima do que esperamos que seja que nos leva a pressupor equivocadamente que eu sou um elemento fixo, sempre aqui sentado, a escrever constantemente. A continuidade é uma criação da nossa expectativa. Entre os períodos em que escrevo, durmo e converto-me em potencialidade. E, realmente, isto é tudo. Assim que o leitor compreender a Física Quântica, nunca mais voltará a levar muito a sério a fixidez da realidade. Nada é permanente. Tudo muda constantemente. Tudo é efêmero, como os místicos vêm dizendo desde sempre.

Da Fixidez à Mudança

É claro que nem todos os físicos quânticos percecionam a realidade desta maneira. Mas a maioria acredita que há um dinamismo fundamental no mundo. Quando nos tornamos criativos, em lugar de vivermos na fixidez do ego, começamos a experienciar estas descontinuidades de tal forma que começamos a ver a mudança, e não a fixidez, como base do mundo. Todavia, a fixidez é necessária como ponto de referência para a mudança. Mudança e fixidez — movimento e quietude — ocorrem quase ao mesmo tempo.

O importante é compreender a distinção entre o imanente e o transcendente, o manifesto e o não-manifesto. Este computador em que estou a trabalhar é imanente. Parece existir continuamente no espaço tridimensional perfeitamente separado de mim. Se eu o empurrar, ele desloca-se. A realidade aparente na dimensão material é a matéria a mover-se no espaço tridimensional e a demorar o seu tempo a fazê-lo separada de mim. Mas no domínio transcendente da realidade não há separação. É por isso que não podemos tocar-lhe nem percecioná-lo como algo separado de nós. Este domínio encontra-se fora do espaço e do tempo. Transcende o espaço e o tempo. Neste domínio, todo o espaço existe simultaneamente; todo o tempo existe simultaneamente. Tudo é uno. Não há separação entre sujeito e objeto.

Convém também recordar que esta potencialidade existe eternamente. Além disso, há uma intenção na potencialidade de manifestação e isso significa que o princípio antrópico é nela incorporado numa qualquer fase da involução. E o mundo, tal como o conhecemos, é criado. E então, talvez, passados milhares

de milhões de anos, este mundo desmorona-se e já não sustenta a vida. E então a intencionalidade da potencialidade cria outro mundo.

Desta vez, a consciência escolheu as leis físicas que governavam a evolução deste Universo em particular. Mas, de acordo com a teoria quântica, existiram muitos universos regidos, cada um deles, por diferentes leis físicas. Alguns deles nunca colapsaram, porque chegaram ao seu fim demasiado depressa. A potencialidade da vida nunca se desenvolveu em realidade, de modo que não existiu manifestação. Mas pelo menos um desses universos — o nosso — teve de estar muito bem-adaptado para dar espaço à vida. As leis físicas tiveram de estar extremamente bem afinadas para tornar possível esta hierarquia interligada. Se alterarmos as leis físicas um pouco que seja, não haverá hierarquia interligada nem haverá manifestação.

Espero que, como eu, o leitor tenha começado a sentir a dança de Shiva em toda esta criação e destruição. Quando eu era materialista, pensava que as coisas aconteciam num tempo linear. Mas não é assim. Tudo se encontra em processo, mas nada está «a acontecer» em potencialidade. É apenas na realidade que as coisas acontecem de forma linear. Mesmo com a escolha tardia, recuando no tempo, temos sempre uma sucessão linear de acontecimentos que tiveram lugar antes.

Algumas pessoas agarram-se à questão dos universos paralelos, mas este tipo de questão não é realmente científico, porque nunca poderemos verificar a resposta. Por definição, os universos paralelos não podem comunicar entre si. O que me surpreende é que a natureza fundamental da realidade resida na impermanência do mundo e na impermanência das imagens que criamos. Newton deu-nos uma falsa noção de permanência e determinismo, uma noção antitética às tradições espirituais como o *zen* e o hinduísmo. Mas agora estamos a redescobrir a natureza efémera de tudo — a natureza dinâmica, criativa e pulsante de tudo. É assim que a Física quântica está a integrar ciência e espiritualidade de novo. No momento em que o leitor prestar atenção à impermanência do mundo, quando abandonar as atividades triviais e, em seu lugar, explorar o que realmente é permanente — os arquétipos —, tornar-se-á um ativista quântico.

¹ *Qund erat demonstrandum*, expressão latina que significa «como se queria demonstrar». (N. do T.)

CAPÍTULO 11

O PRINCÍPIO CRIATIVO

No movimento da Nova Era, ou New Age, há a tendência para o uso das palavras «vontade de Deus» quando se fala da mudança evolutiva. Na ciência quântica, porém, tendemos a usar o conceito de causação descendente para explicar a mudança evolutiva e evitamos usar termos com uma carga religiosa ou histórica, como «vontade de Deus». Quando estava a desenvolver as ideias aqui apresentadas, comecei a ficar crescentemente preocupado com esta expressão: «Vontade de Deus.» Os cientistas reconhecem que um princípio irreversível, como a causação descendente, tem de ser objetivo para que seja científico: não objetivo no sentido newtoniano, talvez, mas não dependente de uma subjetividade arbitrária. Mas a criatividade, no sentido quântico, não é subjetiva. Tem um aspeto subjetivo que provém da falibilidade individual humana. Todavia, não é a ideia criativa que é falível, mas a representação mental da ideia que criamos com a nossa mente subjetiva.

Deus é o princípio criativo por trás de uma ideia criativa. Isto é fácil de ver, se concordarmos que aquilo a que chamamos consciência quântica é aquilo a que as pessoas religiosas chamam Deus. Como tal, é Deus quem perpetra a causação descendente. Mas o que é que faz com que uma determinada causação descendente — a vontade de Deus — tenha lugar numa dada situação? Como é que o mundo manifesto acontece? Carl Jung afirmava que tudo consistia em tornar consciente o inconsciente. Isto, como causa geral de qualquer manifestação, pode ser exato, mas não nos diz por que motivo uma possibilidade inconsciente concreta se torna consciente em oposição a outra. Com efeito, isto soa demasiado a biologia darwiniana — probabilística, produto do acaso. A evolução, tal como a que foi descrita por Darwin, pode seguir este ou aquele caminho, mas não é assim que a evolução realmente funciona.

Quando consideramos os dados fósseis, a evolução parece possuir uma direcionalidade: há uma ordem na própria evolução. De facto, esta é uma das suas principais características. Os fósseis começaram como organismos muito simples e tornaram-se cada vez mais complexos à medida que a evolução avançava. Assim, a passagem do tempo é evidente na crescente complexidade do registo fóssil. Mas o darwinismo não possui nenhuma direcionalidade incorporada que favoreça a complexidade. As mutações genéticas são aleatórias, e aleatório significa sem direção. A Natureza também não seleciona em função da complexidade — seleciona com base na fecundidade; ou seja, na mutação que produz maior progenitura. Como tal, o darwinismo, enquanto teoria da evolução, jamais poderá demonstrar uma «flecha do tempo» em direção a uma complexidade crescente.

A Evolução Quântica

É aqui que a ciência quântica pode ser útil. Numa visão quântica do mundo, a evolução é vista como uma evolução das representações das possibilidades subtis da consciência no mundo. Entre os quatro tipos de experiências — sensação, sentimento, pensamento e intuição —, há uma gradação. A sensação é grosseira; o sentimento é subtil; o pensamento é mais subtil ainda; e a intuição é extremamente subtil. No contexto da evolução, existem representações do mais intimamente subtil — representações das energias vitais na matéria a que chamamos vida. E vão sendo criadas representações cada vez mais sofisticadas do vital à medida que a evolução da vida acontece. Os órgãos tornam-se cada vez mais sofisticados e associam-se a chacras cada vez mais elevados à medida que o tempo passa, à medida que os fósseis se tornam mais complexos. Como tal, a ideia da evolução consiste em melhorar as representações das possibilidades subtis da consciência no mundo, bem como em criar representações de coisas cada vez mais subtis.

Só depois de as representações da energia vital na matéria estarem mais ou menos concluídas é que a evolução desenvolveu a capacidade de criar representações mentais. Com o desenvolvimento do neocórtex, foi introduzida a capacidade de cartografar a mente, e a evolução progrediu com a melhoria da capacidade mental de atribuir significado. Nós, seres humanos, encontramos-nos no topo do totem evolutivo? Poder-se-ia dizer que sim. Na teoria quântica, a evolução não regride, pelo que não temos de nos preocupar com a possibilidade de um planeta dos macacos no futuro.

A mente deu significado, em primeiro lugar, ao mundo físico, de modo que nós, seres humanos, quando éramos caçadores-recoletores, fomos os primeiros a transmitir significado ao mundo físico. Na fase seguinte da evolução — a da agricultura de pequena escala —, a mente começou a atribuir significado às energias do mundo vital. Homens e mulheres trabalhavam juntos como agricultores, interagiam e tinham batalhas e relações emocionais das quais evoluíram os circuitos cerebrais emocionais negativos. Desenvolveu-se a consciência tribal não-local, de modo que estas interações beneficiavam todos os membros da tribo, e até a Humanidade. Os nossos antepassados talvez tenham chegado a explorar os arquétipos até certo ponto, criando as representações as quais hoje chamamos arquétipos junguianos do inconsciente coletivo.

Veio então a Era em que a mente atribuiu significado à própria mente, a Era do pensamento racional abstrato. Isto começou com a agricultura em grande escala. As terras foram repartidas em propriedades individuais e a consciência tribal desvaneceu-se, juntamente com a não-localidade. Os proprietários de terras ascenderam ao topo de uma hierarquia; tinham o poder e converteram-se em aristocracia, enquanto os restantes se tornavam servos. O pensamento racional gera a sua própria hierarquia. No passado, gerou uma hierarquia religiosa que interagia bem com a aristocracia. Ainda hoje lutamos contra este elitismo.

O passo seguinte na evolução da mente teve lugar quando esta atribuiu significado à intuição e incorporou esse significado fazendo uso da criatividade. Podemos chamar a isto a mente intuitiva ou arquetípica. É por este motivo que a criatividade fundamental interna nos é tão necessária atualmente. Também realça a importância de integrar o pensamento racional com as emoções e os sentimentos.

Qual é, então, o futuro da evolução após o fim da Era da mente intuitiva? À medida que o processo se vai desenrolando, chegará o dia em que aprenderemos a criar representações do supramental diretamente no corpo. Aprenderemos a representar um arquétipo, a incorporar ou encarnar um arquétipo. De facto, quando isto acontecer, seremos incapazes de não incorporar esse arquétipo. A seletividade e a preferência cederão o seu lugar ao unitivo, ao coletivo. E isto levanta a possibilidade de esta progressão poder continuar, porque, assim que tivermos a capacidade de representar o supramental em nós mesmos, far-nos-emos esta pergunta: existem experiências superiores ainda mais subtis do que os arquétipos supramentais?

Certa vez tive uma experiência à qual, na ausência de outras palavras para a descrever, vou dar o nome de *satori* ou *samadhi*. A experiência prolongou-se por dois dias, durante os quais a minha capacidade de amar surgia sem esforço. Eu amava todos e tudo sem fazer nenhum esforço nesse sentido. Passados dois dias, essa capacidade desvaneceu-se gradualmente. Mas isto foi o mais perto que estive de incorporar um arquétipo como o amor. Durante dois dias, foi como se eu fosse amor.

Cheguei a esta experiência através de uma prática meditativa chamada *japa*, em sânscrito, a qual descrevo no meu livro *Criatividade Quântica* (2014). Pratiquei esta meditação intensamente durante sete dias completos. Penso que a intensidade foi importante. Também foi importante o facto de eu a ter praticado dentro dos parâmetros do meu estilo de vida habitual: o meu trabalho, as conta de que houve um processo criativo real naquela prática, um processo cujo efeito de um «instinto amoroso», embora temporário, eu não fora capaz de reproduzir até então. Normalmente, quando temos uma experiência, criamos a respetiva recordação e podemos revivê-la, pelo menos em parte. Todavia, neste caso, tenho a recordação dessa experiência, mas não sou capaz de trazer de volta os seus efeitos. Neste aspeto, foi diferente de todas as outras experiências que já tive. Em regra, consigo «re-sentir» os sentimentos que tive numa experiência e trazer de volta alguns dos efeitos que a acompanharam.

Isto leva-me a acreditar que este tipo de incorporação ou encarnação arquetípica é uma experiência extremamente efémera, talvez ligada a uma coerência temporariamente induzida na ação das configurações neuronais. Quaisquer que fossem as configurações coerentes que existiam no meu cérebro naquele espaço de tempo, acontece que se desvaneceram e não sou capaz de as recriar se recorrer apenas à memória e à vontade. Assim sendo, para alcançar a incorporação ou encarnação do supramental, temos de desenvolver capacidades completamente novas, talvez estruturas cerebrais coerentes completamente novas. Infelizmente, ainda temos um longo caminho a percorrer. Ainda nem sequer concluímos a quarta fase da evolução mental, a mente intuitiva. Francamente, não sabemos o que acontece para lá da encarnação do

supramental. Somos criaturas mentais e podemos experienciar o supramental apenas como intuição, como experiência espontânea. Mas não temos a capacidade de representar a intuição diretamente como recordação sem ter o pensamento e o sentimento como intermediários. Apenas quando desenvolvermos a capacidade de criar uma representação direta enquanto recordação mais permanente poderemos alcançar o nível seguinte da experiência subtil. Os seres vitais, como os peixes, que não têm mente, podem «intuir» a mente? Não, porque os peixes nem sequer têm um cérebro emocional. E os primeiros mamíferos não faziam sequer ideia dos valores supramentais; nem sequer tinham ética. Temos de subir toda a escala evolutiva até aos gorilas ou aos chimpanzés para encontrar um comportamento ético. Como tal, parece-me que teremos de considerar o nível seguinte da evolução antes de podermos começar a ver o que vem depois do arquétipo.

A Direcionalidade e a Vontade de Deus

A lei que se nos revela com toda a claridade quando estudamos a evolução segundo um enquadramento quântico é esta: a evolução procura melhorar as representações cerebrais dos arquétipos por intermédio da mente e do corpo vital nesta fase da evolução. A afirmação geral desta lei é que a evolução procura fazer representações cada vez melhores do subtil. No nosso atual estágio de evolução, o subtil que ainda se encontra por representar é o dos arquétipos. Como tal, a evolução avança na direção da criação de representações mentais e vitais cada vez melhores dos arquétipos, assim como melhores encarnações ou incorporações deles.

Num contexto religioso ou New Age, esta é a «vontade de Deus». Por outras palavras, a vontade de Deus é intencional, e a sua intenção neste momento é criar representações cada vez melhores dos arquétipos: mais amor, mais beleza, mais justiça, mais bondade, mais abundância, mais integridade. Num contexto quântico, poderíamos dizer que a vontade de Deus procura a direção intencional na qual a nossa consciência evolui. Poderíamos dizer que a vontade de Deus é exercida com a intenção de criar em nós representações e encarnações melhores, mais ricas e mais profundas dos arquétipos.

Mas esta intencionalidade nem sempre se manifesta no mundo. Sem dúvida, podemos dizer objetivamente que, hoje, somos menos violentos do que éramos há setenta e cinco anos, quando estávamos envolvidos numa guerra mundial. Hoje, nem sequer podíamos compreender a ideia de regressar a um mundo no qual a guerra fosse a principal realidade. Há setenta e cinco anos, acontecimentos provocadores como os que têm hoje lugar no Médio Oriente e na Europa de Leste teriam precipitado uma guerra mundial. Hoje em dia, pensamos nas consequências de tais coisas e permitimos que o nosso raciocínio relativo à necessidade económica se sobreponha à nossa tendência instintiva para a violência e o domínio. O mesmo se aplica ao mercado livre, cujo funcionamento não se pode dever a interações materiais entre partículas elementares. Os cálculos envolvidos nestas ações e reações sociais têm um sentido e uma intenção, pelo que devem ter uma fonte causal não-material, uma

causação descendente. E isto pode ser expresso como o movimento evolutivo da vontade de Deus no mundo. Os movimentos evolutivos da consciência são as mãos invisíveis que movem os fios dos acontecimentos.

Haverá alguma razão para pressupor que a vontade de Deus é diferente da nossa vontade enquanto seres humanos? Não, visto que, na criatividade, sincronizamo-nos com a vontade de Deus. Quando manifestamos uma ideia criativa, porém, por vezes não conseguimos ver a vontade de Deus em cada passo, porque não dispomos da imagem total. Isto pode ter um resultado negativo, como no caso da bomba atômica. O mecanismo pelo qual a vontade de Deus se manifesta por nosso intermédio ainda é defeituoso, pelo que o mal pode ter lugar mesmo sob a vontade de Deus. Naturalmente, isto causa muita confusão. Todavia, este mecanismo orientar-se-á melhor para o bem à medida que formos evoluindo. As nossas representações tornar-se-ão melhores, e começaremos a ter uma melhor perspectiva do que é compatível com o bem e do que não é. É assim que aprenderemos a evitar o mal.

A vontade de Deus não se organiza a si mesma a partir da intenção de Deus. Deus — isto é, o agente criativo da consciência quântica — não é o eu. Recordemos que o eu é criado exclusivamente com a manifestação. Sem manifestação não há eu; há apenas consciência e a sua potencialidade para a escolha. Tudo o que podemos dizer é que esta escolha é objetiva, que esta escolha, quando colapsada, tem de ser benéfica para a evolução. Esse é o único critério. Se a escolha cria representações cada vez melhores do subtil, ela manifesta-se. É tão simples quanto isto.

A vontade de Deus é o poder causal da consciência de Deus. Não da *consciência de Deus*, que soa como se Deus fosse um indivíduo, mas da *consciência de Deus* — a consciência não-local. A vontade de Deus é, como tal, totalmente objetiva. Na antiga visão religiosa do mundo, a consciência de Deus encontrava-se num qualquer lugar distante. Nós rezávamos-lhe: «Por favor, faz isto e aquilo.» Se pensarmos que Deus existe separado da nossa consciência, estamos a voltar à velha tradição. Mas sabemos por experiência que o Deus quântico pode parecer separado de nós, mas não está, embora o ego não o reconheça como tal. Cada mudança evolutiva importante tem lugar apenas por intermédio de seres manifestos. Recordemos a teoria da medição quântica: nenhum acontecimento tem lugar sem um observador. Até os movimentos evolutivos acabam por se manifestar mediante movimentos manifestos individuais, embora agindo coletivamente.

O Ego e Deus

Ora bem, estamos separados de Deus em todos os acontecimentos? Não, não estamos separados no momento criativo. Quando a aparência de separação desaparece, tornamo-nos criativos. Na experiência do eu quântico, vemo-nos como algo separado de Deus apenas pela mais ínfima das margens — como o Adão de Miguel Ângelo que tenta tocar a mão de Deus.

A separação que impomos a nós mesmos é uma imposição da ignorância que surge ao nível do ego e se torna ainda mais arreigada quando o ego adquire uma personalidade. E esta ignorância é obrigatória, não há como escapar-lhe. A hierarquia interligada do cérebro, juntamente com o condicionamento que resulta da resposta da memória (também ela cerebral), faz com que esta separação seja compulsiva, inevitável. Sempre que experienciamos alguma coisa, experienciamos uma separação. As únicas exceções ocorrem quando experienciamos esses pequenos instantes de movimento quântico, os saltos quânticos. É possível escapar à separação entrando num estado semelhante ao sono ou inconsciente (falarei sobre isto mais adiante). Mas, no estado de vigília, o melhor que podemos fazer é construir a nossa vida de modo que não nos apeguemos aos padrões do ego, ou até mesmo de modo que os evitemos. Para escapar, temos de viver de uma maneira em que não nos seja fácil cair nos circuitos cerebrais das emoções negativas e nos hábitos negativos do ego. É complicado e difícil, mas pode ser feito.

De facto, perguntar se Deus está separado de nós não faz sentido. A separação é uma ilusão, uma aparência. Apenas existe uma consciência. Pensamos que estamos separados por causa da hierarquia interligada e por causa das recordações que existem no nosso cérebro. A experiência de separação na manifestação humana é, no entanto, inevitável e a única maneira de lhe escapar é por intermédio de um ou dois saltos quânticos, ou, então, viver na inconsciência.

Os meus pontos de vista pessoais fundamentam-se na visão do mundo da ciência quântica. O Deus da ciência quântica é objetivo, científico. Deus é a agência criativa da consciência quântica, que é não-local. Deus faz escolhas com base num critério estritamente objetivo: estas escolhas farão com que a evolução avance, ou não? Por vezes, isto pode levar a escolhas que, a curto prazo, resultam em acontecimentos que podem parecer negativos. Mas Deus permite o mal apenas porque pode ser necessário para a evolução das espécies a longo prazo.

Deus também desempenha um segundo papel na nossa vida, e não o podemos negar. Nos momentos de desespero, muitas vezes invocamo-l'O de uma maneira muito pessoal. O quê ou quem é este Deus pessoal? Recordemos que o eu existe em dois níveis: o eu a que chamamos ego, o eu condicionado; e o eu primário que é ativado quando somos criativos, o eu quântico. O eu primário é universal, mas manifesta-se num corpo/mente individual. Temos, portanto, uma relação pessoal com o eu primário, isto porque o encontramos quando somos criativos. Os investigadores da criatividade chamam a este encontro a *experiência de fluxo*. Quando temos uma experiência de fluxo, fluímos suavemente entre a consciência egoica e a autoconsciência quântica.

Conhecemos este eu pessoalmente e, nos momentos de desespero, recorremos a este fluxo. Recorremos ao eu quântico e perguntamos a nós mesmos por que motivo ele se separou tão convenientemente, por que é que não vem logo aliviar a crise com que nos debatemos. Choramos, rezamos. E, a seu tempo, o eu quântico responde. Quando isto acontece, as intuições começam a surgir. Estas são as experiências nas quais nos centramos. Mas, como cientista, sei que o eu quântico não tem eficácia causal, visto que esta

reside na consciência quântica ou no seu agente de causação, Deus. Embora não seja possível uma relação pessoal com este agente de causação — Deus, ou consciência —, é aqui que reside toda a causalidade quântica. E eu só posso ir em busca dessa causalidade se me alinhar com o propósito evolutivo da Humanidade.

CAPÍTULO 12

A REENCARNAÇÃO QUÂNTICA

O conceito de carma é central para a crença na reencarnação. Segundo a perspectiva ocidental, o carma opera mais ou menos como um princípio objetivo, por meio do qual as ações nesta vida determinam os resultados nas nossas vidas futuras. Acumulamos carma por intermédio das nossas ações e experiências, depois morremos; e reencarnamos em conformidade com o carma que acumulámos. Segundo uma perspectiva oriental, o carma opera como um princípio espiritual no qual tanto a intenção como a ação influenciam as existências futuras. Acumulamos carma por intermédio das intenções, que contribuem para a felicidade ou para o sofrimento num *continuum* cármico; depois morremos e reencarnamos como parte desse *continuum*.

Todavia, segundo a perspectiva da ciência quântica, o carma não é senão o condicionamento de vidas passadas. Numa das minhas conferências, um dos participantes perguntou-me: «E alguém que vive na pobreza na África Ocidental, uma pessoa que passa fome e privações? Pode passar todo o seu tempo centrado na intenção de ter dinheiro, mas o dinheiro não aparece. O carma tem alguma coisa que ver com o motivo pelo qual o dinheiro não aparece a estes pobres?» Por outras palavras, ele estava a fazer aquela pergunta segundo um ponto de vista ocidental. Estava a perguntar se a ciência quântica sugere que somos postos nesta vida para que a consciência de Deus manifeste certas experiências no corpo físico, e, independentemente do que possamos fazer, essa é a intenção *desta vida neste corpo*.

Respondi-lhe de acordo com uma perspectiva quântica. Disse-lhe que não creio que a nossa vida na Terra seja de um sofrimento predestinado pelo carma e que não creio que a morte seja apenas uma transição de um carma predestinado para outro. Penso que o carma não é mais do que o condicionamento de vidas passadas, e existem alguns tipos de condicionamento que nos podem impedir a expansão na consciência. É aquilo a que chamamos *mau carma*. O condicionamento é o que produz a identidade do ego, que é a confluência dos quatro padrões de hábitos condicionados desta vida, *mais* alguns de vidas passadas. O carma é, como tal, apenas uma grande parte do condicionamento do ego.

De facto, o mau carma pode ser simplesmente um condicionamento que nos impede de manifestar a criatividade, de manifestar a intenção. Da mesma forma, o bom carma pode ser apenas um condicionamento que nos ajuda a ser criativos e a realizar as nossas intenções. E o mais importante: o carma, como o condicionamento, não é inevitável. É apenas uma tendência. Apesar de um mau carma e de um mau condicionamento, podemos ser criativos; e podemos, como tal, expandir a consciência e superar as barreiras para que as nossas intenções se tornem realidade. Para tal, todavia, temos de saber algo sobre a criatividade. Temos de acreditar no processo criativo, temos de nos deixar

envolver nele. Há uma abundante literatura sobre este tema. Pois bem, se o leitor se encontra preso num mau carma e num mau condicionamento, eu digo: «Acorde! Há ajuda ao seu dispor.» Explore algumas das ideias que apresento no meu livro *Criatividade Quântica* (2014), que discute a nova ciência da manifestação como um dos aspetos da ciência quântica.

As Ondas Cármicas de Possibilidade Quântica

Acreditar no carma é o mesmo que acreditar na reencarnação. Todavia, é difícil para alguns pensar que literalmente morremos, somos enterrados e regressamos noutra corpo. Quando tento explicar a sobrevivência de uma «alma» material a um corpo moribundo e a reencarnação noutra corpo, estas pessoas ficam desorientadas. Não será mais fácil acreditar que nós, todas as nossas encarnações, existimos simultaneamente, todas elas ao mesmo tempo? Nesse modelo, a memória reencarnacional teria acesso às outras vidas à medida que as experienciássemos simultaneamente. Numa visão quântica do mundo, de potencialidade e de acesso não-local, isto faria sentido, mas não se trata de um modelo que esteja de acordo com todos os dados empíricos.

Na ciência quântica, a essência daquilo a que chamamos alma consiste em padrões de hábitos — mentais e vitais — e essa essência persiste depois da morte. Assim sendo, podemos experienciar estas continuidades, estes padrões contínuos, num tempo e num lugar futuros e num corpo futuro. Esta é uma interpretação válida do que acontece na reencarnação, e os dados de que dispomos suportam-na. Segundo esta perspectiva, a alma não é feita de substância material — não é energia nem substância subtil nem sequer energia subtil. Não é substancial de forma nenhuma. É simplesmente um padrão de hábitos. Eu chamo a estes padrões memória não-local. Se alguém no futuro utiliza (ou herda) as minhas recordações, essa pessoa pode legitimamente ser declarada uma reencarnação de mim, mas não no sentido de uma alma substancial que viaja do meu corpo para um corpo futuro. A transmigração é mais subtil do que isto, e há que entender muito bem esta subtileza se quisermos aceitar a reencarnação num enquadramento quântico. No meu livro *A Física da Alma* (2001), dou uma explicação completa disto mesmo e revelo como a ciência quântica pode ser absolutamente compatível com a reencarnação. Além disso, os dados apoiam esta explicação.

Enquanto reconhecermos que o corpo físico se vai para sempre com a morte, não estaremos muito errados. Alguns dos nossos rituais funerários podem ser muito enganadores a este respeito, porque nos levam a pensar que algo fica conservado no corpo que se enterra. Não, o corpo físico está simplesmente morto. Acabado. Mas os aspetos mais subtis de nós mesmos — como usamos o nosso corpo vital, mental e supramental, a nossa própria consciência — continuam vivos. Os padrões do uso que demos às experiências acumuladas durante a nossa vida — os padrões que definem o nosso carácter egoico — continuam vivos num sentido muito real. E estes padrões podem ser reciclados. E essa reciclagem é aquilo a que chamamos reencarnação.

Todavia, outros investigadores continuam a pensar de forma diversa. Por exemplo, a consciência da alma é muitas vezes descrita como uma frequência ou um campo. Mas então surgem as perguntas sobre como se contém esta frequência ou campo, o que nos leva a uma confusão ainda maior. Este tipo de argumento usa a linguagem habitual da ciência antes do desenvolvimento da teoria quântica; ou seja, aborda o carma segundo uma perspetiva ocidental. Mas se alterarmos um pouco a linguagem deste argumento, conseguimos captar a verdade essencial do que a teoria quântica nos está a dizer. Por outras palavras, não usemos a palavra «frequência» num sentido literal. Encaremo-la antes como algo semelhante a uma onda, uma onda de possibilidade quântica. A essência da alma, como aqui a descrevo — esses padrões de memória não-local que reencarnam —, é composta por mudanças nas probabilidades da potencialidade quântica, mudanças na probabilidade associada às ondas de possibilidade quântica, pelo que se assemelham à modulação de uma frequência, como na rádio FM. São de algum modo semelhantes a modulações de frequência: não são a frequência em si, mas sim a sua modulação. E experienciamos uma modulação idêntica destas ondas de possibilidade enquanto vivemos a nossa existência. Dito de outro modo, as probabilidades destas possibilidades são moduladas pela forma como experienciamos a vida, pela forma como nos condicionamos e pela forma como desenvolvemos os nossos padrões.

Embora isto não seja muito diferente do modo como as ondas de frequência modulada vão de uma região para outra, não é exatamente o mesmo. É necessário compreender a analogia, não em termos de algo como uma onda ou energia que percorre uma distância finita, como um sinal. Em seu lugar, há que entendê-la do ponto de vista de padrões de uso de potencialidade que estão a ser transferidos não-localmente de um lugar e tempo para outro lugar e tempo.

A grande pergunta é: para quê? Para quê passarmos por este ciclo melodramático de nascimento, morte e renascimento? Essa é uma questão para um capítulo posterior.

O Sono da Morte

De um ponto de vista oriental, quando alguém morre, diz-se que essa pessoa «passou para o outro lado do mundo». De facto, o sono é visto como o equivalente a uma pequena versão da morte e o acordar como uma pequena versão da reencarnação. Nós adormecemos; entramos num estado espiritual (o inconsciente); despertamos.

Segundo uma perspetiva quântica, a experiência do sono é um bom ponto de partida para falar sobre a natureza da morte. Na Física Quântica, o sono é o estado do inconsciente, no qual não existe uma divisão sujeito/objeto. O sono é necessário porque o mecanismo da hierarquia interligada do neocórtex precisa de descanso. Da mesma forma, sabemos que, no seu todo, o mecanismo que temos no cérebro para criar e recuperar representações de significados subtis se atrofia à medida que envelhecemos, a menos que nos envolvamos em atividades criativas. Com efeito, isto torna-se cada vez mais evidente à medida

que nos aproximamos da meia-idade. Quando chegamos à velhice, deparamos com problemas físicos e mentais que nos podem parecer intransponíveis. Assim sendo, na visão quântica do mundo, parece correto dizer que a morte se assemelha a um longo sono.

Com efeito, todo o mecanismo corpo/mente tem de ser renovado e esta é, em certo sentido, a essência da reencarnação. Mas, quando dormimos, acordamos plenamente conscientes de uma continuidade com o nosso estado de vigília anterior. Como poderemos saber se esta continuidade sobrevive após a morte? Como poderemos saber que pelo menos uma parte de nós sobrevive num cérebro e num corpo futuros? Os bebés, por exemplo, geralmente não partilham uma memória reencarnatória da linguagem. Têm de aprender a falar do zero. No entanto, crianças de todo o mundo recordam-se de encarnações passadas e partilham-nas. Assim sendo, torna-se muito tentador supor que pelo menos uma parte de nós não só sobrevive à morte, como também reencarna. E a Física Quântica pode dar-nos uma solução positiva verificável para este paradoxo de sobrevivência e reencarnação.

Mas continuemos com a analogia do sono. Como é que sabemos, quando acordamos, que somos a mesma pessoa? Sabemo-lo porque existe uma continuidade de memória. Existe alguma continuidade de memória análoga, de uma encarnação para outra, que se aplique a todas as pessoas? Tendemos a acreditar que toda a memória reside no cérebro. Todavia, quando aplicamos a Física Quântica ao cérebro e à mente correlacionada, deparamos com um conceito chamado memória quântica; ou seja, a memória que reside fora do espaço e do tempo, não no cérebro. Assim, com a teoria quântica para nos orientar, a sobrevivência depois da morte e a reencarnação tornam-se bastante plausíveis e viáveis.

Caráter — o Gene da Continuidade

Algumas tradições encaram de outra maneira a continuidade necessária para a reencarnação. Por exemplo, duas pessoas que têm uma relação complicada numa vida acabam como marido e mulher na encarnação seguinte, e ultrapassam os problemas que as frustraram na relação anterior. Isto implica uma forte continuidade da memória. Mas aqui estamos perante um outro tipo de continuidade, diferente da continuidade da ciência quântica. Trata-se de uma continuidade da própria história, entre as pessoas que se mantêm correlacionadas de forma não-local em todas as encarnações. O conceito de alma gémea recorre a uma lógica semelhante.

No entanto, é muito importante recordar que aquilo que define o ego é apenas parcialmente a história que criamos. Existem outras coisas, além da história, que definem a nossa identidade egoica. Com efeito, a história é criada como um efeito secundário do que é realmente importante; ou seja, o que aprendemos, ou o padrão de aprendizagem em si, o padrão de hábitos que criamos em torno da nossa aprendizagem. A história da nossa vida passa geralmente por grandes mudanças. Alguns de nós podemos descobrir que a

nossa história realmente não tem importância. Muito poucos defendem a sua história — como os ricos que acabam pobres, e vice-versa. A maioria das pessoas aceita isto filosoficamente: reconhece que o caráter, na sua essência, continua a ser o mesmo, independentemente da história de vida, ou história vital. Até numa mesma encarnação temos de atribuir mais peso ao caráter, o qual, uma vez formado, não muda, mesmo que a história de vida continue a mudar.

Mas se a memória quântica se aplica ao caráter, e o caráter é armazenado não-localmente, então tem de existir alguma indicação de que damos mais valor ao nosso caráter do que à nossa história. Quando olhamos para nós mesmos, geralmente descobrimos que a nossa história não é assim tão diferente da das outras pessoas. Uma parábola *sufi* fala-nos de um rei que pediu aos seus sábios — aos seus magos — que resumissem numa frase o essencial da história da vida humana. Todos eles concordaram com a seguinte frase: nascemos; sofremos; morremos. Quem poderia objetar? Todavia, eu prefiro algo como isto: nascemos; sofremos e aprendemos; usamos o sofrimento como um trampolim para explorar a criatividade; morremos. Todavia, se sofremos em vão, ou se usamos sofrimento como trampolim para a criatividade ou para mais sofrimento, esta é uma questão que, fundamentalmente, é decidida pelo nosso caráter. Como tal, a qualidade da nossa vida depende inteiramente do nosso caráter, embora a nossa história possa ser essencialmente a mesma que a de outra pessoa.

Na cultura japonesa, contam-se muitas histórias de samurais, guerreiros cuja vida assentava totalmente na defesa da honra. Ponderemos então a seguinte história:

Os pais de um samurai são assassinados por um inimigo. As pressões sociais ditam que o samurai tem de defender a honra da família enfrentando e destruindo esse inimigo. O samurai parte para a batalha e luta com grande coragem. No final, derrota o inimigo e, quando está prestes a matá-lo, aquele fita-o com grande ódio e cospe-lhe em cima. Para surpresa de todos, o samurai vira-lhe as costas e vai-se embora.

Os seus parentes e companheiros estão furiosos.

«Deixaste-o com vida para levantar outro exército contra ti», gritam eles. «Qual a explicação deste teu estranho comportamento?»

O samurai responde:

«Quando ele me cuspiu em cima, senti por um instante um grande ódio. Como samurai, jurei nunca matar por motivos pessoais. Mas o ódio é algo muito pessoal. Eu não podia matar aquele homem num estado de ódio. A minha honra pessoal deve vir antes da minha honra social e familiar. »

Muitas culturas antigas tinham um conceito de honra semelhante. Júlio César atravessou o Rubicão para defender a sua honra. Os cavaleiros da Távola Redonda eram famosos por defenderem a sua honra, bem como a daqueles que se encontravam sob a sua proteção. O que a visão quântica do mundo propõe é que o caráter — o padrão de hábitos, o padrão de aprendizagem que cada um

de nós desenvolve — é não-local. O caráter não é armazenado no cérebro, existe antes fora do espaço e do tempo, e é o caráter que renasce de uma encarnação para outra. De notar também que este caráter é dinâmico; cada encarnação acrescenta-lhe o seu contributo. Muitas pessoas chamam alma a esta entidade sobrevivente. No meu livro *A Física da Alma* (2001), chamo-lhe mónade quântica. No mundo da possibilidade, da potencialidade, muitas possibilidades residem conjuntamente no Uno.

Mas isto levanta em nós uma questão intrigante: o que é que desencadeia o acontecimento do nascimento? O que é que desencadeia a escolha que leva a que um pai e uma mãe se unam, concebam e tenham um filho? Do ponto de vista da teoria quântica da reencarnação, podemos dizer que o filho tem uma certa predisposição, inclusive antes de nascer, para fazer parte de uma determinada família com pais específicos. O caráter, que é memória não-local, tem de encontrar uma morada num novo meio, num novo corpo, num novo cérebro. E a construção desse novo cérebro e corpo depende dos genes, que são uma contribuição dos pais. A constituição e o desenvolvimento da criança dependerão da composição da família e das normas culturais. Dito de outra forma, os atributos da forma dependem dos genes; os atributos do desenvolvimento dependem da cultura e da família.

Eu sugiro que existe uma lei universal da reencarnação por força da qual se dá uma determinada coordenação entre as diversas potencialidades e propensões: o padrão de encarnações anteriores ou a história que a criança expressa, os genes que constituem o corpo físico, a cultura na qual a criança nasce e a educação que ela provavelmente receberá depois de nascer. Na Grécia Antiga, Platão afirmava que a alma de um indivíduo (a mónade quântica) escolhia os seus país. Mas essa escolha podia fazer parte de uma lei universal. Por outras palavras, o Universo podia conspirar para criar uma sincronia ou congruência entre as propensões e a constituição genérica e cultural nas quais nascem essas propensões.

Uma criança nasce, como tal, com determinadas características físicas, representadas pelos genes, e com certas predisposições. E essa criança crescerá num ambiente que irá influenciar o seu condicionamento na primeira infância. Mas essa criança também nasce com certas propensões e predisposições que lhe chegam de encarnações passadas. Mas trata-se apenas de predisposições. Para que elas possam concretizar-se, o meio no qual a criança se desenvolve tem de ativar o seu uso. Por vezes, existe um grande desajuste no desenvolvimento inicial que impede que os elementos do caráter que a criança herdou de encarnações passadas encontrem uma expressão adequada. Por exemplo, o chamado *idiot savant* pode ser excecional numa área específica, mas pode apresentar uma deficiência mental na maioria dos restantes aspetos da vida. A educação que recebe é tal que o caráter da criança permanece atrasado do ponto de vista do desenvolvimento; nunca tem a oportunidade de manifestar ou ativar o génio que trouxe de encarnações passadas. Se, de repente, esse indivíduo passa por uma experiência «ativadora», a sua propensão para o génio pode encontrar expressão. É frequente depararmo-nos com este fenómeno nas crianças autistas.

A Lei do Carma Herdado

A ser assim, por que é que uma criança em particular herda um determinado conjunto de propensões de vidas passadas, ou seja, um caráter específico? Por que não outras? Esta é uma pergunta em cuja resposta reside uma nova lei do Universo. Da Física Quântica, conhecemos o conceito de memória não-local; todavia, os dados empíricos sugerem que não existem duas pessoas que apresentem a mesma confluência de propensões reencarnacionais — a propensão reencarnacional passa, antes, apenas de um ser único para outro ser único, numa cadeia linear não muito diferente de um colar de pérolas. Como tal, postulamos que existe uma lei do Universo (à parte das leis físicas) que determina uma cadeia completa de pessoas correlacionadas, interligadas, que participarão nas encarnações sucessivas de uma existência mais geral à qual dou o nome de mónade quântica. Este caráter em desenvolvimento, não-local, contínuo, que tem lugar fora do espaço e do tempo e para lá das encarnações individuais separadas, pertence ao domínio da potencialidade. Assim, de um modo dinâmico e contínuo, todas estas reencarnações utilizam as propensões contidas na mónade quântica (ver Figura 14).

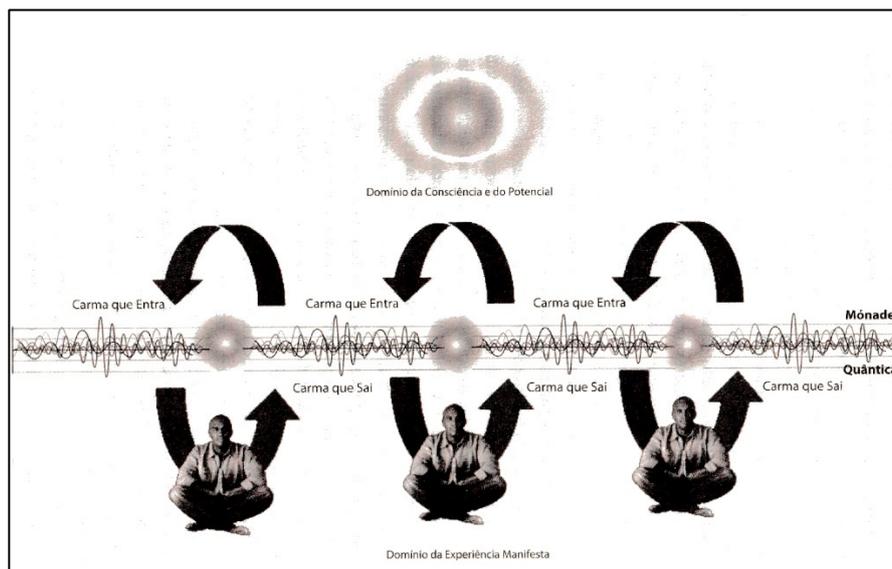


Figura 14. As propensões (carma) criam uma fiada contínua de pérolas através do nascimento, da vida, da morte e do renascimento.

Nesta figura, o primeiro indivíduo (à esquerda) é uma encarnação — uma mónade quântica que representa a unidade. O segundo (no meio) é uma reencarnação dessa representação. O terceiro (à direita) é uma encarnação subsequente dessa reencarnação. Todos os três existem na potencialidade, à espera de nascer. Quando o primeiro morre, existe outra encarnação que, no futuro e por um desígnio universal, utilizará as propensões em desenvolvimento dessa vida anterior. Quando esta segunda encarnação morrer, aparecerá uma terceira. Este processo continuará de acordo com uma lei do Universo que, assim proponho, é uma espécie de lei do carma herdado. E a sincronia dos pais, a cultura e a educação recebida, juntamente com as propensões que o bebé renascido tem ao seu dispor, fazem todas elas parte desta lei — a lei do carma herdado.

Suponhamos que eu sou a primeira pessoa nesta série. Nasço; vivo uma história; morro. A minha história não renasce como memória no cérebro da minha nova encarnação. Mas, por trás desta história, também existe um caráter. A história é o conteúdo da minha existência: o meu nome e outros pormenores. Por exemplo, eu nasci numa pequena cidade da Índia, perto de Calcutá. Este conteúdo também inclui sofrimentos específicos, como a malária que tive na infância ou o trauma de um confronto que presenciei entre hindus e muçulmanos. Mas o cérebro do recém-nascido não se encontra carregado com recordações das histórias de encarnações passadas. A minha história de vida atual é tudo o que existe na minha memória cerebral, e essa memória vai morrer comigo. É verdade que, enquanto possibilidades quânticas, esta memória encontra-se para sempre no domínio da potencialidade; mas, sem o cérebro, não será reforçada uma e outra vez pela recordação. Como tal, será cada vez mais difícil de recuperar em futuras encarnações. Todavia, um número surpreendente de pessoas, especialmente crianças cuja identificação com as suas vidas passadas ainda é forte, tem recordações de vidas passadas, como sugerem os dados do psicólogo Ian Stevenson.

Mas voltemos agora ao caráter. O modo como lidei com a minha história de vida na infância, enquanto crescia, e como aquele trauma pôs em causa a educação que eu estava a receber e de alguma forma me catapultou para o campo da Física, tudo isso faz parte do meu caráter. As experiências que tive enquanto construía a minha história vital estabeleceram padrões de comportamento que contribuem para o meu caráter.

Os dados empíricos relacionados com experiências de quase-morte sugerem que nos é dada, no momento da morte, uma visão panorâmica das nossas vidas passadas, presentes e futuras. É a nossa última oportunidade de transformar o nosso futuro, que ainda é potencial. Esta experiência panorâmica no momento da morte faz parte da nossa experiência cognitiva, e temos a oportunidade de influenciar o futuro por intermédio daquilo a que a nova ciência quântica chama intenções. De certa forma, todos podemos criar uma parte importante das nossas futuras encarnações por via das nossas intenções durante esta experiência panorâmica. Se estas intenções estão em sintonia com a intenção da totalidade, então é bem possível que se tornem realidade. Mas isso significa que a minha história continua? Não.

O leitor deve adotar uma atitude desapaixonada a este respeito. O bebé que vai herdar as propensões criadas por si é, de alguma forma, o *leitor*? Não é o leitor todo, certamente, mas uma parte importante de si, porque o leitor contribuiu para o caráter dessa futura pessoa. Por outras palavras, contribuímos substancialmente para o futuro, e isso é muito bom de se saber. Por outro lado, convém abandonar a ideia de que o leitor — enquanto protagonista desta história de vida, de uma vida já vivida — vai voltar para continuar essa história. E, realmente, o leitor quereria que assim fosse? Se pensar nisso, quando morrer (se morrer de velhice), a sua história vital já chegou ao fim e está na altura de seguir em frente. O leitor da nova encarnação será uma página em branco, um novo começo. Ninguém quer nascer com o fardo de uma história esgotada. É assim que a Física Quântica nos pode ajudar a escapar das rígidas leis que regem e determinam a vida e a morte numa visão do mundo newtoniana.

As Experiências de Quase-Morte

A visão panorâmica que temos no momento da morte representa uma visão não-local do nosso passado, presente e futuro. Mas não se pense que esse futuro é algo de concreto. O futuro é sempre uma potencialidade, pelo que podemos influenciar as probabilidades desse futuro com as nossas intenções. E essas intenções podem certamente gerar uma possibilidade extremamente provável para influenciar o nosso renascimento. O que podemos aprender durante a vida é a estabelecer intenções que ressoem com a intenção do todo. Por exemplo, imaginemos que um moribundo tem uma visão específica na qual renasce com determinados pais num ambiente que seria perfeito para expressar o caráter que pretende e causar o máximo impacto no mundo. Se a sua visão ressoa com a totalidade da potencialidade, com o movimento da consciência, esta criança nascerá na realidade.

Existem muitos relatos de casos destes, mas estes são pormenores sobre os quais a teoria não tem muito a dizer — apenas o comentário muito geral de que, sim, é possível. Com a Ciência, tudo o que podemos verificar é que a experiência da morte é não-local, como sugerem estas experiências.

A experiência da morte é uma abertura não-local, como parecem indicar essas visões panorâmicas? Os indicadores sugerem que sim. Existem dados substanciais que dão a entender que, no momento da morte, as pessoas que rodeiam o moribundo experienciam um sentimento de intensa alegria. De facto, penso que provavelmente será justo dizer que uma das razões pelas quais algumas pessoas são voluntárias de cuidados paliativos é a oportunidade de vivenciar essa experiência não-local de alegria e paz à beira do leito de morte. Também ouvimos pessoas que tiveram experiências de quase-morte dizer que, quando abandonaram o seu corpo, se sentiram rodeadas por uma presença invisível e muito felizes. E esta conexão não-local funciona nos dois sentidos. Muitas pessoas afirmam ter visto a presença vaga de entidades em redor de um leito de morte. Com efeito, algumas pessoas que passaram por experiências de quase-morte referem um encontro com familiares e mestres espirituais, imagens facilmente reconhecidas como memórias arquetípicas junguianas do inconsciente coletivo.

Existem também dados objetivos que indicam que os sobreviventes da quase-morte têm experiências não-locais. Por exemplo, algumas pessoas descrevem visões autoscópicas nas quais viram o seu próprio corpo a partir do teto da sala de operações. Chegam a ponto de referir pormenores da cirurgia que lhes reanimou o cérebro. Esta é uma prova empírica convincente de que a não-localidade é de facto possível no momento da morte. E acontece mesmo. Quando morremos e a nossa identidade passa para os corpos subtis, a consciência deixa de colapsar possibilidades em realidade porque o cérebro está morto. Assim sendo, se uma pessoa é reanimada, todas essas experiências que os pacientes descrevem devem ter acontecido retroativamente por força de uma escolha tardia; ou seja, deu-se um colapso tardio.

As experiências de quase-morte também apoiam bastante os argumentos relativos ao fenómeno da reencarnação. Claramente, mostram que a

sobrevivência depois da morte é um facto, porque, de outro modo, os pacientes não poderiam recordar nada que tivesse «acontecido» depois da morte. Embora não façam mais do que recuperar uma recordação do que aconteceu, os acontecimentos que descrevem tiveram lugar, não obstante, num sentido bem real.

Da mesma forma, no momento do nascimento, também pode existir alguma recordação de acontecimentos em virtude da escolha tardia; o cérebro pode ter memórias dessas recordações. Naturalmente, um recém-nascido não pode partilhar as suas experiências de nascimento. Mas, em algumas das experiências de Stanislav Grof com pessoas que praticavam um tipo especial de respiração profunda, chamada respiração holotrópica, muitas delas regressaram ao momento do nascimento e recordaram a experiência de passar pelo canal do parto. Também se lembraram de coisas anteriores ao parto que só podiam ter sido experimentadas retroativamente.

Dito isto, quando eu morro na realidade tridimensional, concreta, o meu corpo morre e o meu «eu» desaparece. Mas temos de ser muito claros aqui no que respeita ao que é o «eu». Recordemos que qualquer existência tem dois componentes. Um é a chamada história de vida — o conteúdo do cérebro de um indivíduo gerado pelas experiências. Mas, num nível mais profundo, o que define essa existência é o carácter, que processa as coisas de uma determinada maneira. Por exemplo, uma pessoa que explora o arquétipo amor por intermédio da matemática assume o carácter de um matemático. Uma pessoa que explora o arquétipo da beleza assume o carácter de um artista. Estes são elementos do carácter, e a ciência quântica diz-nos que o carácter é um aspeto do ego que é mais profundo do que a personalidade ou a história vital. É a parte do ego que é armazenada não-localmente, como memória não-local.

Conteúdo versus Carácter

O neurofisiologista Karl Lashley desenvolveu uma experiência que sugere a distinção entre conteúdo e carácter. Lashley estava a tentar encontrar no cérebro a localização da memória que é ativada quando aprendemos um comportamento novo. Para tal, ensinou ratos a encontrar queijo num labirinto em forma de Y. Numa das hastes do Y estava o queijo; na outra, os ratos sofriam um choque elétrico. Claro está que os ratos aprenderam bem depressa a encontrar o queijo. Para descobrir onde se encontrava localizada a memória desta aprendizagem, Lashley começou a extrair partes do cérebro dos ratos, pressupondo que, se a memória — a aprendizagem — desaparecesse, deveria estar na parte do cérebro que tinha sido extraída.

Mesmo depois de extrair 5% do cérebro de cinco pontos diferentes em cinco ratos diferentes, todos eles ainda conseguiam encontrar o queijo. E ele repetiu o processo, extraíndo 10% e depois 20%. Mas, mesmo depois de lhes retirar 50% do cérebro — quando eles já nem conseguiam ver nem andar —, os ratos ainda eram capazes de rastejar pelo labirinto e encontravam o queijo. Lashley concluiu que a memória da aprendizagem deve residir em todo o cérebro. Com

base nesta conclusão, um aluno de Lashley, o neurofisiologista Karl Pribram, desenvolveu uma teoria holográfica do cérebro que teve a sua popularidade durante algum tempo.

Naturalmente, uma conclusão igualmente válida seria que a aprendizagem não reside no cérebro de todo. E esta é a visão da ciência quântica. A memória quântica, as recordações não-locais, não reside no cérebro físico. A memória cerebral consiste em episódios individuais de aprendizagem — acontecimentos que constroem conteúdo —, mas a propensão aprendida transcende a memória cerebral e é armazenada de forma não-local. Os episódios de aprendizagem individuais que tinham lugar quando os ratos encontravam o queijo eram armazenados no cérebro, mas a propensão geral resultante de todos os episódios de aprendizagem individuais era armazenada fora do espaço e do tempo.

Do mesmo modo, a minha propensão para pensar como um filósofo-cientista encontra-se armazenada de forma não-local, embora todas as experiências e histórias individuais que me levaram a aprender a pensar assim estejam armazenadas no meu cérebro. Eu sentava-me a ler e ponderava sobre o que lia de uma determinada maneira num determinado lugar num determinado momento. Se era significativo, esse episódio era armazenado no meu cérebro para que pudesse ser recordado. Mas todo o meu hábito — o meu carácter, a minha propensão para filosofar de uma maneira científica — está armazenado fora do espaço e do tempo e pode ser herdado pelo bebé que venha a ser a minha próxima reencarnação. Essa criança terá assim uma propensão e predisposição para filosofar de maneira científica. Se essa propensão for ativada, os outros dirão que essa criança é um «filósofo científico nato».

Suponhamos que, nos meus primeiros anos, me comportei como uma criança egocêntrica, mas que me transformei, à medida que fui amadurecendo, numa pessoa mais agradável, mais centrada nos outros. No fim da minha vida, até poderei vir a ser considerado «cheio de amor» e «amoroso». Mas qual é o meu carácter? Há aqui dois fatores operativos: aprendi a mudar e transformei o meu egocentrismo e aprendi a amar. Estes *como mudar e como amar*, então, serão elementos do meu carácter e ficarão armazenados na memória não-local. Na próxima encarnação, quando estas propensões forem necessárias e forem ativadas, a criança há de recordá-las e manifestá-las-á. É assim que funciona.

A questão de ativar propensões é crucial aqui. A transferência, ou transmigração do carácter requer que a criança reencarnada nasça num ambiente no qual possa encontrar esses elementos ativadores ou desencadeadores. Suponhamos que o leitor nasce num meio abastado e passa por uma transformação que o leva da maldade ao amor. Quando morrer, essa memória fica armazenada na memória não-local. Quando nasce de novo, não fará diferença se nasce na riqueza ou na pobreza: há de manifestar amor nas suas relações assim que seja ativada a sua natureza amorosa. O amor é o arquétipo mais fácil de ativar em qualquer situação da vida. Ou consideremos o caso de um homem rico que evolui gradualmente e passa de avarento a generoso. Na encarnação seguinte, ele volta a nascer como uma pessoa rica. Neste caso, a ativação é fácil, porque as oportunidades para a generosidade são enormes. Se

ele nascer numa família pobre, porém, a generosidade não será tão fácil de ativar.

Vejamos o caso do matemático francês Évariste Galois. Galois nasceu numa família nada dada à Matemática. Não foi exposto a nada de caráter matemático até ir para a escola. Um dia, encontrou por acaso um livro sobre Geometria e leu-o. Este acontecimento tornou-se um ativador que o levaria a transformar-se num grande matemático, dotado de capacidades assombrosas. Este género de experiência «cristalizadora», como lhe chamam na literatura dedicada à criatividade, é o exemplo de um ativador (ver o livro *Fire in the Crucible*, de John Briggs, 1990), e talvez estivesse a ativar uma propensão — um hábito de caráter — trazida de uma encarnação anterior.

Qual é o ativador para que alguém nasça nesta vida, neste momento e neste lugar específicos? É aqui que se torna essencial uma lei universal que controle estes ativadores. Os ativadores que precipitam um determinado nascimento num determinado momento fazem parte de uma lei universal que temos de decifrar empiricamente. Recordemos que nascer não faz parte das propensões que são armazenadas não-localmente. Os indivíduos que são e que serão parte dessa fiada de pérolas em curso, cujo núcleo de propensões em desenvolvimento denominamos mónade quântica farão parte desta fiada de pérolas *específica* em virtude da lei universal de correlação entre estas encarnações individuais através do tempo e do espaço. Apenas estes indivíduos beneficiarão dessas propensões específicas em desenvolvimento. Neste sentido, todas estas encarnações imanentes — a totalidade da fiada de pérolas correlacionadas — se podem qualificar como encarnações dessa mónade quântica em concreto. E o momento no qual a mónade quântica promove um renascimento específico depende provavelmente da quantidade de aprendizagem, da quantidade de maturidade alcançada. Quanto menor a maturidade, mais frequentes serão os renascimentos.

CAPÍTULO 13

O SIGNIFICADO E O PROPÓSITO DA VIDA

É frequente ter clientes que me perguntam qual o significado e o propósito da existência humana aqui na Terra. Que fazemos aqui? A visão quântica do mundo dá-nos alguma pista sobre este assunto?

Recorrendo aos termos mais simples, a resposta a estas perguntas é que estamos aqui para satisfazer a nossa alma. Como tal, o que cada um deve perguntar a si mesmo é isto: «O que é que realmente me satisfaz?» O prazer pode parecer que nos satisfaz durante algum tempo, mas as energias envolvidas nesta satisfação, na realidade, residem naquele a que chamamos o chacra do umbigo e não no da coroa, que é onde experienciamos a verdadeira satisfação — a integridade ou totalidade. Assim sendo, o sentimento de satisfação anímica nunca procede de atividades direcionadas para o prazer. Apenas quando temos sentimentos profundamente positivos associados ao amor ou a qualquer outro arquétipo é que podemos satisfazer as necessidades da alma. Alma, neste contexto, significa o corpo supramental ou arquetípico, ou, para sermos mais precisos, as representações mentais dos arquétipos que criamos e às quais algumas tradições chamam a mente «superior».

Quando exploramos o significado e os valores arquetípicos dos quais Platão falava — amor, beleza, justiça, verdade, bondade, abundância —, sentimo-nos felizes e satisfeitos. Quando incorporamos ou encarnamos esses valores e arquétipos, tornamos a nossa alma mais rica em conteúdo. Este é o objetivo da nossa evolução. Podemos perseguir esse objetivo na nossa vida, aplicando um critério muito simples aos nossos pensamentos e ações: o ato que estou prestes a realizar, a experiência que estou prestes a escolher, vai deixar-me mais próximo da integridade ou mais distante? Quando recorremos a este teste simples, ficamos alinhados com o movimento da consciência. O ativismo quântico é apenas mais um passo neste processo.

O Poder da Crise

Parece simplista, mas é verdade. E se é verdade, por que não nos tornámos mais conscientes deste simples modo de vida? É apenas uma questão de publicidade, de dar a conhecer a verdade? O mundo não seria melhor se todos seguissem este caminho simples: procurar a satisfação e ficar alinhado com o movimento da consciência?

Claro está que, em termos práticos, normalmente precisamos de algum tipo de crise que nos desperte para esta verdade. Sem uma crise pessoal ou social, a nossa tendência é para não nos darmos ao trabalho de mudar. Para alguns de nós, uma crise pessoal de confiança ou uma grande infelicidade fazem a

diferença. Certa vez, quando eu estava numa conferência, passei um dia inteiro com inveja. Ao fim do serão, surgiu-me uma ideia que mudou a minha vida: por que é que eu vivo assim? Por que é que permito que a falta de integração e a separação dirijam a minha vida? Por que é que escolhi um caminho que sabia deixar-me insatisfeito — neste caso, a ciência que eu insistia em estudar? Claro está que ninguém me *respondeu* a estas perguntas; a resposta apenas surgiu depois de muitos anos de exploração. É preciso um pouco de tenacidade. Mas, quando passamos por uma crise como esta, ela dá-nos a tenacidade de que precisamos.

Para alguns, uma crise pessoal não é suficiente: precisam de passar por uma crise social. Bem, olhemos à nossa volta. Estamos a atravessar uma crise social, com as alterações climáticas e o terrorismo global e a derrocada da economia. Estamos a viver um colapso da democracia, bem como do nosso sistema de saúde. Mas quando nos tornamos conscientes destas crises e das deficiências da atual economia consumista e materialista, profundamente insustentável, como podemos mudar a situação?

Penso que muitas pessoas — especialmente os homens e as mulheres de negócios — se tornarão ativistas quânticos nas próximas décadas, porque já estão a sentir este momento crítico. Sabem que a economia não pode continuar a funcionar desta maneira: sem inovar, sem desenvolver novos setores nos quais essa mesma economia se possa expandir, sem prestar atenção ao bem social e à sustentabilidade. Pode ser que a indústria da informação ainda esteja em alta: as pessoas continuam a comprar telemóveis de última geração. Mas durante quanto tempo mais? No nosso caminho atual não existe significado nem satisfação. O consumismo e o materialismo que o impulsiona deixaram de ser forças capazes de satisfazer. Entretanto, os robôs estão a ficar com os nossos empregos — empregos que, por sua vez, nos dão dinheiro para alimentar o consumismo.

Então o que é que podemos fazer? Como cientista que procura a integração, sugiro que o campo económico se alargue de modo que inclua artigos espirituais capazes de nos resgatar do consumismo e de criar empregos com significado que venham substituir aqueles que se estão a perder com a chegada das máquinas. No meu livro *Economia Quântica* (2015), sugiro que levemos a produção e a venda de artigos subtis e espirituais para o campo económico. Mas como é que podemos vender e comprar «artigos» espirituais como a felicidade e o amor? Como é que eles podem ser produzidos em massa? Sugiro que isto poderá acontecer quando mudarmos as nossas atitudes. Quem quiser tornar-se um mercador de felicidade e não de violência, deixe de vender armas e comece a vender amor. Garanto que isto pode resolver a crise pessoal de qualquer um e transformá-lo numa pessoa bastante satisfeita. Este é o tipo de mudança que levará os homens e as mulheres de negócios à visão quântica do mundo e que os converterá em ativistas quânticos.

Póquer do Carma

A Física Quântica apresenta uma solução maravilhosa para o problema do propósito de uma vida particular: a memória não-local. No capítulo anterior, estabelecemos que as encarnações individuais formam um *continuum* evolutivo, uma sequência manifesta de encarnações de uma confluência dinâmica de recordações quânticas (carma) à qual chamamos mónade. A origem da nossa fiada de pérolas.

Mas como é que uma pérola individual beneficia de todas as propensões anteriores, de todo o carma passado que se acumulou até agora? Sendo tantas as propensões — tantas as recordações condicionadas —, como é que podemos concentrar-nos na exploração específica de um arquétipo? Pode acontecer que nos sintamos atraídos por demasiados projetos e, como tal, tentemos usar os múltiplos talentos que foram ativados em nós. Como resultado, nenhuma das nossas explorações será suficientemente assertiva para alcançar o sucesso. A satisfação pode iludir-nos. Os Hindus têm uma resposta para isto, uma teoria segundo a qual existe uma vasta acumulação de carma num dado momento, mas que não a experienciamos por completo ao nascer, experienciando apenas uma parte das propensões acumuladas até esse momento. E ao longo da vida, obviamente, acrescentamos mais propensões ao carma cumulativo total. Chama-se a isto carma futuro. Existem, como tal, três tipos de carma: o carma acumulado; o carma destinado, que é trazido para a vida atual; e o carma futuro, que é criado nesta vida.

O terapeuta David Clines, que se dedica à regressão a vidas passadas, teve oportunidade de estudar um grande número de casos sob a sua orientação. Em muitos deles, Clines registou mais de uma encarnação, mas ficou surpreendido ao constatar que as propensões de uma vida e as suas encarnações subsequentes não revelavam uma grande continuidade. O padrão que observou encaixava-se melhor numa hipótese a que deu o nome de «póquer do carma». No póquer, cada jogador começa com apenas cinco das cinquenta e duas cartas do baralho. Clines teorizou que, de forma idêntica, as pessoas não levam todo o carma acumulado para uma determinada encarnação — o baralho completo, por assim dizer —, mas apenas uma parte dele. Os dados empíricos que recolheu e as conclusões que tirou apoiam aquilo que os Hindus teorizaram há milénios: que trazemos apenas uma parte do carma acumulado para qualquer encarnação em concreto.

Mas temos de levar a sério a parte seguinte da teoria hindu. Por que é que escolhemos uma determinada parte do carma, porquê aquelas cinco cartas em particular? Os Hindus dizem que trazemos essas cartas específicas para a mesa porque queremos levar a cabo uma agenda de aprendizagem específica nesta vida. Cada encarnação tem um propósito, que é cumprir a agenda de aprendizagem que essa mesma encarnação devia cumprir. Os Hindus chamam a esta ideia o *dharma*.

É claro que, por vezes, nos desviamos do caminho. Em virtude das circunstâncias da vida, as propensões necessárias para cumprir o nosso *dharma* podem nunca ser ativadas. Talvez não prestemos atenção aos nossos talentos

ou não sigamos os significados e os arquétipos corretos desses mesmos talentos. De repente, estamos em crise. Intuímos que temos de mudar e, subitamente, por intermédio de um acontecimento de sincronia, de uma experiência de cristalização, descobrimos a nossa agenda de aprendizagem, o nosso *dharma*. Quando o seguimos com convicção, isto traz-nos satisfação. Se as propensões nunca forem ativadas (ou, mesmo que ativadas, não correspondem àquilo que exploramos), continuamos insatisfeitos. São muitas as pessoas que vivem a sua vida sem nunca se sentirem satisfeitas.

Como podemos saber que cartas recebemos? Esta é uma questão importante. Se tivermos sorte, a experiência de cristalização dá-se naturalmente. Mas se ela não acontece no decurso natural da vida, que podemos fazer a esse respeito? Nos meus cursos, oriento os participantes em experiências de recuperação de recordações, para que possam lembrar-se das propensões da infância e descobrir aquelas que não estão a utilizar. Talvez haja um arquétipo que lhes trazia satisfação na infância e que, em virtude das circunstâncias, eles não souberam ou não puderam seguir. No exercício de respiração holotrópica de Stan Grof, algumas pessoas alcançavam espontaneamente um estado semelhante de recuperação de recordações por intermédio do qual recordavam o objetivo, o propósito motriz da sua atual encarnação. Outras podem ser capazes de recordar o seu objetivo arquetípico ao explorar as sincronias e arquétipos junguianos com recurso ao Tarot. Já o dizia Joseph Campbell: «Quando descobrires o que vieste cá fazer, encontraste a tua felicidade. » E o seu conselho era: «Segue a tua felicidade.»

Eu próprio tive uma experiência cristalizadora durante a conferência que já aqui referi, o ponto de partida da minha viagem de integração. Como físico nuclear, eu estava a utilizar a Física Quântica na minha investigação, mas nunca me dera ao trabalho de entender o seu significado. A minha abordagem era muito dividida, encarava a Física como uma profissão que não tinha nada que ver com a minha vida, com a maneira como vivia. E essa separação trazia-me uma grande infelicidade. Fui então forçado a confrontar esta infelicidade. Convidaram-me para dar uma palestra e eu aceitei. Mas, depois de os outros oradores concluírem as suas apresentações, dei-me conta de que as deles tinham sido melhores e eles estavam a receber mais atenção do público. Senti uma inveja e uma insegurança tremendas. Fiquei imerso naquela inveja e naquela negatividade durante todo o dia e pela noite dentro. Finalmente, à uma da madrugada, dei por mim com uma azia terrível e com uma caixa de antiácidos vazia.

Cheio de nojo de mim mesmo saí do quarto. O ar frio da baía de Monterey atingiu-me em cheio na cara. E surgiu-me esta pergunta: por que é que eu vivo assim? E com esta pergunta veio a certeza de que tinha de integrar a minha vida e o meu trabalho. Como tal, a integração tornou-se o meu tema, o propósito da minha vida, e tem-me trazido muita satisfação.

Se tentamos jogar póquer sem saber quais são as nossas cinco cartas, perder é inevitável. Quando não fazemos por descobrir que cartas a vida nos deu, passamos a nossa existência num tumulto constante. Mas quando os acontecimentos têm lugar, essas experiências desencadeiam em nós a

necessidade de explorar — a necessidade de descobrir que cartas temos nas mãos — e, de repente, sabemos que arquétipo devemos seguir.

Para mim, a revelação foi que a integração, a busca do arquétipo da integridade, da totalidade, era o propósito da minha vida. E, felizmente, uma das propensões de que eu precisava para seguir o meu propósito já tinha sido ativada em mim: o cientista. A outra, a da filosofia, tive de aprender à pressa. Para Galois, a experiência cristalizadora foi a descoberta de que a Matemática, na busca do arquétipo da verdade, era o seu propósito. Mas tanto eu como ele tivemos sorte. Para muitos, o caráter não corresponde à profissão que desempenham, pelo que não se sentem felizes e continuam a questionar o significado, o propósito da sua vida.

Profissões Arquétípicas

As profissões que escolhemos seguir encontram-se todas dirigidas para a exploração de um arquétipo no sentido platónico. Os cientistas seguem o arquétipo da verdade; os artistas seguem o arquétipo da beleza; quase todas as pessoas seguem o arquétipo do amor; os líderes religiosos seguem o arquétipo da bondade; os empresários seguem o arquétipo da abundância; os profissionais de saúde seguem o arquétipo da integridade. Com efeito, todos temos um arquétipo a seguir. Se o arquétipo da profissão à qual nos dedicamos corresponde ao arquétipo ao qual nos devíamos dedicar, então seguimo-lo com grande satisfação e alegria. Somos felizes na nossa profissão.

No meu caso, havia uma incompatibilidade. Eu estava a seguir o caminho da Física tradicional quando devia estar a seguir o arquétipo da totalidade ou integridade. A maioria dos cientistas atuais faz o que faz para ter uma vida confortável. Procuram o sucesso, talvez até o poder, mas não exploram nenhum arquétipo; como tal, a sua vida profissional não os satisfaz e eles não sabem porquê. Quando aprendi a ir mais fundo, ou seja, quando comecei a explorar *realmente* a Física Quântica segundo o ponto de vista da investigação da integridade e não apenas da verdade, que é o arquétipo habitual do cientista — descobri uma visão do mundo integradora e também a felicidade.

No mundo dos negócios de hoje, são muitas as pessoas que só querem ganhar dinheiro. Mas o mundo empresarial é, na realidade, uma investigação, uma exploração do arquétipo da abundância. Quando formos capazes de nos dedicar aos negócios segundo o ponto de vista da abundância, encontraremos o sucesso nessa mera exploração; seremos felizes. Os empresários que deixam de seguir o arquétipo da abundância, ou para quem a abundância não é o arquétipo que deviam seguir, serão infelizes. Deu-se uma incompatibilidade.

Se o leitor é infeliz na sua profissão, tem de descobrir o que é que já não o satisfaz ou preenche na forma como segue o arquétipo dessa mesma profissão. Está na profissão errada? Nesse caso, mude de profissão. Ou não terá encontrado a correspondência adequada às suas propensões dentro da sua profissão? Nesse caso, altere a sua abordagem.

Às vezes, uma profissão pode não permitir que as nossas propensões particulares se expressem, porque ela se tornou muito limitadora. Nesse caso, uma investigação aprofundada do arquétipo da profissão pode tornar-se quase impossível. O único recurso que então nos resta é tornarmo-nos independentes, sair da corrente dominante da profissão e dedicar a nossa vida a mudar a natureza da própria profissão; ou seja, tornarmo-nos ativistas. Para mim, o materialismo científico converteu-se numa camisa de forças que eu era obrigado a usar porque a minha profissão o exigia. Tive de me libertar.

Atualmente, de um modo geral, tenho a impressão de que muitos se voltam para o ativismo porque a sociedade tornou quase impossível a exploração dos arquétipos dentro das profissões estabelecidas que evoluíram a partir da tradição. No Japão, em especial, existe um tremendo desajuste entre os valores tradicionais e a cultura materialista que está a dominar o país. Mas também o vemos nos Estados Unidos. As profissões tornaram-se estreitamente definidas, porque a visão do mundo que as define é determinada pelo materialismo científico. Mas quem exerce essas profissões nasceu em famílias que viviam de acordo com a antiga visão do mundo segundo a qual tanto a mente como a matéria são reais. As propensões que eles traziam para essas profissões destinavam-se à exploração dos arquétipos, não à de valores materialistas como o dinheiro, o sexo e o poder.

O Arquétipo do Amor

O amor é um dos principais arquétipos platónicos. A Física Quântica vê a exploração do arquétipo do amor como uma expressão da natureza criativa dessa exploração. O amor arquetípico tem dois aspetos tradicionais. Um está relacionado com o chacra do coração. O outro está relacionado com o seu campo morfogenético, o programa da forma e da função biológicas na glândula timo, que desempenha a função de diferenciar um organismo de outro. Podemos utilizar a linguagem quântica para compreender esta associação. O programa da forma e da função está correlacionado com a glândula timo porque esta se constrói com base nesse programa. Como tal, este último faz parte do corpo vital e o órgão faz parte do corpo físico. É neste par vital/físico que nos devemos centrar.

Esta é a linguagem que a nova Psicologia Quântica utiliza quando fala dos chacras. Na Psicologia Quântica, cada chacra é uma confluência de órgãos físicos e dos seus programas vitais. Em cada chacra, experienciamos um sentimento concreto, associado ao movimento do campo morfogenético desse chacra — o seu programa vital. O que sentimos é energia vital, uma energia que entra e sai dessa parte do corpo vital. Não é o movimento do órgão físico, mas o da energia vital do programa correlacionado com o órgão. No caso do chacra do coração, quando o sistema imunitário (sob a forma do timo) nega uma diferenciação entre eu (o meu corpo) e não eu (o que é estranho ao meu corpo), a sua função fica suspensa e sinto a possibilidade do amor por outra pessoa. A suspensão do sistema imunitário faz-me sentir que sou uno com essa outra pessoa, que sou o mesmo ser que essa pessoa, a origem daquele sentimento «tu és minha e eu

sou teu». E este sentimento expressa-se com uma forte intenção de união corporal. E é a isto que chamamos amor romântico.

O amor romântico é uma maneira pela qual a exploração do amor arquetípico pode começar. Trata-se de um amor orientado para a fisicalidade, embora não deixe de ter um aspeto quântico, um aspeto de correlação não-local: a correlação entre os sentimentos vitais e o funcionamento de um órgão físico. O aspeto corporal do amor romântico expressa-se finalmente em termos de «moléculas de emoção», como as moléculas do prazer chamadas endorfinas, porque o cérebro entra em jogo sempre que a sexualidade se encontra envolvida. Mas estas moléculas apenas permanecem ativas durante um certo tempo. A sua atividade não se mantém com a mesma intensidade e com o mesmo parceiro para sempre. Com o tempo, a atividade cessa em virtude da habituação. É quando o amor romântico fica sem «combustível».

O amor que mantém a função imunitária suspensa é importante, não obstante, porque concede a este sistema uma pausa muito importante para que ele funcione de modo adequado. Assim como o neocórtex repousa quando dormimos, o sistema imunitário descansa quando a sua função fica em suspenso porque amamos alguém.

Mas o amor pode continuar mesmo quando as moléculas que medeiam os seus prazeres físicos desaparecem? Sim, se nos envolvermos de forma criativa no amor incondicional. Se amamos alguém mesmo quando as energias sexuais motrizes dessa relação já não estão muito ativas, é porque a nossa busca do amor incondicional já começou. Como efeito secundário benéfico desta busca o nosso sistema imunitário recebe o repouso de que precisa. Esta busca não precisa da sexualidade. Quando exploramos o amor de maneira criativa com o amor incondicional em mente, mergulhamos na natureza quântica criativa do amor, o amor quântico.

Além disso, a criatividade é apenas um aspeto da natureza do amor quântico. Investigações recentes indicam que o sistema imunitário possui uma espécie de autonomia análoga à autonomia que se pode encontrar em torno do neocórtex. Isto leva-nos a perguntar se existe um «eu» associado ao chacra do coração, como aquele associado a uma hierarquia interligada. Dito de outra maneira, existe um eu no corpo? Existe uma identidade de consciência associada aos órgãos do chacra do coração? Sabemos que a consciência se identifica com o neocórtex, com o cérebro. Podemos também dizer que a consciência se identifica com os órgãos do chacra do coração? E, todavia, o sistema imunitário não conta com uma hierarquia interligada entre os seus componentes. Como tal, escusado será dizer que, quando deparei com este problema, fiquei bastante intrigado.

Mas, então, encarei de novo o problema, mas segundo a perspetiva da Medicina Tradicional Chinesa. Nesta última, quando se diz que os órgãos se influenciam mutuamente, não se trata de uma referência aos órgãos físicos, mas aos seus correlatos vitais, que interagem por intermédio desses caminhos energéticos que recebem o nome de meridianos. Por exemplo, existe um meridiano que vai desde o correlato vital do fígado — que é um órgão do chacra do umbigo — até ao correlato vital de um órgão do chacra do coração. De um

ponto de vista quântico, isto significa que existe uma hierarquia interligada entre os programas vitais dos órgãos do chacra do umbigo e os dos órgãos do chacra do coração — uma hierarquia interligada que envolve o corpo vital e dois chacras diferentes. Esta hierarquia interligada não causa a autorreferência obrigatória que acompanha o colapso da onda de possibilidade, como acontece no cérebro. Isto requer uma hierarquia interligada no corpo físico. Mas se podemos identificar-nos, mesmo que seja ao nível vital, com uma hierarquia interligada, não poderíamos desenvolver o sentido de um eu, o qual poderia ser denominado o eu do coração ou o centro do coração corporal?

Amor Por Si Mesmo e Amor Pelo Outro

Neste modelo, o coração é o mesmo do qual falavam as tradições espirituais? Eu creio que sim. Além disso, até pode ser possível estabelecer uma hierarquia interligada física associada à hierarquia vital, talvez por intermédio do corpo bioelétrico, que se pode medir com a fotografia kirliana e que nos revela uma aura real — um corpo bioelétrico que temos além do corpo bioquímico do qual os órgãos fazem parte. Se este corpo bioelétrico contribui com uma hierarquia interligada física que complementa a hierarquia interligada do corpo vital — uma hierarquia que podemos cultivar e com a qual nos podemos identificar —, então podemos colapsar sentimentos independentes do neocórtex, independentes do pensamento. E se os sentimentos nonexo da hierarquia interligada dos dois chacras — umbigo e coração — são verdadeiramente autónomos, como o pensamento no cérebro, o que é que acontece? Todo o nosso contexto de vida é sujeito a uma mudança radical.

A partir deste novo contexto, podemos ter uma percepção adicional de como podemos alcançar a maturidade emocional. É no chacra do umbigo que o ego corporal se encontra situado; é aqui que residem os nossos sentimentos de segurança, autorrespeito e amor-próprio. O chacra do coração é onde sentimos o amor pelo outro. E o corpo bioelétrico associado ao chacra do coração, juntamente com o corpo bioelétrico associado ao chacra do umbigo, forma uma hierarquia interligada que pode conseguir um colapso autorreferencial de sentimentos neste sistema umbigo/coração: tanto o amor por si mesmo como o amor pelo outro.

Tudo isto tem de começar no nível dos sentimentos. Quando permitimos que as energias dos sentimentos entre estes dois chacras se tornem causalmente circulares — ou seja, quando as relações de sentimentos entre a individualidade do corpo e a inclusividade do coração se convertem numa hierarquia interligada —, desenvolve-se uma identidade com o eu da combinação umbigo/coração. Chamemos-lhe coração hierarquicamente interligado.

Os sentimentos no chacra do umbigo são uma expressão de egoísmo em termos de sexualidade. Os sujeitos que eu amo tornam-se objetos de desejo, objetos sexuais, quando me identifico com o ego corporal. O sexo converte-se numa conquista. Mas o amor incondicional é o oposto disto. É uma expansão da

consciência. Como tal, quando me apercebo de que o egoísmo está a dar lugar à expansão, é porque começou a viagem de descoberta do eu do coração hierarquicamente interligado. E quando integramos o eu do coração — que se baseia no sentimento — com o eu do cérebro — que se baseia no significado ou na racionalidade —, desenvolvemos aquilo a que poderíamos chamar uma verdadeira inteligência emocional. Neste ponto, a Física Quântica ajuda-nos a compreender a dinâmica de como o amor romântico se pode transformar em amor incondicional, no qual o egoísmo é transcendido por intermédio da descoberta do «outro». Isto pode, por fim, levar a uma verdadeira inteligência emocional, ao integrar o eu do coração com o eu do cérebro.

Os homens sentem geralmente uma conexão mais forte com o chacra do umbigo, pelo que é mais provável que tenham mais amor por si mesmos do que amor pelo outro. Por outro lado, as mulheres tendem a estar mais conectadas com o seu chacra do coração: é mais provável que o seu amor adote a variedade do amor pelo outro. Esta diferença de conexão é, penso eu, o que impede a Humanidade de experienciar o coração como um eu separado e alcançar a verdadeira inteligência emocional. A nossa própria composição biológica contribui para este desequilíbrio e a cultura reforça-o. Aquilo de que precisamos é de que tanto os homens como as mulheres desafiem a biologia, desafiem as forças culturais e alcancem um equilíbrio entre estas duas. Os homens têm de desenvolver o amor pelo outro e as mulheres têm de desenvolver o amor por si mesmas.

Num capítulo anterior, falámos da exploração criativa do amor. Quando os homens são sinceros na sua exploração, descobrem a «alteridade» da pessoa que estão a tentar amar incondicionalmente. Este é o começo do amor pelo outro, que deve então harmonizar-se com o amor por si mesmo. Quando as mulheres aprendem a explorar o amor segundo o modo quântico, descobrem a alteridade do outro, o que as leva à descoberta de si mesmas como seres dignos do seu próprio amor. Como resultado, a identidade do chacra do umbigo, o autorrespeito, torna-se forte, e, quando isto se torna possível, estabelecer uma hierarquia interligada é apenas uma questão de harmonizar as duas identidades.

CAPÍTULO 14

O SIGNIFICADO DOS SONHOS

Os nossos sonhos fazem parte de uma vida contínua que vivemos na dimensão do significado. Os sonhos são investigações, explorações de significado. Durante a vigília, a informação que nos chega do mundo físico é tão excessiva que não lhe podemos dar a atenção necessária para lhe atribuir significado. A história vital que construímos para a nossa vida (porque o mundo físico tem o hábito newtoniano da fixidez) também tem o efeito de desviar a nossa atenção dos significados que estamos a explorar e das propensões que estamos a desenvolver para as nossas explorações. O melodrama que rodeia a história vital exige demasiado tempo e esforço.

Os sonhos dão-nos pistas sobre os significados que estamos a explorar, as propensões que estamos a desenvolver. Uma boa parte do caminho que leva à iluminação através da vida quântica — chamemos-lhe vida quântica — consiste em prestar atenção aos estados oníricos. Quando o fazemos, e à medida que nos tornamos sensíveis à transição entre estados de consciência, deparamos cada vez mais com aquilo a que se chama *sonhos lúcidos*. Nestes últimos, podemos usar o estado onírico para procurar soluções para os nossos problemas.

Durante os sonhos, temos experiências de diferentes tipos, nas quais figuram pessoas e coisas distintas. Todos estes objetos oníricos representam algo e têm o significado que lhes atribuímos na nossa vida em estado de vigília. Por exemplo, podemos ver a nossa mulher ou namorada num sonho, mas não é a nossa mulher ou namorada de verdade que nos veio visitar no seu corpo astral. Trata-se antes do significado que atribuímos à nossa mulher ou namorada. Todos estes significados aparecem nos sonhos sob o disfarce de personagens oníricas. Claro está que, no sonho, nós não as experienciamos ao nível do significado, mas sim da mesma maneira que na nossa vida física, como de costume. Experienciamos um episódio onírico como se estivesse a ser encenado na realidade física. Todavia, quando acordamos, podemos ver o sonho do ponto de vista do significado. Aquilo não era realmente a nossa namorada; então, era o quê? Que significado atribuímos àquela namorada em particular? Atribuímos-lhe este significado. Ela representa, simboliza, este significado para nós. Por exemplo, pode ser que ela seja um bocadinho megera. Como tal, no nosso sonho, talvez represente a parte de megera que existe em nós.

Desvendamos os significados de cada personagem onírica quando analisamos os sonhos. Outra personagem onírica talvez represente o avarento que existe em nós, a parte que se recusa a ser generosa. Outra pode representar a coragem, a nossa parte corajosa. Quando analisamos o significado dos símbolos oníricos desta forma, começa a emergir um padrão que nos pode dar uma ideia do ponto em que nos encontramos na busca do significado da nossa vida.

Lições dos Sonhos

Em 1998, enquanto levava a cabo uma investigação para um artigo sobre sonhos quânticos (graças a uma bolsa da Infinity Foundation e do Institute of Noetic Science), tive a oportunidade de trabalhar com a psicóloga Laurie Simpkinson. Embora o artigo que escrevemos juntos nunca tenha sido publicado, incluí os seus principais pontos no meu livro *Deus Não Está Morto* (2008). A Dra. Simpkinson e eu fomos capazes de demonstrar, mediante muitas histórias de casos, que os sonhos são na realidade relatórios contínuos da nossa vida de significado. Também desenvolvemos uma nova classificação de cinco níveis: sonhos do corpo físico, do corpo vital, do corpo mental, supramentais e espirituais. Os sonhos do corpo físico consistem naquilo a que chamamos despojos do dia, são sonhos com pessoas e acontecimentos que não ficaram «encerrados» durante o dia. Os sonhos do corpo vital são aqueles que estão relacionados com traumas emocionais reprimidos. Os sonhos do corpo mental fornecem-nos relatórios sobre a nossa vida de significado. Os sonhos supramentais envolvem imagens do inconsciente coletivo. Os sonhos espirituais apontam para a nossa unidade com tudo.

Vou dar alguns exemplos dos meus próprios sonhos. No início da transformação que me levou do materialismo à integração do material e do espiritual, tive uma série contínua de sonhos de purga que duraram meses — sonhos nos quais surgiam lavabos, casas de banho, sanitas. Evidentemente, o significado de tudo aquilo era que, durante o processo que eu estava a atravessar naquele momento, era muito importante eliminar as toxinas do meu sistema. (Para outros, sonhar com sanitas também pode significar deixar ir, não suprimir.) O meu sistema continha muito lixo materialista e os sonhos estavam a indicar-me a necessidade de o limpar, aquilo a que os psicólogos junguianos chamam «limpeza das sombras». A princípio, não percebi o que estava a acontecer, mas quando o significado se tornou evidente, depois de muita análise de sonhos, dediquei-me à limpeza do meu sistema e os sonhos de purga cessaram.

No último sonho desta série, apareceram duas personagens: Ronald Reagan, um político muito conservador, e Jane Fonda, uma atriz muito liberal. Todavia, o que se destacava no sonho não era quem eram aquelas personagens, mas sim o facto de estarem a dançar entre detritos. Literalmente. O chão que pisavam estava cheio de excrementos. Acordei com a sensação de que rótulos como liberal ou conservador não têm sentido e de que eu estava pronto para que as opiniões dos outros deixassem de influenciar quem eu era. A minha ardósia estava limpa e agora eu podia descobrir a minha própria opinião por intermédio da verdadeira criatividade, a criatividade fundamental. Depois daquele episódio, nunca mais voltei a sonhar com excrementos.

No capítulo anterior, explorei como podemos integrar criativamente as diferenças entre o masculino e o feminino. Carl Jung referia-se a este tema de uma forma semelhante. No sistema de Jung, as potencialidades masculinas do respeito e do valor próprio apresentam-se às mulheres sob o arquétipo do *animus*; de igual modo, as potencialidades femininas do amor pelo outro

apresentam-se aos homens como o arquétipo da *anima*. Jung defendia que os homens integram o arquétipo da *anima* em si mesmos e que as mulheres cultivam o arquétipo do *animus*.

Como homem, comecei a sentir-me emocionalmente esgotado numa determinada fase da minha vida; era muito intelectual e muito centrado no cérebro. Então, uma noite, tive um sonho no qual estava à procura de água. Procurei e procurei e, por fim, encontrei um ribeiro. Todavia, ao aproximar-me, descobri que o ribeiro estava seco. Senti-me muito dececionado. E então ouvi uma voz dizer: «Olha para trás.» Quando o fiz, para minha surpresa, descobri que estava a chover. Corri para a chuva, apreciando a forma como ela me escorria pelo corpo. Uma jovem mulher veio então ter comigo — era linda, encantadora. Caminhámos juntos durante algum tempo, desfrutando da chuva e da companhia um do outro. Quando chegámos ao que parecia ser a sua casa, ela despediu-se. Ao ver a decepção na minha cara, ela disse: «Vou passar algum tempo em Londres. Mas volto.»

Quando acordei, reconheci de imediato que aquela jovem representava o arquétipo da minha *anima* e senti-me entusiasmado por ter redescoberto a fluidez emocional na minha vida. Claro que esta não surgiu imediatamente; afinal, tinha ido a Londres. Mas regressou à minha vida pouco depois.

Por último, vou contar um sonho inequivocamente espiritual ou do «corpo de êxtase» que tive. Neste sonho eu sentia-me muito alegre e acabei por descobrir a origem da minha alegria: um homem luminoso que irradiava uma alegria da qual eu não me conseguia saciar. E pronto; o sonho foi este. Quando acordei, consultei o meu «professor» de sonhos. Ele olhou-me de uma forma estranha e disse: «Amit, não percebes? Estavas a sonhar com o teu eu iluminado.»

Os Sonhos Lúcidos

Os sonhos lúcidos são aqueles em que estamos conscientes de que estamos a sonhar e, como tal, somos capazes de orientar o sonho até certo ponto. O meu primeiro sonho lúcido teve lugar na década de 1960, numa altura em que eu me debatia com uma equação específica, relacionada com o meu trabalho em Física Nuclear. As minhas recordações desse sonho ainda são bastante vívidas. O sonho envolvia equações matemáticas, pelo que era um pouco técnico. Eu estava a tentar encontrar uma maneira de aplicar alguns aspetos da supercondutividade para resolver problemas da estrutura dos núcleos atómicos. Mas não é necessário entender a supercondutividade para perceber o significado daquele sonho para mim.

Nele, eu estava a pensar nas equações, a escrevê-las no que parecia ser uma ardósia. Até que percebi que estava a sonhar; algo naquela ardósia era bastante invulgar. Qualquer coisa que eu estivesse a pensar, qualquer alteração na equação que eu estivesse a pensar fazer, aparecia simultaneamente na ardósia. Era uma forma fantástica de trabalhar com equações, porque eu podia

vê-las diretamente sem ter de as escrever. Quando acordei, apenas precisei de alguns minutos para recuperar a equação.

Mas voltemos ao sonho em que ouvi uma voz dizer: «O Livro Tibetano dos Mortos está certo! Cabe-te a ti prová-lo!» Não sei se lhe poderei chamar um sonho lúcido, porque acordei precisamente quando ele se estava a transformar em tal. Mas o que sei é que eu provavelmente não teria levado a sério o tema da alma e da reencarnação se não fosse este sonho. No meu livro *O Universo Autoconsciente* (1993), eu apresentava a imagem correta da relação entre consciência e matéria, mas ainda não compreendia a relação entre a mente e o cérebro. Continuava agarrado à ilusão de que a mente é o cérebro. Mas este sonho inspirou-me a procurar a verdade: que a mente é algo completamente diferente, que a mente processa o significado enquanto o cérebro se limita a criar representações do significado mental.

Quando sonhamos, os estímulos físicos representam ruído cerebral. Assim como a mente cria uma imagem com sentido a partir de uma mancha do teste de Rorschach, o significado de todos os símbolos que vemos num sonho é o significado que lhe atribuímos. Como tal, em certo sentido, todas as personagens dos nossos sonhos somos nós. Ou seja, o ego mental encontra-se bastante disperso e tem pouco controlo sobre a configuração do sonho.

Esta perda de controlo do ego altera-se durante um sonho lúcido, no qual estamos conscientes de que estamos a sonhar. O ego do sonho recebe de alguma maneira o «impulso» do ego desperto, permitindo-nos conduzir o sonho na direção pretendida. E podemos usar este veículo do sonho lúcido para estudar a equipotência das nossas vidas de vigília e onírica. Quem, atualmente, com a exceção dos Aborígenes australianos, acreditaria que a vida dos nossos sonhos é tão potente como a nossa vida desperta?

Eu penso que os sonhos lúcidos têm um grande potencial de precipitação da criatividade e, como tal, podem ser usados para a cura criativa. Muitas pessoas que têm sonhos lúcidos interessam-se pela cura com recurso a este estado de consciência, e algumas delas afirmam ter observado resultados positivos dos seus esforços. No meu livro *O Médico Quântico* (2004), discuto como a mente tanto pode causar como curar problemas de saúde. Também refiro a importância do «corpo de êxtase» e do «sono criativo» em conexão com a cura mente/corpo. O corpo de êxtase é consciência indivisa, consciência que é uma com as suas possibilidades, sem separação nem experiência. Encontra-se para lá tanto do sono como da vigília. Durante o sono profundo, estamos no corpo de êxtase. No entanto, quando despertamos, continuamos a ser a mesma pessoa. Isto demonstra que o condicionamento egoico continua a controlar as possibilidades que processamos enquanto nos encontramos numa gloriosa não-separação com todo o nosso ser. O sono criativo é um sono no qual o controlo do ego cede e a consciência quântica — o leitor pode chamar-lhe Deus — é capaz de processar novas possibilidades, possibilidades das quais são feitas as experiências criativas. Isto é bastante diferente do sonho lúcido, mas talvez lhe possamos chamar «sono lúcido». Quando experienciamos este tipo de sono, acordamos extremamente criativos, a borbulhar de criatividade. Várias tradições atribuem a estes estados de sono muitos nomes exaltados, como veremos no próximo capítulo.

Stephen LaBerge fez experiências sobre o estado de sonho lúcido que nos indicaram que a mente do sonho lúcido pode afetar (embora apenas minimamente) o corpo físico adormecido. Registaram-se também indicações de que um sonho lúcido a respeito de uma determinada tarefa (de acordo com a atividade monitorizada no cérebro) se assemelhava mais à *execução* propriamente dita dessa tarefa do que apenas à *imaginação* da mesma. E isto pode ter consequências importantes para a cura quântica.

A cura quântica consiste em saltos quânticos e na cura da estrutura enferma da mente. Esta, por sua vez, cura os bloqueios da energia vital, que por sua vez curam a fisiologia dos órgãos. Ninguém sabe se a alteração criativa da perspectiva mental realmente se infiltra na fisiologia do corpo durante um sonho lúcido. Teoricamente falando, é certamente possível, mas precisamos de mais dados.

Mas há um sonho que se destaca na minha memória. Neste sonho em particular, eu sabia que todos os símbolos presentes me representavam, porque tive o privilégio de aceder à experiência interior das minhas personagens; não só ao que elas me diziam a «mim» enquanto personagem do sonho, mas também ao «interior» das imagens com as quais me identificava explicitamente no sonho. E eu sabia que estava a sonhar, pelo que certamente se tratava de um sonho lúcido. Foi muito semelhante a uma percepção mística em consciência desperta de que todos somos um.

Vigília Lúcida

Num curso que eu estava a apresentar sobre a interpretação dos sonhos, uma participante descreveu como costumava acordar: «Todas as manhãs, quando sou subitamente acordada pelo meu alarme, tenho o mesmo sentimento estranho. Tenho a sensação de que estava consciente de estar a dormir e que, nesse momento, acordo.»

Felicitei-a e disse-lhe que isso indicava que ela tinha aprendido a estar alerta naquele momento do despertar, e estava a aproximar-se da experiência a que eu chamo «vigília lúcida», em contraste com o sonho lúcido. A vigília lúcida pode acontecer na transição entre o sono e o despertar. Estes momentos de transição constituem excelentes oportunidades para ter uma dessas experiências criativas em que de repente nos ocorre uma boa ideia. Quando conseguimos centrar a nossa atenção nesses momentos, estamos prontos para o salto quântico.

Na minha própria vida, tive ocasião de constatar por mais do que uma vez que estas transições são muito reveladoras, dado que nos pode surgir uma grande quantidade de ideias inovadoras. De certa forma, quando acordamos, regressamos ao nosso corpo. Todavia, como isto geralmente se dá de forma repentina, a maioria das pessoas não desenvolve a capacidade de acordar nesse estado de alerta que aquela participante no curso conseguira. Se e quando desenvolvemos uma sensibilidade semelhante, sentimos a descontinuidade com muita clareza. E se o fazemos de uma forma ainda mais sensível, podemos continuar a prestar atenção ao momento, cientes de que estamos a fazer algo

de bom. Estes momentos podem então ser preenchidos por ideias muito esclarecedoras a respeito dos problemas que estamos a tentar resolver; ou seja, os objetivos criativos que estamos a tentar alcançar.

CAPÍTULO 15

A ILUMINAÇÃO

A iluminação é um tema sobre o qual aqueles que procuram o crescimento pessoal revelam muita curiosidade e também muita confusão. Sempre que dou um curso a psicólogos e a quem busca o crescimento pessoal, começo sempre com esta pergunta: «Quantos de vocês querem alcançar a iluminação?» Invariavelmente, a maioria, senão todas as pessoas, levanta a mão. Quando pergunto porquê, recebo respostas como: «Quero ser feliz constantemente», ou: «Quero ser uma pessoa incapaz de errar.» Toda a gente espera que um ser iluminado seja um ser completamente transformado, um ser aperfeiçoado.

Na literatura espiritual, são vários os tipos de experiências que, até certo ponto, se qualificam como experiências de iluminação. Em sânscrito, existem nomes para cada um deles. O *samadhi* aplica-se à experiência na qual o eu é percebido como o todo, sem qualquer natureza individual. No *samadhi*, o eu alcança o nada, a inexistência. Os Japoneses chamam a esta experiência *satori*. *Moksha* refere-se ao estado final da consciência, no qual podemos escolher retirarmo-nos por completo do ciclo nascimento-morte-renascimento.

Sem Saída

Os cientistas — na sua maioria materialistas — geralmente não acreditam que podemos mudar, nem sequer que podemos superar os impulsos dos nossos circuitos cerebrais emocionais negativos. Também acreditam que nunca poderemos alcançar a perfeição, que nunca poderemos «sair do jogo». Os místicos, por outro lado, acreditam que podemos alcançar a perfeição ainda neste corpo muito humano. E se alcançamos a perfeição e não temos mais nada que procurar — se nos tornamos iluminados —, estamos efetivamente fora do jogo.

Mas, na visão quântica do mundo, qual é o papel da iluminação em relação à potencialidade humana? Quando eu era materialista, nem sequer acreditava na espiritualidade, muito menos na iluminação espiritual, embora tivesse crescido na Índia, onde a cultura e as tradições estão imersas em conceitos como estes. Depois da minha experiência de cristalização, comecei a escrever um livro de Física para principiantes, tentando tornar a Física interessante para os alunos presos nos cursos de Física Elementar. Uma canção da Judy Collins que era popular naquela altura tinha esta letra:

You can't win

And you can't break even

You can't get out of the game.

Não podes ganhar

E não podes empatar

Não podes sair do jogo.

Eu estava a escrever sobre as três leis da termodinâmica, pelo que usei estes três versos para as explicar.

A primeira, a lei da conservação da energia, afirma que a energia do mundo físico é sempre constante. Não podemos alterar a quantidade total de energia. Ou seja, não podemos ganhar. A segunda lei diz que, em todas as transações, a energia degrada-se; a sua qualidade piora. Então, na realidade, não conseguimos sair sem perder nada; ou seja, não conseguimos um empate. A terceira lei declara que é impossível alcançar um estado no qual o movimento térmico dê lugar a uma total quietude. Como tal, não podemos sair do jogo.

Como materialista, eu acreditava que estas leis, de facto, operavam no Universo. Mas quando descobri que era a consciência, e não a matéria, o fundamento de todo o ser, os meus pontos de vista alteraram-se radicalmente. Por que é que eu havia de estar preso pelas leis da termodinâmica? Essas leis destinam-se a objetos puramente materiais — objetos inanimados —, não a seres vivos.

Na década de 1970, antes de descobrir a visão quântica do mundo, estudei muita filosofia *zen*. Na tradição *zen*, existem dez imagens — chamadas as imagens do boiadeiro — que descrevem as fases que levam à iluminação. Na primeira, procuramos um boi que se perdeu nas montanhas. Depois encontramos-lo, trazemo-lo de volta para casa e descemos da montanha. Na oitava imagem não existe nada, o que significa o estado de iluminação. Neste estado alcança-se a sabedoria de que a realidade é o nada, o vazio, e que o eu é, na realidade, o não-eu. Mas existem mais duas imagens depois desta. Após a iluminação, o Mestre desce à aldeia e brinca com as crianças. Isto parece explicar o que acontece ao nosso ser quando manifestamos ou encarnamos a sabedoria alcançada na oitava imagem.

Achei maravilhoso que as imagens nem sequer terminassem com a sabedoria do nada, pois de que serve uma experiência, qualquer experiência, se o comportamento não muda? Tive oportunidade de conhecer alguns «seres iluminados» que me levaram a acreditar que a iluminação é sobrevalorizada, sobretudo quando a própria experiência da iluminação se torna o objetivo final. É claro que vejo a experiência da iluminação como algo de muito positivo, mas a maioria dos seres iluminados que conheço parece não ter regressado do seu estado exaltado como seres «transformados». A minha confusão aumentou substancialmente quando eu mesmo tive algo que me pareceu poder ser considerado uma experiência de iluminação, porque sabia que não me tinha transformado pelo mero facto de ter tido aquela experiência.

Todavia, em muitas tradições espirituais — especialmente no ramo do *zen* a que se chama *Rinzai zen*, que segue o mestre *zen* Rinzai —, a ideia da iluminação significa ter uma experiência súbita, muito semelhante a um salto

quântico, que recebe o nome de *satori*. Em tudo isto, porém, o que nos confunde é o facto de existir a expectativa de que, de alguma forma, depois desta experiência, a pessoa também se há de transformar num ser humano ideal, num ser transformado capaz de amar todos e de não cometer erros.

De um modo geral, esta expectativa não se dá muito bem com o que vemos. Hoje em dia, podemos seguir pessoas que afirmam ter alcançado a autorrealização por intermédio do *satori* ou do *samadhi*. Podemos segui-las com muita precisão recorrendo ao GPS: atualmente é impossível escondermo-nos. Mas, se o fizéssemos, tenho a certeza de que ficaríamos bastante desiludidos. A experiência da iluminação, por si só, não parece gerar uma transformação da pessoa, não parece levá-la à perfeição. Pessoas supostamente iluminadas até são apanhadas nos habituais escândalos que envolvem dinheiro, poder e sexo. E tudo isto acabou por afetar muitas pessoas, que deixaram de acreditar nestas antigas tradições espirituais.

Assim sendo, será realmente essa experiência súbita, à qual as tradições se referem, a iluminação? Se assim for, para que serve a iluminação se a expectativa de perfeição não for satisfeita? O que devemos esperar dos mestres que se dizem iluminados?

O Eu Quântico

Na teoria quântica da criatividade, para investigar qualquer arquétipo, temos de passar por um processo criativo — e o arquétipo do eu não é exceção. Já falámos sobre o processo criativo, mas aqui vamos concentrar-nos nessa fase da criatividade a que chamamos salto quântico criativo. Trata-se de uma alteração descontínua no nosso entendimento de um arquétipo. No caso da iluminação, estamos a falar do arquétipo do eu. Num salto quântico criativo, descobrimos algo que nunca nos havia ocorrido ou que nunca se nos tinha deparado. Por exemplo, na experiência do *satori*, seria a descoberta de que a experiência é completamente destituída de quaisquer conceções anteriores do eu. É uma descoberta do vazio, porque todos os conceitos anteriores do eu simplesmente se desmoronam.

Como tal, representa realmente uma descontinuidade no pensamento, na concetualização. Antes dispúnhamos de muitos conceitos para o eu; agora não temos nada. Se a natureza do eu é este nada, não existe nenhum objeto com o qual a possamos descrever.

No entanto, agora existe um eu «vazio» do qual nos apercebemos. A teoria quântica da criatividade diz que, na criatividade, há um outro estado pelo qual temos de passar depois da descoberta desse eu real, o «eu real do vazio». Entrámos no processo criativo com aquilo a que chamamos ego. De facto, falámos da história vital e da personagem do ego; falámos do carácter do ego. Mas, então, depois deste salto quântico, descobrimos que não existe tal coisa. O eu encontra-se vazio de todos estes conceitos. E a teoria quântica da criatividade diz que temos de manifestar este não-eu no nosso ser. Temos de manifestar esse vazio de eu na nossa vida. É por este motivo que as imagens

zen nos mostram dois estágios além do *satori*: os estágios da manifestação deste eu não-eu.

Na visão quântica do mundo, há um nome para este eu não-eu. Chamamos-lhe o eu quântico. Convém recordar que, na dinâmica quântica, não existe fixidez, pelo que podemos pensar no eu quântico como uma autoexperiência dinâmica que acontece. Mas este eu não tem onde se estabelecer, porque não existe fixidez. Não podemos descrever o que é, porque não podemos permanecer «nele» o tempo suficiente para o fazer. Podemos aplicar-lhe adjetivos como não-local, ou incondicionado, ou criativo, ou hierarquicamente interligado, ou uno — mas isto é o melhor que podemos fazer.

A identificação com este eu quântico é algo muito diferente da identificação com o ego, isto porque só nos podemos identificar com certeza com algo que seja fixo. Como é que podemos identificar-nos com algo que está a mudar e que apenas surge com experiências momentâneas? Podemos dizer que o eu tem de se tornar semelhante a um fluído, mutável, consoante o seu recipiente. Ou podemos dizer que é uma figura de sal, individual, que se dissolve na totalidade do oceano. Mas tudo isto são metáforas, não descrições. O que é que realmente tem de acontecer para que possamos ancorar o nosso ser no eu quântico?

Na tradição hindu, à experiência de iluminação dá-se o nome de *samadhi*. Esta parece ser a experiência mais elevada possível, porque experienciámos a natureza do próprio eu. Mas, então, os Hindus fazem esta pergunta: O que é que existe para lá da experiência? Por exemplo, durante o sono, não temos nenhuma experiência. Mas o sono não é particularmente transformador. Depois de dormir, acordamos. Não mudámos. E é fácil entender porquê. No sono normal, continuamos a processar, ainda que inconscientemente, o mesmo tipo de emoções reprimidas e de pensamentos suprimidos que nos criam problemas na nossa vida de vigília. É por isso que, na sua maioria, os nossos sonhos são «despojos do dia». Assim sendo, quando a identidade do ego se desmorona na manifestação, o apego à dinâmica supressão/repressão também começa a desmoronar-se.

Mas o que é que significa amadurecer para lá da experiência de autorrealização, para lá do *samadhi*? O que significa manifestar o «não-eu»? A qualidade daquilo a que chamamos sono torna-se diferente, juntamente com a qualidade dos sonhos. Neste novo tipo de sono — o sono criativo —, quando somos unos com a totalidade, já não estamos a processar *apenas* a dinâmica supressão/repressão. Em seu lugar, processamos novas e maravilhosas *possibilidades* da consciência, pelo menos durante uma parte desse tempo. E quando despertamos deste tipo de «supersono», ou «sono criativo», acordamos com uma felicidade profusa, em vez da dinâmica supressão/repressão — aquilo a que chamamos «estado de espírito» — que tantas vezes nos envolve ao despertarmos do sono normal. Quando acordamos de estados inconscientes deste género quântico, a nossa alegria reflete-se no nosso comportamento na comunidade em que vivemos. Cada vez mais, deixamos para trás o estado de espírito e uma certa perceção de idiosincrasia, e vivemos com o fluxo da vida, tornando-nos parte desse fluxo. A literatura hindu realça o desenvolvimento desta capacidade de sono criativo, ao qual atribui outro nome exaltado: *nirvikalpa samadhi* — *samadhi* sem separação. Segundo a literatura

experencial, existem dois tipos de *nirvikalpa samadhi*, assim como existem duas fases do *zen* após a iluminação. No primeiro tipo, ainda existe a tendência de nos identificarmos com o supramental, com os valores arquetípicos. Dito de outra maneira, ainda se aplicam qualificações à autoidentidade. Esta é a nona fase do *zen*. Na décima e última fase — o segundo tipo de *nirvikalpa samadhi* —, todas as possibilidades são permitidas. Não há distinção entre possibilidade celestial e possibilidade terrena. Não há preferência. Nas imagens *zen*, a pessoa é agora uma parte «banal» da comunidade. Não resta nenhuma distinção, nenhuma idiossincrasia. Por outras palavras, a tradição *zen* centra-se no comportamento; a tradição hindu centra-se no estado de consciência, nesse estado criativo semelhante ao sono, no qual os seres iluminados passam uma parte do seu tempo de sono. As duas tradições apresentam descrições divergentes, embora complementares.

O Sofrimento e o Compromisso

Por que é que, por vezes, estas expectativas não se concretizam? Algumas pessoas embrenham-se em investigações sobre a autorrealização sem a devida preparação. No budismo, esta preparação básica encontra-se resumida na primeira lei de Buda: a vida é sofrimento. Ou seja, apenas estamos preparados para investigar a natureza do vazio do eu quando vemos inequivocamente que a vida é sofrimento. Temos de experienciar a vida como sofrimento literalmente, e isto significa que a própria exploração criativa se converte em sofrimento para nós.

Como é que a experiência criativa pode ser sofrimento? Quando se torna aborrecida. Quando já a praticámos tantas vezes que deixamos de ver qualquer incentivo na investigação criativa da natureza dos arquétipos, a não ser a do próprio arquétipo do eu, a natureza daquele que procura ou investiga. Quando apenas resta uma pergunta: quem sou eu, aquele que procura? Só então estamos prontos e nos comprometemos.

Durante um passeio matinal, um porco e uma galinha deram com um restaurante que servia pequenos-almoços. Cá fora, o letreiro anunciava ovos e salsichas. A galinha queria entrar para comer qualquer coisa, mas o porco recusou-se. A galinha insistiu. O porco suspirou e respondeu:

«Para ti, não é mais do que uma contribuição; para mim, é uma questão de compromisso absoluto.»

Nitidamente, o porco não estava preparado para aquilo! E o leitor não terá dificuldade em ver, pelo meu comportamento, especialmente se me observar com atenção, que eu também não estou preparado para um compromisso absoluto. Não estou preparado para renunciar à realização e à procura. Claramente, o eu é um arquétipo que ainda não investiguei o suficiente.

No budismo, não se espera que investiguemos a natureza do eu, a menos que tenhamos atingido um estado de total aborrecimento com a vida. Hoje em dia, obviamente, racionalizamos. Como é que a vida pode ser um sofrimento

total? Quando as moléculas de endorfina circulam no cérebro, como podemos negar o prazer e comprometer-nos com o sofrimento? Estamos numa «tripe» de prazer. Embora não estejamos preparados, pensamos que estamos prontos para investigar a natureza do eu. Mas se começamos sem uma preparação adequada, as sementes desta realização definham. Mesmo que estejamos à procura do *satori*, quando tentamos viver uma vida de vazio do eu, descobrimos que ainda temos algo a fazer, metas a alcançar.

No meu caso, quero ser professor; gosto de ser o centro das atenções. Quero desfrutar da minha iluminação. Mas como poderei desfrutar da minha iluminação se não der a saber aos outros que estou iluminado? Tudo isto não faz mais do que pôr em marcha uma dinâmica na qual o ego levanta a cabeça de novo. E, sempre que o ego está presente, corremos o risco de fracassar, porque não somos capazes de cumprir as expectativas dos outros, que esperam encontrar em nós um ser humano aperfeiçoado e sem ego. Mais uma vez, racionalizamos ao dizer: «Oh, as pessoas iluminadas continuam a ser um bocadinho não-iluminadas. Tudo bem.» Mas não, não é assim. O que acontece é que essas pessoas não alcançaram aquilo que é a verdadeira iluminação. Não chegaram ao estado representado na décima imagem *zen*. O pensamento quântico elimina todas estas ambiguidades e torna tudo bem claro para todos nós.

Quando me perguntam se podemos manter o estado de iluminação ao longo do tempo, respondo que esta pergunta não é válida. Não se trata de manter o estado de vazio, porque não podemos fazê-lo. Mesmo que vivamos uma parte do tempo no estado desperto da consciência, não deixaremos de ter de usar a casa de banho, e para tal precisamos da experiência do ego. Do mesmo modo, quando comemos em público, temos de nos lembrar de como se usa um garfo ou os pauzinhos. Se quiser viver em sociedade e ser um professor, até mesmo um mestre iluminado tem de se alimentar de acordo com o que é considerado «correto» na cultura em que vive.

Como tal, viver exige uma certa quantidade de conteúdo egoico. Do que precisamos é de estratégias para gerir este conteúdo. A estratégia hindu consiste em passar cada vez mais tempo no inconsciente; não dormindo no sentido habitual, mas num estado especial de consciência ao qual dou o nome de sono criativo. Na Índia, os mestres iluminados passam muito tempo neste estado especial de consciência, o *nirvikalpa samadhi*. A estratégia *zen* é viver de uma forma nada intrusiva e tornarmo-nos um entre muitos, sem chamar a atenção nem criar obstruções com interações desnecessárias. Desta forma, evitamos as expectativas simplesmente porque não somos interessantes, não merecemos atenção. A Física Quântica também não nos diz muito a este respeito, apenas nos dá uma pista: se temos de permitir o condicionamento egoico na nossa vida, devemos reduzi-lo ao mínimo; e, por todos os meios ao nosso alcance, apenas devemos utilizar as funções do ego e tentar não nos identificarmos com ele.

Temos de aprender a viver de tal forma que não precisemos da experiência exigida pelos outros, apenas daquela que vem de forma natural, adequadamente, se vier. Se eu sou seu convidado e estou a comer consigo, o leitor tem expectativas quanto ao que eu devo ou não devo fazer. Todavia, se eu

for apenas um entre muitos — ninguém ou nada de especial —, então, ninguém me observa nem repara em como estou a comer. Posso fazê-lo de qualquer maneira que me ocorra naturalmente nesse momento. Limito-me a deixar-me ir com o fluxo, de acordo com o espírito. Estarei então a funcionar sem ter de invocar condicionamentos egoicos. Serei como uma criança que não tem ego, que não sabe comportar-se. É a tentativa de nos conformarmos aos outros que traz o ego de volta.

Por vezes perguntam-me quando é que vou procurar a autorrealização, a verdadeira iluminação. Bem, a exploração dos arquétipos ainda não me aborrece, tão-pouco me aborreço a escrever livros nem a ensinar. Mas o arquétipo do eu está sempre ali, a tentar-me sob a forma de um sonho recorrente. Nesse sonho, encontro-me no meu antigo Departamento de Física e aventuro-me no mundo exterior, vou explorar outros edifícios: os das Artes, Humanidades, Psicologia, Religião...e, quando quero regressar ao Departamento de Física, não consigo encontrar o caminho. Muitas vezes, o caminho termina numa espécie de descontinuidade, numa ponte inacabada, por exemplo. Quando interpreto este sonho, vejo o Departamento de Física como a minha «casa» — a minha identidade pessoal, verdadeira, quântica. Para a encontrar, tenho de explorar o arquétipo do eu; tenho de dar um salto descontínuo. A ponte inacabada é um convite para que dê esse salto.

Neste capítulo, investigámos o modo de gerar mudanças pessoais. No próximo, vamos discutir a maneira de criar mudanças complementares na sociedade. Os budistas reconhecem a importância de um modo de vida correto. Por outro lado, o materialismo científico restringiu de tal modo as profissões que, hoje em dia, é muito difícil ganhar a vida sem nos distrairmos, sendo igualmente difícil que encontremos satisfação em fazê-lo. Temos de mudar os nossos sistemas sociais se queremos ter alguma esperança de encontrar um meio de vida correto para quem busca a transformação.

CAPÍTULO 16

PROFISSÕES ESPIRITUAIS; SOCIEDADE ESPIRITUAL

Para alargar a nossa discussão de modo que esta inclua uma perspetiva social, vamos usar o exemplo de um empresário que também é ativista quântico e quer fazer negócios de acordo com os princípios quânticos. Será isto possível?

Um empresário é alguém que escolheu explorar o arquétipo da abundância. Todavia, na nossa cultura atual, é muito comum os empresários adotarem uma perspetiva muito limitada da viagem arquetípica: tornarem-se materialmente ricos. A riqueza material é uma representação válida do arquétipo da abundância, mas não é a única representação, nem é, certamente, inclusiva. Nas culturas anteriores à nossa, as pessoas sabiam que um arquétipo é para sempre, pelo que a sua representação também deve ser o mais permanente possível. Como tal, a riqueza material sempre teve nessas culturas algo de permanente. Os bens imobiliários eram vistos como riqueza. Os diamantes e o ouro representavam riqueza. De facto, quanto mais permanente fosse algo, mais valor lhe era dado.

Na nossa cultura materialista, depois da eliminação do padrão-ouro e da sua substituição por papel-moeda sem qualquer suporte, até a noção de riqueza como algo de semipermanente desapareceu. Não por acaso, poucos anos depois do abandono do padrão-ouro, criaram-se fundos de investimento, futuros e derivados, e todo o tipo de medidas de valor que são efémeras e podem cair de um dia para o outro. Os derivados são, na realidade, abstrações da ideia do dinheiro que se tornaram símbolos de riqueza, de abundância. Assim sendo, hoje, quando as pessoas exploram o arquétipo da abundância, a exploração transformou-se num processo de simulação de um arquétipo por intermédio de um símbolo, tudo isto graças à força bruta do consenso e da partilha de informações. Se eu afirmo estar em posse de uma informação e a comunidade empresarial concorda que essa informação tem valor, então sou rico. Algumas pessoas ficaram muito ricas assim, no papel. Hoje em dia, os bufarinheiros da informação financeira são os economistas.

Três profissionais — um cirurgião, um físico e um economista — estão a discutir a profissão mais antiga do mundo, a profissão de Deus. O cirurgião diz:

«Deus tem de ser um cirurgião extremamente qualificado para ter feito Eva a partir de uma costela de Adão.»

O físico ri-se e diz:

«Ah! Toda a gente sabe que Deus é um teórico do caos que nos trouxe a ordem a partir do caos inicial.»

O economista sorri e diz maliciosamente:

«Sim. Mas quem criou o caos?»

Negócios Quânticos

Quando se dedicam aos negócios, os ativistas quânticos valorizam o significado mais profundo de um arquétipo como o da abundância. Reconhecem que, quando se investiga e explora um arquétipo, mesmo que seja de uma forma mais geral, a exploração leva automaticamente a outros arquétipos relevantes, como o amor ou a bondade, que também devem ser adotados e cultivados. Eles desenvolvem não só respeito pela ecologia, mas também pela ecologia profunda, a ecologia da psique. A consciência psicológica desenvolve-se concomitantemente com a consciência ecológica. A criatividade regressa com renovado interesse nesta investigação ecológica e psicológica «profunda» e, naturalmente, leva-nos ao respeito pelo significado. Os empresários quânticos aceitam os valores supramentais juntamente com o regresso da criatividade como uma força plenamente abrangente, não apenas como processamento de informação, e incluem estes valores numa tecnologia material e não-material cada vez maior.

Mas os ativistas quânticos nem sempre são bem-vindos no mundo dos negócios. Aqueles que os rodeiam podem não conseguir viver em harmonia com eles. Por outro lado, há aqueles que podem ser influenciados pela sua maneira de pensar. Para ter sucesso no mundo dos negócios de hoje, os ativistas quânticos têm de ter ideias inovadoras e ser sempre capazes de cumprir as metas da empresa. Hoje em dia, existem enormes possibilidades para iniciar novas formas de negócio e desenvolver tecnologias não-materiais que sejam mais propícias à visão quântica do mundo.

Embora a ideia ainda seja muito recente, a sociedade está a abrir-se à possibilidade da tecnologia não-material; por exemplo, na área dos cuidados de saúde. Atualmente, a medicina alopática domina o nosso sistema de saúde. Todavia, graças à acumulação de dados empíricos, as medicinas alternativas já fizeram algumas incursões neste campo, criando, por sua vez, um interesse comercial. E as medicinas alternativas, muitas das quais recorrem a forças não-materiais como a energia vital, encontram-se claramente alinhadas com a perspetiva quântica do mundo.

Medicina Quântica

Com a ajuda da visão quântica do mundo, dispomos agora de uma medicina integrativa na qual convergem tanto a medicina alopática como as medicinas alternativas. Isto abriu muitas possibilidades de colaboração entre profissionais de saúde e empresários, num campo denominado gestão integrativa da saúde. Atualmente, os profissionais de saúde, tanto da medicina convencional como das

medicinas alternativas, são na sua maioria profissionais empíricos com conhecimentos teóricos limitados. Claro que a medicina alopática não tem teoria e quase nenhuma filosofia da doença, salvo a velha e estafada teoria dos germes. Se um determinado medicamento ou procedimento cirúrgico é eficaz, isto é encarado como algo totalmente empírico, pelo que os estudos clínicos decidem a eficácia de qualquer tratamento.

Por outro lado, as medicinas alternativas assentam em teorias antigas. Mas o materialismo científico reduziu a nossa fé nestas teorias, mesmo entre os próprios profissionais. Mais de três quartos do investimento feito na saúde são gastos nos cuidados com doenças crónicas da terceira idade como o cancro e as doenças cardíacas. Mas sabemos que, exceto em situações de emergência que exigem cirurgia, o melhor tratamento para a doença crónica passa pela medicina alternativa. O tratamento alopático não só é dispendioso, como também é fundamentalmente ineficaz. Alivia os sintomas a curto prazo, mas produz efeitos secundários a longo prazo que agravam a deterioração da saúde. Se a doença não mata o paciente, os efeitos secundários da medicina alopática muitas vezes tornam-lhe a vida tão miserável que esta deixa de valer a pena. Nesta situação, a gestão integrativa quântica da saúde não só combina a teoria e a experimentação, como também oferece a possibilidade da medicina preventiva.

A medicina preventiva acabará por alargar o âmbito das práticas da energia vital, abrindo áreas adicionais de atividade como a ecologia sensível à energia vital, a eficácia da manutenção de uma saúde positiva e a criação e manutenção de uma saúde mental positiva. A sobrecarga de informação que assola atualmente a condição humana assemelha-se a uma forma de poluição. Embora precisemos de um mínimo de informação para explorar o significado, o constante bombardeamento de informação pode gerar transtornos, como a Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção, da qual já sofrem muitos dos que pertencem à chamada Geração Y. Novas áreas de atividade empresarial e novas abordagens dos cuidados de saúde poderão revolucionar todo o cenário económico e melhorar substancialmente a nossa qualidade de vida, se permitirmos que novos domínios da exploração tecnológica, como a energia vital, o significado mental e os valores espirituais, realmente se consolidem.

Banca Quântica

Em alguns lugares surgiram novos modelos financeiros. Por exemplo, o Grammin Bank do Bangladesh procedeu a uma fusão do modelo tradicional com um novo modelo que procura criar uma boa prática empresarial que melhore a vida de muitos: o microinvestimento. Mas, embora este modelo tenha funcionado bem em pequena escala, está a ter dificuldades para funcionar em grande escala em países como a Índia. A ideia original foi concebida para uma economia pequena — tipicamente, a de uma aldeia —, com o intuito de empoderar as mulheres. Tem sido muito eficaz nestes meios, porque, de facto, as aldeãs destas culturas possuem a estrutura de valores adequada para alcançar o sucesso empresarial. Tudo aquilo de que precisavam era de um pouco de empoderamento.

Mas esta ideia começou a vacilar quando outras pessoas tentaram fazer com que esta estrutura específica funcionasse a uma escala muito maior e, por sua vez, lhes trouxesse lucros. Assim que empresários de grande escala entraram em cena com a esperança de capitalizar como intermediários, sem uma compreensão da estrutura de valores na qual a ideia assentava, o modelo viu-se condenado ao fracasso não só ao nível empresarial, como também ao nível humanitário. Estes intermediários simplesmente não tinham a mesma estrutura de valores daqueles que estavam a usar diretamente os investimentos dos bancos, ou seja, as mulheres das aldeias. Para que este modelo funcionasse a uma escala maior, teríamos de alterar a própria economia. Temos de mudar a estrutura de valores da própria sociedade e podemos fazê-lo mediante a introdução de valores como o amor e a felicidade como bens económicos, e o estabelecimento do arquétipo da abundância como elemento permanente nas nossas relações comerciais.

Capital Humano

Peço licença para contar uma história. A minha mulher e eu estávamos a passear à beira do rio numa vila chamada Rishikesh, na Índia, quando, de repente, uma porta se abriu e apareceu um homem: «O Baba Risonho está a fazer um discurso», disse ele. «Não querem entrar e ouvi-lo?» Na Índia, *baba* significa pai, e os mestres espirituais são geralmente referidos por este título. Mas o adjetivo «risonho» intrigou-nos, pelo que entrámos e nos sentámos a ouvir. O Baba estava a ensinar o *Bhagavad Gita* — um famoso tratado hindu — em hindi, que eu não domino muito bem. Como tal, a minha atenção começou a dispersar-se; dei por mim entediado e a olhar em redor. Foi então que reparei em algo bastante estranho: todos os que ouviam o Baba tinham um sorriso no rosto. E então percebi que também eu estava a sorrir. E, de repente, eu soube por que lhe chamavam Baba Risonho: na presença dele, a felicidade aumentava e fazia com que todos sorrissem. Se pudéssemos «cultivar» pessoas dotadas deste tipo de presença, podíamos vender felicidade!

Atualmente, os nossos locais de trabalho são ambientes de insatisfação e infelicidade. Mas como seria se mudássemos isto? Programas de embelezamento podiam criar um ambiente bonito para que as pessoas pudessem usufruir de um ambiente estético. E se introduzíssemos pessoas como estas, intrinsecamente alegres, nos nossos locais de trabalho para fomentar a felicidade? Além disso, isto poderia gerar rendimento, porque, sem dúvida, a empresa teria um aumento nos seus lucros graças ao aumento da produtividade. Estamos a falar de um facto comprovado: o aumento da satisfação ou felicidade leva ao aumento da produtividade.

O que deveríamos chamar a estes Babas Risonhos, a estas pessoas felizes que emanam felicidade como uma flor exala a sua fragrância? Capital humano, evidentemente! Tendo em conta que as máquinas estão a assumir muitos trabalhos rotineiros, não estará na altura de pensarmos em educar as pessoas para que se convertam em capital humano? É claro que nos encontramos numa fase muito inicial deste tipo de desenvolvimento, mas, no meu livro *Economia*

Quântica (2015), proponho exatamente este gênero de coisas, e estou a começar a contatar empresas com este tipo de ideias.

Marketing Vital

O materialismo científico, apesar das suas muitas deficiências, introduziu algumas ideias muito poderosas na economia empresarial. Uma delas é a utilização do *marketing* para gerar interesse num determinado produto de consumo. Se o produto é realmente desnecessário, o *marketing* torna-se um processo desonesto. Mas se um determinado produto for de algum modo satisfatório, as técnicas de *marketing* podem ajudar a trazer para o primeiro plano da nossa consciência uma necessidade específica.

Hoje em dia, as pessoas têm uma grande necessidade de vitalidade, mas não estão familiarizadas com a avaliação dos sentimentos no corpo. Como tal, geralmente não são capazes de compreender que é possível aprender a experienciar os sentimentos no corpo. Através de exercícios simples, podemos até aprender a ampliar esses sentimentos. Por outro lado, as pessoas não percebem que já dispomos da tecnologia necessária para restaurar a energia vital em algumas das coisas que consumimos — produtos que perderam essa energia em virtude da forma como foram fabricados.

Vejamos o caso dos perfumes. Ao longo dos tempos, recorremos a produtos naturais, como as rosas, por causa da sua fragrância. Os recém-casados descobriram que as pétalas de rosa espalhadas na cama realçavam os seus sentimentos amorosos e românticos, mas este efeito tinha como base não tanto o cheiro «físico», mas a essência vital das rosas. Todavia, quando a Química moderna entrou em cena, os químicos começaram a extrair a essência material, as moléculas, e a fazer perfumes que conservavam a fragrância da flor, mas perdiam a sua essência. Graças ao *marketing*, estes perfumes são vendidos a preços muito elevados, embora as mulheres acabem por descobrir que usá-los não garante nem convida ao romance. Eles cheiram bem, mas não passa disso.

No entanto, dispomos hoje da tecnologia necessária para devolver a energia vital das rosas ao perfume. Imagine-se o potencial de comercialização de um perfume que realmente produzisse resultados, que verdadeiramente aumentasse o interesse romântico. Não seriam apenas as mulheres que lhe dariam valor: os homens também haviam de querer um perfume assim. Mas para que este produto e a sua comercialização fossem eficazes, teríamos de treinar as pessoas para que sentissem a energia no seu corpo, o que exigiria um esforço duplo. O primeiro consistiria numa educação geral para que as pessoas se tornassem mais conscientes dos seus sentimentos enquanto energia vital no corpo. O segundo introduziria produtos no mercado que contivessem energia vital e levassem os consumidores a comprá-los.

A ciência materialista depende de tecnologias como as dos computadores e dos telemóveis. Por outro lado, a ciência quântica está a introduzir novas tecnologias que são muito poderosas e muito gratificantes. As tecnologias materiais podem fazer com que nos sintamos bem a princípio. Com o tempo,

todavia, a experiência torna-se banal e acaba por aborrecer-nos até que, por fim, a única coisa que nos proporciona é um ligeiro sofrimento. E o problema é este: continuamos a querer produtos materiais «novos e melhorados» para manter despertas as nossas «papilas» do prazer. As tecnologias da consciência fazem exatamente o oposto. A princípio são semelhantes a um medicamento, difíceis de engolir. Mas, com o tempo, começamos a ansiar pelas experiências que nos proporcionam. Obtemos uma satisfação cada vez maior e não nos cansamos delas.

É claro que, para vender produtos como estes em grandes quantidades, também precisamos de um terceiro elemento: a quantificação. Temos de ser capazes de medir e de quantificar a energia vital e os seus efeitos. Atualmente, estamos a desenvolver técnicas para este efeito e a tecnologia da energia vital está a revelar-se uma aplicação muito produtiva da visão quântica do mundo.

Já o dizia Abraham Maslow na década de 1960: quando as nossas necessidades de sobrevivência estão satisfeitas, procuramos necessidades superiores ou mais elevadas. Numa sociedade afluenta, especialmente à medida que a visão do mundo se altera e o processamento da informação volta a dar lugar aos sentimentos e aos significados, haverá um mercado para esse perfume de rosas revitalizado. As mulheres hão de correr a comprá-lo, do mesmo modo que hoje correm a comprar um telemóvel de sexta geração. Assim sendo, este é um caso no qual os ativistas quânticos trabalharão muito bem com aqueles que se dedicam aos negócios. Na realidade, ando ativamente à procura de empresários dispostos a começar a produzir estes perfumes revitalizados.

A Economia Quântica

Como devemos encarar o dinheiro na visão quântica do mundo? Quando caçávamos animais para nos alimentarmos, não precisávamos de dinheiro. Quando nos tornámos uma sociedade agrícola, começámos a fazer trocas e a comercializar. Depois desenvolvemos moedas e criámos economias baseadas no dinheiro, porque estas funcionavam melhor no comércio de longa distância. Mas este tipo de economia não está a funcionar muito bem agora, pois não?

Para dizer a verdade, a economia mundial está a dar-se muito mal nos tempos que vão correndo. O nosso modelo económico depende fundamentalmente de uma expansão contínua; mas como pode existir uma expansão indefinida num ecossistema finito como o do mundo material? Mais cedo ou mais tarde, acabará por impor-se a necessidade de um modelo sustentável. Se não nos prepararmos para enfrentar esta possibilidade, estaremos condenados.

A escassez de recursos há de apanhar-nos desprevenidos. Felizmente, a perspetiva quântica do mundo, quando aplicada à economia, pode ajudar-nos. Num mundo quântico, todas as experiências são iguais, ou seja, todas as experiências são importantes e valem a pena. Tudo é necessário. Todas as experiências satisfazem uma necessidade humana, uma necessidade humana profunda. Basicamente, a economia é a combinação destas necessidades com

os dons que algumas pessoas têm para fazer produtos que satisfaçam essas necessidades com os recursos disponíveis. A grande ideia de Adam Smith — as pessoas talentosas produzem e as pessoas necessitadas consomem, ambas com o seu próprio interesse em mente — sugere que, se permitirmos que as mãos invisíveis do mercado operem livremente, sem restrições, então as necessidades e os recursos, a produção e o consumo encontrarão um equilíbrio. A oferta será igual à procura e os recursos serão distribuídos de forma adequada.

Esta ideia funcionou durante bastante tempo. A sua verdade fundamental baseia-se na noção de que as pessoas devem ter a liberdade de satisfazer o seu próprio egoísmo, tanto as suas necessidades egoístas como os seus dons egoístas. Mas não podemos esquecer que os seres humanos também são seres sociais, o que introduz na equação a ideia da necessidade coletiva e o conceito de bem social. Adam Smith tinha a esperança de que, se permitíssemos que o capitalismo se desenvolvesse livremente, o resultado seria não só o bem individual, mas também o bem social. Todavia, de um modo geral, o que hoje se vê é que a parte individual desta equação é a única beneficiada.

A ideia de que o capitalismo geraria o bem social, além do bem individual, veio a revelar-se falsa na maioria das economias capitalistas. Por sua vez, John Maynard Keynes introduziu com a sua economia a ideia *ad hoc* de que o governo tem de impor o bem social por intermédio da intervenção governamental em tempos de recessão. Atualmente, todas as economias avançadas — Japão, Estados Unidos e Europa — introduziram este tipo de rede de segurança social. Mas, mesmo assim, o capitalismo não está a resultar. A rede de segurança falha porque o seu custo parece entrar numa espiral descontrolada, dificultando o apoio de qualquer governo. Se acrescentarmos a isto o perpétuo ciclo de expansão e recessão, que é uma característica fundamental do capitalismo, não será difícil ver por que motivo a economia capitalista, tal como a que é hoje praticada, não funciona.

Aqui chegados, por que não tentamos introduzir uma visão quântica do mundo nesta mistura? Se introduzimos os elementos de uma economia subtil — produtos como a energia vital e o significado mental, ou até valores espirituais como a felicidade —, o ciclo de expansão e recessão desaparece. Esqueçamos por agora que estes produtos subtis ainda não se podem produzir em massa; com o tempo, com um pouco de esforço e muita criatividade, poderemos fazê-lo.

Se trouxermos significado mental, energia vital e valores espirituais — e mesmo a felicidade — para a nossa economia como produtos que podem ser comprados e vendidos, poderemos fazer uma grande diferença no problema da sustentabilidade, porque estas dimensões da nossa experiência são infinitas e o seu mercado pode expandir-se indefinidamente. Não há limites para a quantidade de amor que podemos produzir ou consumir. De facto, quando consumimos amor em quantidade, não temos de lidar com a ausência de amor; ou seja, não temos de ir às compras e comprar bens materiais para preencher o vazio da nossa vida. É possível reduzir as nossas necessidades materiais, e a sustentabilidade pode ser alcançada.

Naturalmente, cada pessoa tem as suas próprias necessidades e grupos diferentes têm também características e necessidades diferentes. Países como o Japão e os Estados Unidos têm culturas diferentes, e empresas como a Sony e a Panasonic também possuem características diferentes. Embora as empresas tendam a criar a sua própria cultura interna, uma vez que uma empresa é composta por indivíduos que se desenvolveram numa cultura mais vasta, é impossível evitar algumas influências culturais externas. Mas, à medida que estas empresas se tornam cada vez mais multinacionais, as diferenças vão-se tornando secundárias. As grandes corporações pertencem basicamente à mesma cultura corporativa. Não importa se a Pepsi-Cola é dirigida por alguém da Índia ou da França; não importa se o CEO é um homem ou uma mulher. Não faz diferença, porque os gestores das multinacionais têm de abandonar os seus vieses individuais — culturais e de género.

Este é um resultado, penso eu, do materialismo científico, que torna homogêneas pessoas e culturas. O próprio materialismo liberta a energia dos circuitos cerebrais, por assim dizer, porque engendra a crença segundo a qual tudo o que somos ou podemos ser é o que já somos. A soma do nosso carácter já se encontra no nosso cérebro: não é algo que possamos desenvolver à força de intuições e de criatividade. O materialismo científico não deixa espaço para a intuição e a criatividade. Nós somos o que somos; não podemos mudar. Tudo o que podemos fazer é continuar a fazer permutações e combinações daquilo que já somos.

Se as grandes multinacionais continuarem a ser um elemento fixo no cenário empresarial — e as potentes forças que nos empurram para a globalização sugerem que será certamente este o caso —, o nosso desafio como ativistas quânticos consistirá em alinhar estas grandes empresas com a perspetiva quântica do mundo. E não estamos a falar de uma causa perdida. Afinal, Mitt Romney disse-nos que as corporações são compostas por pessoas. Bem, se isto é verdade, as corporações têm de se humanizar. E isso significa que têm de se adaptar à visão quântica do mundo.

O atual estado da cultura corporativa encontra-se bem representado num cartoon de Dilbert:

Dilbert diz ao gerente:

«Acho que os meus objetivos pessoais não estão alinhados com a «nossa estratégia corporativa. Por exemplo, eu gostava de ser feliz.»

Depois pergunta ao mesmo gerente:

«O que é que a empresa quer?»

«Bem, nada que vá nesse sentido», responde o gerente.

Esta não é a verdade na maioria das empresas dos dias de hoje? O investigador de questões empresariais Richard Barrett, no seu livro *Libertando a Alma Corporativa*, de 1998, descobriu um bom número de vantagens no modo como certas empresas estão a tentar alinhar os seus valores corporativos com as estruturas de valores pessoais dos funcionários. Além disso, descobriu que isto estava a melhorar a produtividade e os resultados finais.

Certos aspetos da nova economia quântica também sugerem que, no futuro, se adotará muito mais o tipo de economia que Gandhi e Schumacher propunham: o pequeno é belo. Alguns aspetos da Economia numa visão quântica do mundo sugerem que é possível um movimento na economia que favoreça a existência de unidades de produção mais pequenas, porque estas estariam mais orientadas para o humano. E, de facto, a economia quântica propõe o desenvolvimento do capital humano como principal enfoque. As próprias pessoas têm valor de investimento, porque podem desenvolver os seus próprios dons e talentos para satisfazer as necessidades de energia vital, significado mental e valores supramentais de outras pessoas. Trata-se de uma ideia cuja hora já soou, à medida que a robotização da tecnologia elimina cada vez mais postos de trabalho no mercado laboral.

Política Quântica

Comecei este livro com comentários sobre a polarização política. Obviamente, a integração de visões do mundo que a perspetiva quântica permite também diluirá essa polarização da política. Mas este não é o único problema que enfrentamos atualmente neste campo. Os políticos de hoje são elitistas; sabotam a democracia em vez de a propagar e de a tornar mais acessível. Numa democracia, a missão de um político consiste em usar a sua influência para empoderar as pessoas, para que cada vez mais cidadãos possam participar no processo político. Mas, hoje em dia, os políticos estão mais interessados em usar o seu poder para dominar as pessoas e perpetuar as elites dominantes. A democracia está a dar rapidamente lugar à oligarquia; ou seja, ao governo de uma pequena classe dominante.

Que diretrizes dá a visão quântica do mundo aos líderes políticos? Os liberais têm de assumir a liderança neste caso. Todo o problema da perda de democracia em virtude de um elitismo desenfreado surgiu porque os liberais, de um modo geral, aceitaram a visão do mundo definida pelo materialismo científico. Qualquer pessoa que pense um pouco e que não seja cientista deve achar bastante chocante que o comportamento humano, incluindo o comportamento político, possa ser entendido através de leis materiais. Todavia, quase todos os líderes políticos liberais atuais são formados em instituições de ensino superior que se venderam ao materialismo científico. As artes e as humanidades, não apenas a espiritualidade, têm ordem e regularidade, mas esta regularidade não tem o carácter legítimo das leis científicas. Em seu lugar, reproduz histórias vitais que descrevemos com aquilo a que chamamos *mythos* — mitologia.

Uma destas histórias míticas é conhecida como Monomito, ou a Jornada do Herói. Na primeira etapa da jornada, o herói parte em busca da verdade, ou sabedoria, incluindo a sabedoria política a respeito do que fazer com o poder numa democracia. Na segunda etapa, o herói, passando por muitas provações e tribulações, descobre a sabedoria. Na terceira e última etapa, o herói regressa triunfante, pronto para usar a sua sabedoria para empoderar o povo.

Noutra história mitológica, o mito do Santo Graal, existe algo de errado no reino. A princípio, o nosso herói dá-se conta disso, mas não diz nada por causa do seu condicionamento sociocultural. Só depois de muitos esforços (a jornada do herói) é que ganha coragem suficiente para perguntar: que se passa aqui? E o reino é então curado.

Como é óbvio, há líderes políticos que referem constantemente o erro do elitismo e clamam por um retorno do poder político e do bem-estar económico do povo, mas nunca nos dizem exatamente como lidar com estes problemas, a não ser segundo as linhas do seu partido. Nos EUA, os Democratas querem que o governo resolva o problema do elitismo; os Republicanos querem fazer o mesmo com reduções nos impostos: por ironia, reduzindo os impostos da elite abastada. Ambas as soluções acabam por promover o elitismo. Como é também óbvio, os políticos atuais são muito bons na promoção de soluções falsas, mas a verdade é que realmente não veem nada de mal no elitismo, visto que eles próprios fazem parte da elite.

O desafio consiste em trazer essas histórias mitológicas de volta ao mundo da política na sua verdadeira essência: não como promessas falsas, mas como factos. Mas os nossos líderes estão confusos, porque a sua visão do mundo é incompleta, pelo que prometer é o melhor que podem fazer. Como resultado, passamos a vida num ritual de líderes que nos prometem trazer «mudanças reais» a cada quatro anos; mas é claro que nada muda muito. Apenas a perspectiva quântica do mundo pode reintroduzir o mito da jornada do herói na nossa política.

Educação Quântica

Para implementar esta visão, teremos de promover uma verdadeira mudança no mundo do ensino superior. Mas isso não há de demorar pelo menos algumas gerações, pergunta o leitor? Não com os princípios quânticos em jogo. Na visão quântica, o mundo não é regido inteiramente por leis. Não o pode ser. Na ciência quântica, na primazia da consciência, a matéria não passa de hardware. Usamos a matéria para criar o software da consciência sob a forma do eu, mas também as nossas experiências subtis sob a forma de memória cerebral, órgãos do corpo e suas modificações. O hardware material segue realmente as leis físicas. Mas, tal como acontece com os computadores, o hardware nada nos pode dizer sobre o comportamento do software.

Na consciência, utilizamos o software das experiências subtis para cartografar as nossas histórias mentais e para as processar de modo consciente. Estas histórias têm ordem; se assim não fosse, não existiriam as artes nem as humanidades. A ordem provém das diretrizes fornecidas pelos arquétipos supramentais, e a nossa mitologia não é senão a história do jogo destas diretrizes.

Será possível que os líderes políticos do futuro venham alguma vez a estar em sintonia com a visão quântica do mundo? Creio que sim. Os humanistas — e quem pode negar que a influência humanista continua viva no liberalismo? —

concordam que a mitologia é tão importante como as leis para a formação do drama humano, e aqui temos de incluir o drama político. Como William Irwin Thompson escreveu há não muito tempo: «A mitologia é a história da alma [o nosso corpo supramental].» Como tal, a política tem de trazer de volta o humanismo e a mitologia. E a perspetiva quântica do mundo e a economia quântica podem propiciar este regresso.

A visão quântica do mundo vai mudar radicalmente a educação. O nosso sistema educativo deixou de oferecer aquilo a que costumávamos chamar uma educação liberal. Com efeito, o significado da palavra «liberal» foi completamente corrompido sob o materialismo científico: agora significa «partidário da ciência baseada no materialismo científico». Originalmente, educação liberal significava uma educação que nos libertava do dogma, e isto significava apoiar a Ciência contra o dogma religioso. Mas a ciência convencional abraçou o materialismo científico, que é, também ele, um dogma: o materialismo que exclui a espiritualidade, por oposição à espiritualidade que exclui o material.

Precisamos de uma integração que equilibre o material e o espiritual, e a visão quântica do mundo dá-nos essa visão integradora. E não temos outra opção senão levar esta visão do mundo à educação. Temos de libertar a educação secular do materialismo científico, tal como fizemos há quatrocentos anos, quando libertámos a educação da religião. Como é evidente, ainda temos de libertar a educação espiritual da religião. As religiões, inclusive as orientais, têm um forte preconceito contra o mundo material. Mas a visão quântica do mundo requer tanto a espiritualidade como a materialidade, e temos de nos esforçar para introduzir este espírito integrador não apenas no nosso sistema educativo, mas também na nossa sociedade como um todo.

A maioria das pessoas ainda encara as coisas espirituais como algo pouco fiável, «bizarro» ou «marginal». Esta tem sido sempre uma barreira no que respeita à espiritualização da sociedade. Mas o que a perspetiva quântica nos diz é que as coisas materiais também são «bizarras». Quando questionamos a fiabilidade da consciência e o seu papel no mundo, temos de entender que todas as realidades materiais são apenas possibilidades. É a sua interação com a consciência que confere à matéria a concretude que experienciamos como uma sensação. Quando experienciamos a mente, experienciamos o significado. Quando experienciamos a matéria, experienciamos apenas as suas qualidades materiais. Precisamos desta experiência material bruta, porque precisamos do concreto para diferenciar o subtil. Isto não faz com que o subtil seja superior; nem faz com que a matéria seja superior. Precisamos de ambas: mente e matéria.

Vejamos, por exemplo, um produto material bruto muito gratificante como a marijuana. O leitor inala marijuana e ela segue diretamente para as suas células cerebrais. Trata-se de uma interação química, mas, a menos que exista um sujeito que experiencie o resultado desta interação cérebro/marijuana, o acontecimento em si é destituído de valor. Os sentimentos gerados pelos recetores de opiáceos, ao serem preenchidos pelas moléculas de marijuana, compõem a experiência que dá valor à marijuana. O relaxamento obtido

depende inteiramente da nossa presença. Um robô jamais precisará de marijuana.

Está provado que até a Geração Y está a cansar-se de processar informação e está a regressar ao significado e aos valores humanos, pelo que podemos ter a esperança de que este modo de vida quântico venha a ser integrado em toda a sociedade. Acredito que esse é o poder da visão quântica do mundo.

Num recente congresso sobre cura energética num centro espiritual de Pyramid Valley, em Bangalore, dei uma palestra neste sentido que foi bem recebida. Mais tarde, fui convidado para uma sessão privada com o mestre espiritual do centro, Brahmarsi Patri. Francamente, durante a nossa conversa, dei por mim a desabafar a minha frustração perante a atual política de visões do mundo rivais, referindo que o público ocidental estava cego em virtude da sua cultura. Salientei que 40% das pessoas ainda veem a Ciência como sinónimo de materialismo científico, porque, historicamente, essa filosofia proporcionou ao Ocidente um grande poder sobre o resto do mundo. Outros 40% apegam-se à ideia de Deus como um ser superior — um Rei dos reis, um poder individual, não uma força cósmica. «Presas entre estas duas visões restritivas do mundo», queixei-me eu, «a mente ocidental recusa-se a aceitar a visão quântica do mundo, porque lhe parece demasiado oriental para ser digna de confiança.»

Brahmarsi ouviu-me atentamente, até que me apanhou de surpresa com esta sugestão: «Por que é que você não arranca com uma universidade que ensine tudo isto? Uma ciência que inclua a saúde, ciências sociais que incluam os negócios, artes e humanidades e uma espiritualidade baseada na visão quântica do mundo, integrando ciência e valores. Podia vir a ser uma universidade de transformação espiritual.»

Com esta ideia como ponto de partida, eu e cerca de outros trinta — americanos, europeus e indianos voltados para a espiritualidade — estamos a tentar fazer isso mesmo. Estamos a desenvolver uma universidade de estudos de pós-graduação sobre transformação espiritual que conceda mestrados e doutoramentos. Demos-lhe o nome de Quantum University of Economics, Health, and Spiritual Transformation (QUEHST) e esperamos abrir as portas em julho de 2017.

Ativismo Quântico

A ideia central do ativismo quântico não consiste na necessidade de defender um dogma, mas sim que temos de aprender a libertar-nos do dogma. Os ativistas quânticos têm de aprender a ser indivíduos criativos; literalmente, os pioneiros a quem antes chamávamos génios. A visão quântica do mundo diz-nos que qualquer um tem a potencialidade de ser um génio, pelo que este movimento não depende de nenhum indivíduo em particular. O próprio sistema produz muitas pessoas «individuidas» — criativos individuais.

Algumas delas alcançarão essa individuação — essa originalização (pronto, acabei de inventar uma palavra!) — rapidamente. Mas, e aquelas que não têm

nenhum interesse no ativismo quântico nem em qualquer tipo de ativismo? E as pessoas que se preocupam com a mera sobrevivência? O leitor recorda-se da fábula do centésimo macaco? Talvez a mudança quântica chegue assim. Quando um certo limiar for alcançado, toda a sociedade mudará e se tornará uma sociedade quântica.

A ideia de um limiar de mudança baseia-se na teoria lamarckiana da evolução, na herança das características adquiridas. Os dados evolutivos referentes aos instintos apoiam esta ideia, diz [Rupert] Sheldrake, e foi nessa mesma ideia que eu me baseei enquanto teorizava sobre o modo como os instintos animais de sentimentos puros se convertem em emoções negativas no nosso cérebro. Ou sobre o modo como o inconsciente coletivo junguiano foi criado. Mas esta teoria depende decisivamente da não-localidade quântica, das pessoas que vivam numa sociedade que tenha ativado a conexão não-local entre os seus membros. Nestas sociedades, a não-localidade não é apenas uma potencialidade. Este era o caso nas sociedades de mente vital da Era da agricultura de sobrevivência; e este é o caso nas sociedades tribais ainda hoje. Mas, com o advento da mente racional, tornámo-nos dissociados uns dos outros; não dispomos de uma conexão não-local. Eu sugeri que a Internet podia ser uma solução, mas temos de o admitir: é muito rebuscado pensar que podemos criar uma sociedade tribal por intermédio da mente racional.

Haverá alternativas? Penso que a economia quântica nos proporciona outra forma de fomentar mudanças individuais que se infiltrem gradualmente em toda a sociedade. A economia quântica baseia-se na produção e consumo de energias subtis. Se consumirmos energias vitais positivas, como a energia do amor, não tardaremos a interessar-nos pela ideia de nos tornarmos, nós próprios, produtores dessas energias, pelo que daremos origem ao processo de transformação. É claro que isto parece — e provavelmente é — um processo muito lento. Perante a gravidade dos nossos problemas atuais, não seria melhor apressarmo-nos?

Bem, sim. Mas a ideia do limiar é muito antiga. Já existia no budismo muito antes de ser desenvolvida por [Jean-Baptiste de] Lamarck ou por Sheldrake. Infelizmente, é uma ideia elitista, visto que depende de líderes e de seguidores, e não é assim que o mundo quântico funciona. A perspetiva quântica do mundo vai contra todas as formas de elitismo. Assim sendo, por muito que nos atraia a promessa do centésimo macaco, pode ser que vá contra a essência do movimento da consciência, que, penso eu, funciona estritamente de acordo com a visão quântica do mundo.

A Rede de Indra

Consideremos o conceito da rede da Indra. Segundo a mitologia hindu, Indra é o deus que rege o céu, e a rede de Indra é uma rede interconectada de relações. Estamos a recuperar este conceito atualmente para descrever a realidade. A Física Quântica deu-nos o conceito do domínio da potencialidade, do qual procede o domínio da realidade — da aparência, da manifestação. E este

domínio da potencialidade é uma consciência interconectada, como a rede de Indra. Como é que se manifesta na nossa experiência?

É disso que trata este livro. Como podemos tornar-nos cada vez mais profundos, tanto nós próprios como a nossa sociedade, no que respeita às experiências que nos absorvem, e dar significado e satisfação à nossa vida? Muitos são os que se perdem pelo caminho. Muitos dizem que o sofrimento é excessivo. Muitos veem problemas. Mas o que devemos ver é que há sempre potencialidades para resolver os problemas.

Como podemos alcançar a potencialidade? Como nos tornamos criativos? Como acedemos ao domínio não-local de potencialidade a que chamamos consciência? Como podemos evoluir para o tornar disponível para toda a Humanidade? Como podemos mudar o mundo dos negócios? Como podemos mudar a nossa economia? Como podemos transformar as estruturas de poder e o elitismo na política? Como podemos mudar o nosso sistema de saúde e cura? Como alterar o nosso sistema educativo? E, acima de tudo, como nos mudamos a nós mesmos? Espero, caro leitor, que pondere estas perguntas e que as respostas que a visão quântica do mundo nos dá o ajudem a amar, a encontrar significados e valores, a indagar, a investigar e a explorar.

GLOSSÁRIO

ADN: uma das duas moléculas essenciais numa célula viva; a outra é a proteína. O ADN é necessário para produzir a proteína; a proteína é necessária para produzir o ADN.

aikido: disciplina marcial japonesa que recorre a gestos e movimentos das mãos e dos braços para elevar a energia desde o chacra da raiz até ao chacra da coroa.

alopatia: modelo «mecânico» da medicina que emergiu do materialismo científico, baseado na suposição de que todas as doenças são funções de causas e efeitos físicos.

amor quântico: quando usamos os princípios quânticos para explorar o arquétipo do amor.

arquétipo: objeto da experiência interior que proporciona o contexto para pensamentos e sentimentos intuitivos e criativos — os nossos pensamentos mais elevados e os sentimentos mais nobres. Com a sua origem em Platão, os arquétipos junguianos constituem representações dos arquétipos platónicos que se tornaram parte do inconsciente coletivo humano.

aura: corpo elétrico biofísico, diferente do corpo bioquímico do qual os órgãos fazem parte.

autopoiese: reprodução da vida por parte da própria vida, proposta por Humberto Maturana; numa célula viva, a hierarquia interligada do ADN e da proteína gera um ciclo de autorreprodução que sustenta a vida.

Ayurveda: sistema de medicina cujas raízes históricas remontam ao subcontinente indiano; um tipo de medicina complementar ou alternativa baseada na cura do corpo vital e na sua conexão com o corpo físico.

campos morfogenéticos: programas para as formas biológicas e criação de funções para os órgãos do corpo físico que desempenham as funções vitais no espaço e no tempo.

carma: crença de que a soma das ações nesta vida determina existências futuras; do ponto de vista da ciência quântica, o carma é um condicionamento de memória não-local de vidas passadas.

causação ascendente: conceito da visão newtoniana do mundo, de uma causa material que se eleva das partículas elementares até uma matéria cada vez mais complexa.

causação descendente: causação mediante a escolha consciente da potencialidade para a realidade, assim denominada porque emana de uma consciência superior que transcende o ego; causação por trás do colapso e do poder por trás do acontecimento do colapso.

causalidade circular: hierarquia interligada que ocorre num sistema que se cria a si mesmo.

chacras: os sete centros de energia vital situados perto de um ou mais órgãos principais e associados ao funcionamento biológico e aos sentimentos desses órgãos, experienciados através da energia vital do movimento dos campos morfogenéticos associados a esses órgãos.

chi kung: disciplina marcial chinesa que recorre a gestos e movimentos das mãos e dos braços para mover a energia vital; uma variação do tai chi.

coaparição, coaparição dependente: conceito budista da coaparição conjunta de sujeito e objeto desde o não-manifesto à manifestação, em que o sujeito não cria o objeto nem o objeto cria o sujeito: eles criam-se conjuntamente. Semelhante ao colapso quântico da potencialidade inconsciente em consciência sujeito/objeto.

colapso: transformação de uma onda de possibilidade numa partícula de realidade.

consciência coletiva: conjunto de crenças, ideias e atitudes morais partilhadas que opera como uma força unificadora no seio da sociedade.

consciência quântica: o fundamento de todo o ser e a fonte da causação descendente; consciência que se divide num sujeito (que experiencia) e num objeto (que é experienciado); um processo cooperativo objetivo não-local.

corpo de êxtase: consciência indivisa; consciência que é uma com as suas possibilidades, sem separação, sem experiência. No sono profundo, encontramos-nos no corpo de êxtase.

corpo subtil: o conglomerado de corpos não-físicos pertencentes às nossas experiências internas, ou seja, corpo vital, corpo mental e corpo supramental ou arquetípico.

corpo vital: mundo sutil separado que contém os programas de forma e função dos órgãos que desempenham as nossas funções vitais fundamentais.

criatividade fundamental: tipo de salto quântico no qual seguimos as nossas intuições até à essência de um arquétipo, criamos a nossa própria representação mental das ideias que obtemos do arquétipo e, por fim, desenvolvemo-las num produto que os outros podem apreciar.

criatividade situacional: processo mental no qual interpretamos criativamente arquétipos a partir das experiências dos outros e, em seguida, recebemos uma percepção secundária do arquétipo no contexto dado por essa experiência em segunda mão.

descontinuidade: exemplos são as experiências criativas que constituem uma surpresa; os chamados momentos «a-ha!»

despertar da kundalini: despertar pessoal no qual o prana (energia vital) ascende do Chakra mais baixo ao mais elevado; do ponto de vista quântico, os sentimentos novos nestes chacras permanecem na potencialidade até que tenha lugar um repentino salto quântico de despertar.

Deus: na visão quântica do mundo, o agente causal da consciência quântica.

dharma: agenda particular de aprendizagem a realizar numa vida, o seu objetivo «encarnacional».

doença psicossomática: erros no processamento do significado que podem resultar em doença física grave.

domínio da potencialidade: domínio de ondas de possibilidade quânticas, objetos quânticos na sua forma original, diferenciado do espaço e do tempo, onde a comunicação se dá sem sinais, é não-local e instantâneo. Não deve ser confundido com o domínio do potencial, que tem outros significados.

dualidade onda/partícula: rótulo criado para mascarar o paradoxo de os objetos quânticos parecerem ser simultaneamente ondas e partículas.

dualismo: a ideia de que qualquer coisa não-material tem de existir como um objeto separado.

economia quântica: utilização do sutil em que se inclui a energia vital, o significado, os valores espirituais e a felicidade como produtos comerciáveis na economia e nos negócios.

efeito do observador: princípio segundo o qual uma onda de possibilidade de qualquer objeto ou acontecimento apenas se transforma em realidade quando um observador o experencia.

ego, consciência egoica: consciência que é o resultado do condicionamento.

energia vital: movimento quântico dos programas do corpo vital, os campos morfogenéticos; chamada prana na Índia, chi na China, ki no Japão ou, simplesmente, força vital no Ocidente.

escolha tardia, colapso tardio: acontecimento no qual recordamos toda a cadeia de acontecimentos que a consciência escolheu e colapsou e que constituem um pré-requisito do acontecimento presente, recuando no tempo até à potencialidade que deu início à cadeia causal.

espaço e tempo: oposto do domínio da potencialidade no qual a comunicação precisa de sinais locais que se movem através da localidade; domínio dos objetos manifestos; domínio das partículas.

eu quântico: eu, ou sujeito, associado a uma experiência imediata, como a experiência intuitiva; eu incondicionado, em oposição ao eu egoico condicionado.

fixidez: estado de movimento quântico mínimo que nos permite criar representações das nossas experiências subtis utilizando a matéria.

flecha do tempo: aparência de direcionalidade do tempo, do passado até ao futuro.

hierarquia interligada: hierarquia de causalidade circular entre níveis, na qual os dois níveis se encontram causalmente interligados. A causa B e B causa A, ad infinitum.

involução: limitações impostas às potencialidades da consciência.

kundalini: palavra sânscrita que significa «energia enrolada»; o movimento de energia ou força vital ativado no despertar da kundalini.

lei da entropia: segunda lei da termodinâmica, que afirma que, em cada transação, a energia é degradada à medida que a ordem dá lugar à desordem ou entropia.

lei de conservação da energia: primeira lei da termodinâmica, que afirma que a energia do mundo físico é constante.

lei do zero absoluto: terceira lei da termodinâmica, que afirma que a entropia de um sistema se aproxima de um mínimo à medida

que a temperatura se aproxima do zero absoluto; dito de outra forma: é impossível atingir um estado no qual o movimento térmico dê lugar a uma total quietude.

medição quântica: medição que converte uma onda de possibilidade quântica numa partícula; medição que requer tanto um aparelho perceptivo como o aparelho de memória do cérebro.

memória quântica: memória que reside fora do espaço e do tempo, não no cérebro: memória não-local.

modernismo: visão dualista do mundo na qual a mente e a matéria estão separadas.

moksha: estado final da consciência no qual temos a opção de abandonar por completo o ciclo nascimento-morte-renascimento.

mónade: termo pertencente à Teosofia e que se aplica à entidade que sobrevive à morte física de um ser humano.

mónade quântica: *locus* dinâmico da memória não-local sobrevivente numa cadeia contínua de encarnações individuais; *locus* dinâmico da memória quântica que sobrevive à morte das encarnações individuais.

não-localidade: comunicação sem sinais que tem lugar via mediação da consciência, o domínio da potencialidade.

nirvikalpa samadhi: samadhi sem separação.

objetividade débil: experiências subjetivas que se verificam num grande número de sujeitos.

objeto: construção material da nossa experiência exterior; em contraste, os arquétipos são objetos das experiências interiores às quais chamamos intuição.

onda de possibilidade: objeto quântico multifacetado cujas facetas individuais podem passar à realidade por intermédio de uma medição quântica.

paradoxo da medição quântica: ciclo causal circular gerado pela ideia de que a existência do cérebro do observador requer um colapso, enquanto o colapso requer o cérebro do observador.

partícula: objeto com uma única faceta que passa à realidade a partir de uma onda de possibilidade.

pranayama: prática que utiliza o controlo da respiração para levar o ar até ao chacra frontal e depois até ao chacra do umbigo, utilizando para tal inalações profundas.

princípio antrópico: princípio que afirma que o mundo se encontra concebido de molde que rume ao estabelecimento de uma consciência incorporada manifesta.

princípio de complementaridade: princípio desenvolvido como parte da Interpretação de Copenhaga, que resolve o paradoxo onda/partícula ao afirmar que os objetos quânticos são tanto ondas como partículas cujos aspetos só se podem revelar em experiências de medição discretas; ambos os aspetos nunca surgem na mesma experiência e, como tal, são complementares.

prokriti: conceito hindu do reino da potencialidade dos objetos.

proteína: uma das duas moléculas essenciais para a célula viva; a outra é o ADN. O ADN é necessário para criar proteínas; as proteínas são necessárias para criar ADN.

purusha: conceito hindu do reino da potencialidade da consciência do sujeito.

quantum: quantidade discreta irreduzível usada pela primeira vez com esta conotação pelo físico Max Planck para denotar a ideia de que a troca de energia entre corpos apenas pode ter lugar em termos de unidades discretas.

reducionismo: interpretação do modo como o mundo se encontra estruturado na qual o micro constitui o macro e o macro é, como tal, redutível ao micro.

reino subtil: aquilo que experienciamos internamente, em oposição à matéria, que experienciamos externamente. A matéria é grosseira, fixa e semipermanente; o reino subtil encontra-se em constante mudança.

salto quântico: transição descontínua; quando um eletrão salta de uma órbita atômica para outra sem passar pelo espaço intermédio, temos um salto quântico. Numa experiência criativa, quando saltamos do conhecido para o desconhecido sem passar pelas fases intermédias de pensamento.

salto quântico criativo: alteração descontínua na compreensão do significado.

samadhi: experiência de que o eu é realmente o todo, sem natureza individual: os Japoneses chamam-lhe *satori*.

satori: experiência de que o eu é realmente o todo, sem natureza individual; os Hindus chamam-lhe *samadhi*.

sentimentos: movimentos do corpo vital; a energia que experienciamos por intermédio dos sentimentos é energia vital.

shunyata: estado de consciência que transcende tanto o sujeito como o objeto e no qual a potencialidade é reconhecida como «nada».

sincronicidade: quando dois acontecimentos — um no mundo físico e o outro no mundo mental — se correlacionam através do significado que surge na mente.

sonhos lúcidos: sonhos nos quais temos consciência de que estamos a sonhar e, como tal, somos capazes de orientar o sonho até certo ponto.

sono criativo: sono no qual o controlo do ego cede e permite-nos processar as novas possibilidades das quais as experiências criativas são feitas.

supramental: outro dos nomes que se dão ao mundo dos arquétipos, sugerindo que estes proporcionam um contexto para o significado mental e, como tal, estão para lá da mente.

tai chi: disciplina marcial chinesa que recorre a gestos e movimentos dos braços e mãos para mover a energia vital.

transmodernismo: modernismo baseado na integração da visão quântica do mundo e do modernismo.

vigília lúcida: estado de consciência que pode ter lugar na transição entre o sono e a vigília.

Xiva (Shiva): uma das três principais divindades do hinduísmo, denominado «o Auspicioso».

SOBRE O AUTOR

Amit Goswami, PHD, é um físico nuclear teórico. Doutorou-se em Física na Universidade de Calcutá em 1964 e é membro do Instituto de Ciências Teóricas da Universidade do Oregon, nos EUA, desde 1968. É particularmente conhecido pela sua aparição como um dos cientistas entrevistados no filme de 2004 *What the Bleep Do We Know!?*